

C/2024/2801

25.4.2024

RELATO INTEGRAL DOS DEBATES DE 17 DE MAIO DE 2017

(C/2024/2801)

PARLAMENTO EUROPEU

SESSÃO 2017-2018

Sessões de 15 a 18 de maio de 2017

ESTRASBURGO

Índice	Página
1. Abertura do período de sessões	4
2. Declaração da Presidência	4
3. Debates sobre casos de violação dos direitos humanos, da democracia e do Estado de direito (comunicação das propostas de resolução apresentadas): ver Ata	4
4. Quadro Europeu de Qualificações para a aprendizagem ao longo da vida (propostas de resolução apresentadas): Ver Acta	4
5. Situação na Hungria (propostas de resolução apresentadas): Ver Acta	4
6. Conclusões da reunião do Conselho Europeu de 29 de abril de 2017 (debate)	4
7. Negociações antes da primeira leitura do Parlamento (artigo 69.º-C do Regimento): Ver Acta	28
8. Preparação da Cimeira do G7 (debate)	29
9. Sessão solene – Nações Unidas	38
10. Período de votação	42
10.1. Mobilização do Fundo Europeu de Ajustamento à Globalização: candidatura FEG/2016/008 FI/Nokia Network Systems (A8-0196/2017 - Petri Sarvamaa) (votação)	42
10.2. Relatório anual de 2014 sobre a subsidiariedade e a proporcionalidade (A8-0114/2017 - Sajjad Karim) (votação)	42

Índice	Página
10.3. FinTech: Influência da tecnologia no futuro do setor financeiro (A8-0176/2017 - Cora van Nieuwenhuizen) (votação)	42
10.4. Intercâmbio automatizado de dados de registo de veículos na Croácia (A8-0171/2017 - Claude Moraes) (votação)	42
10.5. Objeção a um ato delegado: Identificação dos países terceiros de risco elevado que apresentam deficiências estratégicas (B8-0294/2017) (votação)	42
10.6. Algodão geneticamente modificado GHB119 (B8-0293/2017) (votação)	43
10.7. Milho geneticamente modificado DAS-40278-9 (B8-0292/2017) (votação)	43
10.8. Situação na Hungria (B8-0295/2017, B8-0296/2017) (votação)	43
10.9. Quadro Europeu de Qualificações para a aprendizagem ao longo da vida (B8-0298/2017) (votação)	43
11. Declarações de voto	43
11.1. Relatório anual de 2014 sobre a subsidiariedade e a proporcionalidade (A8-0114/2017 - Sajjad Karim)	43
11.2. FinTech: Influência da tecnologia no futuro do setor financeiro (A8-0176/2017 - Cora van Nieuwenhuizen)	44
11.3. Situação na Hungria (B8-0295/2017, B8-0296/2017)	45
11.4. Quadro Europeu de Qualificações para a aprendizagem ao longo da vida (B8-0298/2017)	46
12. Correções e intenções de voto: Ver Acta	47
13. Aprovação da acta da sessão anterior: Ver Acta	47
14. Medidas de execução (artigo 106.º do Regimento): Ver Acta	47
15. Atos delegados (artigo 105.º, n.º 6, do Regimento): Ver Acta	47
16. Competências e controlo do Banco Central Europeu (debate de atualidade)	47
17. Portabilidade transfronteiras dos serviços de conteúdos em linha no mercado interno (debate)	61
18. Aplicação do Regulamento (UE) 2017/458 no que diz respeito ao reforço dos controlos nas fronteiras externas por confronto com as bases de dados pertinentes (debate)	77
19. Transporte rodoviário na União Europeia (debate)	89
20. Execução do Acordo de Comércio Livre UE-Coreia (debate)	111

Índice	Página
21. Ponto da situação no que toca à aplicação do Pacto de Sustentabilidade no Bangladeche (debate)	119
22. Acordo entre a UE, a Islândia, o Listenstaine e a Noruega sobre um mecanismo financeiro do EEE para o período de 2014-2021 — Aumento dos direitos aduaneiros noruegueses sobre os produtos agrícolas/recen-tes negociações sobre o Protocolo sobre o comércio de produtos da pesca	125
23. Ordem do dia da próxima sessão: Ver Acta	134
24. Encerramento da sessão	134

RELATO INTEGRAL DOS DEBATES DE 17 DE MAIO DE 2017

PRESIDENZA DELL'ON. ANTONIO TAJANI

Presidente

1. Abertura do período de sessões

(The sitting opened at 9.10)

2. Declaração da Presidência

President. – Tomorrow this Parliament will vote against the persecution of sexual minorities in Chechnya. I call on the responsible authorities to stop this violence, to release those who are still illegally detained and protect potential victims. I urge them to honour their international commitments on respect for fundamental freedoms and the fight against discrimination. Today is International Day against LGBTI Discrimination. On this day we must reaffirm our strong commitment to combat all forms of discrimination in the world, including those based on sexual orientation.

3. Debates sobre casos de violação dos direitos humanos, da democracia e do Estado de direito (comunicação das propostas de resolução apresentadas): ver Ata

4. Quadro Europeu de Qualificações para a aprendizagem ao longo da vida (propostas de resolução apresentadas): Ver Acta

5. Situação na Hungria (propostas de resolução apresentadas): Ver Acta

6. Conclusões da reunião do Conselho Europeu de 29 de abril de 2017 (debate)

Presidente. – L'ordine del giorno reca la discussione sulle dichiarazioni del Consiglio europeo e della Commissione sulle conclusioni del Consiglio europeo del 29 aprile 2017 [2017/2628(RSP)].

Donald Tusk, President of the European Council. – Mr President, Members of the European Parliament, I would like to report the outcome of the first formal meeting of the European Council of 27, which took place on 29 April. Our main purpose was to adopt political guidelines for the Brexit negotiations, a mandate that sets out the overall principles, objectives and process, and a mandate that the European Council will update as necessary, as the talks get under way.

A key element of the guidelines is the need to conduct the talks on the basis of a 'phased approach'. This means simply that there will be no discussion of the framework for our future relations with Britain before sufficient progress is made on ensuring an orderly withdrawal. Leaders fully supported this logic.

To ensure an orderly withdrawal, we first and foremost need to address the situation of more than four million people whose lives will be directly impacted by Brexit, on both sides. In a very real way, their futures depend on the outcome of these talks. It is our particular responsibility to secure the best guarantees for citizens – citizens of the Union – and for their families. That means guarantees that are effective, enforceable, non-discriminatory and comprehensive, accompanied by simple and smooth administrative procedures. There is a need to act quickly, and so we are ready. Now we must move from sharing objectives to actually ensuring that citizens get the necessary guarantees. That is also why I welcome the fact that the Commission has already listed a number of detailed requirements.

The second priority in the first phase is the need to agree that all financial commitments undertaken by the EU of 28 will also be honoured by the UK. And thirdly, in order to protect the peace and reconciliation process described by the Good Friday Agreement, we must aim to avoid a hard border between the Republic of Ireland and Northern Ireland. Only once there is sufficient progress on these priorities can we proceed to the next phase of the negotiations, about our future relations. And it will be for the European Council of 27 to assess and decide if, and when, we have achieved sufficient progress.

When it comes to our future, the European Council shared the United Kingdom's desire to establish a close partnership. It is obvious, however, that the relationship between the European Union and a non-Member State cannot offer the same benefits as EU membership. It is clear that a free trade agreement between the EU and the UK, which is what the UK has chosen, even if it is ambitious and wide-ranging, cannot mean participation in the Single Market or its parts. And at the same time, the UK must be aware that any free trade agreement will have to ensure a level playing field, and encompass safeguards against unfair competitive advantages through, inter alia, tax, social, environmental and regulatory measures and practices.

Today it is too early to tell much more about our common future, but we will make our guidelines more precise when the time comes, namely when sufficient progress in the first phase is achieved. Leaders responded with the urgency that the situation requires. There will be very little time to conclude withdrawal talks within the framework foreseen by the Treaty. Time is of the essence here, and much is at stake.

Next Monday, the Council will adopt a set of negotiating directives, proposed by the chief negotiator on the basis of the guidelines we adopted on 29 April. These cover the three issues I have just mentioned, plus a number of other matters that need to be addressed in the first phase of the negotiations. Since the referendum in June last year, we – the EU27 – have been united, consistent, and demonstrated solidarity with one another. What was, and remains, most important for me, is that our conduct in these talks will show the European Union at its best: in terms of unity, political solidarity and fairness towards the United Kingdom.

Finally, I can only praise the European Parliament and its leaders for the role they have played. Sincere thanks and appreciation for your constructive assistance. This bodes well, not only for the future of the negotiations, but our future as a Union of 27.

(Applause)

Jean-Claude Juncker, *président de la Commission*. – Monsieur le Président, Monsieur le Président du Conseil européen, chers collègues,

As is customary whenever I address this house, I will speak in all three of our important working languages. I will start in English by congratulating President Tusk on last month's European Council. I have attended more summits than I care to remember and never have I seen agreement reached so quickly. I can assure you that this does not happen by accident. It is in fact testimony to the work of all Member States and all EU institutions, the work they have done together since last June. Michel Barnier and his team have been up and running across Europe to make sure every voice is heard. I would like to pay tribute to him. I won't wish him luck for the negotiations, as I know he will leave nothing to chance. This is exactly the same approach that President Tusk and I have always taken. The Council Conclusions from April and the draft negotiation mandate proposed by the Commission earlier this month speak for themselves. I am confident that the draft mandate will be adopted by the Council next Monday, 22 May. The process shows how united and prepared the European Union will be. It underlines how deep our commitment to transparency

already is. This is why I see no need this morning to go into any more detail on the negotiations. Michel will do this later on this morning. This negotiation is now in the hands of our capable divorce lawyers.

Monsieur le Président, Mesdames, Messieurs, je voudrais souligner qu'en marge de ce Conseil européen, nous avons pu conclure trois accords importants qui confirment que c'est souvent dans les marges qu'on écrit les plus belles pages.

Le premier accord entre le Danemark et Europol est particulièrement important pour la sécurité des citoyens car il permettra de poursuivre un niveau suffisant de coopération portant notamment sur l'échange des données opérationnelles.

Le deuxième accord concerne le Portugal et l'Espagne sur la question du dépôt temporaire de déchets nucléaires à Almaraz et, enfin, le troisième accord avec la Slovénie et la Croatie permet de trouver des solutions opérationnelles et de terrain pour mieux gérer les contrôles aux frontières et l'application des règles de Schengen entre ces deux pays.

Dans chacune de ces négociations, la Commission a jeté des ponts entre des positions parfois éloignées en favorisant la poursuite des discussions jusqu'à ce qu'elles portent leurs fruits.

Sans la Commission, ces trois accords n'auraient pas vu le jour. On dit souvent que la Commission devrait s'occuper de ses propres problèmes et qu'elle ne devrait pas s'occuper des problèmes des autres, mais si elle ne s'occupe pas des problèmes des autres, ils restent entiers.

En cela, ces trois accords en disent bien plus que de longs discours. L'Europe, c'est cet effort constant pour bâtir des ponts, rechercher des accords ou trouver des solutions de compromis. C'est aussi la mission que la Commission s'est déclarée prête à assumer et qu'elle continuera à appliquer. Je voudrais vivement remercier ce Parlement pour le soutien constant qu'il nous apporte dans cette mission.

Herr Präsident, meine sehr verehrten Damen und Herren! Diese Einigkeit, die wir beim Europäischen Rat unter Beweis gestellt haben, wird während der gesamten Brexit-Verhandlungen unser Leitprinzip sein. Dies ist im Interesse der Bürger und der Bürgerinnen, so wie es auch in ihrem Interesse ist, dass wir uns nicht auf die Brexit-Fragen exklusiv konzentrieren, sondern unser Programm umsetzen. Das werden wir auch mit Hilfe des Parlaments tun.

In der ersten Hälfte des Mandats der Kommission haben wir, die Kommission zusammen mit Ihrem Parlament, viel erreicht – viel erreicht auch dadurch, dass wir stets an einem Strang gezogen haben. So haben wir nicht nur den Investitionsplan in kürzester Zeit zum Erfolg werden lassen. Schon jetzt hat er Investitionen in Höhe von 183 Milliarden in 28 Mitgliedstaaten mobilisiert. Wir haben auch die Europäische Grenz- und Küstenwache eingerichtet, mit der wir unsere gemeinsamen Grenzen auch gemeinsam besser schützen können.

Gleichzeitig haben wir mit dem Handelsabkommen mit Kanada einen großen Schritt nach vorne gemacht. Dieses Abkommen sichert Arbeitsplätze und stellt klar, dass europäische Normen und Standards international Geltung erhalten. Das sind nur drei Beispiele, um Ihnen in Erinnerung zu rufen, dass wir mit vereinten Kräften vieles gemeinsam schaffen können.

Diese Einigkeit im Denken und im Handeln wird auch in der zweiten Hälfte der Amtszeit dieser Kommission an den Tag zu legen sein, beispielsweise im Zusammenhang mit der Errichtung eines wirklichen digitalen Binnenmarkts. Wir haben dazu bereits alle 35 angekündigten Vorschläge auf den Tisch gelegt. Einige davon müssen allerdings noch in trockene Tücher gebracht werden. Dazu brauchen wir die aktive Mitarbeit des Parlaments. Wir müssen die zweite Halbzeit dieser Kommission, die ja auch die zweite Halbzeit Ihres Mandates ist, dazu nützen, Ergebnisse zu liefern, damit die Menschen wieder spüren, dass Europa ihnen etwas bringt. Daran werden wir uns bei der nächsten Europawahl messen lassen müssen.

(Beifall)

Manfred Weber, im Namen der PPE-Fraktion. – Herr Präsident, meine sehr verehrten Herren Präsidenten, meine Damen und Herren Kollegen! Gratulation zunächst dazu, einen der schnellsten Beschlüsse zu fassen im Europäischen Rat bei einer so wichtigen Frage! Da kann man nur gratulieren. Ich möchte das vor allem in Richtung von Donald Tusk machen, aber auch natürlich in Richtung von Michel Barnier, der von Jean-Claude Juncker beauftragt worden ist, diese Aufgabe zu übernehmen. Die vorbereitenden Arbeiten waren hervorragend, die Sache ist bei Michael Barnier in guten Händen. Auch die Vorbereitung im Parlament – Guy Verhofstadt und Antonio Tajani –, unsere Vorarbeiten waren wertvoll für den Prozess. Wir sind geschlossen, wir sind geeint, wir können stolz darauf sein, dass die Europäische Union, die 27, zusammenstehen.

Wir haben eine klare Ansage gemacht, wie wir uns die Methode vorstellen, zunächst über den Austritt zu reden, dann über die neuen Beziehungen. Wir haben der Rosinenpickerei, die manche sich in London nach wie vor vorstellen, eine klare Absage erteilt. Wer rausgeht aus der Europäischen Union, kann nicht mehr die Vorteile dieser Union in Anspruch nehmen. Und wir haben eine klare Erwartungshaltung formuliert, nämlich dass über 78 % der Bürger Europas bei den Brexit-Verhandlungen erwarten, dass zunächst über die EU 27-Interessen geredet wird, bevor wir über andere Fragen reden. Das gibt eine klare Rückendeckung für dieses Mandat, das jetzt beschlossen worden ist. Deswegen positiv. Wir als EVP-Fraktion freuen uns darüber.

Eines ist mir noch wichtig, nämlich zu beschreiben, dass die Familie zusammenhält. Wir waren letzte Woche mit der Fraktion in Irland, um den irischen Bürgern angesichts des Konflikts um die Frage, wie die Grenze zukünftig ausgestaltet wird, zu signalisieren, dass sie nicht alleine stehen, dass sie im Verbund von 27 auf Solidarität bauen können. Es ist für die Menschen dort eine wichtige Vergewisserung, dass sie eben in der Familie verankert sind.

Ich möchte aber heute, weil wir uns beim Brexit ja einig sind, vor allem einen Blick auf die politische Lage in Europa werfen. Und da möchte ich daran erinnern, dass vor wenigen Monaten – Anfang des Jahres – sich in Koblenz die ganzen Rechten getroffen haben, die Nationalisten, die Antieuropäer, und beispielsweise Marine Le Pen dort verkündet hat, dass 2017 das Ende einer Welt und die Geburt einer neuen Welt sein wird. So hat sie es da verkündet. Sie ist ja heute gar nicht da. Ich weiß nicht, was Sie so macht, aber sie ist heute nicht da. Ich möchte nochmal darauf blicken. Was ist denn eigentlich jetzt 2017 wirklich passiert, seitdem wir diese hehren Ankündigungen der Antieuropäer hatten?

Ich halte fest, dass die Partei von Farage – UKIP – führungslos ist, chancenlos ist, politisch tot ist in Großbritannien. Ich erlebe, dass Nigel Farage feige ist, weil er für das britische Unterhaus überhaupt nicht antritt, sich nicht um Verantwortung bemüht, überhaupt keine Verantwortung übernehmen will. Ich erlebe, dass seine Politik dazu führt, dass Grenzen wieder hochgezogen werden, nämlich in Nordirland und in Irland. Ich glaube, dass er auch nach wie vor viel versucht, mit seinem Freund Donald Trump zu telefonieren. Ich weiß nicht, ob die Gespräche nach wie vor stattfinden, weil ja Donald Trump viel mehr andere Sachen zu tun, als sich jetzt um Nigel Farage zu kümmern, aber offensichtlich ist der Ansatz von Nigel Farage auf ganzer Linie gescheitert. In den Geschichtsbüchern wird stehen, dass er schweren Schaden für sein Heimatland angerichtet hat mit seiner Art, Politik zu machen.

Dann zu den anderen Teilnehmern in Koblenz: Wilders ist in den Niederlanden weit unter seinen Erwartungen geblieben, die AfD in Deutschland weiß nicht, wie sie mit den Neonazis in den eigenen Reihen umgehen soll und findet keine klare Linie der Abgrenzung. Und natürlich dann Frankreich: Le Pen hat versagt, sie hat – historisch betrachtet – das zweitschlechteste Ergebnis in allen Stichwahlen in Frankreich eingefahren. Le Pen verweigert sich dem Rechtsstaat, versteckt sich hier im Europäischen Parlament vor der französischen Justiz. Le Pen kann selbst ihre eigene Familie nicht mehr für Politik begeistern, und 56 % der Franzosen sagen, sie haben Angst vor der Politik, die Le Pen macht.

Meine sehr verehrten Damen und Herren, das ist, was übrig bleibt von diesem populistischen Ansatz, den wir dort erlebt haben. Der Populismus ist gescheitert, und 2017 bietet die Chance, dass wir einen Aufbruch für die Europäische Union hinkriegen. Eine gute Bilanz soweit für Europa!

2017 ist ein Schlüsseljahr, ja! Deswegen ist das erste Treffen, das wir jetzt am Montag erlebt haben, zwischen dem neugewählten Präsidenten Frankreichs und der deutschen Bundeskanzlerin, weil die deutsch-französische Partnerschaft so wichtig ist, ein positives Zeichen, ein Zeichen des Aufbruchs, ein Zeichen der Hoffnung.

Ich möchte danken, dass wir uns alle einig sind, dass wir uns die nächsten zwei Jahre nicht schwerpunktmäßig mit dem Brexi, sondern mit der Zukunft Europas beschäftigen.

Zu guter Letzt möchte ich noch sagen: Wenn wir diesen Schwung, den wir jetzt für 2017 haben, sehen, dann ist das Allerwichtigste, dass wir endlich wieder positiv über unsere Europäische Union reden, über das reden, was wir erreichen. Schauen wir uns doch die Weltlage an: Wir haben in Amerika jetzt Debatten über die Frage, ob das Paris-Abkommen gekündigt wird. Wir Europäer waren es, die den Klimaschutz auf die Weltagenda gesetzt haben. Wir hatten letztes Jahr auch dank der Arbeit der Kommission in dieser Europäischen Union ein höheres Wirtschaftswachstum als es die Amerikaner hatten. Wir haben in ganz Europa das Prinzip, dass wir eine Krankenversicherung haben, uns um alle kümmern, die krank sind. Und in Amerika wird Obama Care abgeschafft, und 24 Millionen Menschen verlieren den direkten Zugang zur Krankenversicherung.

Und wir haben im Iran bewiesen, dass wir große Fragen, nämlich die Frage der nuklearen Bewaffnung, auch über Diplomatie lösen können. Ich finde, wir Europäer sollen zwischendurch nicht nur über unsere Krisen reden, sondern wir sollen über unsere Erfolge reden. Das überzeugt die Menschen am allerbesten von Europa.

(Beifall)

Roberto Gualtieri, a nome del gruppo S&D. – Signor Presidente, onorevoli colleghi, la rapida adozione delle *guideline* per il negoziato sul recesso del Regno Unito è un risultato molto importante, un segnale di unità a cui questo Parlamento è fiero di aver contribuito con la sua risoluzione e con il significativo coinvolgimento nel lavoro che ha portato alla redazione del testo finale.

Chi pensava che ci saremmo divisi ha fatto male i suoi conti. L'Unione europea ha ora una linea chiara, equilibrata ed equa nei confronti della Brexit e un eccellente negoziatore che noi sosteniamo con forza. Noi vogliamo un accordo giusto, che protegga gli interessi dei cittadini, che rispetti i principi e gli obblighi che derivano dai nostri trattati e che ci consenta di avere il Regno Unito come un nostro stretto partner nel futuro, anche se naturalmente un non membro non potrà mai avere gli stessi benefici di uno Stato membro.

Per ottenere questi risultati è fondamentale utilizzare al meglio il poco tempo che abbiamo a disposizione e perciò la sequenza negoziale indicata nelle *guideline* è essenziale. Innanzitutto garantire un ritiro ordinato del Regno Unito, realizzando il prima possibile sostanziali e sufficienti progressi su alcuni temi fondamentali. Li conosciamo bene: cittadini, accordo finanziario, salvaguardia del processo di pace in Irlanda.

Sui cittadini, che è la priorità numero uno, noi apprezziamo le parole molto chiare delle *guideline* e della proposta di direttiva. Stiamo parlando di tutti i cittadini britannici ed europei che vivono e hanno vissuto, che lavorano e hanno lavorato nel Regno Unito o nell'Unione. Stiamo parlando di un insieme di diritti interconnessi, che riguardano anche la sicurezza sociale, la libertà di movimento dei lavoratori, il riconoscimento delle qualifiche professionali. Stiamo parlando di diritti che dovranno essere assicurati per sempre a chi ne ha diritto, con piena reciprocità, senza discriminazioni e sotto la giurisdizione della Corte di giustizia europea.

Il nostro Parlamento è determinato e nessuna discussione sulle future relazioni con il Regno Unito potrà cominciare, nessun accordo potrà essere approvato se queste condizioni non saranno rispettate. E siamo convinti e fiduciosi che qualsiasi sarà il governo che uscirà dalle elezioni, sulla base di questi principi un negoziato costruttivo ed efficiente potrà cominciare consentendo di dare certezza ai cittadini e alle imprese europee e di definire un quadro positivo di future relazioni tra l'Unione europea e il Regno Unito.

Il Parlamento europeo e il nostro gruppo sono pronti a contribuire attivamente a questo risultato e anche, soprattutto, a cogliere la grande opportunità che abbiamo di lavorare insieme per un rilancio dell'Unione. Noi non ci accontentiamo, noi siamo fieri dello stato dell'Unione europea ma non ci accontentiamo, noi vogliamo che la Commissione e gli Stati membri siano coraggiosi e facciano passi in avanti significativi sulla strada che questo Parlamento ha contribuito a identificare. Più investimenti, più riforme, più solidarietà, più democrazia. Noi siamo pronti a un cammino ambizioso e chiediamo a tutti di fare la loro parte.

Raffaele Fitto, a nome del gruppo ECR. – Signor Presidente, onorevoli colleghi, a volte, soprattutto in politica, le parole hanno il loro peso e quelle pronunciate nelle ultime settimane, se fossero seguite dai fatti, sarebbero un vero macigno sulle relazioni tra l'Unione europea e la Gran Bretagna. I negoziati sulla Brexit non possono essere segnati da uno spirito di rivalsa e di punizione nei confronti del Regno Unito e dei suoi cittadini, che si preparano a lasciare l'Unione europea ma non ad abbandonare l'Europa.

Quali che siano le opinioni in quest'Aula, su un punto dobbiamo essere chiari e concordi. È nell'interesse di entrambe le parti giungere a un accordo equo e vantaggioso per tutti. I nostri cittadini devono essere la nostra priorità, è sui loro diritti che dobbiamo trovare un accordo il prima possibile per poi esaminare le questioni fondamentali come gli accordi commerciali, perché in gioco non c'è semplicemente la regolamentazione di un rapporto tra l'Unione europea e un futuro paese terzo, ma c'è molto di più. In gioco ci sono questioni che toccano direttamente i posti di lavoro, le vite, le famiglie, la sicurezza delle persone in un'epoca marcata da minacce terroristiche diverse e durature. Questo dobbiamo sempre tenerlo a mente.

Non sarà una Brexit guidata dalla rabbia a giovare a entrambe le parti. La Brexit non rappresenta una punizione, dovrebbe fondarsi sulla creazione di un rapporto con il Regno Unito che ci permetta di rivalutare il funzionamento dell'Unione europea, che ci permetta di capire perché i cittadini britannici hanno ritenuto di trovarsi meglio fuori dall'Unione europea che al suo interno.

Nonostante i risultati delle elezioni, e lo voglio dire anche per le cose che ho ascoltato questa mattina, che possono aver fatto tirare un sospiro di sollievo a molti in quest'Aula, domandiamoci perché milioni di cittadini britannici prima, olandesi e francesi poi, ma non solo, abbiano sentito la necessità di votare partiti o istanze così marcatamente antieuropei. Questa è la domanda che dovremmo porci in quest'Aula. È dunque il momento di guardarsi allo specchio, non commettiamo l'errore di raccontarci che la gente vuole che si continui per questa strada, che si continui in questo modo, la gente vuole un cambio di direzione e risposte concrete.

Allora il tema è quello di cogliere l'occasione del negoziato che ci sarà tra Londra e Bruxelles per discutere di noi stessi, delle sorti dell'Unione europea, e per far questo, come gruppo dei conservatori e riformisti, da tempo sosteniamo la necessità di rivedere i trattati, cioè di stabilire nuove regole del gioco per rendere questa Unione più aperta e flessibile.

Ora leggiamo che il presidente francese Macron e la cancelliera tedesca Merkel vogliono cambiare i trattati, ma non basta, occorre dire in che direzione vanno cambiati i trattati. Se la direzione è «meno Europa, più flessibilità, più competizione fiscale, più rispetto per i parlamenti nazionali», allora la direzione è giusta. Se invece la direzione fosse ancora una volta, come purtroppo temiamo, quella di «più Europa a prescindere, più rigidità, più omogeneità fiscale, più imposizioni centraliste di Bruxelles» sarebbe il peggioramento dell'esistente.

Mettiamo da parte i sentimenti di rifiuto e di autoconservazione e vediamo come realmente possiamo cambiare, come possiamo uscire dalla Brexit più forti e più efficienti e con una rinnovata fiducia, soprattutto da parte dei nostri cittadini. Questo è il lavoro e l'impegno che come gruppo dei conservatori e riformisti porteremo avanti.

Guy Verhofstadt, *on behalf of the ALDE Group*. – Mr President, I think on Brexit everything has been set: we have a mandate and the European Union, the 27 other Member States and the three institutions have a unified position. Everything is also going well with the negotiation directives that will be approved on Monday. So I think there is only one thing to do now: to start the negotiations, and to start them as fast as possible. Yes, we have to wait for the outcome of the British election, but after 8 June let's start.

I want to talk about something that is related to Brexit, and that is the future of the European Union and the reform of the European Union, because it would be a mistake to put all our energy only into Brexit in the coming years. At least the same energy, if not more energy, has to be put into the reform and the future of the European Union. Three times in a row now, the nationalists and the populists have been beaten – in Austria, in the Netherlands and in France – and I don't think that happened by accident. I think that Brexit played an important role in this. People all over Europe have been shocked by the decision of Great Britain to leave the European Union. Don't misunderstand me; people are today very critical towards the European Union – and for good reason – but what they don't want to do is what Britain did: to leave the European Union. It's very clear that the Austrians didn't want an Auxit, the Dutch didn't want a Nexit and the French didn't want a Frexit. They say: reform the European Union, yes; leave the European Union, no bloody way. That is the message of the people of the European Union today.

But there is one mistake we cannot make, and that is to think 'oh, it's over; populism and nationalism have been defeated' – and I have heard this reaction all too often in European circles – 'Macron won, Le Pen lost, relief, let's go to the normal agenda and let's do business as usual'. Well, I think that is the one mistake that we cannot make. People voted for Macron for change and not for the status quo; not for a standstill. They voted for a radical change in France, but also in Europe, and so the best thing to do is in fact to back his reformist agenda – a reformist agenda that we all know now. A reformist agenda with the new European budget, minister of finance for Europe, European treasury, European investment bonds and the transnational lists that he is proposing.

I have to tell you, Manfred, that I was relieved to hear on Monday the positive reaction in Berlin: a reaction a little bit different from the 'nein, nein, nein' of Mr Schäuble and of a lot of German press since the arrival of Mr Macron. I like more Merkel's 'Wir schaffen das', as she repeated at the press conference with Macron. So I think it is really time now to use this Brexit negotiation for a new vision, Mr Tusk, and for a new future for Europe. It is, in fact, a future that our young people want: look at what is happening – Pulse of Europe in more than 100 cities all over Europe, in the squares, young people are coming together and asking for more, and a democratic, European Union. What do you call this? I call it audacity. To paraphrase Danton: 'De l'audace, encore de l'audace, toujours de l'audace et l'Europe sera sauvée.'

Gabriele Zimmer, *im Namen der GUE/NGL-Fraktion*. – Herr Präsident! Ich würde ja gern diese Hoffnung und diese Euphorie teilen, dass es reicht mit, mehr Mut an die Rettung der Europäischen Union heranzugehen, und dass wir immer noch vor dieser Frage stehen, ist für mich unzweifelhaft. Die Sichtweise von vielen Menschen auf die Folgen des Brexits ist wichtig. Wichtig ist auch, dass daraus Konsequenzen gezogen werden auch seitens der Bürger und Bürgerinnen selbst, dass sie sagen: Wir müssen uns selbst engagieren. Wir müssen selbst zeigen, für welche EU wir stehen. Wir können es nicht einfach den Institutionen, den Regierungen überlassen. Es ist unsere EU, es ist unser Lebensraum, unsere Zukunft, und für die müssen wir streiten.

Da würde ich doch darum bitten, dass wir die gesamte Debatte um den Brexit, einschließlich der Verhandlungen zum Brexit, dazu nutzen, uns auch darüber klar zu werden, dass es zu einfach wäre, sich nach den Wahlen in Frankreich und in den Niederlanden hinzustellen und zu sagen: Der autoritäre Populismus ist gescheitert. Der ist nicht gescheitert! Wir müssen noch immer sehen, welcher hoher Anteil von Menschen bereit ist, diese Form des autoritären nationalen Populismus zu wählen. Und hier können wir nur etwas entgegensetzen, indem wir sagen: Diese Europäische Union hat einen Wert an sich, den müssen wir aber ständig wieder erneuern.

Es gibt kein gesellschaftliches System, das einen Anspruch auf Ewigkeit hat. Wenn wir es nicht schützen, wenn wir nicht dafür eintreten, wenn wir es nicht erneuern und wenn wir nicht die Fragen, die viele Menschen bewegen, immer wieder aufgreifen, dann werden wir scheitern. Der Brexit legt im Übrigen auch offen, an welchen Punkten wir durchaus auch positiv ansetzen können. Wer von den vielen Menschen, die entschieden haben, weiß denn – das geht ja bis in die Gewerkschaften hinein –, dass wir über eine Koordinierung von sozialen Sicherungssystemen verfügen, die wir ausbauen müssen, nicht zurückfahren. Wenn wir darüber reden, dass uns die Freizügigkeit der Mobilität wichtig ist, dann darf die eben nicht nur für entsendete Beschäftigte gelten. Dann muss die zukünftig auch für alle gelten, die in der Europäischen Union leben, und wir dürfen nicht anfangen, die Sozialsysteme nur noch für die Bürger der eigenen Nation sichern zu wollen, sie abschotten zu wollen.

Eine Änderung der Europäischen Union als eine mögliche soziale Union werden wir nur über die Öffnung der nationalen Sozialsysteme erreichen – dann kommen wir auch zu einer gemeinschaftlichen europäischen Säule. Das möchte ich auch jenen auf den Weg geben, die die europäische Säule jetzt in den Vordergrund stellen, denn das, was wir dort sehen, können nur die allerersten Ansätze sein, das geht überhaupt nicht weit genug, weil letztendlich jetzt schon die Gegenbewegungen aus einigen Mitgliedstaaten kommen. Wenn zum Beispiel die CSU erklärt, dass sie mit der Elternteilzeit nicht einverstanden ist, dass sie das im Bundesrat blockieren möchte, dann halte ich das für ein Riesenproblem.

Wie wollen wir denn das lösen, wenn z. B. die Reaktion in Deutschland auf das Angebot an Großbritannien auch schon vor dem Brexit war, dass wir ebenfalls in Deutschland schon mal darüber nachdenken, wie wir die Ansprüche von in unserem Land Beschäftigten auf Kindergeld reduzieren und schon die entsprechenden Pläne in der Schublade haben. Genau auf diese Punkte müssen wir setzen.

Lassen Sie es uns gemeinsam in eine solidarische, soziale EU weiterentwickeln, bei der natürlich auch die Frage der nachhaltigen wirtschaftlichen Entwicklung im Vordergrund stehen muss, aber doch nicht gegen die Menschen, sondern mit ihnen. Und das ist meine Gegenantwort gerade an Sie, Herr Fitto, denn das ist ein anderes Konzept für die EU als jenes, das sie propagieren.

Philippe Lamberts, *au nom du groupe Verts/ALE*. – Monsieur le Président, chers collègues, il est heureux que le Conseil et le Parlement aient pu largement s'accorder sur un mandat de négociation avec le Royaume-Uni, un mandat sans revanchisme ni naïveté. Nous nous réjouissons particulièrement que la préservation des droits des citoyens, mis en péril par le Brexit, ait été mise en tête de la liste des priorités.

Mais que nous dit le Brexit? En avons-nous tiré une véritable leçon? J'entends que l'on se rassure en se disant que nous avons évité le pire en Autriche, aux Pays-Bas et en France, mais je voudrais que nous nous gardions de tout triomphalisme. Les forces nationales populistes atteignent aujourd'hui des niveaux électoraux considérables. Quand on ajoute cela aux abstentions et aux votes nuls, on mesure à quel point la confiance de nos concitoyens en leurs institutions et en leurs représentants politiques est ébranlée. En cause, outre un sentiment de perte d'identité, le déclassement ou la peur du déclassement. Encore tout récemment, le Fonds monétaire international nous confirmait que la mondialisation et surtout les mutations technologiques sont les premières causes de la perte de la part des revenus du travail dans la richesse, une richesse qui est de plus en plus inégalement partagée. Face à cela, une timide prise de conscience semble se faire jour, même à Davos, même à l'OMC et même à la Commission. On commence à comprendre que notre système économique laisse beaucoup de concitoyens au bord de la route.

Mais pensez-vous sérieusement que, pour que les mutations technologiques et la mondialisation agissent au profit de tous, il suffit de donner à chacune et à chacun une formation qui le rende employable et qu'il suffise ensuite d'«activer» les travailleurs sans emploi, c'est-à-dire de les mettre sous pression, cette même pression qui les pousse de plus en plus à voter pour les partis qui surfent sur la colère et attisent les peurs?

Nous pensons plutôt que, dans un monde où l'accroissement des inégalités semble être une fatalité, où le travail des machines remplace toujours plus le travail humain – une étude du MIT nous montre que chaque robot installé supprime sept emplois humains – et où les plateformes technologiques «à la Uber» précarisent toujours plus le travail, nous devons repenser de fond en comble à la fois l'organisation du travail et notre fiscalité et assurer une protection sociale robuste à tous, et pas seulement – si vous voulez bien me le permettre – aux actionnaires.

De même, plutôt qu'un nivellement par le bas sous la pression des entreprises, la mondialisation doit viser à augmenter, à niveler vers le haut les normes sociales, environnementales et démocratiques.

C'est à ces conditions que nous montrerons que nous avons retenu les leçons du Brexit. C'est à cette condition-là que nous ne nous contenterons pas de contenir, mais que nous refoulerons la vague dangereuse du repli sur soi, parce qu'alors, nos concitoyens reprendront confiance, certains que leurs intérêts sont défendus.

C'est alors que, forts de cette légitimité retrouvée, nous pourrions procéder à une intégration plus poussée de l'Union européenne, qui est le seul moyen pour nous – je dis bien le seul – de reprendre en main notre destin.

Nigel Farage, *on behalf of the EFDD Group*. – Mr President, imagine you invited a very important guest round for dinner, you had made all the preparations, there were some very important confidential conversations that needed to be had and you thought everything had gone well, and yet within hours your guest had told the outside world that you, the host, were deluded – that you were living in a different galaxy. And then all the contents of the conversation were blabbed to an opposition newspaper, and to add insult to injury, you say the food was actually not very good either. And then a few days later, in a display of extreme petulance, you even deride the national language of the host – which, by the way, is looking a bit silly, because last Saturday's extravaganza known as the Eurovision Song Contest saw 90% of the songs sung in English.

If you were the host and you had been treated like that by somebody that you thought was important and somebody you thought you could trust, I think you would be asking yourself whether you were dealing with a reasonable person. I do not know, Mr Juncker, whether this is how you carry on in Luxembourg – I doubt it, because in any other part of the civilised world, frankly, that behaviour would be considered bloody rude and the act of a bully – but I will tell you something: your attempt to bully the Brits through this negotiation is not working. Sixty-eight per cent of the British people now want Brexit to happen, and all of that on top of a ludicrous ransom that Monsieur Barnier wants, which I am told has now doubled to EUR 100 billion.

Either we get some grown-up reasonable demands from the European Union or the United Kingdom will be forced to walk away before the end of this year. We cannot spend two years with this farce. There is a big, big world out there. I very rarely agree with Marxists, but I am beginning to think that perhaps Mr Varoufakis is right when he says about negotiating with the EU that it is a technocracy that is desperately clinging on to its own exorbitant and illegitimate power. You may have crushed Greek democracy two years ago, but you ain't going to do it to us.

Marcel de Graaff, namens de ENF-Fractie. – Voorzitter, de Buitengewone Europese Raad heeft op 29 april bevestigd dat de Europese integratie vrede en welvaart heeft gebracht aan Europa.

Hoe vaak blijft de elite deze mythe herhalen? De welvaart in de EU ontwikkelt zich al tien jaar dramatisch. De hoge werkloosheid is uitzichtloos. De schuldenberg torenhoog. Er is geen uitzicht op verbetering. Aan onze oostgrens is Oekraïne in oorlog dankzij EU-bemoeienis. In Turkije heerst een dictator die miljarden steun krijgt van de EU. In Frankrijk geldt al vanaf 14 november 2015 de noodtoestand.

Het Verenigd Koninkrijk heeft de juiste conclusie getrokken en is vertrokken. En de EU zou dat ook moeten doen. Laat de EU zichzelf opheffen. Het grootste punt van de Britten is massa-immigratie en het sluiten van nationale grenzen. Wanneer gaat dat in de EU gebeuren? Wanneer worden de ngo's vervolgd die goede zaken doen met mensensmokkelaars in Libië? Wanneer worden de economische migranten keihard terug gesleept naar de Libische kust?

Ik zeg tegen Juncker: sluit de nationale grenzen en treedt af.

Steven Woolfe (NI). – Mr President, we now know how the EU 27 leaders plan to negotiate with Brexit. On first glance it appears reasonable but, like everything the EU says, on closer inspection you can see the malevolent intent of an EU that tempers no opposition to its control. Like a playground bully, it says No Member State can talk to the UK separately, like an emperor it grants Spain a veto over Gibraltar, and like a jilted spouse it says the UK cannot go out and get a new trade partner until the divorce is finalised, or else.

But for those in this Chamber who want to bully us, threaten us or demean us, may I remind you of the English poem by Rudyard Kipling about a Norman king warning his son about taking advantage of the English:

'The Saxon is not like us Normans. His manners are not so polite. But he never means anything serious till he talks about justice and right. When he stands like an ox in the furrow – with his sullen eyes set on your own, And grumbles, "This isn't fair dealing," my son, leave the Saxon alone.'

So when a French President says Brexit is a crime, we will say: we will not be imprisoned by your rudeness. When a Maltese President says the UK deal must be an inferior deal, we will say: no deal is better than a bad deal. When a German President says that without the EU, Britain cannot have its voice heard in the world, we will say: listen to the sounds of a free Britain, an independent Britain, an outwardly looking Britain, trading, growing and expanding in the world, looking forward and not backwards.

Herbert Reul (PPE). – Herr Präsident, meine Herren Präsidenten, meine lieben Kolleginnen und Kollegen! Die Bewertung des Brexit ist klar. Es geht jetzt darum, ordentlich und gut damit umzugehen, vor allen Dingen wirkungsvoll. Ich finde, dass die Art und Weise, wie das bisher läuft, ja auch ein Modell dafür werden kann, wie wir zusammenarbeiten. Barnier und die Truppe haben es gründlich vorbereitet. Parlament, Rat und Kommission haben Gemeinsamkeiten gesucht und Gemeinsamkeiten auch gefunden. Gründlich vorbereitet, konkret gewesen, praktisch gearbeitet, Gemeinsamkeit formuliert und dann am Ende auch stark in den Verhandlungen. Wenn wir das bei anderen Themen genauso machen würden, würden wir den Menschen das liefern, was sie suchen. Sie suchen nämlich keinen Traum oder irgendwie ein neues Konzept oder irgendwelche Reformen. Ich glaube das nicht, sie suchen das Ergebnis. Sie suchen erfolgreiche europäische Politik, sie wollen sehen, dass die Sorgen, die sie haben, von uns gelöst und bearbeitet werden, soweit wir das können. Im Übrigen können wir gar nicht alles lösen, ein Teil der Verantwortung liegt auch bei den

Mitgliedstaaten. Aber Voraussetzung dafür ist, dass die europäischen Institutionen und dass vor allen Dingen die Mitgliedstaaten zusammenarbeiten und gemeinsame Lösungen finden.

Die Antwort, die jetzt aus dem Brexit und aus dem, was die Menschen, die auf die Straße gehen und Europa wieder toll finden, abzuleiten ist, lautet: Wir müssen neue Pläne machen. Oder wie der Kollege eben gesagt hat: Noch mehr Regulierung organisieren ist total daneben. Wir müssen ganz konkret Ergebnisse liefern. Wir müssen beweisen, dass die europäische Politik dem Wohlstand, dem Wohlergehen der Menschen in Europa dient, dass es sinnvoll ist, diesen Weg zu gehen.

Die Brexit-Verhandlungen, so wie sie jetzt beginnen, sind ein ganz, ganz guter Beitrag dazu. Das ist nüchtern, das ist pragmatisch, das ist nicht überhoben, da ist kaum Traumtänzerie unterwegs, da ist auch nicht die Beschimpfung der Briten unterwegs. In diesem Sinne: Das kann Muster werden oder Modell werden für die Art und Weise, wie wir in Zukunft zusammenarbeiten.

Ich bedanke mich, dass Sie mich so freundlich unterbrochen haben, Frau Präsidentin. Die Vorredner konnten stundenlang länger reden. Machen wir es vielleicht bei der *upper class* genauso wie bei den anderen.

(Der Redner ist damit einverstanden, eine Frage nach dem Verfahren der „blauen Karte“ gemäß Artikel 162 Absatz 8 der Geschäftsordnung zu beantworten.)

PRÉSIDENCE DE MME Sylvie GUILLAUME

Vice-présidente

Luke Ming Flanagan (GUE/NGL), *blue-card question*. – We are often warned that maybe the interpreters have got it incorrect, but I don't know if they got it correct when you used the word 'troops'. If you did, I do not think it is an appropriate word, when you talk as a German MEP talking about negotiation with Britain about their freedom and sovereignty, to use the word 'troops' given the damage troops and wars have caused to this continent. Were the interpreters correct? If they were, please withdraw the word 'troops'. We have had enough troops and enough war on this continent.

Herbert Reul (PPE), *Antwort auf eine Frage nach dem Verfahren der „blauen Karte“*. – Frau Präsidentin! Herr Kollege, falls ich das wirklich gesagt haben sollte, dann habe ich es garantiert nicht so gemeint, und dann entschuldige ich mich. Das ist glasklar. Ich meine, dass die europäischen Mitgliedstaaten, Organisationen und Institutionen zusammenarbeiten. Mehr habe ich nicht gemeint.

Maria João Rodrigues (S&D). – Madam President, we have a clear and consistent line to deal with Brexit. So this is good news and it creates good conditions for our negotiators to start their work. In this way we can also devote more energy to dealing with our own future. In both things, Brexit and our own future, the concern with citizens should be our central focus.

When it comes to the roadmap for the future of European Union, the starting point to define the roadmap is to build up a convincing social pillar addressing the concerns of our peoples, but particularly young people, when they are dealing today with the so-called 'digital revolution'. We need to make sure they have a proper contract and full access to social protection. We need to build up welfare systems for the 21st century.

Then we also need to address our citizens' concerns when we set new trade agreements in order to protect proper social and environmental standards. We need a new generation of these trade agreements. Again, we need to address citizens' concerns when managing the migration and refugee crisis because we know that the real solution for this is to address the root of the problem by supporting neighbourhood development and peace building. All of these must be translated into a community budget of the future.

Our task is immense, and that is why we should work now with a real focus on a scenario which is not one or two of five, but should be a simple one: let us work together for much better solutions on the relevant priorities.

Ashley Fox (ECR). – Madame la Présidente, aujourd’hui je vais suivre l’exemple de M. Juncker et m’adresser à l’hémicycle en français.

Le Royaume-Uni veut un partenariat propre et sérieux avec l’Union européenne. Nous voulons un accord total sur nos relations économiques et en matière de sécurité. Nous voulons que l’Union européenne se porte bien et prospère après notre départ.

Nous voulons protéger les droits des citoyens européens qui vivent actuellement au Royaume-Uni, comme nous sommes convaincus que nos partenaires voudront également protéger les droits des citoyens britanniques en Europe.

En matière de paiements, nous respecterons naturellement nos obligations juridiques, mais vous ne devrez pas inventer de chiffres aussi énormes pour boucher les trous de votre budget.

Nous ne voulons pas de contrôles à la frontière entre l’Irlande du Nord et l’Irlande. Cependant, il est difficile d’envisager comment cela fonctionnera sans savoir quelles sortes de relations commerciales nous entretiendrons. Plus tôt nous commencerons les négociations sur un accord de libre-échange, plus il est probable qu’elles seront couronnées de succès.

Madam President, let us work together to build a new relationship that benefits all our citizens.

Catherine Bearder (ALDE). – Madam President, five million European citizens are living their lives in constant frustration and a legal limbo. It is a state of anxiety for thousands of EU and UK citizens, with 7% reporting depression, some even suicidal. This is intolerable. The two parties in Brexit need quickly to agree to guarantee EU citizens’ right to reside. This is about treating people with dignity, allowing them to plan their lives, their learning and their loves. The British Government must stop blaming and start acting governmental: no posturing, no calculating, a ‘right out of the gate’ comprehensive agreement.

All that is needed is one bold and generous political act, and British agencies must tear down the barriers they have erected which are causing daily frustration and fear for so many people. Outside the convention of ‘nothing is agreed till everything is agreed’, we need a comprehensive right to reside agreement first and we need that very, very quickly.

Martina Anderson (GUE/NGL). – Madam President, the Council’s guidelines on Brexit give support to the Good Friday Agreement in all of its parts, and that is crucially important. This is a commitment by the EU to not allow for any hardening of the border between the north and the south of Ireland. It is a commitment not to allow Irish and EU citizens like myself to be dragged out of the EU against our will. It is a recognition that the north of Ireland is not an internal matter for the United Kingdom, and a commitment that the people of the north will never again be left at the mercy of a ruthless and reactionary British Government in London.

Now that we have the guidelines, we should be putting some flesh on them regarding no hardening of the border in Ireland and fully upholding the Good Friday Agreement in all of its parts. There should be no weakening of this commitment in the negotiation directive that is to be adopted next Monday. Brexit is incompatible with the Good Friday Agreement. Brexit is the worst thing to have happened in Ireland since the last disaster in Ireland, which was the British partitioning of Ireland.

(The speaker agreed to take a blue-card question under Rule 162(8))

James Carver (EFDD), blue-card question. – As someone who does not want to see a hard border on both sides of the Northern Irish/ Irish border (as you know, my wife’s family are Irish citizens), I understand much of the emotion that runs around that place. But surely we need to look back to the common travel area agreement which was first made between the Republic of Ireland, the United Kingdom and, indeed, the other islands across the British Isles. The first one was made just after the birth of the Irish Free State, so why can we not negotiate a new common travel area after Brexit on a bilateral basis? We do not need to worry and concern so many people. This special relationship, I believe, is between Britain and the Republic of Ireland.

Martina Anderson (GUE/NGL), *blue-card answer*. – Can I say to you that the Common Travel Area does not resolve the Brexit disaster that will happen in Ireland, and you should know that better than most. So be very clear. You talk about renegotiation. Last week, Tony Blair talked about renegotiating the Good Friday Agreement. That is a no-go area and the Common Travel Area does not solve the problem. You are deluding yourself if you think that is the solution. The only solution to the Brexit problem is that we have designated special status for the north within the EU, or Irish unity.

Alyn Smith (Verts/ALE). – Madam President, I would pick up on Mr Guy Verhofstadt's point about how eurosceptics and populists have been beaten three times in recent elections. Actually, it is four: in Scotland, we saw them off handsomely with 62% of the vote in favour of remaining within our European family, and we remain in favour of remaining within our European family. Scotland will not be silent, passive, bystanders within this process.

I would also urge you that while the people of Scotland want to work with our friends and colleagues across the EU, there is a deliberate wilful agenda within UK politics to misrepresent and demonise this process and the personalities involved within it. We have heard it today: 'do not give them more ammunition, do not give them what they want'. This is them getting their excuses in early – 'Brexit would have gone great except for those bloody foreigners'; that is the narrative they are trying to kid the British people with. Do not give them what they want; it is not in Scotland's name.

As for our guidelines, I read them with a heavy heart, but I see little to dislike. I would urge the suspension of the 'nothing is agreed till everything is agreed' principle for citizens' rights. You could give real impetus to this by committing to an early agreement on this issue, and we could make that work now for all of our citizens.

Rolandas Paksas (EFDD). – Pone pirmininke, na, tiesiog šioje Parlamento salėje tiesiog ore tvyro garsiai neišsakytas lyg motyvas, kaip čia padarius kuo sunkesnę išėjimo mechanizmą britams, kad kiti niekada ir jokiomis aplinkybėmis net nepagalvotų, kad galima palikti Europos Sąjungą. Man tai primena tuos laikus kai Lietuvos žmonės jau buvo pareiškę savo norą būti laisvi ir nepriklausomi. Lietuvai taip pat buvo kalbama apie tvarkingą išstojimą iš Sovietų Sąjungos ir dar apie daugelį dalykų buvo kalbama. Kiek milijardų ji skolinga už okupaciją, kiek ji turi išipareigojimų didžiajai tėvynei, ir kaip juos reikės padengti, jeigu Lietuva iš tikrųjų išeis. Labiausiai stebina nuostata, už kurią pasisako Vadovų Taryba – jei po išstojimo Jungtinei Karalystei nebėbus taikomi Sąjungos susitarimai, tai kokia logika ir pagrindas yra reikalauti iš Britanijos, kad ji po išstojimo turėtų laikytis visų savo tarptautinių įpareigojimų, priimtų jai esant Europos Sąjungos nare.

Harald Vilimsky (ENF). – Frau Präsidentin, meine sehr geehrten Damen und Herren! Ich verstehe nicht, warum man den Austritt Großbritanniens aus der Europäischen Union nicht verhandeln kann wie unter erwachsenen Menschen. Sie verhalten sich in einer Art und Weise, wie wenn man einem kleinen Kind etwas wegnehmen möchte und werfen mit Steinen in Richtung Großbritannien. Das ist der falsche Weg. Wahre politische Größe zeigt sich doch vielmehr daran, dass man demokratische Volksentscheide entsprechend zur Kenntnis nimmt.

Herrn Weber, der heute wieder gegen patriotische Parteien gehetzt hat und der eigentlich besser zu den Grünen als zur Europäischen Volkspartei gehört, möchte ich eines ins Stammbuch schreiben: Niederlande minus 50 % für die Regierung, plus 30 % für Geert Wilders, Frankreich aus dem Stand heraus 34 % für Marine Le Pen. Und die Partei des Herrn Weber hat nicht einmal mehr mitgespielt, weil der Kandidat François Fillon in einem Sumpf aus Korruption untergegangen ist.

Täuschen Sie sich nicht! Diese patriotischen Parteien sind jetzt auf der Mittelstation unterwegs, zur Spitze wird unbeirrt weitergegangen.

Κωνσταντίνος Παπαδάκης (NI). – Κυρία Πρόεδρε, παρά τις ενέσεις αισιοδοξίας για το μέλλον της Ευρωπαϊκής Ένωσης που ακούστηκαν εδώ μέσα, οι σφοδρές αντιθέσεις είναι παρούσες και οξύνονται. Οι κατευθύνσεις του Συμβουλίου για το Brexit στόχο έχουν να θωρακίσουν τη θέση της Ευρωπαϊκής Ένωσης στον διεθνή ανταγωνισμό των ομίλων της με Μεγάλη Βρετανία, Ηνωμένες Πολιτείες και Κίνα. Αν θα γίνουν εμπορικές συμφωνίες ανάμεσα σε Ευρωπαϊκή Ένωση και Μεγάλη Βρετανία πριν ή μετά το ξεκαθάρισμα των λογαριασμών τους, δεν έχει σχέση με τα συμφέροντα των λαών. Γιατί αυτοί θα κληθούν να πληρώσουν και πάλι τον όποιο λογαριασμό, είτε ωφεληθούν περισσότερο τα μονοπώλια της Ευρωπαϊκής Ένωσης, είτε της Μεγάλης Βρετανίας. Άλλωστε, στο όνομα νέων θυσιών για να ευνοηθεί το βρετανικό κεφάλαιο μετά το Brexit στήνονται κάλπες στη Βρετανία για να αποσπάσουν τη συναίνεση του βρετανικού λαού στη νέα σφαγή του με νέα αντεργατικά μέτρα. Ανάλογα μέτρα εφαρμόζονται και στην Ευρωπαϊκή Ένωση. Μόνο με την ανατροπή της καπιταλιστικής εξουσίας ή αποδέσμευση μιας χώρας από την Ευρωπαϊκή Ένωση ή το NATO και κάθε ιμπεριαλιστική συμμαχία, μπορεί να απαλλάξει τον λαό απ' τα εκμεταλλευτικά δεσμά.

Janusz Lewandowski (PPE). – Wystarczył nam jeden dzień w irlandzkim Wicklow, żeby namacalne dla nas stały się następstwa czy koszty Brexitu dla kraju, który po wstąpieniu do Unii Europejskiej stał się symbolem gospodarczego sukcesu i pojednania pod patronatem Brukseli, wspieranego przez program, który słusznie nosi nazwę PEACE. Irlandia to jest dobry *case study* niezawinionych kosztów Brexitu, ale także wierzchołek góry lodowej.

Każdy kraj ma własną agendę Brexitu, wszędzie są jakieś następstwa, od Gibraltaru po Polskę. Dla mojego kraju oczywiście najistotniejszy jest status setek tysięcy ludzi, którzy przybyli na Wyspy w poszukiwaniu lepszego życia poprzez pracę, a nie przez eksploatację systemów socjalnych, ale stali się ofiarą kłamliwej kampanii referendalnej. Są różne agendy, ale Unia 27 krajów bardzo szybko znalazła wspólną platformę negocjacyjną – to jest dobry znak, to jest znak jedności w obliczu tego dużego wyzwania, jakim są następstwa Brexitu dla Unii Europejskiej. Szacujemy teraz koszty, ale nie tylko koszty, bo – tak jak mówił Max Weber czy Guy Verhofstadt – w roku 2017 patrzemy na Europę z większym optymizmem. Ubywa potencjalnych naśladowców Brexitu, przybywa ludzi, którzy rozumieją wartość wspólnej Europy w globalnym świecie, więc są również dobre następstwa.

Richard Corbett (S&D). – Madam President, the European Council guidelines set out much more clearly than anything the British Government has produced what the issues are in these negotiations. We still do not know, nearly a year after the referendum, what the British Government hopes to achieve in terms of access to the single market and the Customs Union, in terms of how it intends to protect British farmers if they are no longer part of a common market with an agreed system of subsidies across Europe, or what is going to happen to British fishermen. We do not know what is going to happen to British participation in the various technical agencies – the Aviation Agency, the Medicines Agency, chemicals and so on, whose certifications are a requirement for selling in the single European market. We only have silence from the British Government, yet there are nearly a thousand issues, more than a thousand issues, that need to be settled in this negotiation. We still do not know what the British Government's intention is. Far from providing strong and stable leadership, Ms May is actually providing desperate and deluded leadership to the British people.

Peter van Dalen (ECR). – Voorzitter, sinds de brexit-stemming zien we dat aan beide kanten van het kanaal mensen zich gaan ingraven, helaas. Stellingen worden betrokken. En ook mensen waarvan je zou hopen dat ze zich beheerst en redelijk zouden opstellen, gooien olie op het vuur. Ik denk bijvoorbeeld aan Commissievoorzitter Juncker.

Maar, let wel, de brexit gaat de levens van veel mensen hard raken. Het is geen abstracte discussie over de volgorde van onderhandeling of zoiets. Voor duizenden Europeanen gaat het over de vraag: "Verlies ik mijn baan, ja of nee?".

Ik geef u een voorbeeld. De visserij mag dan een kleine sector heten, maar de gevolgen kunnen desastreus zijn voor vele familiebedrijven en kustgemeenschappen die er zijn. Nederlanders bijvoorbeeld vissen 50 % van hun vangsten in Britse wateren. Die toegang moet wel gegarandeerd blijven.

De Europese Unie is er voor de mensen, niet de mensen voor de Europese Unie. Laten alle betrokkenen zich daarom constructief opstellen om tot een redelijk compromis te komen. We hebben elkaar vóór, maar zeker ook ná 2019 keihard nodig.

Luke Ming Flanagan (GUE/NGL). – Madam President, Mr Weber said that the winds of change are blowing through Europe. I do not disagree with him – change is on the way. Mr Fitto from the ECR mentioned change; Mr Verhofstadt mentioned change; and apparently there is a process underway to decide what that change will be called the White Paper on the future of Europe.

However, to know what the winds of change are and what direction they are going in, you must consult with the people. We were told last March that we would be consulted with. We were told that there would be a series of Future of Europe debates to harvest and harness the opinions of the desired way forward. Last week, I met Commissioner Hogan, and he knew nothing about this process. Yesterday, I asked Jean-Claude Juncker at the GUE/NGL meeting where this process is. Nobody can tell me. If the winds of change are coming, surely we should talk to the people. Perhaps Donald Tusk can tell me where these meetings will take place and when the consultation will take place, because, if you are serious about it, you have got to talk to us. Have you any news, because no one can tell me?

Janice Atkinson (ENF). – Madam President, everyone seems a bit embarrassed by Mr Juncker and his chief of staff, Mr Selmayr, including Donald Tusk, Ms Merkel and Mr Barnier. You also think that we are being observed by other planets, as quoted in the French press (I can read French). You accuse Ms May of living on another planet, but I think it is you, Mr Juncker, who is just living on your own Juncker planet. You are an embarrassment, Sir, and you should step down. Mr Corbett praises the EU for their negotiating stance, but nobody is listening to his leader back at home. You are going to be annihilated in the polls. You are being run by a Marxist, so nobody is listening to you. Ms Bearder sounds completely and utterly mad, and her party is going to be wiped out at the next general election. But the good news is that 70% of the British public support Brexit. We are a resilient bunch. We won the war for you in this place in World War II. We are not going away, so negotiations in reality will take place with the EU 27. It is business, not you career politicians, that actually [...]

(The President cut off the speaker)

Alain Lamassoure (PPE). – Madame la Présidente, il n'y a pas de divorce heureux mais la procédure peut être moins pénible si chacun se comporte avec fair-play.

Le gouvernement de Theresa May l'avait compris: au Conseil, son représentant s'abstenait sur les décisions destinées à s'appliquer après 2019. Et voilà que, coup sur coup, il met son veto à deux décisions qui sont fondamentales pour l'Union, et pour elle seule.

La révision du cadre financier pluriannuel est reportée et, tout récemment, le ministre anglais s'est opposé à la création d'un quartier général opérationnel européen. Envisagée depuis de longues années, cette création est une première étape dans la mise en œuvre d'une Europe de la défense. Pourquoi vouloir affaiblir l'Union au moment où on la quitte? Notre intérêt commun est d'avoir une Europe forte, partenaire privilégiée d'un Royaume-Uni fort dans tous les domaines.

Si cette attitude se répète, il faudra que les Vingt-sept prennent l'habitude de travailler ensemble, non seulement sur la négociation du Brexit, mais aussi sur tous les sujets qui ne concerneront plus le Royaume-Uni. Ce n'est souhaitable ni pour les uns, ni pour les autres.

Jens Geier (S&D). – Frau Präsidentin, verehrte Präsidenten, liebe Kolleginnen und Kollegen! Ist es denn nicht erstaunlich, wie beleidigt jetzt einige britische Kolleginnen und Kollegen in diesem Haus, vor allen Dingen auf der rechten Seite dieses Hauses tun, weil sie behaupten, EU-Politiker würden Großbritannien als Nation angreifen und beleidigen? Ich glaube, dass das nicht der Fall ist. Ich selber – und ich glaube, das gilt für viele meiner Kolleginnen und Kollegen – bin höchstens immer wieder erschrocken, wie unvorbereitet und verantwortungslos die britische Politik im Brexit-Lager mit den Verhandlungen nach wie vor umgeht und nicht bereit ist, in der britischen Öffentlichkeit die Wahrheit zu sagen, dass man nämlich nicht alle Vorteile der EU behalten und diese gleichzeitig verlassen kann. Es ist ja so einfach, wenn man sich da reindenkt, aber für das Brexit-Lager offensichtlich immer noch zu komplex.

Jetzt erleben wir eine Situation, in der die britische Regierung den bereits beschlossenen Kompromiss für die MFR-Revision in Geiselhaft genommen hat, weil sie eine Regel gefunden hat dafür, dass sie diesen Entscheidungen, sechs Milliarden Euro für die politischen Ziele der Europäischen Union bereitzustellen, nicht zustimmen muss. Ich hoffe, dass die britische Regierung sehr zu ihrem Wort steht und nach den Unterhauswahlen diesen positiven Beschluss zulässt, den Punkt wieder auf die Tagesordnung setzt. Und ich fordere die britische Politik von hier aus auf, den im MFR-Kompromiss nicht in Geiselhaft zu nehmen.

James Nicholson (ECR). – Madam President, first of all I would like to say I welcomed very much Mr Barnier's visit to the Republic of Ireland that last week and his very clear message on how difficult this process is going to be. Let us be under no illusions: solving the problem of the border, be it a hard border or a soft border between Northern Ireland and the Republic of Ireland, is going to be massive. Be under no illusions about that, though I welcome the attempts and his clear spelling out of that problem. But I want to also make clear that politicians in Dublin or Brussels do not speak for the people of Northern Ireland. Northern Ireland will speak for itself, and the people will decide for themselves. They are an integral part of the United Kingdom, and they will decide where their future will be – nobody else and none of this process will do so. While I make that very clear, I do so with a degree of sincerity, so that everyone understands where we stand. But I am extremely concerned at the way in which this process is going. I am very concerned that we now have megaphone diplomacy across the English Channel, instead of cool heads sitting down and realistically looking at how we are going to solve these problems in the future between us. We want good relations between the United Kingdom and the rest of Europe, and I sincerely hope that both sides can realise that as this process goes forward and work to achieve that.

Marina Albiol Guzmán (GUE/NGL). – Señora presidenta, no se puede estar hablando del *brex*it como si los que llevarán años gobernando no tuvieran ninguna responsabilidad, cuando el *brex*it es consecuencia directa de las políticas del señor Cameron, pero también de la señora Merkel o del señor Juncker. En resumen, de la gran coalición que gobierna Europa. Sus políticas de austeridad se tradujeron, en el Reino Unido, en reformas laborales, en aumento de las tasas universitarias o en más privatización de la sanidad. Apostaron por el racismo institucional, señalando al migrante como el causante de todos los males. Y ahora, que se está negociando cómo se produce la salida, lo que más les preocupa es cómo afectará el *brex*it a los negocios.

Para nosotras, las líneas rojas son otras y muy claras. En primer lugar, garantizar los derechos de quienes están en el Reino Unido trabajando, españoles y de muchos otros países, y al revés, también de las personas del Reino Unido que están viviendo en otros países. Y, en segundo lugar, garantizar los derechos de los trabajadores y trabajadoras transfronterizos, así como el futuro de toda la población del Campo de Gibraltar.

Esteban González Pons (PPE). – Señora presidenta, no todo es *brex*it: el 4 de diciembre del año pasado, los europeístas ganamos a los extremistas en Austria; el 15 de marzo, en los Países Bajos; el 7 de mayo, lo volvimos a hacer en Francia.

No importa el color político de quienes ganaron, lo que importa es a quiénes les ganamos: ganamos a los que llaman extranjeros a los europeos de otros países; ganamos a los que quieren volver a levantar muros y cerrar fronteras; ganamos a los que hacen su campaña apelando al miedo, al odio y al rencor.

La batalla política que libra Europa no es de izquierdas contra derechas, no es democracia cristiana, socialdemocracia, liberales, progresistas o conservadores. La batalla política que libra Europa es el populismo contra la democracia representativa, es Europa contra la «Antieuropa».

Este año y el que viene volverá a haber elecciones en Alemania, en Austria, en República Checa, en Italia, como mínimo. Por eso, debemos aprender la lección: hemos de cambiar la Europa de las instituciones por la Europa de la ciencia, la educación, el bienestar, la seguridad, el Estado de Derecho, la inmigración legal, la pluralidad...

Demasiadas veces hemos confundido Europa con sus instituciones. Europa no es sus instituciones, es mucho más. El tiempo de la inercia institucional ha pasado con el *brex*it.

Péter Niedermüller (S&D). – Elnök Asszony! Mindannyian tudjuk, hogy a Brexit a populizmus, a demagógia és a hazugság győzelme volt. Ebben a házban is ülnek olyan képviselők, akik aktív részt vállaltak a választók megtévesztésében, s elhitették, hogy az önző nemzeti érdekek fontosabban a közös európai értékeknél. S persze azt is látni, hogy ez a kampány és a referendum milyen mélyen megosztja a brit társadalmat. Éppen ezért azt kívánom az ott élő embereknek, hogy képesek legyenek felülemelkedni a megosztottságon, mert a további gyűlöletkeltés és ellenségkeresés nem fogja begyógyítani a keletkezett sebeket.

Április 29-e után világosabban látjuk már a tárgyalások elveit, menetét, a szakaszokat. Különösen fontosnak tartom, hogy megmaradjon az Egyesült Királysággal a szoros partneri kapcsolat, hogy megőrizzük az egységes piac integritását, és az ezzel együtt járó szabadságjogokat.

De mindenekelőtt tisztázni kell az Egyesült Királyságban élő és dolgozó, Európai Unióhoz tartozó polgárok, illetve az Európai Unióban élő brit állampolgárok helyzetét. Ők 2016. június 23. óta nagyfokú bizonytalanságban élnek és dolgoznak. A lehető legrészletesebb megegyezésre kell törekedni a különböző állampolgári, gazdasági és szociális jogokat illetően, a viszonyosság és az egyenlő bánásmód elvei alapján, hiszen ha még ez a fajta jogfolytonosság sem garantálható, akkor végképp kirántjuk a talajt a jövőbeni együttműködés minden formája alól.

Elisabetta Gardini (PPE). – Signora Presidente, onorevoli colleghi, avrei voluto vedere il Regno Unito restare dentro l'Unione europea ma i cittadini hanno deciso e questo va rispettato.

Adesso però è importante che noi restiamo vicini, perché dovremo combattere fianco a fianco, Unione europea e Regno Unito, tutte le sfide con le quali ci confrontiamo, da quelle economiche al terrorismo. Quindi bene che al primo posto ci siano i quattro milioni di persone che, come ha ricordato il presidente Tusk, da entrambi i lati subiranno le conseguenze della Brexit, ma noi dobbiamo stare dalla parte di tutti i cittadini, sempre, per questo dobbiamo tornare alle radici dell'Unione europea e quindi, mentre negoziamo la Brexit, noi dobbiamo rinnovare il patto. Il patto era per la pace, per il benessere, per la solidarietà. Oggi invece vediamo troppi, troppi egoismi. Viviamo questi giorni come giorni di vita quotidiana, dobbiamo invece avere la consapevolezza che stiamo vivendo un momento storico e che le decisioni che prendiamo oggi avranno una durata di lungo periodo, quindi ci vuole davvero coraggio.

Birgit Sippel (S&D). – Frau Präsidentin! Wir reden über den Brexit, und wir erinnern uns: Jahrelang war EU-Bashing ein beliebter Sport in Großbritannien. Eigentlich waren wir für alles verantwortlich, was nicht so gut lief. Und jetzt: Die EU wolle die Briten bestrafen. Ach je! Natürlich verstehe ich die Sorgen vieler Menschen. Überall in Europa leben, lernen, arbeiten zu können, ist eine unserer größten Errungenschaften. Und ja, wir sagen: Künftig geht das vielleicht nicht mehr. Denn ihr seid raus. Raus aus dem Binnenmarkt und damit raus aus der europäischen Freizügigkeit, raus aus gemeinsamen Forschungsprojekten und raus aus der gemeinsamen Bekämpfung von organisierter Kriminalität und Terrorismus. Und ja, man kann einen Vertrag kündigen, aber dennoch laufen die eingegangenen finanziellen Verpflichtungen natürlich weiter.

Aber das ist ja alles, wenn wir das sagen, keine Strafe. Sondern wir benennen die Konsequenzen – die Konsequenzen eines Beschlusses, der da lautet: Wir wollen raus, wir wollen raus aus der EU und damit raus aus allen Bereichen. Deshalb meine Aufforderung an Theresa May: Beenden Sie endlich diese negative Legendenbildung! Schenken Sie Ihren Bürgern reinen Wein ein! Denn nur so kann ein guter Neustart gelingen für die künftigen Beziehungen zwischen der EU und dem Vereinigten Königreich.

Elmar Brok (PPE). – Frau Präsidentin, Herr Ratspräsident, Herr Kommissionspräsident, meine Damen und Herren! Ich war in der vorigen Woche in Nordirland und in Belfast und habe dort in Gesprächen mit der Zivilgesellschaft festgestellt, in welchem Maße dort Verzweiflung herrscht, je mehr sie darüber nachdenken, welche Konsequenzen es für sie hat. Ich hoffe, dass in London ein Stück Realismus einkehrt nach den Wahlen, dass man weiß, wenn es einen harten Brexit gibt, ist es eine Katastrophe für die Menschen in Großbritannien und besonders in solchen Regionen wie Nordirland.

Aus diesem Grund ist es notwendig, dass man die Bereitschaft hat, hier auch konstruktiv die Verantwortung zu übernehmen, die man auf sich geladen hat, auch was die finanziellen Kosten und was die Rechte von Bürgern angeht und Manches mehr wie auch die irische Frage. Wir sollten jedenfalls konstruktiv ein Ergebnis erreichen, das nur bei Realismus möglich ist, um den Schaden für beide Seiten unter Kontrolle zu halten, und wir sollten uns nicht nationalistisch aufblasen.

Ich habe auch gelernt, dass mit Europa wieder Wahlen gewonnen werden können. Den Wahlkämpfern Europa muss gesagt werden, und Macron und andere sind ein Beispiel dafür: Mit Europa kann man Wahlen gewinnen. Und deswegen müssen wir alle miteinander, auch wir Deutschen, helfen, dass die Operation Macron erfolgreich wird, um so Europa voranzubringen.

Interventions à la demande

Stanislav Polčák (PPE). – Já samozřejmě souhlasím s tím, že prioritou současné Evropy je brexit a vyřešení otázek, ale myslím si, že máme i jiné výzvy, že čelíme jiným prioritám.

Je důležité, abychom si uvědomili, že terorismus z našich životů nezmizel, že je pořád s námi. Potřebujeme oprášit i ty 4 svobody, které jsou tím základním pilířem EU. Podívat se, zda jsou skutečně ve všech oblastech dodržovány.

Mám za to, že jednou z těch základních výzev je výzva společné bezpečnosti, možná že společné obrany do budoucna. Hranice, které jsou stále děravé, a migrace, která tlačí na naši vnější hranici. V neposlední řadě je naší společnou výzvou rovněž partnerství se zeměmi v našem sousedství.

Nicola Caputo (S&D). – Signora Presidente, onorevoli colleghi, siamo tutti dispiaciuti per la Brexit, ma dobbiamo essere realisti, mantenere la lucidità e decidere nell'interesse superiore del bene comune. È in gioco il destino dell'Unione europea oltre che quello del Regno Unito. Gli interessi particolari degli Stati membri non possono prevalere in nessuna fase dei negoziati e a tal fine è un bene che essi siano condotti all'insegna della trasparenza e come pacchetto unico.

Sì, l'auspicio è che le relazioni con il Regno Unito restino strette, ma occorre prestare attenzione ai messaggi che lanciamo. Le quattro libertà del mercato unico sono indivisibili e non sono ammissibili scelte di comodo. Un paese fuori dall'Unione che non ne rispetta gli obblighi non può avere gli stessi diritti e godere degli stessi vantaggi degli Stati membri. I negoziati potranno anche stabilire modalità transitorie, ma prolungare l'incertezza giuridica oltre misura non gioverà agli interessi dell'Unione che, pur senza desiderio di rivalsa, deve innanzitutto ritornare a dare una direzione precisa alla sua azione politica.

Νότης Μαρίας (ECR). – Κύριε Tusk και κύριε Juncker, ξανά «στο ίδιο έργο θεατές»! Για άλλη μια φορά ακούσαμε μεγάλα λόγια που ζητούν τη συνέχιση της ίδιας πολιτικής, το «business as usual». Κύριε Tusk και κύριε Juncker, ελάχιστα ασχοληθήκατε με τα αίτια που οδήγησαν τους πολίτες, και ιδίως τους νέους, σε μια σκληρή κριτική απέναντι στην τραπεζοκρατία, στη γραφειοκρατία των Βρυξελλών και στο ευρωπαϊκό και παγκόσμιο κατεστημένο. Οι λαοί της Ευρώπης, κύριε Juncker, ζητούν αλλαγή παραγωγικού μοντέλου. Ζητούν δίκαιη κατανομή του πλούτου που παράγεται στην Ευρωπαϊκή Ένωση, ζητούν κοινωνική δικαιοσύνη, κοινωνική Ευρώπη και εγκατάλειψη της λιτότητας, διότι μόνο έτσι θα πάψουν να υπάρχουν στρατιές ανέργων και εκατομμύρια φτωχοί. Απατούν οι πολίτες της Ευρώπης, κύριε Tusk, μια Ευρώπη της αλληλεγγύης, μια Ευρώπη των εθνών και των πατρίδων, μια Ευρώπη που σέβεται την εθνική κυριαρχία των κρατών μελών της, μια Ευρώπη των λαών και όχι των τραπεζών και των δανειστών, μια Ευρώπη που στηρίζει την αρχή της κοινοτικής προτίμησης και εγκαταλείπει την παγκοσμιοποίηση, την TTIP και την CETA, που οδηγούν εκατομμύρια ευρωπαίους πολίτες στην περιθωριοποίηση.

Gesine Meissner (ALDE). – Frau Präsidentin! Ich denke, wir alle bedauern den Brexit. Aber wenn der Brexit für etwas gut war, dann dafür, dass die Menschen jetzt wirklich darüber nachdenken, was Europa eigentlich bedeutet. Nicht nur in Großbritannien wurde hinterher gegoogelt: Was bedeutet überhaupt die EU, was bedeutet es, dazugehören? Und wir haben ja seitdem wirklich viele proeuropäische Bewegungen in der Bevölkerung erlebt, die wir vielleicht als Politiker gar nicht so hätten initiieren können.

In Deutschland gibt es *Pulse of Europe*, da gehen die Menschen sonntags auf die Straßen und demonstrieren sozusagen friedlich für Europa. Elmar Brok hat gerade gesagt: Macron hat mit Europa Wahlen gewonnen – das geht also. Ich möchte unbedingt auch noch einmal anknüpfen an das, was Birgit Sippel gesagt hat: Es ist tatsächlich so, dass jetzt keine Bestrafung von Großbritannien vollzogen wird – so darf es nicht sein, so soll es auch nicht sein, dass aber trotzdem über den Austritt hart verhandelt werden muss. Und ich finde auch genau so entscheidend, was Frau Sippel gesagt hat: Die Wahrheit muss gesagt werden, denn vor dem Referendum wurde den Briten nicht die Wahrheit über das gesagt, was eben potenziell der Brexit bedeuten würde. Gerade deswegen, finde ich, ist es so entscheidend, dass man jetzt zumindest, um auch in Zukunft friedlich miteinander verkehren zu können, offen miteinander umgeht.

Νεοκλής Σουλκιώτης (GUE/NGL). – Κυρία Πρόεδρε, η απόφαση του βρετανικού λαού πρέπει να γίνει σεβαστή χωρίς εκφοβισμούς ή άσκηση πιέσεων στις διαπραγματεύσεις. Η όποια συμφωνία μεταξύ Ένωσης και Ηνωμένου Βασιλείου πρέπει να διασφαλίζει πως τα κοινωνικά δικαιώματα, τα εργασιακά κεκτημένα, τα πρότυπα δημόσιας υγείας και προστασίας του περιβάλλοντος δεν θα υποβαθμιστούν. Είναι πολύ σημαντικό να διασφαλιστούν όλα τα δικαιώματα των Ευρωπαίων πολιτών που διαμένουν, εργάζονται ή σπουδάζουν στο Ηνωμένο Βασίλειο. Χαιρετίζουμε την αναφορά στη συμφωνία της Μεγάλης Παρασκευής, στη στήριξη της ειρηνευτικής διαδικασίας και την αναφορά ότι δεν πρέπει να υπάρξουν σκληρά σύννορα. Ωστόσο, από μια άλλη άποψη, η απόφαση για Brexit πρέπει να προβληματίσει τους ευρωπαίους ηγέτες, καθώς αντανακλά τα σοβαρά προβλήματα της Ένωσης, εκφράζει τη δυσaréσκεια που κυριαρχεί στους πολίτες για τις νεοφιλελεύθερες πολιτικές που προωθούνται και την καταστρατήγηση των δικαιωμάτων των εργαζομένων και των λαών. Είναι γι' αυτόν τον λόγο που δεν πρέπει να χρησιμοποιηθεί το Brexit ως πρόσχημα για να νομιμοποιηθεί η εμβάθυνση του νεοφιλελεύθερου μοντέλου και η Ευρώπη των πολλών ταχυτήτων.

Γεώργιος Επιτήδειος (NI). – Κυρία Πρόεδρε, οι διαπραγματεύσεις μετά το Brexit δίνουν τη δυνατότητα στην Ευρωπαϊκή Ένωση να προστατεύσει, μεταξύ των άλλων, και τα δικαιώματα των τριών περίπου εκατομμυρίων πολιτών της που διαμένουν, φοιτούν και εργάζονται στην Μεγάλη Βρετανία. Οι άνθρωποι αυτοί είναι, στη συντριπτική τους πλειοψηφία, νέοι και φοβούνται ότι θα καταστραφεί η ζωή τους. Αισθάνονται μεγάλη ανασφάλεια και γι' αυτόν ακριβώς τον λόγο πρέπει να προστατευθούν. Δεν πρέπει ούτε να εκδιωχθούν, αλλά ούτε και να εμποδιστεί η μετάβαση όσων θέλουν να εργαστούν στο μέλλον στη Μεγάλη Βρετανία. Το ίδιο βεβαίως θα συμβεί και με τους πολίτες της Μεγάλης Βρετανίας που διαμένουν σε άλλες χώρες της Ευρωπαϊκής Ενώσεως. Τέλος, σχετικά με κάποιες θέσεις που ακούστηκαν εδώ ότι «δήθεν» οι εθνικιστές έχουν υποστεί ήττα, τη στιγμή που σε όλες τις χώρες στις οποίες διεξήχθησαν εκλογές οι παρατάξεις αυτές είτε αύξησαν τα ποσά τους είτε πολλές φορές τα διπλασίασαν, η άποψη αυτή είναι μία παράξενη μορφή και αντίληψη των μαθηματικών, τόσο εξωπραγματική μορφή που εάν οι αρχαίοι Έλληνες μαθηματικοί, ο Πυθαγόρας και ο Ευκλείδης, πριν δύομιση χιλιάδες χρόνια το είχαν υπόψη τους, μάλλον και αυτοί θα έκαναν το δικό τους «math-exit» για να μπορέσουν να διαφυλάξουν την αξιοπρέπειά τους.

Seán Kelly (PPE). – Madam President, I welcome the more conciliatory approach I have detected here this morning. If you continue with that, I think we can have mature and sensible negotiations and a proper conclusion. I would also like to thank Mr Barnier for coming to the EPP Bureau meeting in Wicklow last week and for taking time out to speak to the Dáil (the Irish Parliament), and indeed visit the North. In relation to the North, if the European Union, Ireland and the United Kingdom do not want a hard border, then why should we have a hard border?

I just want to correct one thing: it has been incorrectly stated that Tony Blair said we needed to renegotiate the Good Friday Agreement. What he said was that the Good Friday Agreement came into being on the assumption that both Ireland and the UK would be in the European Union, and that we needed to reword it when the UK leaves. He did emphasise that he was not talking about changing the substance of the Agreement.

Juan Fernando López Aguilar (S&D). – Señora presidenta. Señor Tusk, señor Juncker, de nada sirve lamentar el *brexít* si no somos capaces de sacar las lecciones y señalar a los responsables. De nada sirve celebrar que en Holanda y en Francia no hubo *nexit* ni *frexit*, porque en ambas ocasiones, como en el Reino Unido, creció espectacularmente la extrema derecha, cargada de odio contra Europa. Por una campaña desdichada en ese referéndum, los europeístas votaron muy poco y muy flojo, mientras los antieuropeos fueron a votar con mucha fuerza y con mucha rabia. Y la razón es simple, y es porque la Unión Europea ha dado la espalda a la ciudadanía, y todavía tenemos tiempo de darles una respuesta a esos millones de ciudadanos europeos que residen en el Reino Unido y quieren que se les protejan sus derechos y, en reciprocidad, a los ciudadanos británicos que residen en el resto de Europa, muchos de ellos en España. Estoy pensando en los jóvenes; en esos jóvenes, muchos de ellos españoles, que trabajan en el Reino Unido y quieren que la Unión Europea proteja sus derechos. Porque, de otro modo, la amenaza es una desconexión creciente de la juventud y de la ciudadanía europea, que dejará a la Unión Europea sin futuro.

Ruža Tomašić (ECR). – Gospođo predsjednice, Brexit je veliki udarac za Europsku uniju jer je pokazao da se naklonost dobrog dijela građana ne može kupiti europskim fondovima, grupnim obilascima europskih institucija i financiranjem nevladinih organizacija koje šire pozitivnu priču o Europskoj uniji. Rezultat referenduma bio je veliko otrežnjenje nakon kojeg su pale i teške riječi. Nepotrebno, ali donekle razumljivo. Drago mi je da se stvari polako smiruju, jer ako već napušta Europsku uniju Ujedinjena Kraljevina ne napušta europski kontinent. Naša se suradnja nastavlja, samo u nešto drugačijem obliku. Taj oblik treba što prije definirati na obostrano zadovoljstvo, ali pritom moramo izbjegavati teške riječi i ucjene.

Imajmo na umu da o ovom dogovoru ovise sudbine milijuna ljudi i nemojmo neodgovornim ponašanjem i prikupljanjem jeftinih političkih bodova njima otežavati ionako nezavidnu situaciju.

João Ferreira (GUE/NGL). – Senhora Presidente, é costume dizer-se que o pior cego é aquele que não quer ver. Aos que se apressam em ver nas eleições em França e nos Países Baixos uma expressão de apoio popular à União Europeia, lembramos que os partidos que defenderam e aplicaram as políticas da União Europeia foram fortemente penalizados pelos eleitores. É certo que alguns, cobertos com novas roupagens, querem agora perpetuar as mesmas velhas políticas. Terão, mais tarde ou mais cedo, o destino dos seus antecessores.

Quanto ao preocupante avanço da extrema-direita, ele deve ser medido não apenas pela expressão eleitoral dos partidos que a representam, mas também pela disseminação dos seus princípios, valores e conceções, e sua assimilação por outras forças do espectro político da direita à social-democracia, no discurso e nas práticas comunitárias, na aceitação da restrição de direitos, liberdades e garantias, passando pelas políticas económicas de favorecimento do grande capital e geradoras de profundas injustiças sociais.

Na história dos povos, não há becos sem saída. A alternativa à extrema-direita não é, não pode ser, as políticas e os políticos que abrem a porta à extrema-direita.

Diane James (NI). – Madam President, today I have sat in the European Union Chamber here in Strasbourg, listening to the debate on the conclusions of the European Council meeting of 29 April this year. Quite frankly, the level of ignorance displayed in the comments made by MEP colleagues has been astonishing, and also frightening. But I am not surprised: as a Member of the European Union Committee on Constitutional Affairs, all I see and hear is the one perspective of pro-EU, and calls to penalise the United Kingdom. There is never any balanced or non-partisan exploration of the Brexit aspect, the contribution the UK makes financially, defence- and security-wise, or why the vote went the way it did. Now 68% of the United Kingdom want Brexit concluded, and I have every faith that after 8 June the United Kingdom Prime Minister, Theresa May, will deliver and put the United Kingdom, its citizens, its economy – and rightly so – in the forefront of this.

Maria Grapini (S&D). – Doamnă președintă, domnule președinte Tusk, ați început prezentarea cu un lucru care îmi place foarte mult și îl cer și îl cerem și noi: ca cetățenii, cele patru milioane de cetățeni să nu aibă de suferit și cred că este o decizie înțeleaptă a Consiliului. Al doilea punct important este cel legat de acordul care va fi între Marea Britanie și Uniunea Europeană. Nimeni nu trebuie să fie pedepsit, însă trebuie să avem grijă: ieri am dezbătut aici globalizarea. Este foarte important ca prin acest acord să nu aibă de suferit piața internă a Uniunii Europene. Trebuie să fie un acord pe principiul câștig-câștig. Companiile din Uniunea Europeană să nu aibă de suferit. Săptămâna trecută domnul președinte Juncker a fost în țara mea și a văzut că România este pro-Europa.

Deci trebuie să protejăm cetățenii și să facem un acord comercial care să fie benefic pentru ambele părți și nu trebuie, într-adevăr, cetățenii care au votat pentru a rămâne în Uniunea Europeană din Marea Britanie – pentru că aici se vorbește ca și cum toți cetățenii din Marea Britanie ar fi dorit ieșirea – doresc ca și cetățenii din Marea Britanie să fie protejați.

Jeppe Kofod (S&D). – Madam President, I think it is very simple: I think the best trade agreement for the UK is actually membership of the EU itself, but they have excluded that option so we have to find a fair deal now for everybody. I also think it is very important that the EU is reflecting on the future of Europe, and we must deliver better and take people's concerns much more seriously. First, we need to end social dumping in Europe and ensure decent salaries and workers' rights throughout our Union. Secondly, we need to end tax dumping: we see multinational corporations and rich people evading taxes on a scale that is damaging our welfare state in Europe. Finally, we need to transit our economy, for our society to become sustainable, responding to the climate challenge, ensuring our environment and ensuring that we manage migration and our welfare state in a much better way. If we do that, we will have a stronger Union and I hope that we will have a close relationship with the UK; we need a fair deal with them. I think they are punishing themselves by saying no to being a part of Europe.

Tibor Szanyi (S&D). – Elnök Asszony! Nem vitatom annak az elvnek a képviselését, hogy a Brexit-tárgyalásoknak nem lehet büntető jellege a britekkel szemben. Már csak saját polgáraink tisztánlátása érdekében is világossá kell tenni azonban, hogy minden integrációellenességre hajló politikus és az európai közvélemény szemében felelőtlen EU-ellenes politikai taktikázásnak, fenyegetőzésnek konkrét ára van az adott nemzet történelmi esélyei, gazdasági és politikai fejlődése szempontjából. Ugyanakkor egy további összefüggésre is szeretném felhívni a figyelmet: nevezetesen arra, hogy a Brexit-tárgyalások alatt is érvényes az az európai uniós alapelv, hogy az Unió intézményei minden európai uniós állampolgárnak, így a briteknek is az érdekeit kell, hogy nézzék.

Jean-Paul Denanot (S&D). – Madame la Présidente, effectivement les citoyens britanniques ont décidé de quitter l'Union européenne, de façon variable d'ailleurs, puisque l'Ecosse et l'Irlande du Nord n'ont pas voté dans ce sens, ce qui ne manquera pas de compliquer les négociations. Nous le regrettons profondément. Je voudrais quand même rappeler ici le rôle destructif qu'a joué l'UKIP dans cette opération et je voudrais qu'on se souvienne de notre devoir de combattre tous les extrémismes qui veulent effectivement détruire cette organisation issue de la volonté de paix en Europe.

Maintenant, il faut régler les comptes entre l'Union européenne et le Royaume-Uni. Ni les citoyens britanniques, ni les citoyens européens ne doivent être victimes de ce Brexit. Monsieur le Négociateur en chef, il est tout aussi important de préserver les institutions européennes que de préserver les droits des citoyens, notamment ceux liés à la liberté de déplacement.

PRESIDENZA DELL'ON. ANTONIO TAJANI

*Presidente**(Fin des interventions à la demande)*

Michel Barnier, *négociateur en chef*. – Monsieur le Président, bonjour à chacune et chacun d'entre vous. Mes premiers mots seront pour remercier votre Parlement, son président mais aussi Guy Verhofstadt, tout à l'heure, pour vos nombreux témoignages de confiance à l'égard de la mission qui m'a été confiée et pour l'esprit de coopération qui règne depuis le début entre nous.

Et je voudrais – comme je viens de le faire pour le Parlement – dire un mot personnel de remerciement au Président Tusk, à son cabinet et au secrétariat général du Conseil parce que, depuis le début – ce n'est pas un hasard si nous sommes parvenus aussi rapidement à un accord au Conseil européen – est mené un travail patient, tenace, sincère de coopération entre nous. Voici comment nous allons bâtir cette unité tout au long de la route.

Le Président Juncker, qui, le premier, m'a fait confiance, a ensuite recommandé au Conseil européen, à travers des directives de négociation, d'adopter dans le détail les orientations et les modalités de cette négociation. Le 22 mai prochain, dans quelques jours, le Conseil des affaires générales aura à confirmer cette directive de négociation.

Le président Tusk a clairement dit comment nous allons entreprendre cette négociation par étapes et par séquences, sous l'autorité du Conseil européen. Et il a clairement dit que nous devons d'abord trouver un accord sur les principes des trois grands sujets, Mesdames et Messieurs les députés, sur lesquels la décision souveraine du Royaume-Uni de quitter l'Union européenne crée aujourd'hui une très grande incertitude. Nous devons le plus vite possible lever cette incertitude pour les citoyens d'abord, pour les bénéficiaires du budget européen et pour les frontières, en particulier en Irlande.

En toute franchise, ce séquençage n'est pas fait pour créer des problèmes ou pour punir d'une quelconque manière le Royaume-Uni. Ce séquençage est fait pour organiser et résoudre les problèmes, comme cela est écrit dans le traité: «organiser le retrait ordonné en tenant compte de la future relation». Le retrait ordonné, c'est précisément ces trois grands sujets et quelques autres, comme la gouvernance de l'accord ou les procédures administratives et judiciaires.

Mesdames et Messieurs les députés – je vous le dis en tant que négociateur –, ce séquençage a un autre intérêt: créer les bases de la confiance. Nous devons construire dès le début, en résolvant ces problèmes pour les citoyens, pour les bénéficiaires des fonds structurels et pour les frontières, les bases d'une confiance durable dont nous avons besoin pour bâtir la future relation avec le Royaume-Uni. C'est la condition et je redis devant vous que notre objectif est bien d'aboutir à un accord. Les options de l'absence d'accord ou d'un mauvais accord ne sont pas les miennes. Nous voulons aboutir à un accord avec le Royaume-Uni, et non contre lui. J'apprécierai d'ailleurs que du côté britannique, on se mette dans l'état d'esprit d'aboutir à un accord avec l'Union européenne et non pas contre l'Union européenne.

Nous allons commencer cette négociation le plus tôt possible, au lendemain de l'élection que Theresa May a convoquée le 8 juin prochain. Le fait que les élections aient lieu juste avant le début de la négociation donne clairement à nos partenaires britanniques une stabilité et une visibilité dont nous avons aussi besoin. C'est, je le crois, un des éléments de la réussite de cette négociation.

La confiance que j'évoquais et que vous avez rappelée les uns et les autres a une contrepartie de notre côté, c'est que nous allons pratiquer avec vous, avec les autres institutions, avec le Conseil, la transparence et être en permanence disponibles pour associer les institutions et votre Parlement tout au long du cycle de négociations.

Voilà comment je me tiendrai à votre disposition, c'est-à-dire à la disposition de toute l'équipe que vous avez désignée avec Guy Verhofstadt et vous-même, Monsieur le Président, pour échanger avant et après chacune des séances de négociations et, de la même manière, toute l'équipe de la task-force que j'ai pu constituer grâce à la confiance quotidienne du Président Juncker et de tous les services de la Commission seront également à votre disposition.

De la même manière, nous sommes prêts à une très grande transparence sur l'ensemble des documents de négociations, qui seront rendus publics.

Je voudrais télégraphiquement répondre à plusieurs des questions qui ont été évoquées par les uns et les autres.

Sur les droits des citoyens, Monsieur Weber, Madame Grapini, Madame Gardini et même Monsieur Fitto – qui n'est pas là – ont parlé d'un accord juste et équilibré. Nous avons, au début de cette négociation, une position ambitieuse fixée par le Conseil européen, qui est pleinement légitime, puisque nous exigeons que les citoyens européens et les citoyens britanniques concernés par le Brexit puissent continuer à bénéficier des mêmes droits. Cela vaudra pour les citoyens, pour leurs familles et il s'agira bien de tous les droits: droit de résidence, liberté de circulation, droit d'accès à la sécurité sociale, droit d'accès au marché du travail. Nous parlons des droits qui seront acquis jusqu'au jour du Brexit, naturellement, et nous veillerons aussi à ce que ces droits soient effectivement garantis. Nous ne pourrons pas, sur ce sujet très grave, qui touche la vie quotidienne et personnelle de beaucoup de familles, nous contenter d'une simple déclaration d'intention.

Sur le règlement financier – et je suis heureux que M. Farage soit ici puisqu'il m'a cité –, je n'ai jamais cité, Monsieur Farage, de chiffres en ce qui me concerne. Parce que ces chiffres dépendront de la méthodologie sur laquelle on doit se mettre d'accord et ils dépendront aussi de la date effective de la sortie du Royaume-Uni. Ce n'est pas M. Barnier qui va fixer un chiffre. Nous allons travailler, comme le Conseil européen le souhaite, pour trouver avec les Britanniques, sereinement, calmement, un accord sur les engagements qui ont été pris. Il n'y a pas de punition, il n'y a pas d'*exit bill* (facture de sortie). Nous avons pris, notamment dans cette période des perspectives financières qui est en cours, des engagements financiers ensemble, à 28. Nous les assumons financièrement ensemble, à 28, et nous en bénéficions ensemble, à 28, pour toutes les régions de l'Union européenne, pour les universités, les laboratoires, les étudiants, les agriculteurs. Il s'agit de solder ses comptes comme on le fait dans toute séparation, ni plus, ni moins, et je le ferai sans émotion, sans esprit de revanche, sans punition, en m'en tenant aux faits, aux chiffres et aux engagements qui ont été pris, ni plus, ni moins.

Sur l'Irlande, où j'ai eu le privilège de me rendre la semaine dernière et d'être reçu par les deux chambres du parlement réunies – M. Kelly et M. Nicholson ont évoqué cette visite qui m'a beaucoup touché et qui était très utile –, c'est une situation unique qui appelle des solutions uniques, qui ne devront pas remettre en cause l'intégrité du marché intérieur. Nous allons tout faire pour trouver une solution qui préserve clairement, pleinement, dans toutes ses dimensions, l'accord du Vendredi saint, dont je rappelle – mais M^{me} Anderson ou M. Brok ont évoqué cette question – que le Royaume-Uni est co-garant.

Je veux juste dire un mot sur les périodes transitoires que M. Caputo a évoquées. Il est possible que nous travaillions sur des périodes transitoires après le Brexit, après le départ britannique, à savoir des périodes de suppression progressive et d'introduction progressive en vue de la future relation.

Mais la vraie période de transition a lieu maintenant, avant le retrait, entre maintenant et le jour du retrait. Et je recommande à tous les acteurs économiques, en particulier, de bien utiliser cette période pour que le retrait, le jour où il va se produire – probablement en mars 2019 –, soit le plus ordonné possible.

Mais je voudrais dire aussi clairement à M. van Dalen, qui a évoqué tout à l'heure quelques questions spécifiques comme celles des pêcheurs – que je connais bien pour avoir été ministre de la Pêche dans mon propre pays –, à M^{me} James ou à M. Vilimsky, une chose que chacun doit bien comprendre: c'est le Royaume-Uni qui a décidé de quitter l'Union européenne et pas le contraire. Et nous avons été très nombreux à regretter cette décision mais, maintenant, nous devons la mettre en œuvre. Cette décision a des conséquences et ceux qui diraient ou qui disent que tout pourra continuer comme avant ne disent pas la vérité. Nous allons devoir détricoter – parce que c'est la décision du Royaume-Uni – quarante-quatre années d'intégration, de relations économiques, financières, techniques, juridiques, humaines, sociales. Quarante-quatre années! Personne ne doit sous-estimer ni les conséquences dans tous les domaines, ni la complexité juridique de cette séparation. Je recommande vraiment cela si on veut dire la vérité aux citoyens, et il est de notre devoir de le leur expliquer.

Je recommande aussi calmement, pédagogiquement, démocratiquement, qu'on explique ce que veut dire le Brexit – comme je l'ai fait dans mon discours, Monsieur Nicholson, la semaine dernière à Dublin –, ce que veut dire «être membre de l'Union» et ce que veut dire «ne plus être membre de l'Union» pour la vie quotidienne des citoyens, des consommateurs et des entreprises. Il faut dire la vérité aux citoyens. Et je recommande aussi que l'on prenne le temps d'expliquer à ceux qui parlent d'absence d'accord ce que cela voudrait dire – je dis bien au conditionnel – qu'il n'y ait pas d'accord du tout. Je recommande qu'on prenne le temps d'expliquer cela aux citoyens, et pas seulement au Royaume-Uni.

Mesdames, Messieurs, nous allons travailler, comme le souhaite le Conseil, par étapes, pour bâtir un nouveau partenariat, une nouvelle relation avec le Royaume-Uni. Ashley Fox a évoqué tout à l'heure cette question avec beaucoup de sagesse d'ailleurs. Cette relation – il n'est pas trop tôt pour en esquisser le contour – comprendra un accord de libre-échange, *free and fair trade*, des accords de coopération, notamment en matière de d'universités ou de recherche, et un partenariat, comme nous le souhaitons, en matière de sécurité et de défense.

Il y a deux points importants pour cette future relation. Nous n'accepterons jamais qu'un accord de libre-échange conduise à une concurrence déloyale ou à un abaissement de nos normes sociales. C'est un point que la présidente, M^{me} Zimmer a évoqué, mais aussi M^{me} Rodrigues, M. Sylikiotis et M. Kofod. Nous n'accepterons pas l'abaissement des normes sociales, fiscales ou environnementales dans l'Union européenne et nous ne voudrions pas non plus accepter de marchander la sécurité par rapport à des questions commerciales. Richard Corbett a évoqué la complexité, notamment des agences, mais je n'y reviens pas.

Je voudrais juste conclure par un mot plus politique au moment où nous nous préparons à débiter cette négociation qui n'a pas encore commencé – et *the clock is ticking*, le temps est court pour aboutir à un bon accord. Je voudrais revenir sur le point que M. Niedermüller, M. González Pons, et M. Lamberts ont évoqué tout à l'heure. Il y a les conséquences du Brexit – et je vais devoir, en votre nom, traiter la plus grande partie de ces conséquences dans cette négociation – et il y a les leçons du Brexit, qui sont différentes. Je pense que, à ce sujet, il faut écouter un certain nombre de raisons qui ont été exprimées par les citoyens britanniques, comme d'ailleurs dans d'autres pays s'expriment par des votes de protestation un sentiment d'incompréhension, de colère, de souffrance sociale et le sentiment d'être exclu du progrès. Je pense, Mesdames et Messieurs, et je le dis comme l'homme politique que je suis toujours, qu'il ne faut pas confondre le populisme et le sentiment populaire. Et je crois que nous avons tous intérêt à écouter le sentiment populaire dans cette affaire, comme une des leçons du Brexit.

Enfin, je voudrais dire à M. Gualtieri et à M. Weber, qui ont parlé de l'unité, que cette unité que nous avons construite ensemble, sous l'autorité du Président Tusk et avec la confiance du Président Juncker et celle du Président Tajani, est importante pour moi comme négociateur – parce que j'en ai besoin – et que je serai attentif à ce qu'elle soit maintenue, entretenue, cultivée, tout au long du processus. Cette unité doit pouvoir être utilisée – si je puis dire – par les chefs d'État ou de gouvernement, par les institutions pour faire autre chose, parce que le Brexit, ce n'est pas tout l'écran radar de l'Europe. Il y a tellement de défis à relever, comme ceux qui ont été évoqués, notamment par M. Lamassoure, sur la défense, la sécurité, la gestion des frontières, le marché unique ou encore la zone euro. Je tenais donc à dire en tant que négociateur – c'est très important que chacun le comprenne – que nous avons besoin de cette unité que nous avons construite sur la négociation. Cette unité va être utile pour le reste de l'agenda européen et les dirigeants européens et vous-mêmes, mobilisés sur un agenda positif et proactif sur les autres défis, renforceront l'unité dont j'ai également besoin dans la négociation. C'est une unité interactive dont nous avons besoin et voilà pourquoi je vous remercie vraiment de votre confiance, Mesdames et Messieurs les députés.

Donald Tusk, *President of the European Council*. – Mr President, I would like to thank the Members for their words of support in today's debate. Until today, I had not witnessed such unity on the matters that I report here before Parliament. Our unity is the most important condition for a positive outcome from the negotiations. Thanks to this unity we will also be able – together with the leaders – to deal in the coming months first and foremost with the positive agenda for the Union of the 27.

I agree with my friend, Guy Verhofstadt, that this should be our priority – not Brexit. Today I will meet President Macron in Paris, and I am really happy that – also thanks to you and to this debate – we will be able to devote our meeting to the future of the 27 and not only to Brexit.

Le Président. – Le débat est clos.

Déclarations écrites (article 162)

Clara Eugenia Aguilera García (S&D), por escrito. – Finalmente, el pasado 29 de abril los 27 adoptaron por unanimidad los principios globales de la UE para las próximas negociaciones del *brexit* y el próximo 22 de mayo se autorizará la apertura de las negociaciones, aunque oficialmente las negociaciones comenzarán tras las elecciones británicas del próximo 8 de junio. Celebro que las orientaciones adoptadas por el Consejo Europeo reflejen la posición del Parlamento Europeo y, en particular, las prioridades de los socialistas en relación a una negociación por fases, en la que se dé prioridad en la primera fase a proporcionar la mayor claridad y seguridad jurídica posibles a los ciudadanos, las empresas, las partes interesadas y los socios internacionales sobre los efectos inmediatos de la retirada del Reino Unido. Además, celebro que para el Consejo sea también primordial garantizar la reciprocidad para los derechos que se deriven del Derecho de la UE, en la fecha de la retirada, de los ciudadanos de la UE y del Reino Unido y sus familias que se vean afectados por la retirada del Reino Unido de la Unión.

Miriam Dalli (S&D), in writing. – The deal that is negotiated ensures that neither European citizens and nor the British people are affected negatively. However, the only way we can ensure a fair deal is to ensure full transparency and public participation. We have to ask citizens what their concerns are, we need to be listening to students who want to safeguard their education, we need to act on the concerns of European workers who are based in the UK, who have settled with their families and created lives that cannot be torn apart by this decision. There are families that will be divided if there is a hard border between Ireland and Northern Ireland. We stand with these families and we are emphasising that we will support them. We must safeguard their interests, and make sure that the decisions being made not only take their needs into consideration but put them at the forefront of our debate. Brexit gives us the opportunity for a fresh start to revitalise Europe. The future of the EU and the reform of the EU should be a priority. We need to use the Brexit negotiations to make sure that we ensure a better future for Europe and our youths.

Benedek Jávor (Verts/ALE), in writing. – Although it is difficult to forecast the results of the negotiations between the UK and the EU, Brexit will definitely allow the UK to reduce ambition in its climate, energy, environment policies – possibly in the form of the targets/standards. Or targets remain unchanged, yet the EU cannot exert its enforcement powers anymore, which can result in implementation deficiencies. This is particularly true in the areas of biodiversity, water and waste management, air quality and energy transition. As for the elements of the circular economy, the UK might be reluctant to put in place measures for cutting the use of natural resources, for waste reduction or for better recycling. Any steps in this direction would send a bad signal to specific Member States who consider some of the EU law too much of a challenge. Thus, the erosion of environmental standards in the UK after Brexit may have a harmful spill-over effect for other regions of Europe. Therefore, I call on the Commission to give environment policies priority during the negotiations and make sure that environmental and human health considerations play an important role in the future relations between the EU and the UK.

Javi López (S&D), por escrito. – Finalmente, el pasado 29 de abril los 27 adoptaron por unanimidad los principios globales de la UE para las próximas negociaciones del *brexit* y el próximo 22 de mayo se autorizará la apertura de las negociaciones, aunque oficialmente las negociaciones comenzarán tras las elecciones británicas del próximo 8 de junio. Celebro que las orientaciones adoptadas por el Consejo Europeo reflejen la posición del Parlamento Europeo y, en particular, las prioridades de los socialistas en relación a una negociación por fases, en la que se dé prioridad en la primera fase a proporcionar la mayor claridad y seguridad jurídica posibles a los ciudadanos, las empresas, las partes interesadas y los socios internacionales sobre los efectos inmediatos de la retirada del Reino Unido. Además, celebro que para el Consejo sea también primordial garantizar la reciprocidad para los derechos que se deriven del Derecho de la UE, en la fecha de la retirada, de los ciudadanos de la UE y del Reino Unido y sus familias que se vean afectados por la retirada del Reino Unido de la Unión.

József Nagy (PPE), írásban. – Március 29-én került Donald Tusk kezébe az Egyesült Királyságtól érkezett értesítő levél, amiben hivatalosan bejelentik, hogy ki kívánnak lépni az Európai Unióból. Ezt követően, április 29-én sor került az Európai Tanács első 27 tagú találkozására. A mai plenárison Donald Tusk személyesen számolt be a találkozó eredményéről, ahol egy brexittel kapcsolatos útmutató készítésén folyt a munka. Az Európai Unió 27 tagja teljes egyetértésben várja a tárgyalások indítását, amire minél hamarabb sor kell, hogy kerüljön. Türelemmel kívárjuk a júniusi parlamenti választásokat, de azután el kell indulnia a tárgyalási folyamatnak.

Момчил Неков (S&D), в писмена форма. – Съветът на 29-ти април постави от своя страна основите на един труден процес за Европейския съюз. Излизането на Великобритания ще има дългосрочен ефект както върху Обединеното кралство, така и върху Съюза и неговите граждани. Изборът, изразен чрез референдума преди 11 месеца, и потвърден от политическия елит във Великобритания, трябва да бъде уважен, независимо неверните твърдения, които бяха използвани в кампанията на десните и крайно десните политически сили.

Като представител на европейските граждани, силно вярвам, че Европейският парламент трябва да отстоява запазване на техните права във Великобритания, сред които и на нас – българите. Това, разбира се, може и трябва да бъде на реципрочен принцип. Великобритания ще остане съсед на ЕС, което означава, че връзките и отношенията със Съюза трябва да останат близки, стабилни и предвидими. В този процес Европейският съюз трябва да покаже единство и способност да защити интересите на всички държави членки на ЕС.

Inmaculada Rodríguez-Piñero Fernández (S&D), por escrito. – Finalmente, el pasado 29 de abril los 27 adoptaron por unanimidad los principios globales de la UE para las próximas negociaciones del *brexit* y el próximo 22 de mayo se autorizará la apertura de las negociaciones, aunque oficialmente las negociaciones comenzarán tras las elecciones británicas del próximo 8 de junio. Celebro que las orientaciones adoptadas por el Consejo Europeo reflejen la posición del Parlamento Europeo y, en particular, las prioridades de los socialistas en relación a una negociación por fases, en la que se dé prioridad en la primera fase a proporcionar la mayor claridad y seguridad jurídica posibles a los ciudadanos, las empresas, las partes interesadas y los socios internacionales sobre los efectos inmediatos de la retirada del Reino Unido. Además, celebro que para el Consejo sea también primordial garantizar la reciprocidad para los derechos que se deriven del Derecho de la UE, en la fecha de la retirada, de los ciudadanos de la UE y del Reino Unido y sus familias que se vean afectados por la retirada del Reino Unido de la Unión.

Pirkko Ruohonen-Lerner (ECR), kirjallinen. – Eurooppa-neuvosto linjasi 29.4. tavoitteensa Brexit-neuvottelujen pohjaksi. Pidän hyvänä, että neuvotteluissa halutaan luoda oikeusvarmuutta, varmistaa kansalaisten asema ja yritysten toimintakyky. Oltiinpa Brexitistä mitä mieltä hyvänsä, on meillä nyt historiallinen mahdollisuus supistaa myös EU:n kustannuksia ja hallintoa. Samalla voimme osoittaa, että kaikki osallistuvat säästötalkoisiin. Useat jäsenmaat ovat jo ilmoittaneet, että ne eivät hyväksy sitä, että Britannian nettomaksuisuus jyvittäisi muille. Esimerkiksi Ruotsin pääministeri Löfven totesi maaliskuussa 2017, että Ruotsi haluaa alentaa EU:n kuluja Britannian nettomaksuisuuden verran. Hyviä esimerkkejä säästökohteista ovat lukuisat EU:n tarjoamat etuisuudet, joista jäsenmaissa ei osata edes unoksia. EU perii kymmeniltä tuhansilta työntekijöiltään hyvin alhaista veroa, joka on usein alle puolet siitä, mitä jäsenvaltiot perivät veroja. Lisäksi maksetaan EU-lapsilisiä ja asumiseen liittyviä korvauksia. Myös erilaiset, jopa satoihin tuhansiin euroihin kohoavat siirtymäkorvaukset, kun esimerkiksi Euroopan investointipankin virasta lähdetään pienempipalkkaiseen työhön parin vuoden työskentelyn jälkeen, ovat kohtuuttomia. Täysin ylimääräisiä kustannuksia aiheuttavat myös kaksi istuntopaikkaa ja tietenkin jatkuvasti kasvava virastojen ja niiden henkilökunnan määrä. EU:n on oltava rahankäytössään tarkempi. Meidän on pidettävä huoli siitä, että EU ei siirry kohti lisääntyvää taloudellista yhteisvastuuta ja liittovaltiokehitystä. EU:n pitää kunnioittaa läheisyysperiaatetta, sitä, että päätöksiä tehdään lähellä kansalaisia, kansallisvaltioissa. Brexit tarjoaa todellisen mahdollisuuden itsetutkiskeluun ja EU:n valuvikojen korjaamiseen. Meillä ei ole varaa jättää sitä käyttämättä.

Ivan Štefanec (PPE), písomne. – Som rád, že Európska rada si osvojila stanovisko ELS a pri vyjednávaniach o Brexite postaví na prvé miesto zachovanie práv našich občanov vo Veľkej Británii. Náš rozchod musí byť priateľský a spravodlivý.

Bogdan Andrzej Zdrojewski (PPE), *na piśmie*. – Z zadowoleniem przyjąłem wytyczne Rady dot. Brexitu. Jednomyślność członków UE w tak ważnym i trudnym dla Wspólnoty momencie jest kluczowa. Najważniejsze pozostają trzy kwestie: 1. Zagwarantowanie praw tym, którzy przez lata budowali swoje życia w oparciu o prawa płynące z członkostwa wielkiej Brytanii w UE. Mam tutaj na myśli zarówno Brytyjczyków korzystających z prawa do zamieszkania, pracy czy nauki w pozostałych państwach Wspólnoty, jak i obywateli innych państw członkowskich żyjących w Zjednoczonym Królestwie. 2. Zapewnienie stabilności funkcjonowania podmiotów gospodarczych poprzez uporządkowane wyjście Wielkiej Brytanii poprzedzone przejrzystymi negocjacjami. 3. Porozumienie finansowe, które zobowiązuje zarówno Zjednoczone Królestwo jak i Unię Europejską do całościowego wywiązania się z wcześniej podjętych zobowiązań. Komisja Kultury Parlamentu Europejskiego będzie w szczególności śledzić ustalenia dotyczące możliwości kontynuowania współpracy między uczelniami wyższymi, mając na celu zapewnienie możliwości dalszego finansowania wspólnych projektów badawczych, pobytów studyjnych i wymian studentów. Nie można także zlekceważyć skutków Brexitu dla funkcjonujących podmiotów kultury.

Vladimír Maňka (S&D), *pisomne*. – Kým Spojené kráľovstvo nevystúpi z Európskej únie, zostáva jej plnohodnotným členom a vzťahujú sa naň všetky práva a povinnosti ustanovené v zmluvách a právnych predpisoch EÚ. Čo sa stane, keď vystúpi z Únie? Štát, ktorý nie je členom Únie a neplní si rovnaké povinnosti ako člen, nemôže mať rovnaké práva a rovnaké výhody ako člen. Veľká Británia si nemôže povýberať len hrozienka z koláča. Hlavným účelom prvej fázy rokovaní o vystúpení Spojeného kráľovstva z EÚ bude poskytnúť občanom, podnikom, zainteresovaným stranám a medzinárodným partnerom čo najviac jasnosti a právnej istoty, pokiaľ ide o bezprostredné dôsledky vystúpenia Spojeného kráľovstva z Únie. Dohoda o budúcom vzťahu medzi Úniou a Spojeným kráľovstvom sa môže uzavrieť až vtedy, keď sa Spojené kráľovstvo stane treťou krajinou. Samozrejme, v spôsobe jeho vystúpenia sa musí zohľadniť rámec jeho budúcich vzťahov s Úniou. Celkové chápanie rámca budúcich vzťahov sa preto vymedzí počas druhej fázy rokovaní podľa článku 50 Zmluvy o EÚ. Vzhľadom na jedinečné okolnosti na ostrove Írsko bude potrebná cesta vyhnúť sa pevnej hranici, pričom bude potrebné rešpektovať integritu právneho poriadku Únie.

Evelyn Regner (S&D), *schriftlich*. – Die schnelle Annahme der Leitlinien für die bevorstehenden Brexit-Verhandlungen sind ein wichtiges Zeichen der Einheit der EU. Die Verhandlungen in den nächsten Jahren werden eine Herausforderung, die wir nur als starke Gemeinschaft meistern können. Das wichtigste ist, für die 3,3 Millionen EU-Bürgerinnen und EU-Bürger in Großbritannien Rechtssicherheit bei ihrem Aufenthaltsrecht, dem Zugang zum Arbeitsmarkt und bei der Fortsetzung des Studiums geben. Diese Verhandlungen dürfen die Gemeinschaft aber nicht lähmen, denn die Europäerinnen und Europäer erwarten zu Recht von uns, dass wir Lösungen für die großen Probleme liefern. Verzetteln wir uns in Streitereien mit Großbritannien, ändert das für die arbeitslosen Jugendlichen in Europa gar nichts. Denn gerade in der Bekämpfung von Arbeitslosigkeit wünschen sich die Menschen mehr Europa und ein stärkeres europaweites Vorgehen, wie auch eine aktuelle Eurobarometer-Umfrage zeigt. Unsere Aufgabe muss sein, dass wir die europäischen Bürgerinnen und Bürger in Großbritannien vor den Folgen des Brexit-Abenteuers schützen. Der Brexit wird vor allem die britischen Arbeitnehmerinnen und Arbeitnehmer treffen. Denn die bestehenden Rechte der britischen Beschäftigten hinsichtlich Arbeitszeit, Urlaubsanspruch, Entgeltgleichheit, Elternurlaub und Leiharbeit wurden durch EU-Richtlinien gestärkt. Durch den Austritt aus der Gemeinschaft wird wohl die arbeitnehmerfeindliche Politik in Großbritannien weiter vorangetrieben.

PRÉSIDENCE DE MME Sylvie GUILLAUME

Vice-présidente

7. Negociações antes da primeira leitura do Parlamento (artigo 69.º-C do Regimento): Ver Acta

8. Preparação da Cimeira do G7 (debate)

La Présidente. – L'ordre du jour appelle le débat sur les déclarations du Conseil et de la Commission sur la préparation du sommet du G7 (2017/2574(RSP)).

Jyrki Katainen, *Vice-President of the Commission.* – Madam President, honourable Members, I will speak on behalf of President Juncker and the Commission on the preparations for the upcoming 43rd G7 Summit.

This is the sixth time that Italy has taken over the rotating G7 Presidency, and every time it has hosted leaders in some of the finest cities Italy and Europe have to offer. Venice, Naples, Genoa, L'Aquila and Taormina will be no exception. This year's leaders' meeting will have a new and different feel to it. There will be new and fresh faces around the table and together they will tackle some new and not-so-new questions, many of which go to the very heart of the debate on harnessing and shaping globalisation which we had yesterday in this House.

The EU's position, going into the G7, is very clear. For us, working together with our biggest partners around the world in a rules-based system is a necessity. We believe in open societies and multilateral solutions, we believe in free and fair rules-based trade, and we see the benefits that it brings. Around one-third of our national income comes from trade with the rest of the world. For the EU, global trade has boosted EU economic growth, with every EUR 1 billion of additional exports supporting 14 000 jobs.

Cheaper imports benefit poorer households first and foremost, but it is not just about economics. The wider need to work together on issues which affect the whole world has become more acute, even since the G7 last met in Japan in 2016. Whether it be fighting climate change, tax evasion or international terrorism, whether it be promoting trade links, sustainable development or global economic growth, the questions of today are global in their very nature.

The G7 Summit will be a crucial moment to deepen our cooperation in all of these areas, but we cannot ignore some of the drawbacks of a more interconnected world. We need to tackle them head-on, because many people around Europe and in other parts of the world are concerned. They worry about high levels of inequality, job losses, and factory closures. They see identities, traditions and ways of living changing in front of their eyes. We have to respond to those concerns.

That was the thinking behind the ideas presented in our reflection paper on harnessing globalisation. We are not naïve free-traders; we believe in open competition based on level playing fields and that is why, when we had to, we have shown our teeth with anti-dumping measures in response to market distortions or unfair practices. We will not hesitate to do so again and, in order to better equip ourselves, we will need to accelerate our efforts to equip the Union with modernised tools to tackle unfair trade. But Europe must also make the positive case for its place in a global world. When others step back from free trade, the European Union must step forward. Partners such as Japan, Mexico, Mercosur and India are willing to do likewise.

Take for example the ambitious EU-Japan deal that we are negotiating. This free trade agreement would send a powerful signal to the rest of the world that two of the largest economies are resisting protectionism, and that openness to trade and investment remains one of the best tools to harness and shape globalisation and create more economic growth and jobs. EU exporters to Japan still have to pay close to EUR 1 billion annually on customs tariffs and the vast majority of these tariffs would be removed with a trade agreement. EU exports to Japan could increase by more than a third. At the same time, more than 600 000 jobs in the EU are linked to exports to Japan, with Japanese companies alone employing more than half a million people.

These are compelling reasons why we aim to reach an agreement as soon as possible and, in any case before the end of the year. Together we must make sure that the rules of the game best serve and protect our citizens and our societies. That is the message the European Union must bring to Taormina and to our partners from across the world. That is what the European Union will fight for at every level.

Carmelo Abela, *President-in-Office of the Council.* – Madam President, honourable Members, good morning to you all. I would like to thank you for the opportunity to intervene on the subject of the preparation of the G7 Summit which will take place in Italy next week. The G7 leaders, as well as Presidents Tusk and Juncker, who will represent the European Union, will be faced with difficult discussions on various topics of global importance. The international political environment is currently particularly charged, and the truth is that global cooperation can no longer be taken for granted. I refer in particular to the political transition in the United States, which seems to present us with challenges even with respect to basic policy principles which were, until recently, well rooted in the G7. I believe that the mission of

European leaders is clear. The aim is to secure the G7's commitment to keep the global economy open and keep multicultural multilateral cooperation on track. It is also crucial to give a clear signal that securing balanced and inclusive growth remains a top priority. Even if the global economy is showing positive momentum, political uncertainty surrounding the outlook is still very high. Against this background, I believe that the G7 should, in particular, confirm its determination to work together through strong, multilateral institutions, confirm the agreement to use all policy tools, fiscal monetary and structural, to strengthen the recovery and foster inclusiveness, and also to better share the benefits of growth and globalisation. But allow me to expand on a selection of issues of particular relevance to us. I will refer, in turn, to trade, climate, migration and foreign policy matters.

On trade, it should be the European Union's priority to confirm the G7's longstanding view in favour of open trade and multilateralism. Indeed, as recalled by the European Council of 10 March, the EU remains strongly committed to a robust trade policy and an open and rules-based multilateral trading system, with a central role for the WTO. The EU will also continue to engage actively with international trade partners, advancing on all ongoing negotiations for ambitious and balanced free trade agreements. I may add that, regarding the latter, the European Council has welcomed your positive vote on the Comprehensive Economic and Trade Agreement (CETA) and looks forward to its provisional application. As you know, in this House there are strong concerns over the negative effects of trade, economic integration and technological change. We have to take these grievances seriously. However, the solution is certainly not to close our economies. Instead, we need to improve the daily lives of citizens by ensuring that the benefits of globalisation are more widely shared. Beyond that, we must also be able to better communicate the actual benefits of trade to the wider public. This is also something for the G7 to consider.

On climate change, the global community needs to act urgently and move forward with the implementation of the Paris Agreement. The European Union is committed to ambitious global action against climate change and we insist on maintaining global ownership of the Paris Agreement. The EU, and its Members, are playing their full part in implementing the Paris Agreement, both through the development of our domestic policies and in keeping to our commitment to global solidarity. In this context, it is also worth noting that, on 6 March, the Foreign Affairs Council resolved to reinvigorate EU climate diplomacy and to maintain climate change as a strategic priority in diplomatic dialogues.

The Paris Agreement is a major achievement of the international community. It is proving, and it needs to prove, that the transition to climate resilience and low emissions economies, is irreversible. Progress on ratification has been extraordinary, making it possible for the agreement to enter into force less than a year after the COP21 in Paris. In parallel, countries have already started to implement their climate policies, while non-state action by cities, businesses, investors and civil society has continued to expand. The Council is aware that climate will be one of the most challenging issues at the G7 table, particularly in view of the positions expressed by the new US administration.

My third point is on migration. Dealing with the migration crisis has been at the core of the political debate in the European Union, including here in the European Parliament. Naturally, we tend to focus on our crisis in our part of the world, but managing migration is not a European phenomenon, nor solely a European responsibility. It is a global responsibility, requiring collective solutions that are in full respect of our obligations under international law. The G7 is a privileged forum to forge partnerships and launch collective initiatives for an equitable and fair sharing of responsibility. The areas on which we can work together with G7 partners include assistance to most-affected countries of transit, resettlement efforts, the exchange of best practices on return and readmission, as well as increased cooperation on the fight against smuggling and trafficking. We are also committed to taking an active part in the follow-up to the UN Summit on Addressing Large Movements of Refugees and Migration, held in September last year. The EU intends to play a prominent role in the process leading to the establishment of the UN Global Compact on migration and refugees in 2018. We ask all G7 members to engage equally in the consultation phase, as well as in the negotiating phase next year.

Before concluding let me make a few additional remarks on foreign policy matters. The summit will address a number of issues relating to our neighbourhood.

On Syria, we should stress that no effort can be spared to bring the Syrian conflict to an end. All parties, in particular Syria and its supporters, must allow humanitarian access to all people in need, and all parties must ensure full compliance with the ceasefire.

In Libya, it is urgent to advance on the part of inclusive political dialogue and national reconciliation in the framework of the Libyan political agreement.

On a more positive note, one can mention Iran. We support the joint comprehensive plan of action on the Iran nuclear issues, which is an important contribution to the international non-proliferation regime. Continued and full implementation of this plan of action is essential to build confidence that Iran's nuclear programme is exclusively peaceful in nature.

As for the situation in Ukraine, the EU continues to stand united in the conviction that the conflict can only be solved by diplomatic means. It is necessary to ensure full respect for international law, and especially the legal obligation to respect Ukraine's sovereignty, territorial integrity and independence. We condemn the illegal annexation of the Crimean peninsula by Russia and we reaffirm our policy of its non-recognition, as well as that of sanctions against those involved. The duration of these restrictive measures is clearly linked to Russia's complete implementation of the Minsk Agreements.

La Présidente. – Je vais ouvrir le débat en commençant par les prises de parole des groupes mais en raison de l'horaire et du retard que nous avons pris, je n'accepterai pas de carton bleu dans ce débat et je vous prie de m'en excuser.

Françoise Grossetête, au nom du groupe PPE. – Madame la Présidente, ce sommet prochain du G7 veut jeter les bases d'une confiance renouvelée entre les citoyens et les gouvernants. Je dirais qu'il faut aussi renforcer la confiance entre partenaires, surtout lorsqu'on constate qu'ils sont de plus en plus nombreux à choisir la voie de l'isolement.

Les difficultés que nous connaissons proviennent de notre impuissance collective à régler les problèmes. Tout ceci est source de défiance démocratique et la confiance ne pourra pas être rétablie avec des incantations. Elle ne reviendra qu'avec des résultats probants et des engagements concrets. Les défis auxquels nous devons faire face ont changé d'échelle, tandis que nos modes de gouvernance sont restés encore très limités sur le plan territorial.

J'attends d'abord de nos dirigeants qu'ils s'assurent que toutes les parties, y compris les États-Unis, respectent leurs engagements dans le cadre de l'accord de Paris et financent adéquatement la lutte contre le changement climatique.

J'attends ensuite d'eux qu'ils se préparent collectivement face aux risques du XXI^e siècle, qu'il s'agisse de répondre aux pandémies ou aux cyberattaques, alors que l'actualité nous rappelle que la cybersécurité est le talon d'Achille de la transition numérique.

J'attends encore qu'ils prennent des mesures fortes et coordonnées pour lutter contre la fraude et l'évasion fiscales, symboles de cette mondialisation dont nous avons parlé hier matin, qui creusent les inégalités que nos concitoyens ne supportent plus et alimentent cette crise de confiance.

J'attends enfin de nos dirigeants qu'ils laissent de côté les petites mesures comptables et prennent enfin la mesure de la révolution technologique qui nous submerge, avec ses bienfaits et ses risques.

Sans réflexion au niveau global, il n'y aura pas de stratégie efficace vis-à-vis de l'intelligence artificielle ou du génie génétique. Ensemble, il nous faut rebâtir les fondations de notre maison commune.

Pervenche Berès, au nom du groupe S&D. – Madame la Présidente, l'Union européenne a un programme de travail pour cette rencontre à Taormine: la défense des intérêts des Européens. À ce titre, la Commission doit défendre l'intérêt général de l'Union. Or, compte tenu de ce qui se passe, notamment à Washington, on voit bien que ce mandat nécessite des éléments très forts.

Tout d'abord en ce qui concerne la défense de l'accord de Paris: faire reculer les inégalités, combattre le populisme, c'est aussi lutter contre le changement climatique et accompagner la transition écologique sur la base de ce qui a été conclu avec succès lors des accords de Paris. Toutefois, on constate aujourd'hui qu'un vent mauvais souffle à Washington, qui vise à remettre en cause ces accords au motif qu'on ne demanderait pas la même chose à un partenaire comme la Chine. Il appartient à l'Union européenne de redire haut et fort que cet accord est dans l'intérêt de tous et qu'il doit aujourd'hui être mis en œuvre.

Un autre vent mauvais souffle aussi à Washington, qui voudrait que l'on organise la déréglementation bancaire, alors même que la grande crise que nous connaissons – dont nous ne sommes pas encore totalement sortis – est née de la folie du secteur bancaire américain, et qui voudrait que tous les garde-fous, comme la spéculation pour compte propre, la protection des consommateurs ou l'impossibilité pour des opérateurs de marché d'agir dans leur propre intérêt avant d'agir dans l'intérêt de leur client, soient remis en cause par la nouvelle administration américaine. Sur ces thèmes, aussi, nous attendons que l'Union européenne s'exprime d'une voix forte.

Νότης Μαριάς, εξ ονόματος της ομάδας ECR. – Κυρία Πρόεδρε, η σύνοδος των G7 οφείλει να αντιμετωπίσει τις μεγάλες προκλήσεις της παγκόσμιας οικονομίας, όπως είναι οι δυσμενείς επιπτώσεις της παγκοσμιοποίησης, η φτώχεια, η ανεργία και η κρίση του δημοσίου χρέους. Οφείλει η σύνοδος των G7 να κάνει μια αποφασιστική αρχή στο ζήτημα της διευθέτησης του ελληνικού «δήθεν» χρέους. Ένα χρέος που είναι επονειδιστό και παράνομο, μια και δημιουργήθηκε απ' τη συμπαιγνία δανειστών και ντόπιας ελληνικής ολιγαρχίας και τα δανεικά κεφάλαια δεν διατέθηκαν υπέρ του ελληνικού λαού και της χώρας. Οι G7 οφείλουν να αντιληφθούν ότι ο ελληνικός λαός δεν ανέχεται τη μεθόδευση των δανειστών να ρίξουν τα βάρη στις πλάτες της ελληνικής οικογένειας προκειμένου να πληρώσει την όποια χασούρα των δανειστών απ' τη μετατροπή των επιτοκίων από κυμαινόμενα σε σταθερά.

Θυμίζουμε στους G7 ότι ο ελληνικός λαός δοκιμάζεται έντονα από τις τεράστιες μεταναστευτικές ροές. Οι G7 οφείλουν να αντιληφθούν ότι η επί δεκαετίες πολιτική τους για άνοιγμα των αγορών και ελεύθερο εμπόριο έχει οδηγήσει εκατομμύρια πολίτες στο περιθώριο.

Charles Goerens, au nom du groupe ALDE. – Madame la Présidente, au moment où le Royaume-Uni s'apprête à tourner le dos à l'Union européenne, il me paraît utile de réfléchir d'ores et déjà au poids de l'Europe dans le futur G7.

En effet, l'Europe sera doublement affectée par le Brexit étant donné qu'elle ne comptera plus que trois États membres au sein du G7. Aussi l'Union européenne en tant que telle pèsera-t-elle moins lourd dans ce forum. On a vu, au fil des ans, l'Union assumer plus de responsabilités au sein du G7. Ne serait-il pas judicieux, dès lors, de la préparer petit à petit à représenter exclusivement tous ses États membres, plutôt que de rester attaché à cette construction baroque? Car de deux choses l'une: soit l'Italie, l'Allemagne et la France se reconnaissent pleinement dans les positions articulées par la Commission au sein du G7 à l'avenir – auquel cas il suffirait d'un seul représentant européen à cette table –, soit les acteurs divergent sur des questions à l'ordre du jour, ce qui entamerait sérieusement la crédibilité de notre Union. J'aimerais demander à la Commission et à la présidence du Conseil ce qu'ils pensent d'une représentation unique par l'Union européenne au sein du G7 et si, le cas échéant, ils accepteraient d'engager la réflexion à ce propos.

Eleonora Forenza, a nome del gruppo GUE/NGL. – Signora Presidente, onorevoli colleghi, quest'anno il G7 si svolge nel mio paese, in Italia, e il mio ricordo non può non andare al G8 di qualche anno fa, quando in nome della sicurezza dei grandi fu ucciso Carlo Giuliani. Quest'anno il G7 si è svolto nella riunione dei ministri Ecofin nella mia città, a Bari, una città che è stata completamente desertificata e militarizzata, sempre in nome della sicurezza dei grandi, trasformata in una zona rossa.

Il rappresentante del Consiglio ci parlava prima di migranti. Ebbene, a Taormina sono già stati bloccati gli sbarchi dei migranti per garantire sempre la sicurezza dei sette grandi della Terra. Allora io vorrei chiedere se non si può discutere, nell'ambito di questo G7, di una riduzione concreta delle spese militari, dato che qui siamo abituati a discutere, in questo consesso, di patto di stabilità, ma le spese militari sono sempre uno sforamento possibile al patto di stabilità.

Vorrei anche chiedere, lo dico molto brevemente, se dobbiamo continuare ad avere una lettura unilaterale sulla questione delle sanzioni alla Russia o se si può mettere in discussione la complicità dell'Unione europea con il governo filofascista di Poroshenko.

Sven Giegold, im Namen der Verts/ALE-Fraktion. – Frau Präsidentin! Die Diskussion um die Globalisierung erreicht derzeit einen neuen Höhepunkt. Natürlich ist es höchst besorgniserregend, wenn sich die Vereinigten Staaten aus zentralen Projekten der internationalen Zusammenarbeit zurückziehen. Die EU-Kommission hat ein Reflexionspapier zum Stand der Globalisierungsdiskussion vorgelegt, und dort werden im Grunde zwei Dinge vorgeschlagen. Zum Einen: Den Prozess der wirtschaftlichen Globalisierung durch eine neue Generation internationaler Verträge noch weiter anzukurbeln und auf der anderen Seite soziale, ökologische und demokratische Korrekturen vorzunehmen. Die Frage ist doch die: Während Sie gleichzeitig in aller Klarheit versuchen, die bilateralen Handelsverträge voranzutreiben, die eben verbindliche, soziale und ökologische Standards nicht vorsehen, sind Sie nicht konsequent bei den ökologischen, sozialen und demokratischen Korrekturen, die der Globalisierungsprozess braucht.

Zwei Beispiele: Erstens, das Europäische Parlament hat Ihnen vorgeschlagen, für den Textilsektor verbindliche Menschenrechtsstandards über die gesamte Lieferkette vorzuschreiben. Das heißt, alles, was nach Europa importiert wird, muss unseren Werten entsprechen. Wir brauchen keinen *Buy European Act*, wir brauchen verbindliche soziale und ökologische Normen. Legen Sie solche Vorschläge vor, dann werden Sie glaubwürdig.

Genauso ist es beim Kampf gegen die Finanzkriminalität. Sechs Beamte sitzen im Keller der Generaldirektion Eurojustice in der Task Force Financial Crime. Sorgen Sie dafür, dass da endlich die Ressourcen zur Verfügung gestellt werden, die ein sauberer Finanzmarkt braucht. Dann werden Sie glaubwürdig.

Fabio Massimo Castaldo, *a nome del gruppo EFDD*. – Signora Presidente, onorevoli colleghi, il tema di questa presidenza del G7 italiana è costruire le basi di una fiducia rinnovata. A giudicare dai leader che interverranno mi verrebbe da dire che prima di chiedere di rinnovarla dovrebbero dimostrare quanto meno di meritarsela una fiducia.

Si poggia su tre pilastri, uno è il cambiamento climatico, si parla di un'azione ambiziosa per attuare la COP21 di Parigi, con Trump che vorrebbe addirittura sconfessare quel poco ottenuto e l'Italia, Presidente, con il maggior numero di morti in Europa per inquinamento dell'aria, ben 84 000 nel 2012, e con siti catastrofici come Taranto e Civitavecchia.

Si parla di sostenibilità economica e sociale e riduzione delle disuguaglianze e come si vogliono ottenere, ce l'avete detto prima, con il libero commercio selvaggio. Le disuguaglianze infatti crescono, mentre la transizione energetica e la lotta all'evasione fiscale restano ancora un miraggio.

Da ultimo, l'innovazione verso la rivoluzione della produzione, con l'Italia, il mio paese, ultimo paese europeo del G7 per investimenti nel settore. Insomma, il governo italiano del premier Gentiloni più che sparare slogan dovrebbe dimostrare di avere le competenze e la volontà di dare l'esempio, facendo i compiti a casa. Così si guadagnano fiducia e credibilità, anche per non lasciare l'intera Unione in mano alla Francia e alla Germania.

Matteo Salvini, *a nome del gruppo ENF*. – Signora Presidente, onorevoli colleghi, a me sembra che l'Europa sia governata da incapacità, malafede e ipocrisia.

Parlate di lavoro quando, con le vostre regole e la vostra moneta, avete portato 35 milioni di disoccupati in Europa. Parlate di commercio e rinnovate le sanzioni contro la Russia che stanno costando miliardi di euro di mancate esportazioni alla nostra economia. Parlate di diritti e pensate di togliere i dazi che proteggono le nostre imprese dalla concorrenza sleale cinese: acciaio, carta, vetro, ceramica, tessile. Parlate di lotta al terrorismo e non muovete un dito per fermare gli sbarchi di migliaia e migliaia di finti profughi e veri delinquenti, che l'altro ieri giravano, ad esempio, per le vie di Modena chiedendo soldi, documenti, casa e lavoro. Sapeste, Commissari, quanti italiani ed europei vorrebbero soldi, documenti, casa e lavoro, ma sono profughi in casa loro. Parlate di diritti, oggi è la giornata internazionale contro le discriminazioni sessuali, ebbene fate affari con Arabia Saudita, Iran, Pakistan, Nigeria, dove per l'omosessualità è prevista la pena di morte.

Quanta ipocrisia, Commissari! Venite al G7 in Sicilia che ha il 50 per cento di disoccupazione giovanile, venite in una Sicilia dove all'agricoltura e alla pesca avete sostituito l'economia degli sbarchi e della clandestinità. Non so quanto costerete, non so cosa mangerete di buono, non so dove dormirete, sicuramente non in qualche centro di accoglienza, so per certo che noi pensiamo, come Lega in futuro, a un G7 dei popoli e non dei potenti.

Un risultato l'avete portato a casa. Per una settimana non sbarca più nessuno in Sicilia. Ma come? Io come Lega chiedo da anni il blocco navale, blocco di partenze e sbarchi e morti, e mi dite che non si può fare, che non si possono bloccare gli sbarchi e che non si possono controllare i confini, e adesso per difendere le chiappe di qualche potente per una settimana non sbarca più nessuno? Vergognatevi!

Ελευθέριος Συναδινός (NI). – Κυρία Πρόεδρε, η συμμετοχή της Ένωσης στη σύνοδο κορυφής του G7 είναι παντελώς ανεκδιήγητη. Η Ένωση δεν έχει κρατική υπόσταση, δεν διαθέτει εκλεγμένη κυβέρνηση και το τραγελαφικό είναι ότι οποιαδήποτε ατζέντα μπορεί να παρουσιάσει είναι άκυρη για δυο λόγους:

— πρώτον, τέτοια ατζέντα δεν έχει ηθική και δημοκρατική νομιμοποίηση εφόσον το Ευρωπαϊκό Κοινοβούλιο δεν έχει πληρο-
φορηθεί και εγκρίνει την ατζέντα.

— Δεύτερον, τέσσερα από τα επτά μέλη της G7 είναι και μέλη της Ένωσης, δηλαδή η Γερμανία, η Γαλλία, η Ιταλία και το
Ηνωμένο Βασίλειο, εκτός αν η Ένωση διαθέτει διαφορετική ατζέντα από αυτή των κρατών μελών της.

Σε αυτή τη σύνοδο λοιπόν θα συζητηθεί η κοινωνική βιωσιμότητα και η μείωση των ανισοτήτων. Εφόσον η πολιτική της
Ευρωπαϊκής Ένωσης επιβάλλει μνημόνια και εξαθλιώνει λαούς, ζητά λιτότητα και δημοσιονομικές θυσίες, διατηρεί τις τράπεζες
κερδοφόρες σε βάρος των πολιτών και υπηρετεί την παγκοσμιοποίηση καταργώντας εθνικές υποστάσεις, ταυτότητες και σύνορα,
είναι ανέντιμο και καταδικαστέο να μιλάμε με τέτοιους όρους πολιτικής.

Paulo Rangel (PPE). – Madam President, I think that the G7 meeting is the moment for truth and the moment of truth
in the relationship between the European Union, European Union big countries, Japan, Canada and the United States.
We have here the first big opportunity, especially the President of the Commission and the President of the Council, to
face Mr Trump and to explain to him the why the European Union, security – especially a firm and tough attitude
towards Russia – and free trade are so important to defend democracy, the rule of law, human rights and a fairly
balanced globalisation process. We can't miss this opportunity. It is essential that we ensure that Mr Trump can unders-
tand – because of the attitudes and of the policies of his allies that are here; these countries are the greatest allies of the
United States – that he has to be very firm on Russia without any ambiguity, very loud and clear, and at the same time
that he has to defend our way of life, and that means also free trade and a regulated globalisation.

Enrique Guerrero Salom (S&D). – Señora presidenta, si un progresista, un socialista, lee la declaración de Bari adop-
tada la semana pasada por los ministros de Economía y los gobernadores de los bancos centrales, estará de acuerdo en
las medidas más importantes propuestas de cara al G-7: políticas fiscales para aumentar el crecimiento, lucha contra la
desigualdad, sistemas fiscales eficientes, lucha contra la evasión y la elusión fiscal, acabar con la brecha de género, acabar
con la devaluación competitiva entre países.

Si estamos de acuerdo, entonces dos preguntas: ¿por qué desde 2014 estamos repitiendo lo mismo sin llegar a tomar
medidas eficaces, decisiones concluyentes? Y la segunda pregunta: ¿por qué si cuatro de los siete países que forman el
G-7 son miembros de la Unión Europea, y son los miembros más importantes, no somos capaces de aplicar en la Unión
Europea estas políticas? ¿Es un problema de cinismo o es de ineficacia?

Urmas Paet (ALDE). – Madam President, dear colleagues, one of the issues that is growing and that needs to be
addressed on the global level by the G7 is cybersecurity. As of today, WannaCry, the biggest ransomware attack ever,
has affected more than 150 states and more than 200 000 users. The attack does not only concern regular citizens, but
can endanger people's lives and the functioning of a state and collapse economics. The last attack, for example, affected
hospitals in the UK. Next time, it could be a banking system, a wider healthcare malfunctioning or something else. It is
time to make cybersecurity a priority for all, because a weak link in one country is a threat to everyone. It is the
responsibility of G7 states and the EU to take all necessary steps to develop cyber defence and avoid possible new
attacks. This is why the development of cyberspace security has to be a priority also in the EU and NATO cooperation.

Bas Eickhout (Verts/ALE). – Madam President, I would like to focus on climate change and the role of the G7, because
I think it cannot be stressed enough how important the G7 has been in history in setting the global climate change
agenda. In 2009 — back then it was a G8 — it was the first time when the global players were setting the agenda for
the 2°C target, which ended up in the Copenhagen agreement. Then, in 2015, the phase-out of fossil fuels was adopted
by the G7: that was setting the agenda for the Paris Agreement later on in the year.

That shows how crucial this G7 will be on what is going to happen with the implementation of the Paris Agreement. We know that the United States is trying to push back and trying to get the significance of fossil fuels back on the agenda, whereas we all know that Paris requires a phase-out of fossil fuels. So we cannot give in, in any way, to what the Americans are asking. We cannot slow down; investors are watching to see what will come of it. But this will also set the agenda for the G20 later on in the year.

What the G7 is going to say will either make sure that Paris will be implemented as agreed, or it will put the wind in the sails of conservative countries like Saudi Arabia and Russia. So, the conclusion of the question is very simple, and I would like to have an answer on that. If we cannot get those conclusions with the United States, will we push for a G6 statement on climate?

Ignazio Corrao (EFDD). – Signora Presidente, onorevoli colleghi, in Sicilia, la mia regione, la disoccupazione giovanile sfiora il 60 per cento, le infrastrutture sono ridicole, ci sono le ferrovie di cento anni fa, ponti autostradali caduti, il territorio, l'agricoltura e la pesca sono saccheggiate sistematicamente dalle multinazionali, c'è un'emigrazione di massa, c'è povertà e c'è esclusione sociale e in un contesto del genere i grandi della Terra hanno deciso di costruirsi una gabbia dorata a Taormina, spendendo 40 milioni di euro di soldi pubblici, di cui 10 soltanto per riunioni, creando disagi alla popolazione e facendo un'operazione «polvere sotto il tappeto», di fatto bloccando anche gli sbarchi per un periodo di tempo.

Ora, questi signori probabilmente si riuniscono soltanto per decidere come fare ulteriori danni al nostro pianeta e lo fanno abbattendo ulivi secolari, creando un'altra pista di atterraggio per elicotteri per stare più comodi, una pista inutile. Io dico che probabilmente se volessero risolvere qualche problema dovrebbero viaggiare da Trapani a Pozzallo in treno, dovrebbero riunirsi allo ZEN di Palermo o al Librino a Catania, oppure andare davanti al MUOS di Niscemi.

Luděk Niedermayer (PPE). – Madam President, dear colleagues, let me say that I support and appreciate the subjects on the agenda of the G7 meeting as they were presented by the Council and committee. These are well-chosen topics that are reflecting the concerns of citizens and challenges ahead, but the most important subject is actually in the title of the G7 meeting – the issue of trust; an issue of future beneficial and sincere cooperation among the leading economic countries of the world and also about leading democracies. I hope that the partly new composition of G7 leaders will make a clear statement on this direction and will also commit themselves personally to going forward in the route of sincere cooperation and respect for the most important values. Our countries and the EU should play the leading role, because these are the values that we are representing, and we should convince the others.

Patrizia Toia (S&D). – Signora Presidente, onorevoli colleghi, il G7 si riunisce in Italia e io sono molto orgogliosa che il mio paese lo ospiti in un contesto mondiale instabile, con crescenti tensioni ma anche con segnali interessanti, come ad esempio la proposta della Cina per una nuova «Via della Seta», che può creare nuova collaborazione internazionale oltre ai commerci.

I leader oggi sanno di rappresentare solo una parte del potere politico ed economico del pianeta, perché oggi è il G20 il consesso più ampio e rappresentativo, ma la responsabilità specifica del G7 dell'Unione europea è proprio quella di rappresentare le democrazie più sviluppate e allora dobbiamo essere consapevoli che quella *leadership*, che non è più data per scontata, che non è più basata sulla forza dei numeri, oggi deve essere basata sulla forza dei nostri valori, sul multilateralismo, sull'apertura, sul rispetto del diritto internazionale, per cui le azioni unilaterali o gli attacchi offensivi non sono accettabili dalla comunità internazionale.

Ma tale *leadership* deve anche essere affidata alle regole, come hanno detto molti miei colleghi, per un fisco trasparente a livello transnazionale, perché ci sia un tema di redistribuzione, di giustizia sociale, e si trovino queste nuove regole.

Tra i protagonisti emerge l'Unione europea. Nella latitanza, nell'incertezza di prospettive e di *commitment* di grandi paesi e di grandi potenze oggi è l'Europa che poi deve colmare questo ruolo.

Seán Kelly (PPE). – Following on from what my friend Mr Eickhout said, I think climate change is going to be a hugely important issue here at the G7 summit, and especially the role of the larger-than-life character President Donald Trump. The Paris agreement is a global agreement, and if the United States were to pull out of it this would undermine it completely. And this is a man, Donald Trump, who claimed that climate change was created by the Chinese to attack US manufacturing competitiveness, who claimed that global warming is an expensive hoax, and who claimed that wind farms are bad for people's health. But I think that, as a businessman, he is person who is subject to change, and I think the G7 is a great opportunity to convince him that what he has said in the past is not actually true. And in the interests

of US citizens and world citizens, we need to adopt the climate change agreement in Paris and implement it, and the United States has to do so above all else.

Andi Cristea (S&D). – Doamnă președintă, având ca temă crearea bazelor unei încrederi reînnoite, Summit-ul G7 de anul acesta are datoria să încurajeze guvernele pentru a adopta politici care să vizeze îndeplinirea așteptărilor legitime ale cetățenilor atât din punct de vedere economic, social, cât și al siguranței lor într-o lume măcinată de conflicte.

Pe plan extern există multe probleme urgente ce trebuie abordate, incluzând aici violențele în desfășurare și recente atacuri cu arme chimice din Siria, sprijinul pentru suveranitatea Ucrainei, amenințarea cu arme nucleare din Coreea de Nord, fluxurile migratorii, securitatea globală și regională, lupta împotriva Daesh și extremismul violent.

Avem nevoie de o coordonare a eforturilor, de promovare a ordinii internaționale bazată pe reguli, de combatere a terorismului și extremismului violent într-o lume tot mai nesigură.

Dubravka Šuica (PPE). – Gospođo predsjednice, sam naslov polaganja temelja obnovljenog povjerenja govori što bi trebala biti glavna tema ovoga summita. Po prvi put će se sastati Paolo Gentiloni, Theresa May, Donald Tusk i Emmanuel Macron. Ovo je prilika da naši lideri gospodin Tusk i gospodin Jean-Claude Juncker kažu na kojim temeljima počiva naša europska politika, da mi poštujemo vladavinu prava, demokraciju, ljudska prava.

Sve teme koje ste nabrojali: upravljanje migracijskim tokovima, otvorena trgovina, jačanje multilateralnih institucija, zatim konkretna implementacija pariškog sporazuma, ali i vanjsko političke teme koje se tiču prije svega Sirije, Libije, Irana, stanja u Ukrajini, teme su o kojima će se, vjerujem, ozbiljno razgovarati na ovom summitu i očekujem pozitivne rezultate, ali prije svega konkretne prijedloge kako bi naši građani zaista osjetili korist od takvih sastanaka.

Jeppe Kofod (S&D). – Madam President, just yesterday we debated how the EU can successfully harness globalisation. The upcoming G7 summit will be a prime opportunity to put words into practice, to show European leadership and to stand firm on our values and principles, insisting that a rule-based international order remains one of the key priorities for us. Indeed, the very reason why this is a G7 and not a G8 summit is that one key nation continues to disregard international rules and agreements, with the central theme of the G7 summit being how to rebuild trust. I believe that the EU should use the G7 summit to recommit to the biggest economies on the plan to achieving the sustainable development goals – all of them, comprehensively. Rebuilt trust requires visible action from the EU on the problems facing Member States and the people of Europe.

Interventions à la demande

Maria Grapini (S&D). – Doamnă președintă, domnule vicepreședinte, spre deosebire de un coleg care spunea că nu are ce căuta Uniunea Europeană la G7, eu consider că trebuie să fim prezenți, Uniunea Europeană, la G7.

Da, Uniunea Europeană nu este o țară, dar am pus împreună niște valori și dorim să fim reprezentați și, așa cum spunea și colegul meu mai devreme, ieri am dezbătut mult globalizarea, eu cred că este foarte important să vedem cum relaționăm cu celelalte puteri în lumea globală. Participă Rusia. Trebuie să vedem ce facem cu relația cu Rusia, ce facem cu relația cu China, cu Statele Unite? Există embargouri între Uniunea Europeană și Rusia, producătorii din Uniunea Europeană solicită deschiderea pe alte piețe. Iată că sunt foarte multe lucruri nu numai de securitate, dar și probleme economice și consider binevenită prezența, dar așteptăm și o informare concretă cu ce s-a discutat și ce rezultate vor fi acolo. Așteptăm cu interes și vă dorim succes!

(Fin des interventions à la demande)

Carmelo Abela, President-in-Office of the Council. – Madam President, honourable Members, ladies and gentlemen, thank you very much for your comments, all of which were noted by the Presidency of the Council. As you know, the Presidency does not participate in or attend the G7 but the European Union is represented by the Commission.

As I said earlier, these are challenging times, on several fronts, and most of your comments confirm this: that we are living through challenging times, especially on account of still high geo-political and political uncertainty. I therefore look forward to a strong message of confidence and reassurance by G7 leaders as well as to their guidance. We need to preserve the spirit of cooperation in the G7 and also to continue to provide multilateral answers to the challenges we face.

This also means maintaining and building on the achievements of the past and not giving in to protectionism and isolation. Finally, I believe that it is through cooperation and working together that we can aspire to tackle the issues that are of concern for our citizens and our respective countries.

Jyrki Katainen, *Vice-President of the Commission*. – Madam President, to be very concise and short, I would like to thank honourable Members very much for their comments and remarks. Most of them were very supportive of our agenda.

The next G7 meeting should, first and foremost, be about revitalising multilateralism. We have not lost it completely yet, but we have seen some tendencies, at least in rhetoric, to move away from multilateralism, and this is a very dangerous direction. That is why our agenda is so strongly linked to strengthening multilateralism.

Many Members mentioned that implementation of COP 21 should be one of the priorities, and we fully agree. This agreement has already been agreed and now it is a matter of implementation. A bigger global challenge than climate change could not be imagined, and that is why we need a real commitment from the leaders to implement it.

Finally, there is a whole range of issues, like the fight against terrorism or tax evasion, which must be addressed in global fora, but I hope that our leaders will send a strong message in favour of rules-based trade, because that is the way to govern globalisation. It is the way to harness and shape globalisation. Without rules-based trade we cannot include important values like environmental or social values in trade. This is the way in which we can enhance economic growth in a sustainable manner and make sure that our economic growth is translated to job creation too.

La Présidente. – Le débat est ainsi clos.

Déclarations écrites (article 162)

Laura Ferrara (EFDD), *per iscritto*. – La missione che si prefigge l'imminente G7 di Taormina, ovvero costruire le basi di una fiducia rinnovata dei cittadini nei confronti dei governi, verso i quali – come afferma la presidenza italiana – cresce di giorno in giorno lo scetticismo sulla loro capacità di risolvere i problemi legati alla quotidianità, e tra questi la sicurezza, la sostenibilità ambientale ed il benessere economico, rappresenta di per sé la testimonianza del fallimento di un metodo verticistico, elitario ed autoreferenziale di risolvere i problemi del mondo intero.

Un modello che si protrae da anni e che non è stato capace di risparmiare al mondo intero guerre, terrorismo, crisi economiche ed inquinamento. Credo che sia arrivato il momento di immaginare un nuovo metodo realmente multilaterale, inclusivo e che muova dal basso, per affrontare efficacemente e con la massima trasparenza i problemi posti dalla globalizzazione, i cui effetti nefasti sui semplici cittadini sono causati dallo strapotere di pochi potenti, oggi ovviamente preoccupati del fatto di non riuscire più ad apparire credibili agli occhi della gente.

Ilhan Kyuchyuk (ALDE), *in writing*. – The upcoming 43rd G7 summit will be very important one for many reasons. One of them, is that this summit will be the first one for British Prime Minister Theresa May, newly elected French President Macron and US President Trump. Looking from this perspective, it could be argued that this summit will determine the international order in the upcoming years. Therefore, I urge the EU to pursue seriously its interests during the summit. I will emphasise economic development as a top priority (interest) for the EU. The EU also should push for peace solutions for the ongoing conflicts in its neighbourhood namely in Syria, Libya and Ukraine. Last but not least, the EU should discuss with other states from G7 its future relationship with Britain after Brexit.

(La séance est suspendue pour quelques minutes, dans l'attente de la séance officielle avec M. Guterres)

PRÉSIDENTE DE M. ANTONIO TAJANI

*Président***9. Sessão solene – Nações Unidas**

Le Président. – Chers collègues, j'ai maintenant le grand honneur et le plaisir de souhaiter la bienvenue au Secrétaire général des Nations unies, M. António Guterres. Votre nomination est historique. Vous êtes le premier citoyen de l'Union européenne à occuper ce poste.

Nos deux organisations sont nées des cendres de la Seconde Guerre mondiale et ont été bâties sur les mêmes valeurs, avec le même objectif: promouvoir la paix et la prospérité par une coopération multilatérale.

Aujourd'hui, plus que jamais, nous devons travailler ensemble pour répondre aux attentes de nos concitoyens et livrer des résultats tangibles.

Nous devons faire face aux défis mondiaux communs: les conflits, les terrorismes et la radicalisation, la gestion des flux migratoires, mais aussi le changement climatique, la pauvreté et le chômage.

Nos citoyens attendent une Europe plus présente et efficace sur la scène mondiale. On ne peut pas continuer à assister, impuissants, aux bombardements en Syrie, à la famine en Afrique, aux milliers de morts dans le désert et en Méditerranée, à la traite de femmes et d'enfants, regarder avec indifférence la violation croissante des droits fondamentaux, assister au recul de la démocratie dans certains pays, dont le Venezuela et la Turquie, ou à la persécution des minorités religieuses.

Hier, nous avons parlé d'Afrique avec le président de la Commission de l'Union africaine, M. Moussa Faki Mahamat. Je tiens à répéter que l'Afrique est une priorité pour l'Union européenne. C'est pourquoi il faut renforcer la coopération trilatérale entre l'ONU, l'Union européenne et l'Union africaine, notamment sur la prévention et la réponse rapide aux crises et aux conflits.

Nous devons trouver ensemble des solutions politiques aux conflits en Syrie, en Libye et au Yémen ainsi que pour faire face à Daech. Ensemble, nous devons défendre la dignité et la liberté de la personne, donner des perspectives aux nouvelles générations et mettre en œuvre le programme de développement durable à l'horizon 2030 pour atteindre les objectifs de développement durable.

Monsieur le Secrétaire général, face à ces nombreux défis, vous pouvez compter sur le soutien de ce Parlement pour votre programme, qui est aussi le nôtre.

António Guterres, Secretary-General of the United Nations. – Mr President, thank you very much for your invitation and this opportunity to address the European Parliament. I have been a parliamentarian in my own country for 23 years, and during three I was with your neighbours in the Parliamentary Assembly of the Council of Europe. So allow me to say, dear colleagues: the United Nations was created after the Second World War exactly because the world wanted to avoid another tragedy of the same dimension. But I believe this was exactly the main motivation for the creation of the European Communities – with one very important difference: the European Communities and the European Union are clearly the most successful project of peace sustainability in the world since the beginning of history. And that is why I want to express here my very deep gratitude and appreciation for the strong commitment of the European Union and all its bodies to multilateralism, and for the very generous and extremely important contribution you give in development cooperation, in humanitarian aid, and also in the key central aspects of peace and security that are the core of the United Nations action.

(Applause)

You see the European Union involved around Libya. You see the European Union involved funding the AMISOM mission of the African Union in Somalia. We see the European Union in both financial support and training in situations from the Central African Republic or Mali, and we look forward to the support of the European Union for the initiative of the neighbours of Mali, the G5 Sahel. European contribution is today an absolutely essential part of what is necessary to make the UN effective, and I want to express my deep gratitude for that.

(Applause)

Dear colleagues, it would be possible to come here and make the case that the world has never been better. It is obvious that globalisation and technological progress have in the last decades created the conditions for an enormous increase in global wealth, for a meaningful improvement in the leading conditions of the majority of the population, even for a very strong reduction of the number of absolute poor – probably the Chinese contribution being essential for that. And some might even say, looking for instance at the number of soldiers killed in the battlefield, that this is the most peaceful period in human history.

Now these indicators might be true, but they are far from revealing the whole truth, and I think it is important for us to recognise that we are facing a number of unprecedented challenges that require the EU and the UN to work together. Allow me to mention briefly four of them.

First, conflicts. We are seeing a multiplication of new conflicts in the last few years, and old conflicts seem never to die, be it in Afghanistan, Somalia or the Democratic Republic of Congo. But the truth is that, not only do we have a multiplication of conflicts, but they change in nature. We practically no longer have wars between countries, even if there are some threats looming on the horizon, but most of the conflicts are internal – many of them linked to fragilities in the countries, but being internal, they quickly have a regional dimension and sometimes even a global dimension. At the same time, they tend to be asymmetric, more and more complex, more and more interlinked, and more linked with the new threat of global terrorism in the world.

If one looks at the situation from Nigeria to Mali, to Libya, to Somalia, to Syria, Iraq, Yemen, Afghanistan – all these conflicts are becoming more and more interlinked. You see fighters going from one to another and then some of them going back to their countries of origin and potentially becoming threats to the security of those countries of origin, and we see these conflicts becoming more and more interlinked. They are indeed today a very relevant threat to our global security, wherever we live. At the same time, it is clear that power relations in the world became less obvious, and with power relations less obvious, it seems that there is no respect, and impunity and unpredictability became the name of the game.

In this context, when one looks at the present trends of conflict, it is absolutely essential to create the conditions to reverse these trends, and for that it is clear we need to strengthen multilateral capacity to address conflicts, to solve conflicts and to prevent and sustain peace. And this is an area where the European cooperation with the United Nations is absolutely crucial. We need to strengthen our own capacity to solve many of the conflicts around the world. But that forces us to look into their nature. Look at Syria. These conflicts are conflicts where nobody is winning: everybody is losing. And not only is everybody is losing from the point of view of the citizens of the country – the enormous suffering of the Syrian people – but we see the impact on the destabilisation of the region. And with Syria, we see Syria clearly as one of the feeding factors of global terrorism.

Now, the point is that we need to create the conditions to make those that are parties to the conflict, but especially those that have an influence on the parties to the conflict, to understand that, indeed, these are conflicts where nobody is winning, everybody is losing, and in which the contradictions of interest that might interest are much smaller than the absolute need to put an end to this nonsense and to eliminate these terrible threats for our own global security.

(Applause)

And there, as I said, we need to strengthen the capacity of the United Nations, both in conflict resolution – in preventing conflict – and sustaining peace, our new most important priority. But we will never be able to do it without a very strong support and commitment from the European Union. A strong and united Europe is an absolutely fundamental pillar of a strong and effective United Nations, and this is a very clear message I would like to address to you all.

(Applause)

But in these conflicts we also see horrible violations of international humanitarian law and human rights law, and that is why I would like to mention the second challenge, and it relates to the fact that we see the human rights agenda losing ground to the national sovereignty agenda. That should not make sense. National sovereignty is a central pillar of the United Nations Charter, and indeed national sovereignty is reinforced when countries and governments are able to protect their citizens and to preserve human rights in their territories. But unfortunately we have seen national sovereignty many times being invoked to justify the lack of capacity of the international community to address the terrible human rights violation challenges that we see in several parts of the world.

It is my belief that we need to mobilise a broader coalition for human rights, and the broader coalition must be able to understand that we only stress national sovereignty by strongly promoting and protecting human rights all over the world. But for that coalition to be effective, I think we need two conditions. First, we need to have a comprehensive view of human rights – civil and political rights, but also economic, social and cultural rights. And second, it is important not to be biased. It is important not to have double standards or even agendas. I think it is absolutely crucial to understand that human rights are a value in themselves and they should not be used at the service of other political projects.

(Applause)

To be very frank, if we want to champion human rights, we need to have moral authority. The recent migration and refugee crisis in the world has undermined to a certain extent the moral authority of several countries around the world to champion human rights in an effective way. This is why I want to say how important it is from my perspective, the strong commitment of the European Union together with us in making sure that we are able to re-establish the international protection regime for refugees in line with international law, and to have Europe strongly engaged in a positive and constructive dialogue in the preparation of the global compact for safe, orderly and regular migration that I hope will be approved by the General Assembly of the United Nations in 2018.

In relation to this I would like to make a few comments. First, it is essential that development cooperation policies are linked to our concerns about human mobility. It is essential that development cooperation policies are built in a way that allows for people to have the choice to remain in their countries, to have opportunities to be able to build their lives with dignity in their own countries – for migration to be out of choice, not out of necessity.

(Applause)

Second, I think it is essential to have a much stronger international coordination in cracking down on traffickers and smugglers that are, in my opinion, the worst criminals of today's world. But third, I also think it is very important to create more opportunities for legal migration and more effective cooperation between countries of origin, countries of transit and countries of destination. I think that the European Union must be at the centre of this dialogue, and your role can be extremely positive to find the necessary consensus to make the Migration Compact a success.

(Applause)

This massive displacement we are witnessing in today's world brings me to the third challenge I wanted to mention to you, and that has to do with the fact that, if one looks at the global mega trends that we face – population growth; climate change; chaotic urbanisation in many areas of the developing world; food insecurity, which unfortunately now has translated into famine in some critical areas where conflict and climate change have been aligning themselves to create terrible human tragedies; water scarcity – all these mega trends are interacting with each other in a stronger and stronger way in a world that is smaller and smaller, and they are having dramatic impacts in terms of the increasing fragility of states, the increasing displacement of people and the increasing human suffering in the world, and creating in several circumstances the potential for conflict over scarce resources. In this context it is important to recognise that climate change is the main accelerator of these factors, and, since climate change is the main accelerator of these factors, it is absolutely essential that the world implements the Paris Agreement and implements it with an increased ambition.

(Applause)

If any government doubts these objectives, that is a reason for all others to come together and make sure that we stay the course in relation to the implementation of the Paris Agreement and that we build a broader coalition with civil society, with the business community, with the cities, with the regions, in order to be able to make sure that our ambitions are met and that we are able to tame climate change to the benefit of our present situation, but also to the benefit of our children and grandchildren.

In relation to this, it is also important to understand that it is not only the right thing to do; this is the smart thing to do, as green business is becoming more and more recognised as good business. Those countries that will not bet on the green economy will inevitably lag behind in development in the years to come. So it is the right thing to do, it is the smart thing to do, and we count on Europe to lead these efforts at global level.

(Applause)

But indeed, one of the key impacts of climate change is the acceleration of displacement, which is very much linked to the problems of migration and refugees that I mentioned, and this brings me to a fourth challenge. Globalisation has had an enormous positive impact, as I mentioned – together with technological development – in relation to wealth, living conditions, the reduction of poverty, as I said in the beginning of my intervention. But globalisation left a lot of people behind, and we see that in the rust belts of this world. We see that in massive youth unemployment in different parts of the world – even a little bit in Europe, to a certain extent compared with other areas – but very clearly in North Africa and the Middle East, which represents a tragedy for young people, a very strong limitation for the development of the countries, but more and more, a meaningful threat for our global security, as youth without employment, without jobs, without opportunities, is becoming, in some areas of the world, one of the key areas of recruitment of terrorist groups and one of the factors that facilitate the propaganda of extremist organisations.

In this context, we need to recognise that globalisation and technological progress also have dramatically increased inequalities at global level and at country level. Eight persons in the world have today as much wealth as half of the world population. All these factors have contributed to undermine the trust between peoples and the political establishments at national level, but also the trust between peoples and international organisations like the UN and the trust in global solutions for our global problems. That is the reason why I am strongly engaged in the reform of the UN, to be able to make the UN more effective, more cost effective, but more than anything else, to make the UN closer to the aspirations, the needs and the perspectives of the peoples we are supposed to serve. That means, for us, the reform of the UN development system, to make it much more effective in supporting Member States in the implementation of the Agenda 2030 that we hope, as an agenda for sustainable development, can bring a very important contribution to re-establish the trust between peoples and the international systems based on making sure that no one is left behind, making sure that we have a more fair globalisation. At the same time, it means the reform of our peace strategy, operational set-ups and architecture in order to make us more able to face the challenges of today, namely of peacekeeping. We have more and more peacekeeping operations where peace is elusive and where peacekeepers see themselves in the middle of a conflict, with extreme difficulties to protect the people they are supposed to protect.

This requires a strategic analysis and new partnerships, namely with the African Union, with several African regional organisations, but very central cooperation with the European Union in this regard, and reform of our own internal management system. Some of the rules and regulations that have been accumulated over decades in the UN seem to be created to make sure that we are not able to act effectively, and we need to make sure that we create the trust between Member States, namely Western countries and the G77, to understand that there is a win-win solution, making the UN more flexible, but at the same time with decentralisation, simplification of procedures, more freedom of movement of the secretariat, more transparency and more accountability to make sure that there is full responsibility for anything we do.

Reform is essential at the level of the United Nations. I think reform is essential at the level of all international organisations, as is the understanding that we need to rebuild that trust, both at country level and at global level. All our societies are becoming multi-ethnic, multi-cultural and multi-religious. In my opinion this is a good thing, and I believe diversity is a richness, not a threat. But it would be naive to think ...

(Applause)

... that diversity will be a success automatically. For diversity to be a success, we need a massive investment – a political, social, cultural investment by governments, by local authorities, by civil societies – in the social cohesion and inclusivity of our societies, to make sure that people understand that their identities are respected, but at the same time that they belong to the community as a whole, with all its rights and obligations. And at the same time, we need at global level to understand that diversity will not be automatically a source of peace and understanding; that we also need a massive investment, an investment in international cooperation, to bring people together, to make people know each other, respect each other, cooperate with each other, and to do it in a way in which it is possible to have everybody working together to face the global challenges that are in front of us and that no country can solve in an isolated way.

It is in this context – and allow me to say a few words as a European – that I strongly believe that the values of the Enlightenment are the most important contribution that Europe has given to world civilisation, and that those values of tolerance, *la primauté de la raison*, must be a very solid cornerstone of our capacity to build a more tolerant, more fair, more just, more peaceful and more prosperous world.

(The House accorded the speaker a standing ovation)

President. – Secretary-General, dear friend António, thank you very much for your speech, thank you for your engagement in favour of human rights, and also as a European. We are proud to be at the centre of the debate as the European Parliament in defence of human rights and of the minorities in the world. We are ready for strong cooperation with you, with your organisation. Thank you very much.

(Applause)

VORSITZ: ALEXANDER GRAF LAMBSDORFF

Vizepräsident

10. Período de votação

Der Präsident. – Als nächster Punkt folgt die Abstimmungsstunde.

(Abstimmungsergebnisse und sonstige Einzelheiten der Abstimmung; siehe Protokoll.)

10.1. Mobilização do Fundo Europeu de Ajustamento à Globalização: candidatura FEG/2016/008 FI/Nokia Network Systems (A8-0196/2017 - Petri Sarvamaa) (votação)

10.2. Relatório anual de 2014 sobre a subsidiariedade e a proporcionalidade (A8-0114/2017 - Sajjad Karim) (votação)

10.3. FinTech: Influência da tecnologia no futuro do setor financeiro (A8-0176/2017 - Cora van Nieuwenhuizen) (votação)

10.4. Intercâmbio automatizado de dados de registo de veículos na Croácia (A8-0171/2017 - Claude Moraes) (votação)

10.5. Objeção a um ato delegado: Identificação dos países terceiros de risco elevado que apresentam deficiências estratégicas (B8-0294/2017) (votação)

10.6. Algodão geneticamente modificado GHB119 (B8-0293/2017) (votação)**10.7. Milho geneticamente modificado DAS-40278-9 (B8-0292/2017) (votação)****10.8. Situação na Hungria (B8-0295/2017, B8-0296/2017) (votação)****10.9. Quadro Europeu de Qualificações para a aprendizagem ao longo da vida (B8-0298/2017) (votação)**

Der Präsident. – Damit ist die Abstimmungsstunde geschlossen.

11. Declarações de voto**11.1. Relatório anual de 2014 sobre a subsidiariedade e a proporcionalidade (A8-0114/2017 - Sajjad Karim)****Mündliche Erklärungen zur Abstimmung**

Krisztina Morvai (NI). – Elnök Úr! A szubszidiaritás elvének a lényege, hogy a döntéseket az emberekhez legközelebb kell meghozni. Magyarország esetében ez most már azt kellene, hogy jelentse, hogy a nagyon kivételes helyzetektől eltekintve ne az Európai Unió hozza meg a döntéseket – de továbbmegyek – vannak olyan helyzetek, amikor ne is a saját államunk kényszerítsen ránk döntéseket, hanem mi, magyar emberek emeljük fel a fejünket, és vegyük a sorsunkat a kezünkbe.

Példát mondok: ha születik egy olyan rendelkezés, hogy orvosok nem adhatnak interjút a sajtónak minisztériumi, vagy nem tudom, miféle felettes hatóság engedélye nélkül, akkor össze kell jönni tizenöt orvosnak az adott kórházból, és azt mondani, hogy ma délután kettőkor sajtótájékoztatót tartunk, te a vakbélgyulladásról beszélsz, te a rákmegelőzésről, te az influenzáról, és nem vagyunk hajlandók tudomásul venni, hogy ránk kényszerítenek ilyen diktatórikus dolgokat.

Νότης Μαριάς (ECR). – Κύριε Πρόεδρε, η εφαρμογή της αρχής της επικουρικότητας είναι άμεσα συνυφασμένη με την αποκεντρωμένη λειτουργία της Ευρωπαϊκής Ένωσης σε τομείς που δεν ανήκουν στην αποκλειστική αρμοδιότητα της Ένωσης. Στο πλαίσιο αυτό, οι αποφάσεις πρέπει να λαμβάνονται όσο το δυνατόν εγγύτερα στους πολίτες. Η αρχή της επικουρικότητας διασφαλίζεται από τα εθνικά κοινοβούλια, με τη διαδικασία της κίτρινης και της πορτοκαλί κάρτας. Άρα, η μη αξιοποίηση, όπως φάνηκε και στην έκθεση, από τα εθνικά κοινοβούλια δεν σημαίνει και παραίτηση από το δικαίωμά τους. Επίσης, αν ένα κράτος, μια κυβέρνηση ή ένα εθνικό κοινοβούλιο θεωρεί ότι παραβιάζεται η αρχή της επικουρικότητας, ιδίως λόγω των μνημονίων που επιβάλλει η τρόικα, όπως συμβαίνει στην Ελλάδα, μπορεί αν θέλει να προσφύγει στο Δικαστήριο της Ευρωπαϊκής Ένωσης. Γιατί άραγε δεν το κάνει αυτό η ελληνική κυβέρνηση ή το ελληνικό κοινοβούλιο; Επίσης, πράσινη κάρτα μπορεί να εφαρμοστεί από τα εθνικά κοινοβούλια, για να δημιουργηθεί ένα θετικό δικαίωμα νομοθεσίας. Αυτό μπορεί να συμβεί εάν θεσμοθετηθεί και κρίνεται απαραίτητο.

Daniel Hannan (ECR). – Mr President, where are the richest countries in the world? Or rather, which states and territories have the wealthiest people? One thing you notice is that they are all small: it's the Switzerlands, the Singapore, the Monacos, the Channel Islands, the UAEs, the Bruneis. Of the countries with the highest GDP per head, the top 10, there is only one large state – the United States of America. Why? Because it has pulled off the trick of administering itself like a confederation of tiny statehoods. As Aristotle observed, to the size of a state there is a limit, just as to implements, animals and plants, for they cannot retain their natural facility when they are too large. Ever since I've been in this Chamber, I've been told that the flow of history is towards federalisation and big blocs like the European Union, but I've got to say there's no evidence for it. In 1946 there were 76 independent countries; today, there are 195. The tide is flowing the other way.

Jiří Pospíšil (PPE). – Já jsem podpořil tuto zprávu o subsidiaritě a proporcionalitě. Domnívám se ale, že by nemělo skončit jen u toho, že zde formálně přijmeme nějakou zprávu, ale minimálně pro Komisi by ty závěry měly být velmi důležité.

Ve zprávě se píše, že až u jedné třetiny legislativních návrhů není dostatečně subsidiarita a proporcionalita zdůvodněna, a já osobně nepovažuji za pouhou formalitu říci, jestli tedy určitý právní předpis potřebujeme anebo ne a jestli splňuje tato kritéria.

Takže doufám, že když jsme tuto zprávu už dnes přijali, že minimálně pro Komisi ony přijaté závěry zprávy budou důležité a že tedy do budoucna se zlepší odůvodňování jednotlivých legislativních návrhů a zdůvodnění bude lépe obsahovat to, zda předložený právní předpis splňuje právě podmínky subsidiarity a proporcionality.

Branislav Škripek (ECR). – Mr President, subsidiarity and proportionality are guiding principles of the European Union, but this House has been misguided and, in my opinion, has been misleading European politics on this point for quite some time, in my opinion.

The European Parliament is the only European institution with Members democratically and directly elected. I have the honour of representing Slovak constituents. They expect that the EU will help them with issues where the EU can work better than they can alone. However, they do not welcome interference and intrusion into areas outside EU competence or where these actions are unhelpful or ideologically opposed. Unfortunately, that is what is happening in this House on a regular basis. I welcome my colleague's report. I would like to call upon all Members of this House to respect existing principles. Taking competencies and responsibilities from the people will have a negative effect on trust in the European project.

11.2. FinTech: Influência da tecnologia no futuro do setor financeiro (A8-0176/2017 - Cora van Nieuwenhuizen)

Mündliche Erklärungen zur Abstimmung

Krisztina Morvai (NI). – Ez a jelentés folyamatosan hangsúlyozza a fogyasztóvédelem szükségességét a pénzügyi szektorban. Nagyon örülnék annak, hogy ha a Magyarországot folyamatosan támadó és elítélő jelentések helyett a magyar devizahitelesek helyzete vonatkozásában nézné már meg végre az Európai Unió, hogy mi történt, és hogyan taposták a különböző nyugati és nem nyugati bankok sárba az Európai Unió fogyasztóvédelmi normáit. Ezzel kellene végre foglalkozni!

És egy picit visszatérve a szubsziaritásra: nekünk is kellene annyi önbecsülésünknek, öntudatunknak lenni, hogy például a magyar bírók is sokkal komolyabban – bármilyenféle nyomás is nehezedik rájuk a legkülönbözőbb oldalokról – elkezdik komolyan venni azt, hogy itt van, kérem szépen, az európai uniós direktíva a fogyasztóvédelemről. Ez az, amit alkalmazunk a jogesetekben, fogyasztóknak tekintjük, és nem adósnak, mint valamiféle adósrabszolgának a devizahiteleseket. Ezzel tessenek végre foglalkozni, ne a sok minden mással Magyarországgal kapcsolatban!

Daniel Hannan (ECR). – Mr President, there is a wealth of experience in this House. Looking around, I see colleagues who used to be doctors, soldiers, actors and ship's engineers. There are obviously one or two duds, but also a lot of people who have brought real experience to the table. But almost no one here is a tech entrepreneur and even those who do have backgrounds in it are not in the same position to make decisions about regulation and investment as those who are directly involved with the sector.

London has become, arguably, the world capital of the FinTech sector. What did the government have to do with that? It simply stood back and created a climate where the laws were enforced and where regulations were friendly. That is all you need to do. I promise you that there are a million guys out there who are much more interested and involved than anyone in this Chamber. It is not going to be our business once we leave, but if you really want technology of this kind to flourish in the remaining European Union, the best thing you can do is to stand back and let them get on with it.

Νότης Μαριάς (ECR). – Κύριε Πρόεδρε, όπως ανέφερα και στη χθεσινή μου ομιλία, η ανάπτυξη της τεχνολογίας στον χρηματοπιστωτικό τομέα αναμένεται να ενισχύσει τις συναλλαγές και να διευκολύνει τους ιδίους τους καταναλωτές. Βεβαίως, πρέπει να ληφθεί αυξημένη πρόνοια για τα ζητήματα της κυβερνοασφάλειας, ιδίως μετά τις πρόσφατες κυβερνοεπιθέσεις τις οποίες είδαμε. Ταυτόχρονα, η ίδια η τεχνολογία οφείλει να είναι ουδέτερη, να είναι αναλογική και να μην οδηγεί σε αποκλεισμούς και διακρίσεις. Οφείλει η τεχνολογία να στηρίζει, όχι μόνο το κέντρο αλλά και την περιφέρεια. Η παροχή των υπηρεσιών πρέπει να έχει μηδενικό ή ελάχιστο κόστος, προκειμένου να είναι ανοιχτή και προσβάσιμη σε όλους. Τέλος, απαιτείται το χτύπημα του τεχνολογικού αναλφαριθμητισμού και η κατάρτιση των καταναλωτών σ' αυτό το πεδίο.

Petras Auštrevičius (ALDE). – Mr President, this report focuses on FinTech, which is referred to as 'finance enabled by new technologies'. New financial technologies are a source of great financial opportunities for the EU and its citizens, although to enjoy benefits without paying additional costs we need the right legislative framework in place.

I voted in favour of this report as I see very significant benefits of FinTech, such as cost reduction, efficiency gains and enhanced transparency when it comes to investment and cross-border financial flows. Moreover, we need to see financial technologies as a tool for the EU to develop a digital single market and remain competitive at the global scale.

However, I share the cautiousness of the rapporteur that there are still many grey areas with new financial technologies, and thus, while working on the competitiveness of the European economy, we also need to think about ensuring consumer protection, cyber security and the stability of the EU financial system.

11.3. Situação na Hungria (B8-0295/2017, B8-0296/2017)

Mündliche Erklärungen zur Abstimmung

Krisztina Morvai (NI). – Elnök Úr! A vitában a magyar nemzetnek, népnek a szabadságszeretetről beszéltem. Most egy másik tulajdonságunkat említeném: a hazaszeretünket. Hazaszerető nép vagyunk, és ennek van egy olyan jellegzetesége, illetve kettő is, ami hasonlít a családszeretetre. Van olyan, hogy a családdunkkal nagyon elégedetlenek vagyunk, vagy családtagjainkkal, haragszunk rájuk. De mégis, ha bántják őket, megvédjük a családdunkat. Ha kívülállók bántják őket, odaállunk a családdunk és a családtagjaink mellé. Ezért borzasztóan kontraproduktív az Önök szempontjából az, amit csinálnak. Minél jobban támadják, minél jobban gyalázzák Magyarországot, mi annál inkább összetartunk abban, hogy ki kell, hogy álljunk mellette.

A másik: a család a fogalmánál fogva egy intim, zárt közösség. Önök arra akarnak bennünket rákényszeríteni, hogy kvázi az otthonunkba engedjünk be vadidegeneket. Nem vagyok rossz ember attól, hogy úgy gondolom, hogy a saját családi otthonomba nem szeretnék befogadni 10-12 idegen embert.

Ангел Джамбазки (ECR). – Г-н Председател, убедено не подкрепих този доклад, защото той изразява поредна недопустима намера във вътрешните работи на суверенна държава. За пореден път виждаме лицемерно отношение от страна на Европейската комисия. Смятам, че е абсолютно недопустимо Комисията и Съветът да държат подобен нарицателен и нападателен тон спрямо Унгария. Действията на министър-председателя Орбан са подкрепени от по-голямата част от унгарското общество и по никакъв начин не подкопават демократичните устои на унгарската държава.

Не за първи път Европейската комисия открито напада национално правителство заради несъответствие в политическите възгледи. Националните правителства са много по-легитимни представители на европейските граждани, отколкото е председателят на Комисията. Съжалявам, ако това не ви харесва.

Подкрепям поетия курс за отбрана на границите от министър-председателя Орбан и не смятам, че унгарското правителство нарушава човешките права. Националните държави имат право да защитават границите си и да отблъскват агресивни нашественици.

В предложението за резолюция на Европейския парламент бяха споменати единадесетте бежанци, сред които Ахмед Х. Този човек бил хвърлил няколко предмета срещу граничната полиция. Осъждам нападението на служителите на реда и смятам, че когато искаме ред, трябва да гарантираме такъв.

За мен Унгария е чудесен пример за защита на националните интереси в рамките на Общността и затова гласувах „против“.

Marek Jurek (ECR). – Panie Przewodniczący! Rezolucja oskarżająca Węgry o dyskryminację, podważanie demokracji, uruchamianie systemowego zagrożenia dla rządów prawa jest potrójnie skandaliczna. Po pierwsze, jako atak na demokratyczne wybory i demokratyczną politykę jednego z naszych narodów. Po drugie, jako akt wyjątkowej politycznej obłądki. Po trzecie, jako atak na solidarność i bezpieczeństwo Europy. Władze Unii Europejskiej, które milcząco aprobowaly niedawno wprowadzenie cenzury i uruchomienie prześladowań w stosunku do obrońców życia we Francji, teraz chcą występować w roli mentorów i arbitrów demokracji i rządów prawa. Ale najbardziej kuriozalny jest atak na Węgry za to, że bronią naszych wspólnych granic, zresztą ten atak paradoksalnie przynosi Węgrom zaszczyt i jest dowodem na to, że broniąc Węgier, które nas bronią, bronimy tak naprawdę Europę.

Jan Zahradil (ECR). – Já musím říci, že jsem zneklidněn skutečností, že se tady již po několikáté probírají vnitřní poměry některé ze středoevropských zemí. Ono to není jen Maďarsko, které je zde již grilováno opakovaně. Ono je to i Polsko a přístě na bruselském dodatečném zasedání to má být i ČR, kde se má řešit svoboda médií v ČR, která rozhodně v mé zemi ohrožena není.

Já se nemohu zbavit dojmu, že zde nejde o starost o svobodu a demokracii ve středoevropských zemích, ale že je to snaha nám trochu utáhnout kyslík za to, že ne vždy a ne ve všem posloucháme. Že jsme se např. postavili proti systému kvót na přerozdělování uprchlíků a že máme také vlastní představy o některých aspektech evropské integrace.

Pokud je tomu tak, tak vás ubezpečuji, že tyto metody budou kontraproduktivní a že EU žádnou dobrou reklamu v našich zemích neudělají. Děkuji a hlasoval jsem samozřejmě proti této rezoluci.

11.4. Quadro Europeu de Qualificações para a aprendizagem ao longo da vida (B8-0298/2017)

Mündliche Erklärungen zur Abstimmung

Igor Šoltes (Verts/ALE). – Mr President, qualifications differ across the European Union and this causes many difficulties in terms of accessing knowledge and possibilities for workers and learners. A few years ago, Parliament and the Council adopted a recommendation on the establishment of a European qualifications framework for life-long learning, with the aim of improving the transparency and comparability of qualifications in Europe. But this framework objective has not yet been fully achieved, so also during yesterday's debate we raised a lot of questions to the Commission, and we have to support all those recommendations which would really bring closer this European qualifications framework and would also be a big opportunity for this European qualification framework to become reality. We also have to focus on issues around immigration.

İlhan Kyuchyuk (ALDE). – Mr President, recognition of skills and qualifications is an

important tool to facilitate educational and labour mobility by nationals, mobile EU citizens and third country migrants alike. The establishment of the European Qualifications Framework for Lifelong Learning with the aim of improving the transparency, comparability and transferability of qualifications in Europe, was an important and essential step forward in achieving this objective. Unfortunately, the implementation of the current framework has not taken effect. At each stage of the recognition process different types of obstacles still persist. We are witnessing slow implementation with weak coherence in Member States, variability and weak coordination across Europe, weak engagement of social partners and civil society, and a lack of clarity regarding the recording of skills outside formal education. Furthermore, the challenges that education and training systems face as a result of a high level of migration to Europe should be addressed at both European and national level.

Νότης Μαρίας (ECR). – Κύριε Πρόεδρε καταψήφισα την έκθεση και, όπως επεσήμανα και στην προχθεσινή μου ομιλία, η αναγνώριση επαγγελματικών προσόντων είναι αναγκαία για τη διασφάλιση της ελεύθερης κυκλοφορίας και την προστασία των ιδίων των εργαζομένων έναντι της αυθαιρεσίας των εργοδοτών. Όμως, δεν είναι πανάκεια και ούτε βέβαια από μόνη της θα μειώσει την ανεργία που μαστιίζει την Ευρωπαϊκή Ένωση. Για να δημιουργηθούν θέσεις εργασίας πρέπει η ηγεσία της Ένωσης να αλλάξει ρότα, να εγκαταλείψει τη λιτότητα και την πολιτική της βίαιης δημοσιονομικής προσαρμογής, να αλλάξει παραγωγικό μοντέλο και να οδηγηθεί στην δίκαιη κατανομή του πλούτου. Όμως, αυτά τα αγνοεί η έκθεση και τα αγνοεί επιδεικτικά ακριβώς γιατί δεν υποστηρίζει αυτές τις αξίες και αυτές τις αρχές. Αντίθετα, θέλει να χρυσώσει το χάπι εμφανίζοντας ως λύση του προβλήματος της ανεργίας όχι την καταδίκη της λιτότητας και της βίαιης δημοσιονομικής προσαρμογής, αλλά τη διατήρηση της ίδιας της λιτότητας.

Jiří Pospíšil (PPE). – Já jsem podpořil tento materiál. Domnívám se a doufám, že materiál, který se týká evropského rámce kvalifikací, může přispět k tomu, že jednotlivé kvalifikace v Evropě v určitých oblastech se budou sobě přibližovat a hlavně, že toto může vést k větší mobilitě pracovních sil. Tzn., že lidé, kteří získají obdobné kvalifikace kdekoli v určitých částech Evropy, budou moci najít zaměstnání v jiné části Evropy a v této části Evropy jim bude kvalifikace z jiného státu EU uznávána.

Tedy myslím si, že tento materiál je prospěšný pro zvýšení zaměstnanosti a zvláště u mladých lidí může přispět k tomu, že budou mít šanci najít práci nejen ve své domovině, ve své mateřské zemi, ale i v jiných částech EU. Pokud k tomu tento materiál přispěje, pak bude podle mého názoru jeho účel naplněn a budu ho považovat za dobrý.

Der Präsident. – Damit sind die Erklärungen zur Abstimmung geschlossen.

12. Correções e intenções de voto: Ver Acta

(Die Sitzung wird um 13.10 Uhr unterbrochen und um 15.00 Uhr wieder aufgenommen.)

VORSITZ: RAINER WIELAND

Vizepräsident

13. Aprovação da acta da sessão anterior: Ver Acta

14. Medidas de execução (artigo 106.º do Regimento): Ver Acta

15. Atos delegados (artigo 105.º, n.º 6, do Regimento): Ver Acta

16. Competências e controlo do Banco Central Europeu (debate de atualidade)

Der Präsident. – Als nächster Punkt der Tagesordnung folgt die Aussprache über ein aktuelles Thema gemäß Artikel 153a der Geschäftsordnung über Befugnisse und Kontrolle der Europäischen Zentralbank (2017/2690(RSP)).

Ich weise die Mitglieder darauf hin, dass es bei dieser Aussprache kein *Catch-the-eye*-Verfahren gibt und dass keine blauen Karten angenommen werden.

Joachim Starbatty, Verfasser. – Herr Präsident, meine sehr verehrten Kolleginnen und Kollegen! Ich sehe, das Parlament ist randvoll gefüllt. Warum machen wir das? Draghi ist in der Eurozone der wichtigste Mann. Von seinen Entscheidungen hängt die Entwicklung der Eurozone ab und das Schicksal von Millionen Menschen. Wem ist er Rechenschaft schuldig? Er verweist dann auf die Unabhängigkeit seines Mandats.

Ja, aber er hat nicht das Mandat für die Enteignung der Sparer. Er hat nicht das Mandat dafür, dass Versicherungen in die Verlustzone gedrängt werden. Er hat nicht das Mandat dafür, dass unsere Banken Schwierigkeiten haben, mit den Amerikanern fertig zu werden. Er hat nicht das Mandat für die Untergrabung der Tragfähigkeit der Pensionskassen. Er hat auch nicht das Mandat dafür, dass bei uns jetzt Vermögensblasen entstehen. Und womit wehrt er diese Angriffe ab? Er sagt: Ich muss die Sparer enteignen, damit ihre Einlagensysteme sicher sind. Wie begründet er das? Er sagt: Durch meine Billiggeldpolitik schiebe ich die Konjunktur an, die sonst darniederliegen würde. Und deswegen, weil die Konjunktur anspringt, die Beschäftigung anspringt, haben auch die Sparer etwas davon, deswegen sind ihre Einlagensysteme auf Dauer sicher. Das ist seine Begründung.

Wir wissen aber, dass eine Nullzinspolitik und die negativen Zinsen die Banken und auch die Unternehmen ins Risiko treiben. Wenn der Zins nicht mehr die Marktgegebenheiten widerspiegelt, sondern einfach heruntergedrückt wird, um Unternehmen zu Investitionen zu veranlassen, dann wissen wir, dass dieses *underpricing of risk* dazu führt, das Unternehmen in riskante Unternehmungen investieren und damit Schwierigkeiten für die Zukunft bekommen.

Aber nicht genug! Er hat auch den massenhaften Ankauf von Staatspapieren beschlossen und durchgesetzt. Insgesamt monatlich 60-80 Milliarden, insgesamt 2,3 Billionen! Und damit überschwemmt er die Märkte und rettet auch die Eurozone, weil er so die Zinsen für die notleidenden Länder reduziert. Aber mit dieser Nullzinspolitik kann er nicht die Wirtschaft sozusagen „stärken“, sondern er wird einfach marode Unternehmen und schließlich auch Banken mitschleppen, so dass wir wie in Japan Zombieunternehmen haben werden.

Er kann vor allen Dingen nicht mit seiner Billiggeldpolitik die Schwierigkeiten der Eurozone herausbringen. Die Schwierigkeiten liegen darin, dass wir einen falschen Wechselkurs haben. Alle Ökonomen und auch die intelligenten Politiker wissen das, dass der Euro in der Zone für Deutschland unterbewertet und für Spanien und Griechenland überbewertet ist. Was ist die Konsequenz? Die Exporte Deutschlands werden subventioniert, und die Exporte aus den Schuldnerstaaten werden besteuert. Diese Sache führt dazu, dass Deutschland von Export- zu Exportrekord eilt, während die anderen Länder Waren importieren und Beschäftigung exportieren. Man kann mit Billiggeldpolitik keinen falschen Wechselkurs überspielen, das ist einfach unmöglich! Deswegen haben wir nur die Konsequenz, dass die Agonie verschiedener Länder jetzt weitergeführt wird.

Was ist die Aufgabe des Parlaments? Die Aufgabe des Parlaments wäre es, Herrn Draghi darauf hinzuweisen, was sein Mandat ist. Nämlich die Geldwertstabilität zu erhalten. Was macht dieses Parlament? Dieses Parlament macht vor der Wirklichkeit die Augen zu. Dieses Parlament will nicht sehen, dass diese Politik dem Wohl der Menschen entgegengesetzt ist. Dieses Parlament hält an einer verfehlten Politik fest. Deswegen fordere ich das Parlament auf, die Augen zuzumachen und sich mit Menschen...

(Der Präsident entzieht dem Redner das Wort.)

Carmelo Abela, *President-in-Office of the Council*. – Mr President, honourable Members, I would like to thank you for the opportunity to intervene in this topical debate on the subject of the powers and control of the European Central Bank.

As we all know, the Treaty has bestowed independence upon the European Central Bank to conduct its monetary policy and to pursue its primary objective of maintaining price stability in the euro area as a whole. International experience has indeed shown that monetary policy tends to be more effective in supporting a stable price level when it is shielded from short-term political influence.

The Presidency believes that the accountability of the European Central Bank for its monetary policy is commensurate with its independence and can be inferred from the Treaty. When it comes to the ECB's accountability for its banking supervision tasks, this is specified in the regulation on the Single Supervisory Mechanism. In this context, the Presidency sees no reason to question whether the ECB adheres to the accountability obligations towards the EU legislators. Similarly the Presidency does not have grounds to doubt that the ECB acts within its mandate.

Against this background, the Council has not debated the subject of the powers and control of the European Central Bank and the issue does not feature on any upcoming Council agendas. However, I am grateful for your invitation to attend and I look forward to hearing your views – or more views – during this debate.

Andrus Ansip, *Vice-President of the Commission*. – Mr President, Minister, honourable Members, you are having a debate today about the powers and accountability of the European Central Bank. On behalf of the Commission, I would like to limit myself to a very few remarks on this matter.

The ECB and the national central banks are independent when exercising the powers and carrying out the tasks and duties conferred upon them by the Treaty. The principle of central bank independence is enshrined in the Treaty itself. It is put there to protect the ECB and the national central banks in pursuing their primary mandate of fulfilling their price stability objective and thus creating the foundation for a healthy and stable European economy.

Independence and accountability are of course intertwined. The ECB presents to Parliament an annual report on its activities and you hold a general debate on that basis. The quarterly monetary dialogues you organise with the ECB President provide a further forum for in-depth discussion. I understand you have regularly made use of this possibility over the past year.

The Commission has full trust in the ECB to exercise its mandates under the Treaty. We welcome the constructive engagement that has developed between the European Parliament and the ECB over the past years.

Brian Hayes, *on behalf of the PPE Group*. – Mr President, the fact that today's debate on the ECB is happening on the same day that the Governing Council of the ECB is meeting does not say a lot for Parliament's scheduling ability, especially as I understand the ECB was not even invited to today's debate.

The role of the ECB within the new post-crisis supervision and architecture is absolutely crucial: crucial to prevent financial shocks in the future; crucial to secure the confidence of citizens. The decisions taken by the ECB, from quantitative easing to the various programmes of support are working. Growth has returned. Three million jobs have been created in the eurozone in the last year. Inflation is slowly moving towards the ECB target of 2%, and despite all of the Armageddon predictions, the euro remains and has not been fragmented.

The crisis came from light touch supervision. We are not going back to that. That is why we need a strong independent ECB, but that independence must also deliver accountability and transparency, and it is at that level that the ECB has much to do. I want the President of the ECB to appear before all parliaments of the 19 Member States of the eurozone; not just the big Member States. President Draghi has appeared before parliaments in France, Spain, Italy and Germany. It is time that engagement took place at all levels across eurozone countries. We cannot have an inside or outside track. All Member States must be treated fairly. Appearing before some parliaments and not others sends out the wrong impression.

The euro is our currency. We must defend it. The ECB is our central bank. It must treat all Member States with respect, and that is where the change needs to happen.

Roberto Gualtieri, *on behalf of the S&D Group*. – Mr President, it is no surprise that Mr Starbatty's positions are in a minority in this House because they are factually weak and wrong. A broad majority of this House supports the ECB, its independence and its policies because the ECB is the main pillar of EMU and has been a fundamental anchor of its stability and integrity.

That such a great responsibility would fall on the shoulders of the ECB was unavoidable, taking into account the peculiar construction of EMU, with the explosive components of monetary policy, coordination competence on economic policy, and a small budget for the single market but not for the single currency. With the soaring debt crisis these responsibilities have been successfully honoured in full compliance with the task and the powers conferred by the Treaties and the Protocol in order to achieve the primary objective of maintaining price stability and to support the general economic policies of the Union, which of course include the integrity of the EMU.

The Treaties are crystal clear. In order to achieve its objectives, the ECB and national central banks can conduct open market and credit operations. So it is not surprising that the OMT programme has been declared by the Court of Justice fully compatible with EU law. In the post-crisis phase of low growth and low interest rates, and with the additional negative impact of financial fragmentation on proper monetary policy transmission, other unconventional policy tools have proven to be necessary to meet the inflation objective. I do not need to recall them, but it is important to underline that, without quantitative easing (QE), Europe would have fallen into deflation. QE has been – and is – an economic success and for all stakeholders the potential negative side effects have clearly been outpaced by the positive ones. Moreover, economic data clearly show that the necessary sustained adjustment in the path of inflation has not yet materialised. Enhanced non-standard monetary policy measures are to continue until that time.

The ECB is, and has to be, fully independent. Nevertheless, we welcome and appreciate the accountability framework vis-à-vis the European Parliament and the Committee on Economic and Monetary Affairs and the improvements in transparency of the ECB's monetary policy. As far as the SSM is concerned, a stronger accountability framework is appropriate and we are in line with our interinstitutional agreement to fulfil our democratic role.

It is evident that the current EMU construction, while it is not unsustainable, is sub-optimal and we need to complete it. We cannot rely only on common monetary policy and national fiscal and economic policies. Instead of contesting the excellent job of the ECB, it would be good if political groups and Member States would contribute to providing the instruments and policies that we need in order to face our current challenges.

Sander Loones, *namens de ECR-Fractie*. – Voorzitter, ik zit hier vaak in het Europees Parlement in mijn zetel te denken: “Als dit hier allemaal een film zou zijn, welke soundtrack zouden wij dan horen, welke muziek zou bij de beelden worden geplakt?”. Ik denk dat dat Abba zou zijn: “Money, money, money. It's so funny...” [zingt].

Er gebeuren schitterende zaken hier in de Europese Unie, schitterende zaken, maar er zijn ook veel zaken die fout gaan, die echt fout gaan. En de vraag voor ons allen is: “Hoe pakken wij die uitdagingen aan?”. Helaas stel ik vast dat het antwoord van de Unie dan al te vaak is: “Money, money, money”. We gooien er gewoon een dikke zak geld tegenaan en onze problemen zullen automatisch wel worden opgelost.

Ook Mario Draghi lijkt een fan te zijn van Abba. De voorzitter van de Europese Centrale Bank creëert wat geld en hij pompt het in de economie. Is dit goed voor de groei? Ja, op korte termijn wel. We zullen vandaag iets kopen wat we anders morgen zouden hebben gekocht. Omdat sparen toch niets opbrengt, geven we ons geld gewoon uit.

Maar iedereen voelt aan dat dit groei op de pof is, dat dat geen duurzame groei is, dat die monetaire hocus pocus ooit wel eens zal moeten stoppen. En dat is niet het enige neveneffect van dit beleid. Er zijn er nog meer. De koopkracht van de mensen neemt af. Spaargeld brengt niets meer op. Pensioenen komen in gevaar. De ongelijkheid neemt toe, tussen de middenklasse en de mensen die echt rijk zijn, en zeker tussen mensen die arm zijn en rijk zijn. We creëren bubbels, in de vastgoedmarkt, op de beurs. Je ziet toch zo dat dat geen duurzaam beleid is.

En dat verbaast mij toch zeer sterk, hoe alle traditionele politieke partijen in dit parlement toch dit beleid verdedigen. Wij praten hier zeer veel over fiscale eerlijkheid, over rechtvaardigheid. Hoe in godsnaam kan je dat verdedigen en tegelijkertijd het beleid van de Europese Centrale Bank verdedigen waarbij de ongelijkheid toeneemt? Daar kan ik echt niet bij.

Ik denk dat wij, als parlementsleden, als politici beter een andere soundtrack, een ander liedje zouden kiezen, dat we beter niet zouden luisteren naar Abba, maar dat we beter zouden luisteren naar de Beatles, dat we beter niet zouden luisteren naar “Money, money, money” maar wel naar “Money can't buy me love”. Ik zal dat niet zingen, dat is voor de volgende keer, maar ik denk echt dat dat het antwoord is. Liefde voor de Europese Unie zullen wij niet kopen met een zak geld. Zo zullen we het niet doen. Wat moeten we wel doen? Hervormen. De harde weg. Besparen. Niet de shortcuts nemen, maar doen wat nodig is. En daar, ook daar, is het beleid van de Europese Centrale Bank nefast, want het ondergraaft net die noodzaak om te hervormen.

Wat mij meest van al echter ergert, is het feit dat de Europese Centrale Bank daarover niet transparant genoeg is – het is ook al aangehaald door de collega. Daar ligt enorm veel werk op de plank. Dat is ook de reden dat wij zelf een internetplatform opgezet hebben: “leefgeld.eu”. We hebben ons volgende evenement op 26 juni waar wij precies zullen debatteren over het mandaat van de Europese Centrale Bank, in Brussel. U bent daarop alvast zeer hartelijk uitgenodigd.

Nils Torvalds, *on behalf of the ALDE Group*. – Mr President, by way of a metaphor the European Central Bank could actually be described as an operating system. You know from your own experiences with Windows that open-source operating systems (OSs) do not always run very smoothly. (Though if it was a Linux created by a young Finn with the nice surname Torvalds, it would probably be a totally different matter).

Sometimes with a bad operating system, we have to run it in safe mode, and that is actually what the European Central Bank has been doing for the last few years. But my dear friend Loones is actually picking up the wrong music: ABBA is not qualitatively high music, it is dancing music for those who like it. It is high time to play Bob Dylan's 'The Times They Are A Changin'. Why? With a forthcoming deal between France and Germany, we will have a time of change in the EU. That again will probably produce a turn back to interest rates.

Those who are very interested in medieval politics know that in the medieval world interest rates were thought to be a sin. That is probably slightly the way in which the Central Bank has operated in the last few years. We need to go back to real interest rates, but as soon as we go back to real interest rates, we are going to have severe problems in those countries with a large state debt because what was 70%, 80% and 90% will all of a sudden be 100%. That puts on the agenda a new question: we need the redemption fund, because without the redemption fund those countries will be dragged down by an unsustainable state debt.

When we speak about operating systems we know for sure that operating systems have bugs, and some of the bugs in the European system are actually not due to the European Central Bank. They are due to national states.

Fabio De Masi, *im Namen der GUE/NGL-Fraktion*. – Herr Präsident! Zunächst möchte ich mich bei den Vorrednern bedanken, dass sie nicht gesungen haben. Das Mandat der Europäischen Zentralbank verpflichtet auf Preisstabilität. Die EZB verletzt das Ziel der Preisstabilität von knapp unter zwei Prozent Inflation seit vielen Jahren, und wenn es kurzfristig erreicht wurde, dann etwa nur durch höhere Ölpreise. Die EZB hat auch zugegeben, warum das trotz des vielen billigen Geldes so ist: Weil die Gewerkschaften trotz einer geringeren Arbeitslosigkeit keine hinreichend hohen Löhne durchsetzen, weil eben die Rechte von Arbeitnehmerinnen und Arbeitnehmern durch die Troika permanent angegriffen wurden. Die EZB ist nicht nur für die Geldversorgung zuständig, sondern Gläubiger und Teil der Troika. Und genau dort liegt das Problem: Sie hat ihre eigene Geldpolitik kastriert, indem sie etwa gegenüber Griechenland immer wieder gedroht hat, den Euro abzdrehen, wenn Regierungen nicht Arbeitsmarktreformen, Lohnkürzungen et cetera pp. durchführen.

Ähnliche Interessenkonflikte gibt es bei der Bankenaufsicht. Dort ist die EZB Kreditgeber der Banken und Aufsicht. Das schafft Interessenkonflikte. Sie hat etwa die Iren gezwungen, die marode Anglo Irish mit Steuergeldern rauszuhauen. Man kann aber nicht wie Herr Draghi in Jackson Hole die unzureichenden Investitionen der Regierung beklagen und mit der Troika-Gang Kürzungspolitik in Europa durchsetzen. Dann landet das billige Geld auf den Finanzmärkten, nicht in der realen Wirtschaft. Für die meisten Europäer ist der Song von Aloe Blacc „I need a Dollar“ bittere Realität. Und deswegen muss die EZB die Erpressung der Mitgliedstaaten einstellen.

Sven Giegold, *im Namen der Verts/ALE-Fraktion*. – Herr Präsident! Zunächst mal finde ich es gut, dass diese Diskussion hier stattfindet, denn viele Bürger beschäftigen sich mit dieser Frage. Und deshalb ist es richtig, dass wir das hier diskutieren.

Ich will allerdings auch sagen, dass die Art und Weise, wie Sie dieses Thema eingeleitet haben, Herr Starbatty, eben etwas von einer Sündenbockstrategie hat. Wir haben eine gemeinsame Währung, und die wurde geschaffen mit einer gemeinsamen Geldpolitik und wenigen Regeln – übrigens Regeln, die nicht zuletzt auf das ökonomische Denken zurückzuführen sind, das Sie jahrelang in Tübingen gelehrt haben. Der Punkt ist: Dieses Denken bedeutet: Man kann eine gemeinsame Währung einführen mit wenigen gemeinsamen Regeln und wenig gemeinsamer Politik. Dieser Mangel einer gemeinsamen Wirtschafts- und Finanzpolitik mit einem Mangel der Durchsetzungsfähigkeit von den wenigen Regeln, die wir haben, hat genau in die Krise geführt, die es 2012 nötig gemacht hat, dass die EZB tätig geworden ist. Die EZB hat eben nicht die Regeln gebrochen; die EZB hat sich nach dem Europäischen Gerichtshof daran gehalten, Herr Lucke. Der Punkt ist vielmehr, dass die EZB dafür gesorgt hat, dass der Euro nicht zerfallen ist. Und jetzt kritisieren alle möglichen Leute die EZB dafür. Zum Teil wird das dann personalisiert, wie Sie es gemacht haben, Herr Starbatty, auf Herrn Draghi.

Tatsache ist, die Mitgliedstaaten machen sich einen schlanken Fuß. Statt die gemeinsame Wirtschafts- und Finanzpolitik auf den Weg zu bringen, die diese Währung braucht, wird jetzt regelmäßig die EZB dafür zur Verantwortung gezogen. Das ist eine Sündenbockstrategie. Dagegen ist es nötig, diese gemeinsame Wirtschafts- und Finanzpolitik in der Eurozone auf den Weg zu bringen, damit die EZB den Raum bekommt, wieder zu normaler Geldpolitik zurückzufinden. Dafür gäbe es in der Tat viele Argumente. Aber das würde Ihrer Ideologie der Renationalisierung natürlich widersprechen, und deshalb suchen Sie sich lieber einen Sündenbock – aber bitte nicht auf dem Rücken der Einigung Europas!

Beatrix von Storch, *im Namen der EFDD-Fraktion*. – Herr Präsident! Wir sprechen also heute über die Macht der EZB. Erstens: Die EZB hat Staatsanleihen gekauft, um erst Griechenland und dann Italien vor der Insolvenz zu schützen. Das ist monetäre Staatsfinanzierung und also verbotene Fiskalpolitik. Zweitens: Herrn Draghis Entscheidung, alles, aber wirklich alles zu tun, um Austritte aus der Eurozone zu verhindern, ist ein klarer Rechtsbruch, das ist verbotene Geopolitik. Drittens: Die EZB hat Vermögenswerte von mehr als vier Billionen Euro gekauft. Sie macht die Wirtschaft zum Zombie wie in Japan, das ist verbotene Wirtschaftspolitik. Alle haben diese Rechtsbrüche seit Jahren hingenommen, weil sie meinen, Banken und Staaten vor Insolvenzen retten zu können – sie irren. Das klappt nicht, das sehen Sie ja.

Nichts ist umsonst. Die hart arbeitenden Menschen, die verlieren ihre Währung. Sie werden den Preis bezahlen, daran führt logischerweise kein Schritt vorbei. Die EZB agiert wie eine kriminelle Vereinigung.

Marco Zanni, *a nome del gruppo ENF*. – Signor Presidente, onorevoli colleghi, l'indipendenza della Banca centrale, cioè il fatto che il potere esecutivo non abbia il controllo dell'offerta della moneta, è un concetto a mio avviso incompatibile con la democrazia.

Mettere nelle mani di un'autorità non eletta il potere di creare moneta al di fuori di qualsiasi controllo democratico, lasciandole perseguire un obiettivo insensato come l'*inflation targeting*, uno strumento che non ha nulla a che fare con la dinamica dei prezzi, cioè la massa monetaria, è folle e antidemocratico.

La retorica che sostiene questo sistema antidemocratico da decenni si basa su un presupposto che la crisi ha smentito, quello che stampando moneta si crei inflazione. La necessità di tenere la creazione di moneta lontana dai politici scaturirebbe da qui, dalla necessità di evitare quell'inflazione che ora invece tutti auspicano.

Non so se qualcuno ha notato che da qualche tempo Draghi ha stampato e versato nel sistema dell'eurozona migliaia di miliardi di euro e il risultato qual è stato? La deflazione. L'inflazione non dipende meccanicamente dalla moneta stampata, ma dipende dalla domanda di beni, dalla moneta spesa, e in una depressione come quella che stiamo vivendo attualmente un governo può essere certo che la moneta stampata venga spesa solo se la spende lui stesso.

Senza finanziamento monetario della spesa, che i trattati e l'indipendenza della Banca centrale impediscono, sarà impossibile rianimare l'economia degli Stati dell'eurozona. Tuttavia in questa Unione di Stati uguali, dove uno è più uguale degli altri, i poteri dello Stato sono indipendenti ma uno, il potere della Banca centrale, è più indipendente degli altri ed è quindi quello che effettivamente comanda, facendo e disfacendo governi fantoccio a piacere.

Se un politico vi parla di democrazia senza rigettare questo dogma è un politico che vi sta mentendo. Lo snodo centrale per il ripristino di un barlume di democrazia è abolire questa aberrazione e togliere dalle mani di burocrati non eletti da nessuno questo potere.

Bruno Gollnisch (NI). – Monsieur le Président, la publication du rapport de Transparency International relance le débat sur les compétences et le contrôle de la Banque centrale européenne.

À la faveur de la crise financière, puis de celle de la zone euro, la Banque centrale européenne s'est considérablement émancipée de son champ de compétences initial, au point de pouvoir intervenir, directement ou non, dans les politiques économiques et sociales des États, parfois en pratiquant un chantage odieux et même en commençant à le mettre en œuvre: la Grèce en est un cas emblématique et elle n'est pas le seul.

Avec la complicité de la majorité de ce Parlement, elle a désormais acquis un pouvoir quasi législatif et la mainmise sur la totalité du secteur financier grâce à ses nouvelles missions de supervision.

Quant au contrôle, il est inexistant. Ce n'est pas le ridicule pouvoir du Parlement européen, ou plutôt d'un nombre restreint de ses membres, de poser des questions ou d'accéder à certains documents qui peut remplacer un véritable contrôle.

Par sa totale indépendance, ses statuts gravés dans le marbre des traités et ses dirigeants irrévocables, sauf par la Cour de justice, la Banque centrale européenne échappe de fait à toute responsabilité quant à la sanction de ces actions. Le monstre a échappé à ses créateurs. Comme dans le roman de Mary Shelley, la seule solution est de tuer le monstre.

Luděk Niedermayer (PPE). – Mr President, first of all let me say that I was surprised by this topic – by the organisation [of the debate] but not by the result. There is a lot of cheap politicking, especially on this side of the Chamber, and not so much understanding or knowledge.

Let me draw from my experience of working in the Central Bank for many years. First of all, central banking underwent a huge change at the end of the last century, going from secretive, non-transparent and politically influenced entities into highly professional bodies serving clear goals. Goals are set by the law as well as by instruments, targets and accountability principles. The establishment of the ECB, together with the creation of the euro, learned from all of this experience and benefited from best practice. That is why my view is very close to the one expressed by the Council and the Commission.

The debate today is not so much about the ECB's position, but about monetary policy in the last few years; that should be understood. But while the legislator has given the Central Bank the targets, instruments and responsibility, we should not be surprised if they use it. It was an incredibly complicated time. Government fiscal policy did not support a way to get economies out of the crisis and I believe that central banks have done a great job, not only the ECB, but also the others. So, instead of blaming and criticising – especially personally – some people at the ECB, we should appreciate what they did, for the way our economy has got out of the crisis, for the jobs they saved, actually improving the situation in Europe.

Pervenche Berès (S&D). – Monsieur le Président, certains ont voulu ouvrir ici un débat que nous menons de manière régulière grâce au rapport annuel sur la Banque centrale ou dans les auditions avec M. Draghi.

Mais il faut dire la vérité, car en dépit des incertitudes géographiques auxquelles elle est confrontée outre-Manche et outre-Atlantique, la politique monétaire qui est menée est une politique adaptée, quels que soient les défis économiques que nous traversons. La zone euro affiche en conséquence une résistance plus forte que celle qui a pu être anticipée. Sa croissance, on l'a dit, devrait atteindre 1,7 % cette année et 1,8 % l'année prochaine.

Cette bonne séquence n'est pas le fruit du hasard, elle doit en effet beaucoup – comme l'a souligné plusieurs fois la Commission cette semaine dans ses prévisions économiques – au soutien d'une politique monétaire exceptionnelle. Oui, la reprise reste trop faible et les divergences demeurent trop fortes au sein de la zone. Mais non, la Banque centrale ne mérite pas de porter le fardeau de cette responsabilité. Au contraire, les conditions de financement n'auraient jamais été aussi favorables si elles n'avaient pas été poursuivies courageusement, avec indépendance, dans le cadre d'un mandat qu'elle a su interpréter dans l'intérêt des Européens.

Du côté de la supervision, des ajustements seront peut-être rendus nécessaires dans le cadre de la revue des autorités de supervision européenne. Toutefois, ils ne devraient en aucun cas remettre en cause le mécanisme de surveillance unique, le MSU, ce dispositif fondamental de l'union bancaire qui rend possible le contrôle direct d'environ 130 groupes bancaires – y compris comme vient de le rappeler la Cour à propos de la Landeskreditbank de Bade-Wurtemberg – détenant au total plus de 21000 milliards d'euros d'actifs, et représente sans conteste un pas en avant vers l'application du corpus de règles prudentielles cohérent dans l'ensemble des pays de la zone euro.

L'exigence de supervision est d'autant plus critique aujourd'hui puisque la Banque centrale devra jouer un rôle de premier plan pour répondre aux questions d'ordre systémique que pose la sortie du Royaume-Uni de l'Union européenne, notamment celle de la supervision des CCP britanniques et celle de l'avenir de la compensation des contrats libellés en euros.

Au-delà du risque d'assouplissement réglementaire post-Brexit, la Banque centrale européenne devra enfin prendre à bras-le-corps la problématique épineuse des prêts non performants, les NPL. À cet égard, la publication, en mars dernier, de ses lignes directrices concernant le traitement de ces créances douteuses constitue un progrès qui permettra d'améliorer le dialogue quotidien entre les banques et leurs superviseurs. Il faudra néanmoins aller plus loin pour résoudre ce problème en envisageant, en priorité, l'instauration d'un véritable cadre européen qui autoriserait les entreprises de gestion d'actifs dédiées à recueillir ces crédits non productifs.

Bernd Lucke (ECR). – Herr Präsident, meine Damen und Herren! Ich möchte mich zunächst an meinen Kollegen Gualtieri wenden und darauf hinweisen, dass dieses Parlament einen Bericht verabschiedet hat, der sehr, sehr kritisch gegenüber der Europäischen Zentralbank war. Die Behauptung also, dass die Kritiker der EZB hier in einer kleinen Minderheit seien, ist nicht so ganz gerechtfertigt. Und es gibt ja einen Grund dafür. Denn die Maßnahmen, die die EZB in der Vergangenheit ergriffen hat, sind – da sind wir uns doch, glaube ich, alle einig – außerordentlich ungewöhnliche Maßnahmen gewesen – Maßnahmen, die zehn Jahre vorher keine andere Zentralbank je ergriffen hätte, mit Ausnahme vielleicht von der Zentralbank von Simbabwe.

Wir müssen feststellen, dass die Frage, ob die EZB ihr Mandat überschritten hat, eine aktuelle und relevante Frage ist. Niemand bestreitet die Unabhängigkeit der EZB innerhalb ihres Mandats. Aber das Mandat muss überprüft werden können. Und das Problem ist, dass wir keinen Kontrollmechanismus haben. Wir haben in Deutschland eine Verfassungsklage gegen die EZB angestrengt. Aber in Deutschland muss man nachweisen, dass die Bundesregierung gegen das Demokratiegebot des Grundgesetzes verstößt, um überhaupt das Verfahren eröffnen zu können, um aussichtsreich gegen die Mandatsüberschreitung der EZB antreten zu können. Das kann kein Zustand sein. Das Parlament muss Kontrollmechanismen für die EZB und für die Mandatsüberschreitung einführen.

António Marinho e Pinto (ALDE). – Senhor Presidente, a atividade bancária reveste-se de uma enorme importância, sobretudo pelo seu apoio ao investimento e ao consumo. Possui também uma característica especial: quando os bancos dão lucro, este é repartido pelos seus acionistas; quando dão prejuízo, este é suportado pelos contribuintes. Em Portugal, os contribuintes portugueses já pagaram mais de 20 000 milhões de euros de prejuízos da banca privada.

Há outro aspeto extremamente importante que é a facilidade/leviandade com que gestores de bancos privados são chamados a funções públicas de supervisão nos bancos centrais e a rapidez com que estes passam para a gestão daqueles bancos privados.

Por tudo isto, por todos estes maus exemplos, é necessário um alargamento das competências do Banco Central Europeu e um reforço dos seus poderes para que possa exercer uma rigorosa supervisão bancária em todo o território da União Europeia. Só assim os bancos serão recolocados ao serviço das finalidades para que foram criados e pelas quais são largamente beneficiados pelos poderes públicos e pelos contribuintes europeus.

Δημήτριος Παπαδημούλης (GUE/NGL). – Κύριε Πρόεδρε, η Ευρωπαϊκή Κεντρική Τράπεζα είναι η ομπρέλα του κοινού μας νομίσματος, του ευρώ, και χρειάζεται και ανεξαρτησία και διαφάνεια και δημοκρατική λογοδοσία. Είμαι από αυτούς που έχουν επικρίνει συχνά και σφοδρά την Ευρωπαϊκή Κεντρική Τράπεζα, αλλά για τους αντίθετους λόγους απ' αυτούς που κάνουν την άκρα δεξιά αυτής της αίθουσας και ορισμένους υπερσυντηρητικούς του Βερολίνου να κατηγορούν τον κύριο Draghi.

Κυρίες και κύριοι συνάδελφοι, το πρόγραμμα ποσοτικής χαλάρωσης είναι μια θετική ενέργεια και ανυπομονούμε εμείς στην Ελλάδα να πάρουν τις αποφάσεις τους στο Eurogroup, έτσι ώστε και η Ελλάδα να συμμετάσχει στο πρόγραμμα ποσοτικής χαλάρωσης. Και πρέπει να πω ότι η Ευρωπαϊκή Κεντρική Τράπεζα έκανε τα τελευταία χρόνια απ' όσα έκαναν οι κυβερνήσεις περισσότερα για να προστατεύσει την απασχόληση λαμβανομένου υπόψη ότι έχουμε μια ατελή νομισματική ένωση και μια ατελή τραπεζική Ένωση. Αν θέλουμε ανάπτυξη και κοινωνική συνοχή πρέπει να εμβαδύνουμε...

(Ο Πρόεδρος διακόπτει τον ομιλητή)

Ernest Urtasun (Verts/ALE). – Señor presidente. Miren, yo tengo muchas cuestiones sobre el control democrático del Banco: por las cartas que se mandaron, por el funcionamiento de la línea de liquidez de emergencia, por cómo funciona el programa de compra de bonos... Pero miren, sobre las cuestiones que ustedes plantean, sobre la cuestión legal, tanto el Tribunal de Justicia de la Unión Europea como, incluso, el Tribunal de Karlsruhe han emitido sentencias diciendo que lo que ha hecho el Banco Central Europeo está dentro del marco legal de los Tratados. Ese debate ustedes ya lo han perdido, el debate legal. El de los argumentos, también. Pero el legal, también.

Y, si entramos en el debate del mandato, tengo que decirles que, efectivamente, las medidas estaban dentro del mandato, porque lo que evitó el Banco Central Europeo fue la deflación y fue que entraran algunos Estados miembros en bancarota. Y eso, evidentemente, entraba en el mandato. Luego podemos hablar, evidentemente, de las cuestiones que se hicieron en la troika —sobre las cuales, por ejemplo, el Tribunal también ha emitido una opinión— y, también, sobre cómo se están aplicando las medidas extraordinarias, pero termino con esto. El debate sobre si las medidas del Banco Central Europeo encajan en los Tratados, ese debate ustedes ya lo han perdido.

Marco Valli (EFDD). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, sono molto contento che il collega Starbatty e la sua delegazione abbiano calendarizzato questa discussione, perché è fondamentale in quest'Aula parlare di euro, parlare di una moneta che in questo momento sta creando enormi squilibri tra i paesi che l'hanno adottata.

19 paesi che hanno evidenti necessità diverse in termini di politiche monetarie e, si denota anche dallo scontro politico che c'è in quest'Aula, sulle diverse necessità dei propri paesi di adottare politiche monetarie diverse, di come una sola politica non sia in grado di risolvere i problemi in termini di inflazione e necessità di tassi di interessi. Quindi a questa risposta, purtroppo, finché non ci sarà una politica comune economica e monetaria, non si troverà mai soluzione.

Il problema è che, mentre si sta cercando di creare questa costruzione ipotetica e molto utopistica, ci sono degli *shock* e ringrazio proprio la delegazione tedesca, che è una delle poche delegazioni in questo Parlamento se non forse l'unica, che ammette che la Germania sta accumulando un grosso surplus commerciale, in parte proprio a causa di un euro che è sottovalutato per la propria economia.

Ora, vogliamo risolvere questa questione alla radice? Possiamo trovare una soluzione? Benissimo, conferiamo ai paesi che sono in necessità economica e che devono fare politiche di investimento, da parte dei paesi in surplus, una quota di quello che stanno guadagnando. Forse così potremo dare un po' più di ossigeno a certi paesi che oggi subiscono invece una moneta sopravvalutata per la propria economia.

Inoltre, se Macron e la signora Merkel dicono che i trattati possono essere rivisti, benissimo, rivediamoli, e rivediamoli per quelli che sono i vincoli economici, perché non è possibile che in questo momento dove c'è bisogno di investimento pubblico non ci sia la possibilità di rilanciare l'economia.

Concludo dicendo che una sola politica monetaria non potrà mai risolvere i problemi di 19 paesi che hanno necessità diverse e questo è il tema su cui bisogna focalizzarsi in questo Parlamento e la discussione politica nei prossimi mesi.

Gerolf Annemans (ENF). – Voorzitter, ik zou de EU-kritische leden van dit Parlement – dat zijn er gelukkig steeds meer – willen oproepen om ons bij onze eurokritiek niet alleen te concentreren op de Europese Unie zelf, maar vooral op de eurozone. Want veel meer dan de Europese Unie – we hebben gezien dat het Verenigd Koninkrijk zich op grond van het Verdrag daaraan heeft kunnen onttrekken, zich heeft bevrijd – veel meer dan de Europese Unie zelf, is de eurozone een gevangenis, en meer bepaald een gevangenis zonder deur, wat meneer Draghi recent nog eens heeft onderstreept door te zeggen dat nergens is voorzien dat men uit die eurozone kan weggaan.

Als ik dan zie wat men hier moet doen en doet, dagelijks, om die eurozone stabiel te houden, met *Capital Market Unions*, met Europese depositogarantiestelsels, met Europese eenmaking van coverbondstelsels, met de verdere uitbouw van die bankenunie, als ik hier zie hoe infrastructuur, pensioenen, loonpolitiek, pensioenen, al onze begrotingen, besnuffeld worden door de Europese Unie, als ik zie, na de zaak Macron, hoe hier, tot vanmorgen toe, in groot enthousiasme een nieuwe minister van Financiën voor de hele eurozone, een nieuw Europees Parlement, euroschuldpapieren, eurobonds worden ingevoerd, en als we uiteindelijk zien wat de arrogantie is waarmee de ECB steeds meer macht naar zich toetrekt, ja, dan moeten we tot de vaststelling komen dat we aan het evolueren zijn naar één sociaaleconomische standaardzone die goed uitkomt voor het zuiden van Europa – want de schuld blijft goedkoop en kan steeds groter worden –, die goed uitkomt voor Duitsland – want de standaardconomie van Duitsland beschikt binnen de eurozone over een munt die normaal gesproken 30 tot 50 procent duurder zou moeten zijn in de internationale handel. Er is een monsterverbond

dat ons regeert. De norm die gesteld is, is: "Als Marine Le Pen geen president wordt, als Geert Wilders geen minister-president wordt, dan heeft de Europese Unie gestemd voor méér sociale, economische eenheid, voor méér Europese Unie."

Dat is strijdig met de Europese gedachte zelf. De Europese gedachte berust op verschillen en niet op die eenheid die men hier creëert.

Steven Woolfe (NI). – The ECB is supposed to be independent, but as everybody in this room knows, it is merely a pure political vehicle for the monetary control of European countries. We could see that when Mario Draghi, the chairman of the ECB, said that he would do 'whatever it takes' to save the euro. Well, 'whatever it takes' cost millions of lives in poverty and unemployment in Greece. It was a transfer union from people in the North to try and save the South, but asked for austerity programmes even more. When we saw Cyprus depositors lose their money, and when we see the pension industry, the many young people in this audience today should be concerned that their futures are at risk because pension industries and insurance industries will not be able to pay for them in the future. He may have saved the Union for the moment, but he has left a time bomb of destruction under the European nations. It has not gone away, and I pray: do something now, before it explodes and causes all of Europe to have a problem once again.

Werner Langen (PPE). – Herr Präsident! Die Fundamentalkritik von Professor Starbatty halte ich für überzogen und falsch. Die EZB ist unabhängig, nicht weisungsgebunden, eigenverantwortlich anhand ihres Mandats. Wir wollen – und Sie sicher auch – nicht eine Zentralbank, die politischem Pferdehandel unterliegt. Deshalb ist dies wichtig. Zweitens: Man kann kritisch über die Instrumente und die Ziele diskutieren, und da haben Sie Ihrem Kollegen Lucke – oder umgekehrt – widersprochen. Sie haben gesagt, das EP macht die Augen zu. Herr Lucke hat gesagt, wir haben einen kritischen Bericht abgegeben. Das passt ja nicht zusammen. Drittens: Natürlich gibt es Probleme mit der EZB. Die EZB hat gedacht, sie könnte gegen die Produktivitätsfortschritte der IT-Industrie und gegen sinkende Ölpreise mit der Geldpolitik die Wirtschaft ankurbeln – das war ein Fehler.

Aber das sind auch Konstruktionsfehler. Warum haben wir keine Stimmrechte anhand der Haftungsanteile? Das ist eine Frage, die man stellen kann. Wieso definiert die EZB das Inflationsziel selbst? In den Verträgen steht „nicht unter 2 %“ – selbst definiert, von Herrn Trichet! Wieso ist es nicht möglich gewesen, tatsächlich Staaten und Banken zu trennen? Nein, die lockere Geldpolitik hat die Banken noch näher an die Staaten herangeführt. Also eine Reihe von kritischen Punkte, über die man diskutieren kann und muss.

Abschließend möchte ich feststellen: Herr Draghi ist regelmäßig hier, wir kritisieren ihn auch, und deshalb ist die Frage der demokratischen Rechtfertigung nicht angemessen.

Jonás Fernández (S&D). – Señor presidente, la verdad es que agradezco este debate porque es una buena oportunidad para demostrar que este Parlamento sí hace una labor de escrutinio del trabajo del BCE; que, junto con estos debates, los seguimientos periódicos en la Comisión —los informes anuales— acompañan con un análisis crítico el trabajo del BCE.

En todo caso, señor Starbatty, no puede decirnos que el BCE no cumple con el Tratado ni con sus objetivos. Llevamos cinco años en los que el objetivo de inflación se ha ido incumpliendo permanentemente; hemos estado en serio riesgo de deflación; la inflación no ha alcanzado el 2 % durante, como digo ya, un lustro. Por lo tanto, todo lo que hemos hecho —fundamentalmente a partir de 2012—, todo lo que ha hecho el BCE ha ayudado a buscar ese objetivo. Es verdad que podría haberlo hecho antes, como hizo en los Estados Unidos la Reserva Federal, y habernos ahorrado muchos costes y muchos sufrimientos en esta crisis, pero para ello hubiéramos necesitado un pilar fiscal en la eurozona. Algo que vamos a tener que construir en el futuro.

Es verdad, en todo caso, señoría, que la política monetaria puede generar alguna distorsión, como estamos viendo en los superávits por cuenta corriente en algunos países: en Alemania, en Holanda; pero, para corregir esos problemas, necesitamos una política de inversión en esos países. Para corregir esos desequilibrios está la política fiscal que sigue siendo nacional, en muchos casos, y por lo tanto los problemas con los superávits corrientes tenemos que corregirlos con la política fiscal en los Estados miembros.

Podemos, en cualquier caso, también hablar de reformas de los Tratados; y ahí, mi grupo estará para apoyar el crecimiento, para ver si ese objetivo de inflación —como decía el señor Langen— puede pasar por un control presupuestario, y por supuesto para que los beneficios del BCE, que son de todos los europeos, vayan a contribuir al presupuesto de la zona del euro.

Νότης Μαριάς (ECR). – Κύριε Πρόεδρε, η Ευρωπαϊκή Κεντρική Τράπεζα δεν μπορεί να είναι ανεξέλεγκτη. Οφείλει να λογοδοτεί στο Ευρωπαϊκό Κοινοβούλιο, μια και οι αποφάσεις της επηρεάζουν καθοριστικά την οικονομική και κοινωνική ζωή των λαών της Ένωσης. Ταυτόχρονα, απαιτείται διαφάνεια στη λειτουργία της ΕΚΤ και άρση της σύγκρουσης συμφερόντων διότι η ΕΚΤ δεν μπορεί να είναι ταυτόχρονα και νομισματική αρχή και εποπτική αρχή των συστημικών τραπεζών και μέλος της τριόικας.

Προτείνω το Ευρωπαϊκό Σύστημα Κεντρικών Τραπεζών να γίνει πιο ευέλικτο και πιο αποκεντρωμένο. Στο πλαίσιο αυτό, η εθνική κεντρική τράπεζα κάθε κράτους μέλους της ευρωζώνης πρέπει να εξελιχθεί σε ύστατο δανειστή για το κράτος μέλος αυτό και να μπορεί να ασκεί νομισματική πολιτική προσαρμοσμένη στις ανάγκες της οικονομίας του εν λόγω κράτους μέλους, αξιοποιώντας ως εργαλεία σειρά μη συμβατικών μέτρων νομισματικής πολιτικής και ιδίως την ποσοτική χαλάρωση, μέχρι του ποσοστού συμμετοχής της εν λόγω εθνικής κεντρικής τράπεζας στο κεφάλαιο της ΕΚΤ.

Matt Carthy (GUE/NGL). – Mr President, in 2015, Mario Draghi claimed in a letter to me that the ECB didn't prevent the burning of our senior bondholders in Irish banks, but then the Irish parliamentary banking inquiry found last year that the ECB had indeed blocked burden share. We've learned that Mr Draghi's predecessor, in correspondence to the Irish Government, stated in black-and-white terms that the ECB threatened to cut emergency assistance to Ireland if the government didn't request a bailout, and then demanded a series of austerity measures and a fire sale of public assets, against the opinion of even the IMF. Where exactly in its mandate does it say that the ECB has the power to do this? Its so-called independence is pure fiction. In reality, we all know that Mr Draghi is completely reliant on the Governing Council and the Eurogroup, an organ that doesn't even exist in the treaties. So now we hear that new initiatives are being dreamt up by the Commission about introducing democratic oversight of the euro. They are meaningless unless they are about democratically and dramatically reforming the ECB, and a key part of that has to ensure that the ECB is accountable to national parliaments, as well as to this House.

David Coburn (EFDD). – Mr President, honourable Members, even before the Brexit referendum, the ECB was trying a power grab of UK financial services, in an attempt to restrict clearing of euro-denominated derivatives to inside the eurozone. The EU – or ECB rather – was unsuccessful then, but the French and now a German MEP repeated the suggestion. In fact, Manfred Weber appeared to go further last month, and sought to exclude London from all business conducted in euros. What better example, honourable Members, can we have of the EU's ability to cut off its nose to spite its face.

London clears derivatives and currencies from all over the world without being in political union with third countries. For the EU to introduce geo-blocking of euro clearing would be a message to the whole world that the euro should not be regarded as a global reserve currency. Manfred Weber, as leader of Merkel's Christian Democrats here in Strasbourg, should think twice about what the EU might lose if it seeks to punish Britain and the city of London. The EU will quickly discover that an economic blitzkrieg is a double-edged sword.

Barbara Kappel (ENF). – Herr Präsident, Herr Kommissar Ansip! Bis zum Ende des Anleihekaufprogramms, also bis zum Ende dieses Jahres, wird die Europäische Zentralbank 2 500 Milliarden Euro in den Ankauf von Anleihen und Schuldtiteln investiert haben. Die Bilanzsumme der Bank wird sich bis dahin auf über 4 500 Milliarden Euro erhöhen. Das ist mehr als die Federal Reserve, das ist mehr als die Bank of Japan, also ein Allzeithoch. Trotz dieser enormen Geldmengen ist es aber nicht gelungen, mit dem Anleihekaufprogramm in den Mitgliedstaaten Strukturreformen umzusetzen oder eine Reduktion der Verschuldung herbeizuführen. Ganz im Gegenteil.

Nehmen wir Italien als Beispiel. Das Land hat einen 20 %igen Anteil von *non performing loans* in seinen Bankbilanzen, eine Staatsverschuldung von 133 % des BIP, das sind 2003 Milliarden Euro, und das niedrigste Wirtschaftswachstum in ganz Europa – niedriger als Griechenland oder Zypern. Die Experten sagen, dass es beim Umgang mit den italienischen Schulden ohnedies nur noch zwei Optionen gibt: Entweder greifen die Mitgliedstaaten den Italienern unter die Arme mit einer Vergemeinschaftung und einer Neustrukturierung, oder die EZB setzt die Krisenpolitik fort.

Angeichts der Verbesserung der Konjunkturlage und angesichts der Inflationsrate, die wir jetzt haben, die schon sehr nahe am Preisstabilitätsziel der EU ist, würde ich aber sagen, dass es hoch an der Zeit ist, eine geldpolitische Wende einzuleiten, damit die Mitgliedstaaten tatsächlich gemahnt sind, ihre Strukturreformen umzusetzen.

Ελευθέριος Συναδινός (NI). – Κύριε Πρόεδρε, η Ευρωπαϊκή Κεντρική Τράπεζα ασκεί μια πολιτική ανισοτήτων άνευ διαφάνειας έναντι των κρατών μελών και εξυπηρετεί κυρίως τα συμφέροντα των ισχυρών της Ευρώπης. Θα μπορούσε να ασκεί τον ρόλο της όπως μια εθνική τράπεζα ενός κυρίαρχου κράτους, δηλαδή να προχωρά σε υποτίμηση του ευρώ ή να εξυπηρετεί το χρέος κάποιου κράτους, ώστε να αποφεύγεται ο πληθωρισμός και να διατηρείται η πιστοληπτική ικανότητα των αδύναμων κρατών. Αντίθετα, ενώ είναι πασιφανής αναγκαιότητα και χρησιμότητα της έκδοσης ευρωομολόγων, η Τράπεζα υποκύπτει στην άρνηση της γερμανικής κυβέρνησης. Βάσει της Συνθήκης, η Ευρωπαϊκή Κεντρική Τράπεζα δεν ελέγχεται από δημοκρατικά εκλεγμένους εκπροσώπους των λαών. Η ανεξαρτησία αυτή έχει μετατραπεί σε ασυδοσία. Η προληπτική της εποπτεία στα πιστωτικά ιδρύματα και η συμβολή της στη σταθερότητα του χρηματοπιστωτικού συστήματος παραμερίζεται εσκεμμένα για ιδιοτελείς σκοπούς. Παράδειγμα, η ένοχη σιωπή της όταν η σοσιαλιστική κυβέρνηση Σημίτη στην Ελλάδα χάλκευε τα στοιχεία ελλείμματος και δημοσίου χρέους για να μπει η χώρα στην ευρωζώνη. Ο τρόπος λειτουργίας και η λογοδοσία της Ευρωπαϊκής Κεντρικής Τράπεζας πρέπει να αλλάξει. Προέχει η ευημερία των πολιτών της Ένωσης και όχι ο πλουτισμός των τραπεζιτών και των διεφθαρμένων πολιτικών.

Siegfried Mureșan (PPE). – Mr President, the title chosen for this debate, ‘Powers and control of the ECB’ is unfortunate, I have to say, as the ECB does not control, and nor should it be controlled by any political institution. The European Central Bank’s political, institutional and legal independence is fundamental to the fulfilment of its mandate, and I think we should be very clear on this. The ECB has remained an indispensable actor during and after the euro crisis of the past years. During this time, the ECB has acted within and on the verge of its mandate, in order to enable price stability and to achieve its monetary policy objectives. We have seen in January 2015 that the inflation rate was minus 0.6% and now we are seeing that we are very close to the 2% target. But of course with great power comes also great responsibility and democratic accountability. The ECB is directly accountable to the European Parliament. In the Committee on Economic and Monetary Affairs we have constant dialogue with the President and the Vice-President, but clearly more has to be done. Number one: cooperation of the ECB and the European Parliament can still be further developed through more far-reaching communication between the two institutions and, number two: trust of the European citizens in the euro and in the ECB is of great concern to us. The public has to be able to understand the monetary policy of the ECB as transparency is vital for the credibility of the euro area and the trust which the people have in our common currency.

Pedro Silva Pereira (S&D). – Senhor Presidente, como seria de esperar, este debate sobre os poderes e o controlo do BCE tornou-se numa forma não de construir soluções para reforçar a transparência e a prestação de contas do Banco Central, mas de combater a política monetária expansionista do Banco Central Europeu. Conhecemos bem o argumento.

Todas as respostas europeias à crise começaram por ser acusadas de violar os tratados e os mandatos legais das instituições. A política monetária não é exceção. A verdade é que a situação da economia europeia seria, hoje, muito pior sem o contributo do BCE e uma decisão precipitada de retirada dos estímulos à economia seria um erro, um erro grave, que poria em risco a recuperação da economia europeia.

É evidente que os que combatem a política monetária expansionista do BCE pensam mais nos interesses próprios do que nos interesses comuns da Europa, mas é a esses que é preciso lembrar que também não é esse o mandato do BCE. O mandato do BCE é defender o conjunto da zona euro e esperamos que assim continue.

PRZEWODNICTWO: RYSZARD CZARNECKI*Wiceprzewodniczący*

Peter van Dalen (ECR). – Voorzitter, overal ter wereld moet je je aan de wet houden. Dat geldt dus ook voor de ECB. Maar helaas schendt de ECB het EU-Verdrag op ten minste twee punten.

Artikel 123 van het Verdrag stelt dat de ECB geen schuldbewijzen mag opkopen. De bank doet dat toch al jaren. En men past daar een trucje voor toe, namelijk door die schuldbewijzen niet rechtstreeks op te kopen. Daardoor schendt de ECB weliswaar niet de letter, maar óverduidelijk wel de geest van het Verdrag.

Artikel 127 van het Verdrag verplicht de ECB tot een doelmatige toewijzing van de middelen. De ECB heeft inmiddels voor 2 500 miljard euro aan schuldpapieren opgekocht. Hierdoor is de rente zo laag dat pensioenfondsen in de problemen komen, lidstaten geen hervormingen doorvoeren en ook de waarde van de euro historisch laag is. Het ECB-beleid van “gratis geld in de economie pompen” schendt dus ook dit artikel van het Verdrag.

Hoe zou het toch komen, Voorzitter, dat zoveel burgers de EU steeds meer wantrouwen? Drie keer raden...

Νικόλαος Χουντής (GUE/NGL). – Κύριε Πρόεδρε, κύριε Επίτροπε, κύριοι συνάδελφοι ποιος είναι ο βίος και η πολιτεία της Ευρωπαϊκής Κεντρικής Τράπεζας; Το 2011, ο τότε Πρόεδρος της Ευρωπαϊκής Κεντρικής Τράπεζας κύριος Τρισέ απειλούσε τις εκλεγμένες κυβερνήσεις της Ιρλανδίας και της Ελλάδας ότι θα διέκοπτε την παροχή ρευστότητας προς τις τράπεζες αν δεν έπαιρναν και άλλα μέτρα λιτότητας. Το 2015 στην Ελλάδα, επιβλήθηκαν πραξικοπηματικά από τον κύριο Draghi έλεγχοι στην κίνηση κεφαλαίων για να τιμωρηθεί ο ελληνικός λαός που αναζητούσε τη σωτηρία του για την καταστροφική λιτότητα και το μη βιώσιμο χρέος που είχε. Η Ευρωπαϊκή Κεντρική Τράπεζα λοιπόν αποτελεί έναν μηχανισμό επιβολής οικονομικών εκβιασμών και πραξικοπημάτων, ώστε να τιμωρούνται με ασφυκτικές οικονομικές συνθήκες οι λαοί που αμφισβητούν τη λιτότητα και τις ιδιωτικοποιήσεις. Οι μνημονιακές κυβερνήσεις μπορούν να υποκύπτουν σ’ αυτούς τους εκβιασμούς, αλλά ο ελληνικός λαός με κλειστές τράπεζες το 2015 είπε ένα βροντερό «όχι» στα τελεσίγραφα Draghi – Juncker. Σήμερα ο ελληνικός λαός είναι σε πανελλαδική παλαίικη απεργία, αγωνίζεται ενάντια στα μέτρα λιτότητας, αγωνίζεται ενάντια στα συνεχή μνημόνια της τρόικας όπου συμμετέχει και η Ευρωπαϊκή Κεντρική Τράπεζα.

Auke Zijlstra (ENF). – Voorzitter, de euro zou veel dingen leveren: volledige werkgelegenheid, permanente groei, gezond investeringsklimaat. Maar in werkelijkheid levert de euro alleen ongenoegen, instabiliteit en een geldstroom van Noord naar Zuid. We hebben een negatieve rente die slachtoffers maakt onder iedereen met spaargeld.

En dit gebeurt allemaal onder regie van de ECB. Die bank is zogenaamd onafhankelijk en niet politiek, maar houdt zich in de praktijk alleen nog bezig met het op de been houden van die lidstaten waar het aan politieke wil ontbreekt om begrotingstekorten aan te pakken.

De ECB heeft echter als enige opdracht prijsstabiliteit. De angst voor deflatie is volledig verdwenen, de inflatie nadert ondertussen de twee procent en ook de kerninflatie is stabiel.

De Verenigde Staten hebben ondertussen de rente verhoogd, want de crisis is voorbij. Dat heeft ook Brussel gezegd: de crisis is voorbij. En nu zullen we het dus weten. Zal de ECB ooit nog de rente verhogen?

Ik ben ervan overtuigd dat dat niet meer zal gebeuren. De ECB is geen centrale bank meer. Het is één grote geldpers geworden voor de zuidelijke eurolanden, ten koste van bijvoorbeeld de Nederlandse pensioenfondsen. De rekening voor Nederland loopt dan ook steeds verder op.

Voorzitter, wij hebben dan ook geen keuze meer: Nederland móet uit de euro.

Cătălin Sorin Ivan (S&D). – Mulțumesc mult, domnule președinte, două lucruri sunt importante, cred, de precizat: în primul rând, dacă vorbim despre o zonă euro mult mai de succes, mult mai importantă, mult mai atractivă, atunci va trebui să vorbim despre solidaritate în interiorul Uniunii euro. Va trebui să vorbim despre țări membre ale Uniunii monetare, ale zonei euro care sunt solidare unele cu celelalte, țări cu surplus, țări cu deficit. Trebuie să înțelegem că în interiorul zonei euro nu putem avea țări care o duc bine și țări care o duc prost fără să existe repercusiuni.

În al doilea rând, am auzit spunându-se că Banca Centrală Europeană nu își îndeplinește mandatul. Eu cred că își îndeplinește foarte bine mandatul, dar din păcate este un mandat restrâns, din păcate se referă doar la stabilitatea prețurilor, la inflație în zona euro. Eu cred că avem nevoie de o Bancă Centrală Europeană mult mai puternică, o Bancă Centrală Europeană care să vorbească și despre creșterea economică, să vorbească și despre lupta împotriva șomajului, o Bancă Europeană care se referă la cetățeni în primul rând și abia după aceea la bănci.

Richard Sulík (ECR). – Herr Präsident! Die Europäische Zentralbank missbraucht langfristig ihre Position, weil sie Staaten mit Krediten versorgt, denen private Investoren nicht mehr vertrauen, und das auch noch zu Zinsen nahe Null. Eines Tages wird diese vernichtende Politik in einem Disaster enden und man wird sagen: Seht her, der Markt hat versagt. Die Wahrheit ist jedoch, dass der Markt außer Kraft gesetzt wurde.

Am Beispiel Italiens sieht man, was die Schuldenpolitik bewirkt: Die Zinsen sind in letzten zehn Jahren stetig gesunken, die Schulden sind immens gestiegen. Heute hat Italien und seit neuestem auch Frankreich mehr absolute Schulden als Deutschland, obwohl deren Wirtschaften spürbar kleiner sind. Die Deutschen sind auch noch so dumm, dass sie das alles bezahlen.

Target 2-Forderungen: neuer Rekord, Auslandsforderungen in Form von Auslandsvermögen: auch ein Rekord: Haftung bei der EZB – noch ein Rekord. Und als ob das nicht genug wäre, fordert der neue politische Superstar Herr Macron Eurobonds, was noch mehr Schulden bedeutet. Und dann wundern wir uns nur, wo all diese Extremisten herkommen.

Marisa Matias (GUE/NGL). – Senhor Presidente, vamos ser honestos: o Banco Central Europeu é, simultaneamente, o banco central com maiores poderes e menor controlo em todo o mundo.

Os problemas decorrentes dos poderes do Banco Central Europeu têm três ordens diferentes. Primeiro, é o conflito de interesses entre as diferentes funções do Banco Central que, desde logo, trata da política monetária, é supervisor, enfim, é polícia e ladrão, e ninguém controla.

O segundo problema tem a ver com o mandato do BCE. O mandato do BCE torna-o um banco inimputável perante as consequências económicas e sociais da sua política monetária.

O terceiro problema é – para além dos limites do mandato do BCE, que simplesmente não existem – que o BCE atua em todas as áreas que entender por bem atuar, seja nas áreas económicas, seja nas áreas sociais, chegando ao ponto de desenhar programas de ajustamento ao pressionar financeiramente os países com governos com uma orientação política que seja diferente da do BCE, como aconteceu, por exemplo, com a Grécia.

Portanto, falar de controlo democrático, Sr. Presidente, é só olhar para este Parlamento. Os responsáveis do BCE vêm cá dar explicações quando lhes apetece, dizem o que lhes apetece; se não lhes apetecer dizer nada, enchem-nos de vacuidade e de vazios. Mas, na realidade, o BCE não tem controlo e, como disse, tem o maior poder e o menor controlo de qualquer banco central à escala mundial.

Andrus Ansip, Vice-President of the Commission. – Mr President, honourable Members of the European Parliament, an independent central bank is key for credible monetary policy. Independence goes hand in hand with clear accountability arrangements and independence does not exclude lively discussion about how the ECB carries out the tasks and duties conferred upon it by the Treaty.

Today's topical debate was part of this discussion. I am sure your monetary dialogues with the ECB President will provide many opportunities to discuss your views directly with President Draghi also.

Przewodniczący. – Zamykam debatę.

Oświadczenia pisemne (art. 162)

Nicola Caputo (S&D), per iscritto. – La questione della distanza tra cittadini ed Istituzioni europee coinvolge la sua architettura istituzionale, che si fonda sull'euro e sulla *governance* economica europea. Non sembra che le carenze di tale *governance* - che ho più volte sottolineato in questa sede sotto il profilo della necessaria implementazione della trasparenza del trattamento fiscale – siano state colmate né dal Piano di investimenti per l'Europa del 2014, né dal *quantitative easing* della BCE, che pure si è dimostrato essere straordinario strumento di riequilibrio sui fondamentali. Ma la questione è quella della centralità della lacuna di una vera politica fiscale e anticongiunturale europea. Bisogna abbandonare la logica passiva del mero monitoraggio della conformità delle politiche di bilancio nazionali con le regole del *fiscal compact* e va con coraggio affrontata la questione dell'istituzione, con logica attiva, di una politica fiscale anticiclica per l'eurozona. A mio giudizio tale mutamento deve avere due *player* privilegiati e non sostituibili: la BCE

ed il Parlamento europeo, per garantire solidità di intervento ma anche adeguata responsabilità democratica e titolarità ai cittadini sulla *governance* dell'euro.

Paloma López Bermejo (GUE/NGL), *por escrito*. – No comparto el discurso de quien defiende que el euro fue mal diseñado: al menos no desde la perspectiva de quienes lo crearon. La independencia del BCE significa que los sistemas financieros y mercados de deuda nacionales están a merced del capital internacional, que tiene total libertad para decidir qué políticas e inversiones se financian y cuáles no, otorgándole en última instancia el control sobre la economía y los presupuestos de los Estados miembros. En este sentido, añadir nuevos niveles de gobernanza o reforzar los poderes del Banco Central me parece sólo un intento de formalizar y legitimar el funcionamiento del BCE durante la crisis: que lo mismo chantajea a Grecia y España para aplicar reformas laborales que acude a subastas privadas de grandes multinacionales para financiarlas a coste cero. No creo que éste sea el camino. El BCE debe subordinarse a los poderes públicos, nacionales y europeos, y acudir a los mercados de deuda pública cuando el capital financiero pierda su apetito depredador por los mismos. Sólo así generará la estabilidad necesaria para financiar las políticas sociales y de inversión pública que Europa necesita.

Maria Lidia Senra Rodríguez (GUE/NGL), *por escrito*. – El BCE está tomando decisiones políticas que no le corresponden, con un escaso o nulo control del Parlamento Europeo. Su actuación en Grecia o en el Estado español son ejemplos de cómo sus decisiones no son neutrales ni independientes, y sirven para favorecer a la gran patronal bancaria y a los mercados especulativos en detrimento de las clases populares. La Defensora del Pueblo Europeo lo ha acusado de dar información privilegiada a actores del sector financiero y Transparencia Internacional de extralimitarse tomando decisiones «políticas». Por eso consideramos que es urgente poner fin al negocio que supone la deuda. Que el BCE abandone la Troika y no actúe de parte de los actores financieros o de los intereses de las economías más fuertes, obligando a los Estados del Sur de la Unión a acometer recortes sociales para mantener la liquidez de su banca. Acabar con las puertas giratorias. Dar capacidad al Parlamento Europeo para que ejerza un control real y exhaustivo del BCE. Que el BCE garantice realmente el fin de los escándalos financieros de la Banca y que en ningún caso las pérdidas de este sector acaben comprometiendo los servicios públicos, las pensiones, los recursos naturales o los bienes públicos.

17. Portabilidade transfronteiras dos serviços de conteúdos em linha no mercado interno (debate)

Przewodniczący. – Kolejnym punktem porządku dnia jest sprawozdanie sporządzone przez Jeana-Marię Cavadę w imieniu Komisji Prawnej w sprawie wniosku dotyczącego rozporządzenia Parlamentu Europejskiego i Rady w sprawie zapewnienia możliwości transgranicznego przenoszenia na rynku wewnętrznym usług online w zakresie treści

(COM(2015)0627 – C8-0392/2015 – 2015/0284(COD)) (A8-0378/2016)

Jean-Marie Cavada, *rapporteur*. – Monsieur le Président, la situation française suppose que l'on soit disponible pour les commentaires, puisque nous sommes en train de constituer un gouvernement à forte densité européenne.

J'en viens au rapport et je voudrais me féliciter de cet accord car il nous fait franchir un pas très important entre les trois institutions et permettra l'application de ce règlement, de façon concrète, début 2018.

Cette proposition était très attendue des citoyens européens, qui pourront maintenant se déplacer en emportant les services auxquels ils sont abonnés dans leur propre pays. Le règlement s'appliquera aux services fournis contre rémunération; par conséquent, le principe du maintien du droit d'auteur est sanctifié et souligné par ce texte mais nous introduisons une liberté nouvelle qui est tout à fait importante, celle de pouvoir se déplacer temporairement et de bénéficier temporairement des services dont on dispose dans notre lieu de résidence, dans notre pays d'origine.

La définition et les moyens de vérification de l'État membre de résidence constituent une disposition tout à fait essentielle pour le fonctionnement de ce dispositif. Le texte est suffisamment clair: les fournisseurs des services devront vérifier le pays de résidence des abonnés et les contrôles seront effectués conformément aux règles de l'Union européenne, à savoir notamment qu'ils ne transgresseront pas les règles relatives à la protection des libertés individuelles et à la discrétion des données. De ce point de vue aussi, ce texte est très équilibré.

De même, un système de dérogation à la vérification est également prévu en cas d'accord entre les fournisseurs de services et les ayants droit, à condition que l'ensemble des ayants droit au contenu utilisé par le fournisseur de services soit concrètement inclus dans l'accord et qu'il n'y ait pas de fraude sur l'État de résidence.

Afin de prévenir les abus, il sera possible au fournisseur de services, s'il en a la volonté, de vérifier dans une liste fermée de possibilités, notamment au moyen de l'adresse IP, s'il n'y a pas de fraude à cet accord, de façon à maintenir l'équilibre entre les deux aspects, droits d'auteur, d'une part, et liberté de circulation pour les déplacements temporaires, d'autre part.

Je sais la nécessité pour notre marché unique numérique de pouvoir concilier l'exercice des droits de propriété intellectuelle et la libre prestation des services commerciaux. Ce règlement a donc réussi, en réalité, un pari qui apparaît à beaucoup, pour des raisons idéologiques, difficile mais qui, avec un peu de bon sens et de volonté de ne pas appauvrir la création européenne, peut s'appliquer sans aucune difficulté.

Aujourd'hui, je souhaite que nous puissions tous compléter ce texte afin de pouvoir entamer des négociations entre les trois institutions qui permettent une application rapide.

À cet égard, je remercie M. le commissaire d'avoir fait un pas vers les différentes demandes que nous avons faites dans ce sens et j'espère que nous aboutirons très vite à l'application de ce règlement, probablement en 2018, comme je l'ai dit.

Andrus Ansip, *Vice-President of the Commission* – Mr President, honourable Members of the European Parliament, we all know that those roaming surcharges will be abolished in the European Union very soon. The 15 June will be the end date of those roaming surcharges for European citizens, and if people do not have to pay those high roaming surcharges anymore, they would like to get more and more access to their legally bought digital content even when they travel in other EU Member States.

We know that 20% of European citizens spend at least ten days during the year in some other EU Member State, and many of those people travelling in some other EU Member State would like to get access to their legally bought digital content; to their favourite movies, TV series, music, video games, e-books, audio books, sports events, and football, all of which are really important. But today, they cannot do so. We have to provide legal access to digital content for our citizens. We know that according to public opinion polls, even 20% of internet users in the European Union are using VPN to get access to digital content. Even 68% of film viewers in the European Union say that they are using so-called free downloads. This is a problem. Authors are not fairly remunerated. So, I am happy that we were able to reach consensus in this cross-border portability proposal, and I am absolutely sure that all the European citizens will also be happy. I would like to thank the European Parliament, and especially the rapporteur, Mr Cavada, and all the shadow rapporteurs, and I would like to ask Parliament to vote in favour of this very important proposal.

Carlos Zorrinho, *relator de parecer da Comissão da Indústria, do Comércio Externo, da Investigação e da Energia*. – Senhor Comissário, queria também começar por cumprimentar o relator pelo trabalho conjunto que foi possível desenvolver. Todos sabemos que é muito importante definir juridicamente os procedimentos para assegurar uma efetiva portabilidade transfronteiriça de serviços e conteúdos em linha, mas isso não dispensa a harmonização e a modernização das infraestruturas tecnológicas ao nível europeu e um combate muito forte à exclusão digital, provocada quer por problemas de qualificação, quer por problemas de dificuldades económicas, quer por restrições geográficas.

Este parecer, de que fui relator na Comissão ITRE, contém contributos muito relevantes no plano jurídico e processual.

Permite diferenciar entre pagamentos de serviços e pagamentos de taxas de licenciamento.

Garante a vinculação dos credores às condições contratuais, estabelecidas à data da entrada em vigor deste regulamento.

Assegura o dever de informação quanto à qualidade dos serviços.

Estabelece as definições de assinante, consumidor, Estado-Membro de residência, de permanência temporária.

Define mecanismos simplificados de verificação.

Garante a neutralidade tecnológica.

Tudo isto é muito importante mas, como o Sr. Comissário também aqui referiu, para tirar partido desta oportunidade é importante desenvolver uma identidade digital europeia que seja fundada na inclusão digital e na liderança tecnológica e, para isso, é muito importante integrar este regulamento com o Pacote Telecom, com as regras do fim do *Roaming* ou com a concretização da iniciativa WIFI4U.

Só assim nós conseguiremos fazer da portabilidade uma medida que beneficie todos, que desenvolva o mercado e que beneficie em concreto os cidadãos europeus.

A nossa ambição deve ser, primeiro que tudo, reconectar os cidadãos europeus com o projeto europeu e concretizar medidas que influenciem e melhorem a sua vida no dia a dia.

E este regulamento em debate é um bom exemplo desse tipo de medidas.

Marco Zullo, *relatore per parere della commissione per il mercato interno e la protezione dei consumatori*. – Signor Presidente, onorevoli colleghi, prima di tutto faccio i complimenti al relatore per l'ottimo lavoro svolto.

Oggi l'Europa punta sempre più verso la mobilità dei cittadini e quindi l'impossibilità di usufruire liberamente di servizi digitali già acquistati legittimamente è una barriera non più sostenibile, quindi bene questo regolamento che supera tale difficoltà per i cittadini. Però vorrei che in futuro si andasse verso una visione per cui non ci sia nessuna discriminazione nei confronti dei cittadini sulla base dei confini amministrativi di uno Stato membro.

Come relatore della commissione IMCO sono felice che siano stati mantenuti molti dei principi che abbiamo enunciato, quindi nessun limite temporale (alla temporaneità) per permettere a chi viaggia per lavoro e anche per studio di accedere a questo servizio; assoluto divieto di tracciare i dati dell'utente; assoluto divieto di trattare e conservare i dati dell'utente e, quindi, tutela massima della riservatezza degli utenti e soprattutto, nessun costo aggiuntivo per poter usufruire di questo servizio.

Sabine Verheyen, *Verfasserin der Stellungnahme des mitberatenden Ausschusses für Kultur und Bildung*. – Herr Präsident, Herr Kommissar, liebe Kolleginnen und Kollegen! Mit der Verordnung zur Portabilität machen wir einen wichtigen Schritt zur Verwirklichung des digitalen Binnenmarktes. Es ist gelungen, einen ausgewogenen Kompromiss zu erarbeiten, der einerseits den Zugang von Bürgerinnen und Bürgern zu ihren legal erworbenen Inhalten ermöglicht – auch grenzüberschreitend –, andererseits die Rechte der Rechteinhaber jedoch ausreichend schützt, wodurch auch in Zukunft kulturelle Vielfalt abgesichert wird.

Das gut funktionierende System europäischer Filmfinanzierung und das Prinzip der Territorialität konnten auch durch ein flexibel gestaltetes Verifikationssystem geschützt werden, und dies war uns ein besonders wichtiges Anliegen im Kulturausschuss, weil wir davon überzeugt sind, dass wir die kulturelle Vielfalt und die Stärkung auch des europäischen Filmsektors zum jetzigen Zeitpunkt nur durch das Beibehalten des Territorialprinzips erreichen können und ein langer Zeitraum gebraucht wird, um hier neue Strukturen dauerhaft aufbauen zu können.

Eine große Zahl von Europäern, die sich innerhalb der EU aus unterschiedlichen Gründen – sei es aus beruflichen Gründen, zum Studium oder zur Freizeitgestaltung – vorübergehend im Ausland aufhalten, wird von dieser Verordnung profitieren, weil ihnen so ermöglicht wird, ihr Heimatprogramm, das sie legal erworben, auch auf Reisen mitzunehmen. Das entspricht unseren Vorstellungen von Mobilität und der Freiheit auch zum Zugang von Inhalten.

Ich begrüße, dass wir hier einen klaren Rechtsrahmen haben, der auf der einen Seite den Datenschutz berücksichtigt, auf der anderen Seite aber auch einen Handlungsspielraum gibt, der flexibel genug ist, um auch verschiedene Systeme der Verifikation umzusetzen, so dass wir hier in der Anwendung dennoch einfach bleiben können und dabei die notwendige Rechtssicherheit auf allen Seiten gewährleisten. Ich denke, hier ist ein guter Kompromiss gelungen, der uns einen deutlichen Schritt weiterbringt. Ich möchte den Berichterstatter und den Schattenberichterstatter an dieser Stelle recht herzlich für ihre Arbeit danken.

Angelika Niebler, *im Namen der PPE-Fraktion*. – Herr Präsident, Herr Vizepräsident der Europäischen Kommission, liebe Kolleginnen, liebe Kollegen! Auch ich möchte zunächst ein herzliches Dankeschön an unseren Berichterstatter adressieren. Monsieur Cavada, Sie haben einen exzellenten Job gemacht! Nicht nur, dass Sie sichergestellt haben, dass wir uns in kurzer Zeit auf diesen Vorschlag geeinigt haben, ich fand auch die Zusammenarbeit mit Ihnen ausgesprochen zielführend. Es gibt wenige Dossiers, bei denen wir in so kurzer Zeit dann auch für unsere Bürgerinnen und Bürger etwas erreichen können.

Und damit bin ich beim Thema. Ich freue mich, dass wir heute wirklich für unsere Bürgerinnen und Bürger etwas real Erfahrbares, Erlebbares gemacht haben – der Kommissionsvizepräsident hat es ja schon angesprochen: Ich freue mich riesig, dass wir zum 15. Juni keine Roamingaufschläge mehr haben, dass wirklich jeder mit seinem Smartphone in der Europäischen Union seine Dienste abrufen kann. Und ein Stück, um eben weiter in diesem Europa für unsere Bürger und Bürgerinnen etwas Positives zu erreichen, ist die Portabilitätsverordnung, über die wir morgen abstimmen. Ich hoffe sehr, dass es eine breite Unterstützung und Zustimmung auch von allen Seiten gibt.

Was ist damit erreicht worden? Wenn Sie heute in Urlaub fahren in ein anderes europäisches Land und Sie nehmen ein Buch mit, und Sie würden dieses Buch aufschlagen und sehen, dass es dort nur weiße Seiten gibt, dann wären Sie enttäuscht und könnten es nicht fassen. Genau das aber passiert heutzutage oft noch mit Online-Diensten mit Abos, die Sie online bestellt haben, die Sie in Ihrer Heimatstadt und in Ihrem Heimatland bezahlt haben – Spiele, Spielfilme, Sportberichterstattung etc. können nicht abgerufen werden. Künftig ist dies Gott sei Dank möglich, eben mit dieser neuen Portabilitätsverordnung.

Ich komme aus München. Ich freue mich riesig, dass ich künftig die Fußballspiele des FC Bayern nicht nur bei mir zu Hause sehen kann. Ich habe ein Abonnement, das mir das online zubilligt, und ich kann künftig auch, wenn ich hier in Brüssel oder Straßburg zu tun habe, die Fußballspiele meines Heimatvereins mitverfolgen. Das ist etwas Großartiges. Ich freue mich, dass das künftig alle Bürgerinnen und Bürger in Europa können.

PRZEWODNICTWO: BOGUSŁAW LIBERADZKI

Wiceprzewodniczący

Victor Negrescu, *on behalf of the S&D Group*. – Mr President, this report represents a new and important step towards facilitating the free movement of people and services in the European Union. It enables European consumers who subscribe to online contact services acquired legally in their Member State of residence to continue to access the service when they are temporarily in another Member State. I congratulate all colleagues who worked on this report and salute the important contribution of the Maltese Presidency in making this happen.

To be more exact, the Portability Regulation ensures that consumers can use portable online contact services which offer access to music, games, films, entertainment programmes or sporting events not only in the Member State of residence but also when they are temporarily present in another EU country for purposes such as leisure, travel, business trips or learning mobility. We are speaking about almost 6% of the European population, around 30 million people, and the number could grow by 2020 up to 70 million beneficiaries. This regulation includes not only people who travel but also students studying abroad, people who work for a limited period of time in another Member State or cross-border commuters.

I am glad to say that we, the European Parliament, secured in the trilogue important achievements, defended strongly also by my group, the Socialists and Democrats. I refer here to: the absence of specific time limitations; the deletion of the formulation 'regularly returns'; the closed links for the means of verifications; the restrictive IP checking in binary format; the safeguards in terms of data protection; the promotion of study mobility as an example for the use of portability; or the provisions that allow the waiver of the mandatory verification of the Member State of residence.

These are great achievements, and it is important to mention that the European Parliament promoted them, but we have also to be clear that this report is implemented without affecting either the copyright protection framework or the principle of territoriality. I really believe this regulation is an important step for building a common market, but also a common society where European citizens feel free to move in any Member State without restrictions or limitations.

Sajjad Karim, *on behalf of the ECR Group*. – Mr President, I would like to start first of all by thanking my friend the rapporteur Jean-Marie Cavada on delivering what is for European Union citizens a real breakthrough. For far too long we have tried to work towards deconstructing borders, only today to find ourselves in a situation where our citizens can physically pass through a border, but a big part of their life stops as soon as they do so because they cannot access the digital content that rightfully belongs to them. Therefore, it was essential that this matter was dealt with, and I congratulate you for the approach that you have taken and the well-balanced inclusive solution that you have arrived at.

That balance has been struck between consumer rights and rights holders. It was essential that this Parliament delivers a strong message of support to the rapporteur's work. I will certainly do that, and my Group also, through the trilogue outcome, which we will be voting on tomorrow. I truly believe it is a digital single market success story. It strikes the right balance between providing online content to consumers while they are temporarily outside of their own Member State, whilst ensuring that sufficiently robust residency verification safeguards are in place for rights holders.

I am happy to see that the verification methods strike the right balance between being effective but respecting data protection rules in order to avoid abuse. Service providers will do so by verifying a subscriber's country of residence through payment details, an internet contract or an IP address check. Slowly but surely, the digital single market is being addressed and consumers and rights holders can both be happy with the outcome of this report.

Dita Charanzová, *on behalf of the ALDE Group*. – Mr President, seamless access around the European Union to online content services is important for the smooth functioning of the internal market and for the effective application of the principle of free movement of persons and services. It is also important for many of us to fully enjoy our time with family and away from work. With the adoption of this regulation, we are helping to ensure people moving through Europe for leisure, business or learning are not blocked from their legally purchased content and, in many cases, access to their own language and culture.

The ALDE Group promised all voters two major items during the European elections: an end to roaming and an end to geo-blocking. With this vote – the vote on the end of geo-blocking of legally owned content – we show that we keep our promises. We have allowed our citizens to take their internet everywhere with them in Europe and after today we will allow them to take their digital content too. We pay for this content and no-one should tell us where we can and cannot access it. Never again will you miss your favourite TV or radio shows just because you are travelling in Europe.

Martina Michels, *im Namen der GUE/NGL-Fraktion*. – Herr Präsident, liebe Kollegen! Ja, es ist leider wahr: Bisher konnten wir bereits online gekaufte Musik, Filme oder unsere Lieblingsserien in Europa nicht einmal grenzübergreifend nutzen. Ja, die neue Portabilitätsrichtlinie wird da endlich etwas Abhilfe schaffen, deswegen werden wir auch zustimmen. Aber wahr ist auch: Aus kulturpolitischer Perspektive ist das nur ein Minischrittchen. Denn allein die gegenwärtigen öffentlichen Debatten zeigen, dass einige Akteure in der kulturellen Kleinstaaterei weiter schlafen wollen. Längst erobern doch HBO/CBS oder andere Plattformen wie Netflix inzwischen auch mit europäischen Eigenproduktionen die Herzen des Publikums.

Da, wo Geoblocking ins Wanken gerät, sind bisher größere tragfähige politische Lösungen außer Sichtweite. Ja, es geht um das Geschäftsmodell der großen und kleinen europäischen Film- und Musikproduzenten. Das ist keine konfliktfreie Debatte um eine Öffnung des Territorialprinzips. Doch wir müssen sie endlich führen und fragen, wie europäische Film- und Musikproduzenten heute grenzüberschreitend erfolgreich sein können, damit europäischer Kulturaustausch über Festivals hinaus im Alltag ankommt.

Julia Reda, *on behalf of the Verts/ALE Group*. – Mr President, Europe is a union, and yet we still have digital borders between Member States today. On this day we are creating a small exception to those borders. People will no longer be blocked from accessing the videos that they have already paid for just because they are visiting another country.

That is good. It is common sense and it is an important step forward, but this has to be the first step of many in the fight against geo-blocking; it cannot be the last. Geo-blocking will remain a widespread problem when this regulation is enacted. According to the Commission, almost 70% of video sites in the EU geo-block. Our own Parliament Research Service has estimated that people are actually willing to pay almost a billion euros extra per year if geo-blocking is abolished altogether. That is income, and that is an audience that we are currently denying our European creators.

Now the film industry has voiced quite a lot of concerns. Some feel that they have come to rely on geo-blocking as the sole means for their business model. Let us work together to find solutions to that, but the solution cannot be to accept virtual borders. The status quo is simply not working for consumers. It is failing at making Europe's amazing cultural diversity accessible to all Europeans.

Let us be clear: geo-blocking is a form of discrimination. A common European public sphere cannot develop with geo-blocking in place. It locks European audiences out from European works and it locks artists' international borders. 'This video is not available in your country'. Let's put these words where they belong, not on the screens of European internet users, but in the dustbin of history.

(The speaker agreed to take a blue-card question under Rule 162(8))

Stanislav Polčák (PPE), *otázka položená zvednutím modré karty*. – Já jsem velmi pozorně poslouchal váš projev. Rozumím tomu, že jsme učinili malý krok v oblasti on-line služeb, ale pokud bychom měli jít ještě do dalších oborů autorských práv, tak se to poněkud bije se zásadou teritoriality, která je pro tento právní obor zcela vlastní.

Můžete tedy uvést nějaký konkrétní právní nebo jiný nástroj, jak bychom tuto zásadu nemuseli porušovat a zároveň tedy vyhověli i vámi pochopitelné snaze překračovat hranice?

Julia Reda (Verts/ALE), *blue-card answer*. – Mr President, thank you very much for the question. The Portability Regulation will ensure that, when you go on holiday to another country, you can access content that you have already had access to in your home country. But those who find themselves permanently on the wrong side of the border – for example, linguistic minorities or language learners – cannot benefit from that. I think the overall effect of geo-blocking on the film industry is negative. On average, a European film is only legally available in two to three countries outside the EU. This means that there are a lot of paying customers who do not have the possibility to access this content legally. We need to take into account the possible revenues that could be created if there was a legal offer.

Gilles Lebreton, *au nom du groupe ENF*. – Monsieur le Président, la portabilité permet à une personne abonnée à un service en ligne de continuer à l'utiliser quand elle est en déplacement temporaire dans un autre État membre de l'Union. En soi, l'idée est donc intéressante. Plusieurs constats doivent toutefois inciter à la prudence.

Tout d'abord, le texte proposé est un règlement et non une directive; il sera donc particulièrement contraignant pour les États.

Ensuite, il risque à terme de remettre en question le droit de géo-blocage qui est une composante de la souveraineté des États.

De plus, il souffre d'une grave contradiction interne en ne précisant pas la durée limite de séjour dans un autre État ouvrant droit à la portabilité. Dès lors, la portabilité risque de devenir un principe et non une exception.

Enfin, le texte risque de favoriser des offres globales qui mettront en péril la territorialité du droit d'auteur et qui provoqueront une réduction de la diversité des offres. Une fois de plus, l'Union favorisera ainsi la concentration des offres au profit des multinationales. Pour toutes ces raisons, je voterai contre ce texte.

Λάμπρος Φουντούλης (NI). – Κύριε Πρόεδρε, στα μάτια ενός νέου η σημερινή συζήτηση θα φαντάζει κενή και άνευ ουσιαστικού περιεχομένου. Στην εποχή της ψηφιακής επανάστασης είναι εξαιρετικά εύκολη η πρόσβαση σε όλων των ειδών τις υπηρεσίες παροχής διαδικτυακού περιεχομένου, πολύ πριν η Επιτροπή αποφασίσει να ασχοληθεί νομοθετικά με το αντικείμενο. Εν πάση περιπτώσει, η έκθεση που συζητάμε σήμερα δεν διασφαλίζει ούτε τα προσωπικά δεδομένα των χρηστών, παρέχει υπερβολικές δυνατότητες στις εταιρίες ενώ, αντίθετα, σωστά αναφέρει πως μια πλήρης απελευθέρωση θα είχε σοβαρότατο αρνητικό αντίκτυπο, τόσο στους χρήστες αυτών των υπηρεσιών, όσο και στην εθνικές οικονομίες και ειδικά στον τομέα της παραγωγής μουσικής, τηλεοπτικών σειρών, ταινιών και άλλων ειδών σχετικών με καλλιτεχνική δημιουργία και πνευματικά δικαιώματα. Συμφωνώ με τη θέση για δυνατότητα προσωρινής πρόσβασης για όσους μετακινούνται μεταξύ των κρατών μελών της Ένωσης, αλλά πιστεύω πως είναι αναγκαία η θέσπιση συγκεκριμένου ορίου ημερών, καθώς μόνο έτσι δεν θα γίνει κατάχρηση της δυνατότητας αυτής. Τέλος, όλοι πρέπει να παραδεχτείτε πως οι ευρωπαίοι πολίτες αντιμετωπίζουν σήμερα πολύ σοβαρότερα προβλήματα τα οποία απαιτούν λύση και δεν έχουν ανάγκη τη νομοθετική παρέμβαση της Επιτροπής σε ζητήματα άνευ πραγματικής αξίας που τα έχει λύσει από μόνη της η κοινωνία.

Róża Gräfin von Thun und Hohenstein (PPE). – Panie Przewodniczący! To, że ciągle jeszcze nasz wspólny europejski rynek jest podzielony na 28 kawałków, jest tylko ponurym dowodem na to, że ciągle jeszcze mamy tendencje do myślenia ograniczonego do granic kraju, w którym na co dzień żyjemy. Ale to rozporządzenie, które jutro będziemy przyjmować, pokazuje, że jednak powoli idziemy w dobrym kierunku, i korzystam z okazji, żeby pogratulować i Panu, Panie Przewodniczący, i naszemu koledze Jean-Marie Cavadzie i wszystkim koleżankom i kolegom, którzy nad tym rozporządzeniem pracowali.

Świat zmienia się coraz szybciej i jednym z obecnych wyzwań jest zapewnienie konsumentom możliwości swobodnego korzystania z usług online, które sobie wykupili, również poza krajem, w którym zamieszkują na co dzień, i dzisiaj (przyjmujemy jutro to rozporządzenie) konsument nie będzie miał już problemu np. z oglądaniem swojego serialu, meczu czy tego, co najbardziej lubi, w trakcie podróży. A namawiamy naszych obywateli do tzw. mobility w czasie podróży służbowej, wakacji czy inaczej spędzonego czasu poza swoim krajem. Ale to jest dopiero ten jeden krok, przed nami już następne kroki: możliwość przenoszenia treści cyfrowych będzie w pełni wykorzystywana dopiero wtedy, kiedy nie będziemy mieli w Unii Europejskiej dodatkowych opłat za roaming, a to już za miesiąc. To nastąpi 15 czerwca. Następnym krokiem będzie zniesienie nieuzasadnionego geoblokowania itd., i w końcu nasi obywatele będą mogli rzeczywiście czuć się jak w domu na całym rynku europejskim, czego wszystkim nam życzę.

Nicola Danti (S&D). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, signor Vicepresidente Ansip, il regolamento sulla portabilità dei contenuti online rappresenta una delle prime misure concrete della strategia del mercato unico digitale presentata dalla Commissione europea. Esso costituisce la prima tappa di un percorso più ampio, volto a eliminare tutte le forme di geoblocco ingiustificato e che contribuirà a realizzare concretamente l'idea di uno spazio comune di diritti e opportunità per i cittadini europei.

La costituzione di una dimensione digitale europea del mercato unico parte anche dal riconoscimento della possibilità di usufruire dei contenuti online acquisiti nel proprio paese di residenza, film, musica, giochi ed eventi sportivi potranno essere visti in tutto il territorio dell'Unione, anche quando siamo al di fuori del nostro paese di residenza, in occasione di viaggi, di studio oppure di lavoro. Nonostante oggi solo una fascia limitata della popolazione europea sia coinvolta, i numeri sono destinati ad aumentare esponenzialmente, arrivando a coinvolgere 72 milioni di cittadini europei entro il 2020.

La finzione giuridica alla base del regolamento amplia le opportunità per i consumatori senza compromettere la protezione dei diritti d'autore e la qualità delle industrie creative, elemento importante del modello di sviluppo europeo. Il nostro impegno in commissione mercato interno si è focalizzato proprio sulla ricerca di un giusto equilibrio tra l'esigenza di fornire ai consumatori uno strumento agile ed efficace, di tutela rigorosa della privacy, di certezza giuridica e la tutela del diritto d'autore. Credo che l'accordo finale riassume in modo efficace queste considerazioni.

Spiace soltanto, signor Presidente, Commissario, che ancora una volta il Consiglio non abbia avuto la nostra stessa ambizione nel prevedere un sistema di verifica più agile e un periodo di attuazione più rapido.

Ангел Джамбазки (ECR). – Уважаеми г-н Председател, представители на Комисията, колеги, най-напред искам да благодаря на колегата Кавада и на докладчиците в сянка за упоритата и последователна работа, за постигнатия резултат. Това споразумение ще бъде важна стъпка към подобряване на качеството на живот на гражданите на държавите – членки на Европейския съюз. Вероятно всеки един от тях е бил в ситуация, в която има абонамент за онлайн услуга, временно се е преместил в чужбина и не е имал достъп до услугата, за която е заплатил и на която е бил абонат.

Това предизвикателство за стратегията за цифров единен пазар не само създава несправедлива тежест за притежателите на права, но и причинява правна несигурност и ограничава донякъде свободното движение на хората и произтичащите от него права, каквито са и Договорите за Европейския съюз.

Надявам се, че в резултат на тристранните срещи, в рамките на девет месеца ще станем свидетели на тази съществена промяна. Чрез трудни преговори беше постигнато балансирано споразумение, с което не само ще бъдат преодоляни предизвикателствата на преносимостта, но и ще се гарантира, че притежателите на права разполагат с ефективни предпазни мерки за проверка на своето пребиваване, така че да могат да се възползват от предимствата на своите абонаменти, където и да се намират.

(Ораторът приема да отговори на въпрос, зададен чрез вдигане на синя карта (член 162, параграф 8 от Правилника за дейността)).

Tibor Szanyi (S&D), Kékkártyás kérdés. – Elnök Úr! Tisztelt képviselő Úr! Én is osztozom az Ön örömeiben, illetve azoknak az eredményeknek rendkívül örülök, amiket Ön is felsorolt, viszont azt kérdezném, hogy Ön osztozik-e velem abban az aggodalmamban, hogy van egy olyan szolgáltatás, ami még mindig be van ragadva és nem az egységes európai piac szerint működik? Nevezetesen, hogy ha én Önt a saját hazámból hívom mobiltelefonon, akkor bizony az külföldi hívásnak minősül. Ha ugyanezt teszem külföldről, akkor már természetesen jóval olcsóbb, pedig ugyanúgy mi beszélgetünk ugyanazokról a telefonokról. Kérdezem: osztja-e Ön ezt az aggodalmamat, hogy ezen változtatni kéne?

Ангел Джамбазки (ECR), отговор на въпрос, зададен чрез вдигане на синя карта. – Благодаря Ви, колега, чак да е радост – не е радост. Това са нормални неща от политическия живот. А по отношение на Вашия въпрос дали трябва да се преразгледат, според мен, да, трябва, но това е въпрос на преговори между телекомуникационните оператори, с които Вие имате договор. Това са и донякъде и частно-правни отношения.

Но рано или късно този въпрос ще бъде поставен – да бъдат изравнени телекомуникационните оператори, които оперират в сферата на цифровата технология и тези, които предоставят кабелна услуга. Така че, да, това ще се случи рано или късно.

Yana Toom (ALDE). – Mr President, the report on cross-border portability is a great step forwards for the Digital Single Market. With the increased mobility of Europeans and the abolishment of roaming charges, it was a logical step. The creation of this legal fiction will ensure that all Europeans who travel to another Member State will have access to the content they have paid for in their own country. It abolishes borders for all kinds of online services that many people use, be it for music, e-books or movies.

However, our work is still not finished. Access to content across the entire European Union is still not possible. As a consumer, I cannot gain access to the French version of Netflix unless I am resident in France. Access to European works across the entire EU is still limited.

This is not the only point where the goal of a digital single market has not been reached. At this point we are regulating the internet through different directives and regulations. In practice, this is a real problem. Most of the legislation which is adopted in this House is handled by different committees and there is a lack of cooperation and communication. As a result, the outcome is sometimes completely contradictory. There is a real lack of legal certainty. It is unclear whether the e-Commerce Directive prevails or how the relationship works between the Portability, Copyright, AVMS and InfoSoc [Directives]. There should be clear coherence when we regulate the internet, and not an approach which consists of bits and pieces. The Portability Directive is a success, but the outcome will not be the same in other digital files. We have to stay focused on our Digital Single Market goals.

Jan Philipp Albrecht (Verts/ALE). – Herr Präsident, sehr geehrter Herr Kommissar Ansip, wert Kolleginnen und Kollegen! Die Portabilitätsverordnung, die wir jetzt zur Abstimmung vorliegen haben, ist ein großer Schritt für die Verbraucherinnen und Verbraucher in der Europäischen Union. Endlich können wir die Inhalte, für die wir auch bezahlt haben, in die anderen Länder der EU mitnehmen, wenn wir zum Beispiel auf Reisen gehen, wenn wir dort studieren oder vorübergehend arbeiten. Das ist ein Riesengewinn, das kann man nicht kleinreden, sondern man muss klarmachen, wozu auch die Europäische Union für uns da ist.

Trotzdem müssen wir natürlich an der Frage des digitalen Binnenmarkts weiter gemeinsam arbeiten. Das heißt also, dass gerade im Bereich von Standards, auch beim Datenschutz, auch in der Frage des Urheberrechts, weitere Fortschritte gemacht werden müssen. Auch in der Frage des grenzübergreifenden Zugangs zu Dienstleistungen, beim Geoblocking, müssen wir weiter arbeiten, um die Grenzen in Europa abzubauen, aber gleichzeitig natürlich auch dafür sorgen, dass die Interessen derer, die zum Beispiel Inhalte produzieren, auch gewahrt werden.

Isabella Adinolfi (EFDD). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, questo regolamento tecnicamente sarà anche un passo in avanti per i consumatori, ma politicamente è un fallimento che giustifica assurde logiche di massimizzazione del profitto anche a scapito della privacy e dei cittadini europei.

Si tratta di un piccolissimo avanzamento che rappresenta il minimo sindacale e tradisce lo sbandierato obiettivo del mercato unico digitale. Io mi rivolgo a Lei, Commissario Ansip, veramente così immaginate di realizzare il mercato unico digitale che era una delle cinque priorità politiche della Commissione Juncker?

Non riesco a capire, infatti, perché permettiamo alle multinazionali di far circolare liberamente il capitale e di avvantaggiarsi anche in maniera scorretta dei paradisi fiscali europei, sottraendo preziosissime risorse alla collettività e ponendo in essere forme di concorrenza sleale, soprattutto verso le piccole e medie imprese, mentre i cittadini e i consumatori non possono beneficiare del mercato unico. Per me questa situazione è inaccettabile e mi batto per cambiarla.

La sentenza della Corte dice che la clausola che garantisce la territorialità assoluta è contro il trattato, lo abbiamo sentito anche da altri interventi. Io non voglio mantenere questo *status quo*, che ritengo ridicolo, e che ritengo anche illegittimo e ingiusto per i cittadini europei.

Georg Mayer (ENF). – Herr Präsident! Gerade wir kennen durch unsere massive Reisetätigkeit die Problematik der Portabilität von Onlinediensten sehr gut. Aber es betrifft eben nicht nur uns, sondern es betrifft Millionen Menschen in Europa, die auf gewisse Dienste nicht zugreifen können. Wenn etwa jemand einen Vertrag mit Amazon Prime in seinem Heimatland geschlossen hat und woanders diesen Dienst abrufen möchte, dann ärgert er sich natürlich darüber, dass dieser Vertrag nicht von einem Vertragspartner in einem anderen Land erfüllt werden kann. Es ist also geradezu unsere Pflicht, in der Gesetzgebung solche Dinge zu erkennen und zu bearbeiten und für die Menschen in Europa praktikabel zu gestalten. Zu beachten ist allerdings – und das ist ja heute schon einige Male angesprochen worden: Damit sind auch Rechte verbunden. Es gibt Inhaber von Rechten, deren Rechte möglicherweise verletzt werden könnten. Darauf ist besondere Rücksicht zu nehmen. Ich sage also: Die Reise beginnt nun erst in der Sache Online-Portabilität.

Ева Майдел (PPE). – Г-н Председател, европейските граждани искат видими и бързи резултати от нашата работа. Този регламент е конкретен отговор на Европейския парламент към гражданите, но също така е и едно изпълнено обещание, което поех към нашите гласоподаватели.

През 2018 г. всеки европейец ще може да използва своя абонамент за книги, музика, филми, сериали или спортни предавания, където и да пътува в Европейския съюз без да има ограничения на съдържанието, без да има ограничения на броя на устройствата или тяхната функционалност на услугата. И най-важното – без допълнителни разходи.

Това е стъпка напред в осигуряването на единен дигитален пазар за всички европейци. И точно за това благодаря на докладчика и на моите колеги, с които работихме по този регламент в комисията по вътрешния пазар и защита на потребителите.

Обаче за да имаме един истински и функционален единен цифров пазар, ние трябва да продължаваме да работим със същата и, дори бих казала, по-бърза решителност и по останалите досиета, измежду които например тези за защитата на личния живот и личните данни в електронните съобщения, Кодекса за електронните съобщения, Директивата за договорите за дигитално съдържание и дигитални услуги, както и очакваните от Комисията действия в посока към киберсигурността и онлайн платформите.

Γιώργος Γραμματικάκης (S&D). – Κύριε Πρόεδρε, η ρύθμιση για ανάπτυξη μιας ενιαίας ψηφιακής αγοράς υπήρξε, πολύ σωστά κατά τη γνώμη μου, ένα πρώτιστο μέλημα της Ευρωπαϊκής Επιτροπής. Η φορητότητα θα εξασφαλίσει στους ευρωπαίους πολίτες που ταξιδεύουν σε άλλες χώρες την ελεύθερη πρόσβαση σε ψηφιακό περιεχόμενο και υπηρεσίες, που έχουν βέβαια αγοράσει στη χώρα τους. Αποτελεί συνεπώς ένα πρώτο αλλά πολύ σημαντικό βήμα προς ένα καλύτερο μέλλον στον ψηφιακό μας κόσμο. Ως εισηγητής λοιπόν των Σοσιαλιστών στην επιτροπή Πολιτισμού σε αυτό τον τεχνικό, αλλά σημαντικό νομίζω, φάκελο θα ήθελα να τονίσω ότι ο συγκεκριμένος κανονισμός αφορά τη φορητότητα ψηφιακών υπηρεσιών και όχι βέβαια τη διασυνοριακή πρόσβαση σε καλλιτεχνικά περιεχόμενα. Το τελευταίο θα είχε αρνητικές επιπτώσεις στην καλλιτεχνική δημιουργία και, κυρίως, το ξέρουμε όλοι, στον ευρωπαϊκό κινηματογράφο, διότι θα αμφισβητούσε την αρχή της εδαφικότητας που είναι σημαντική πηγή εσόδων για τη χρηματοδότηση, την παραγωγή και τη διανομή των ευρωπαϊκών ταινιών. Αξίζει πάντως να σημειωθεί ότι η διαφύλαξη της αρχής της εδαφικότητας και η προαγωγή των ευρωπαϊκών έργων αποτελεί απόλυτη προτεραιότητά μας και στην αναθεώρηση των κανόνων πνευματικής ιδιοκτησίας που ευτυχώς βρίσκεται σε ευοίωνη εξέλιξη. Το ισορροπημένο λοιπόν και σωστό αποτέλεσμα που έχει επιτευχθεί αποδεικνύει για άλλη μια φορά ότι η ένταση μεταξύ καταναλωτών και καλλιτεχνών είναι παραπλανητική και πολλές φορές εθνική. Ο πολιτισμός είναι πράγματι ένα από τα θεμέλια της ευρωπαϊκής ιδέας, αρκεί να μη μένει σε διακηρύξεις αλλά να επιβεβαιώνεται, όπως με αυτόν τον κανονισμό, καθημερινά.

Kosma Złotowski (ECR). – Panie Przewodniczący! Panie Komisarzu! Korzystanie z usług audiowizualnych online to coraz bardziej powszechny sposób dostępu do filmów, transmisji programów sportowych czy muzyki. Niestety użytkownik takiej usługi musi wciąż mierzyć się z różnymi barierami, które uniemożliwiają mu korzystanie z wykupionych subskrypcji podczas tymczasowego pobytu za granicą. Cieszę się, że wychodzimy tym sprawozdaniem naprzeciw oczekiwaniom konsumentów i umożliwiamy im zabieranie ze sobą w podróż nie tylko smartfonów czy tabletów, ale także i prawa do korzystania z usług online, które wykupili już wcześniej w kraju swego zamieszkania.

Oczywiście ta regulacja odnosi się tylko do konkretnych przypadków i nie ma na celu zmiany obowiązującego systemu licencji terytorialnych. Wszelkie prawa twórców muszą być w tym zakresie odpowiednio zabezpieczone i chronione. Jestem przekonany, że jest to bardzo ważny i potrzebny etap budowy jednolitego rynku cyfrowego i miejmy nadzieję, pójdziemy tą drogą dalej.

Kaja Kallas (ALDE). – Mr President, this agreement on the cross-border portability of content is to be welcomed, because it corrects a flaw, a loophole in the European Union, which is an area of free movement of citizens, goods and services. We have the tendency in the digital world to create barriers that should not even be there in the first place. Maybe it is because of fear of losing control. When you buy a film on a DVD, nobody takes it from you when you cross the border. So why would we prevent citizens from watching a film that they are paying for at home with an online subscription when they are crossing the border?

Abuses can always come along, and in this respect I hope that the service providers will use the most user-friendly means of verification, such as e-IDs for example, to check the home country of the citizen. I wanted the use of IP addresses, in that respect, to be stricter than that, and I hope that the enforcement of this law will safeguard the individual's right to privacy.

Last but not least, I think that taxpayers should also be able to watch the content that they have already paid for in their home country, for instance with a broadcasting fee. Although this is only voluntary, I hope that many public broadcasters will be innovative and proactive and deliver such a possibility for the users.

Michel Reimon (Verts/ALE). – Herr Präsident! Ich habe hier ein kleines Tablet, mit dem ich gerne spät abends im Hotelzimmer eine Folge einer Serie anschau. Wenn ich hier in Straßburg das im Hotelzimmer öffne, ist das erste, was ich sehe, ein Knopf, wo ich draufdrücken kann: Auch im Ausland ansehen. Ich bin hier am Sitz des Europäischen Parlaments und soll mir Serien im Ausland ansehen. Ich finde, darum geht es in dieser gesamten Diskussion noch viel zu wenig, es geht nicht um einen Binnenmarkt und um eine Marktregulierung, die wir hier machen. Es geht um die Frage, ob Menschen, die hier sind, die an den Sitz eines Parlaments reisen, das sie vertritt, sich in ihrer Heimat fühlen.

Kann ich in Europa über eine Grenze gehen, kann ich meine Geräte, meine Kultur, meine Technik nutzen, wie ich es zu Hause tue? Und fühle ich mich zu Hause, oder bin ich im Ausland, wenn ich nur wenige Kilometer in Europa reise? Das ist in einer digitalen Welt eine Grundfrage, und wir haben das, so wie beim Roaming, herzustellen, dass sich die europäischen Bürger und Bürgerinnen – nicht nur Konsumenten – in ihrer Heimat fühlen, und das stellt diese Regulierung zumindest zum Teil einmal sicher. Das ist gut.

Rosa Estaràs Ferragut (PPE). – Señor presidente, el presente Reglamento de portabilidad transfronteriza es un buen trabajo, porque reporta beneficios concretos a los europeos. Mis primeras palabras, de agradecimiento al señor Cavada y a todo el equipo que ha hecho posible que este Reglamento vea la luz.

Quienes hayan abonado sus servicios de música, servicios culturales, de deportes, de series y otros legalmente en su país de residencia, cuando se desplacen temporalmente a otro Estado miembro de la Unión, podrán transportar todos estos contenidos. Eso da cumplimiento a la libre circulación de servicios y también a la libre circulación, que es una de las libertades principales de la Unión Europea, de tal manera que los contenidos en línea viajarán a cualquier lugar de Europa con aquel que los haya contratado legalmente.

Se trataba, sin duda, de una necesidad imperiosa. Uno de cada tres europeos solicitaba que esto se regulara. De hecho, la población quiere aprovechar las ventajas de todas las tecnologías digitales para poder disfrutar de contenidos culturales. Y es una historia de un éxito, porque se ha hecho un equilibrio inteligente entre los intereses de los autores -que tienen toda una serie de derechos y que exigían el principio de territorialidad, y también exigían la temporalidad- y los intereses de los usuarios, quienes ven hoy culminado el interés que ellos tenían.

Se avanza, por lo tanto, en el mercado único digital y se avanza, como digo, en la libre circulación de bienes y servicios.

Anneleen Van Bossuyt (ECR). – Voorzitter, collega's, binnenkort zal iedereen die betaald heeft voor een online-dienst, die dienst ook kunnen raadplegen als hij tijdelijk in het buitenland verblijft, van netflix-gebruikers en voetballiefhebbers, van mensen die graag een e-boek lezen tot mensen die graag muziek beluisteren, van studenten tot vakantiegangers en zakenmensen.

Eindelijk zou ik zeggen. Ik denk dat het een grote stap vooruit is voor de consumenten die op die manier kunnen genieten van de voordelen die de Europese digitale interne markt te bieden heeft.

Ik ben trouwens ook zeer tevreden dat de bijzondere positie van de audiovisuele sector beschermd zal worden door het inbouwen van degelijke controlemechanismen. Ik denk dat dit erg belangrijk is voor de vorming van de identiteit van taal- en cultuurgemeenschappen, van kleinere taal- en cultuurgemeenschappen zoals bijvoorbeeld de Vlaamse.

Marietje Schaake (ALDE). – Mr President, Every step towards a true digital single market in Europe is very much welcomed. After abolishing roaming costs, supportability is another concrete step that internet users all over the Union should enjoy. It is essential that in our policies we look at the public interest and at our principles, not at certain business models or niche interests. Watching the content you have paid for when on holiday or studying or working abroad is a no-brainer and this is especially important when it comes to publicly funded content.

Now we need to go on to NGO blocking and ensure modernised and harmonised copyright fit for the 21st century, enabling access to content, not punishing audiences. We have to address this and we will be addressing this through a variety of legislative initiatives: the AVMS directives, platforms, copyright reform and electronic communications code in the SETCOM legislative proposals, just to name a few. And the risk of course, is that the different pieces of this legislative puzzle won't fit, and that the bigger picture gets lost. I think we should all be responsible to keep the big goals in mind.

At the digital single market mid-term, I therefore urge you to be more ambitious and focus on the coherence between the various initiatives at our tables. Of course, we support you as Members of the European Parliament, members of the Liberal Group, to ensure the public interest is preserved in a hyper-connected world. But I think this message is more directed to the Council that sometimes seeks to enjoy the fragmentation and the positions they have without looking at the common interest of a strong and well-functioning digital single market for Europe.

Pavel Svoboda (PPE). – Úvodem bych rád poděkoval kolegům z Výboru pro právní záležitosti, kteří se podíleli na tomto návrhu, především panu Cavadovi.

Zavedení portability představuje důležitý pokrok v rámci rozvoje jednotného digitálního trhu. Občané EU oprávněně očekávají, že budou moci využívat služby, za které platí, také ve chvíli, kdy využívají práva volného pohybu v rámci EU. Portabilita tak není jen reakcí na technologický rozvoj, ale také reakcí na potřeby evropských občanů vycházející ze stále větší mobility mezi jednotlivými členskými státy.

Právě dnes, kdy je zapotřebí každý praktický příklad prospěšnosti unijní spolupráce, bychom měli vnímat očekávání občanů i v těchto dalších oblastech velmi vážně a pokusit si je naplnit. Úspěšné zavedení portability tak vnímám jako velmi dobrý, ale přeci jen první krok v širší snaze o reformu autorského práva, která bude reflektovat potřeby 21. století a využije potenciál jednotného digitálního trhu.

Емил Радев (PPE). – Г-н Председател, поздравления на докладчика г-н Кавада за работата и воденето на преговорите по този доклад. Радвам се, че беше постигнато споразумение, което ще позволи на нашите граждани да могат да имат достъп до онлайн съдържание като музика, игри, филми, развлекателни програми не само на територията на тяхната държава членка на пребиваване, но и когато временно се намират в друга държава членка. Така, когато пътуват за удоволствие, служебно или с учебна цел из Европейския съюз, те ще могат да се забавляват със своята музика и филми, за които са платили в своята държава на пребиваване.

Досега потребителите, които временно се намират в държава членка, различна от тяхната държава членка на пребиваване, често нямат достъп до онлайн съдържание, за което по законосъобразен начин са придобили правото на достъп и на използване в своята държава членка на пребиваване.

Фактът, че според новите разпоредби доставчиците на услуги за онлайн съдържание не следва да изискват от своите абонати никакви допълнителни такси за осигуряването на трансгранична преносимост на услугите за онлайн съдържание, ще допринесе за повишаване на ползването на тези услуги в целия Европейски съюз.

С тази инициатива ще се подобри и свободното движение на хора и услуги на вътрешния пазар. Разбира се, това не трябва да става в ущърб на авторите и техните творби, защитени с авторски права. Авторите трябва да запазят своята свобода на договаряне. Потребителите и онлайн доставчиците на услуги трябва да продължат да спазват изискванията в областта на авторското право.

Virginie Rozière (S&D). – Monsieur le Président, je voudrais avant tout féliciter et remercier le rapporteur ainsi que l'ensemble des rapporteurs fictifs pour le travail effectué. C'est un réel service rendu à nos concitoyens. L'été prochain sera peut-être un peu tôt, mais d'ici peu, lorsque ces citoyens partiront en vacances dans l'Union européenne, ils pourront continuer à profiter de leur musique, de leurs séries et de leurs films préférés, puisque c'est de cela dont il s'agit. On peut comprendre qu'il est tout à fait naturel, lorsque l'on souscrit à un service, lorsqu'on l'achète, de pouvoir continuer à en bénéficier. En outre, ce service de portabilité des services audiovisuels partout en Europe s'inscrit dans la continuité de la suppression des frais d'itinérance: à partir du moment où nous mettons en place une connectivité partout en Europe, il est logique de permettre aussi l'accès à ces services dans toute l'Union.

Je me félicite aussi de ce texte parce qu'il renforce et maintient la nécessité d'une juste rémunération du travail des acteurs, des auteurs, des metteurs en scène, de l'investissement des producteurs et de tous ceux qui concourent à la création audiovisuelle et qui peuvent, de cette manière, conserver leur capacité à vivre de leur travail et à percevoir une rémunération légitime. Je trouve donc ce texte très équilibré et, je le répète, très bénéfique pour l'ensemble des citoyens européens.

Daniel Buda (PPE). – Domnule președinte, mulțumesc. În primul rând doresc să îl felicit pe domnul Cavada pentru munca depusă. Apreciez că prezentul raport constituie un pas important pentru ceea ce înseamnă definirea oricărui colț al Uniunii Europene ca fiind „acasă” pentru fiecare cetățean european.

În acest context, libera circulație a persoanelor trebuie dublată în mod obligatoriu de accesul la un cost rezonabil, atât la internet, cât și la tehnologiile digitale cu respectarea drepturilor de autor și cu păstrarea unui echilibru privind furnizorii de astfel de servicii.

Adoptarea acestui raport vine în întâmpinarea nevoilor cetățenilor și oferă soluții prin care vor fi eliminate restricțiile care îi împiedicau să beneficieze în călătoriile lor de conținutul digital. Europa trebuie să profite de revoluția digitală care a transformat lumea pe toate planurile și toate domeniile, oferind oportunități cetățenilor dar, în același timp, și întreprinderilor.

Un pas important îl reprezintă portabilitatea transfrontalieră a serviciilor de conținut online. Odată cu intrarea în vigoare a acestei măsuri se preconizează că ponderea utilizatorilor portabili de abonamente la serviciile online va crește până în 2020 la aproximativ 72 de milioane de persoane din Uniunea Europeană.

Eliminarea tarifelor de roaming, deblocarea comerțului electronic, portabilitatea la nivelul statelor membre de servicii de conținut online creează premisele unei piețe unice digitale și a unui spațiu unic. În acest fel, cetățenii și întreprinderile își pot desfășura activitățile, pot inova și interacționa fără bariere și în condiții de siguranță, fiind garantată astfel prosperitatea tuturor.

Tiemo Wölken (S&D). – Herr Präsident, sehr geehrter Herr Kommissar Ansip! Die unsichtbaren Grenzen des digitalen Binnenmarkts müssen abgeschafft werden. Diese Verordnung ist ein erster richtiger Schritt in die richtige Richtung. Die Verordnung ist gerade für die Bürgerinnen und Bürger ein großer Erfolg. Legal erworbener *content* wird damit in der ganzen EU im vollen Funktionsumfang in der gleichen Qualität und wie von zu Hause aus gewohnt zugänglich sein. Es gilt der Grundsatz „legal erworben, legal gestreamt“ in der ganzen EU. Ich begrüße es ausdrücklich, dass die Verordnung für jeglichen Inhalt gilt. Ein großer Erfolg ist es, dass die Verordnung ausdrücklich keine zeitliche Obergrenzung für den vorübergehenden Aufenthalt enthält, es keine Verpflichtung zur Rückkehr ins Wohnsitzland gibt und Anbieter auch nicht in den Allgemeinen Geschäftsbedingungen die Dauer der Nutzung beschränken dürfen.

Wir dürfen uns auf dem Erreichten aber nicht ausruhen. Bis zur vollständigen Verwirklichung des digitalen Binnenmarkts ist es noch ein weiter Weg. Insbesondere auch mit der CabSat-Verordnung, für die ich Berichterstatter bin, dürfen wir nicht hinter das Erreichte zurückfallen, um auch einen grenzüberschreitenden Zugang zu Mediatheken der Rundfunkveranstalter zu gewährleisten.

Alojz Peterle (PPE). – Meje na področju gostovanja mobilnih storitev so padale deset let, čez mesec dni pa bodo dokončno padle. V začetku so verjeli le redki, čeprav je zgedalo na začetku nemogoče, se kljub močnemu odporu mobilnih operaterjev nismo ustrašili poti, ki je bila pred nami. Stara ureditev je nepravilno kaznovala vse, ki smo telefonirali ali pošiljali sporočila v tujino, zato smo jo bili dolžni končati.

Ne le telekomi, ki so vendarle stopili na stran uporabnikov mobilnih storitev, od katerih končno tudi živijo, tudi vlade držav članic so morale v teh dolgih letih stopiti na stran svojih državljanov. S tem smo dosegli še eno pomembno zmago v uresničevanju ideje notranjega trga. Vendar ne smemo izgubiti sape. Ko gre za koristi naših državljanov tečemo na dolge proge. Potrošnike namreč še vedno bremenijo visoki stroški čezmejnih klicev in SMS-ov znotraj evropske zveze, ki jih opravimo od doma. Situacija, ko so klici, opravljeni v tujini, cenejši od klicev, opravljenih od doma, je nedopustna.

Telekomi ustvarjajo dobičke na račun nepravilnih provizij. Zavezani resnično enotnemu trgu evropskih telekomunikacij si tega ne smemo privoščiti. Če je bilo vprašanje gostovanja dokaz delovanja evropske zveze v korist evropskih državljanov in državljanov, moramo enako storiti tudi za tako imenovane klice in pošiljanje SMS-ov znotraj zveze. Sedaj je priložnost, da preprečimo nadaljnje zlorabe notranjega trga in našim državljanom ponudimo nov dokaz delovanja evropske zveze, dokaz, ki ga bodo čutili v žepih.

Bogdan Brunon Wenta (PPE). – Panie Przewodniczący! Panie Komisarzu! Ja także przyłączę się do gratulacji dla pana posła Cavady i zespołu, który wynegocjował to świetne porozumienie podczas rozmów trójstronnych w czasie prezydencji maltańskiej w lutym tego roku. Te nowe przepisy dotyczące przenoszenia treści dla użytkowników Unii Europejskiej pozwalają obywatelom podróżującym za granicę skorzystać tam z wykupionych w swoim kraju usług dostępu do treści internetowych. Rozumiem to podejście, które ma ułatwić konsumentom dostęp do treści legalnie nabytych lub zaabonowanych w swoim kraju zamieszkania.

Jednak nie wolno nam zapominać o twórcach, bo w europejskiej różnorodności kulturowej to oni tworzą i dostarczają wysokiej jakości produkty i treści kulturowe na rynek europejski. Dlatego to porozumienie daje nam, jako konsumentom, nowe możliwości, ale jednocześnie ma chronić twórców i podmioty inwestujące w produkcję treści kulturowych lub sportowych. Uważam, że jest to wyważone rozwiązanie i pozytywny sygnał dla twórców oraz konsumentów.

Zgłoszenia z sali

Jiří Pospíšil (PPE). – Já s velkou radostí vítám, že dnes dokončujeme proces projednávání tohoto nařízení. Toto je, vážení přátelé, přesně příklad konkrétního ustanovení evropského práva, které můžeme našim občanům s radostí sdělit a ukazovat, v čem EU pomáhá v životě normálním obyčejným Evropanům.

V pátek budu ve své zemi přednášet pro studenty středních škol, co EU dělá pro občany, a určitě tam příběh tohoto nařízení zmíním a ukážu, co konkrétního pro ně děláme. Takže já gratuluji zpravodaji i panu komisaři a doufám, že se do konce tohoto volebního období podaří prosadit i další části digitálního trhu.

Bouráme tímto nařízením konkrétní část digitálních hranic a spotřebitelům dáváme možnost, aby svoje služby, on-line obsah využívali i v jiné zemi EU. Je to jasná výhoda, já k tomu gratuluji a na tomto můžeme budovat nový image EU pro naše občany.

Nicola Caputo (S&D). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, con la diffusione dei servizi di contenuti online e l'uso crescente dei dispositivi portatili è aumentata l'aspettativa dei cittadini europei di poter fruire dei servizi di contenuti online ovunque si trovino all'interno dell'Unione europea.

Attualmente quando viaggiano nell'Unione europea gli utenti non possono fruire di tale portabilità transfrontaliera o possono farlo solo in misura limitata. L'eliminazione delle barriere esistenti all'utilizzo di contenuti e servizi online consentirà un'efficace soddisfazione delle esigenze degli utenti, ma anche un ulteriore progresso dell'innovazione, a chiaro vantaggio dei consumatori, dei fornitori dei servizi e dei titolari dei diritti.

L'accordo raggiunto è particolarmente opportuno in questo momento storico, anche in considerazione dell'abolizione delle tariffe di *roaming* all'interno dell'Unione europea. La domanda di portabilità transfrontaliera da parte dei consumatori è destinata a crescere e ritengo che la rimozione degli ostacoli all'utilizzo di contenuti e servizi online possa costituire un passo significativo per la realizzazione di un vero mercato unico digitale, i cui benefici non potranno che ricadere su tutti i cittadini dell'Unione europea.

Ruža Tomašić (ECR). – Gospodine predsjedniče, pitanja jedinstvenog tržišta često su u drugom planu u odnosu na političku integraciju. Naglasak se nažalost stavlja na nešto što ne može funkcionirati, daljnju političku integraciju, a zanemaruje ono što može još bolje funkcionirati, a to je jedinstveno tržište.

Ovo je izvješće svakako korak u pravom smjeru jer moramo osigurati da se ista pravila primjenjuju na cijelom jedinstvenom tržištu i da su usluge i proizvodi dostupni svim građanima neovisno o njihovom prebivalištu.

Telekomunikacije su dugo bile pod apsolutnom protekcijom država članica, a telekom kompanije sa svojim su velikim lobističkim kapacitetima predstavljale veliku branu unaprjeđenju jedinstvenog europskog tržišta. Nakon ukidanja naknade za *roaming*, sad idemo i korak dalje s prenošenjem usluga internetskog sadržaja. To je veliki i dobrodošao korak koji će građanima olakšati živote, pa ga mogu samo pozdraviti.

Davor Škrlec (Verts/ALE). – Gospodine predsjedniče, pozdravljam izvješće kolege Cavade zbog toga što ono predstavlja važan korak prema jednakopravnom pristupu internetu i sadržajima svih građana Europske unije. Svakako se slažem kako potrošači s pretplatama na usluge internetskog sadržaja koje su zakonito kupili u svojoj državi uobičajenog boravišta moraju također imati pristup istima kada se privremeno nalaze u nekoj drugoj državi članici.

Pristup potrošača prekograničnoj prenosivosti usluga internetskog sadržaja svakako će doprinijeti boljem funkcioniranju unutarnjeg tržišta, koje se ponajprije temelji na slobodnom protoku usluga i dobara.

Smatram kako je potrebno utvrditi jasnu razliku između prenosivosti i prekograničnog pristupa kako se ne bi ugrozila održivost financiranja europskog audiovizualnog i filmskog sektora koji počiva na teritorijalnosti prava.

Νότης Μαριάς (ECR). – Κύριε Πρόεδρε, η ψηφιακή επανάσταση πραγματικά έχει φέρει τα πάνω κάτω. Έχουμε μια ενιαία ψηφιακή αγορά στην Ευρωπαϊκή Ένωση που πραγματικά σε πρώτη φάση έχει προχωρήσει και στην κατάργηση των υψηλών τελών για την περιαγωγή. Τώρα συζητούμε ένα σημαντικό θέμα, όπως είναι η διασυνοριακή φορητότητα επιγραμμικού περιεχομένου, δηλαδή μια δυνατότητα των πολιτών να έχουν και σε άλλη χώρα τη δυνατότητα χρήσης του ψηφιακού περιεχομένου το οποίο αγόρασαν ή έχουν δώσει συνδρομή γι' αυτό, να μπορούν δηλαδή να χρησιμοποιήσουν παιχνίδια, μουσική, ψυχαγωγικά προγράμματα, ηλεκτρονικά βιβλία κ.λπ. Από αυτό μπορούμε να θεωρήσουμε ότι η φορητότητα είναι παρακολούθημα ουσιαστικά της αρχής της ελεύθερης κυκλοφορίας και των υπηρεσιών αλλά και των ατόμων. Να μπορούν δηλαδή οι πολίτες της Ευρωπαϊκής Ένωσης να έχουν, χωρίς επιπλέον χρέωση, τη δυνατότητα να αξιοποιήσουν αυτό το επιγραμμικό περιεχόμενο, το οποίο έχουν πληρώσει στην ίδια τους τη χώρα. Φυσικά, πρέπει να μεριμνήσουμε και για την προστασία των δικαιωμάτων των δημιουργών και για την προστασία όλων όσων έχουν δικαιώματα πνευματικής ιδιοκτησίας, διότι αυτό είναι καθοριστικής σημασίας αν θέλουμε να έχουμε στο μέλλον και επιπλέον περιεχόμενο πνευματικής ιδιοκτησίας και δημιουργία.

(Koniec zgłoszeń z sali)

Andrus Ansip, Vice-President of the Commission. – Mr President, honourable Members of the European Parliament, when talking about a cross-border portability regulation, we are talking also about people visiting today the European Parliament. When talking about the low portability of digital content, we are talking approximately about 100 million European citizens a year. Our people will get access to their legally-bought digital content, but when talking about low portability of digital content, we are talking also about our authors. Authors have to be fairly remunerated.

We respect the principle of territoriality, but just one and a half years ago there were quite different understandings of what this principle of territoriality really means and what this absolute exclusivity means. For some people it was about absolute exclusivity when they even knew that 68% of those film viewers are using free downloads. According to my understanding, it was very relative understanding about absolute exclusivity. For me, absolute exclusivity means 0% or 100%.

I am happy that we were able to find this common language with creators, and I am sure creators also believe – and they are right to believe – that they will be much better remunerated just because of this cross-border portability regulation. I agree with those people who said that we are just in the beginning of the process. We have to create a digital single market in the European Union, and I hope our cooperation will be also fruitful when we deal in a detailed manner with abolishing of unjustified geo-blocking in the European Union.

Jean-Marie Cavada, rapporteur. – Monsieur le Président, je remercie tout d'abord nos collègues pour toutes leurs appréciations plus ou moins satisfaites. Le mérite en revient à tous ceux qui ont travaillé sur cette affaire et, en premier lieu, à la Commission européenne.

Dès le début, la Commission actuelle avait affiché d'une façon extrêmement impérieuse la nécessité de créer un marché numérique. C'était une bonne chose, mais beaucoup d'arrière-pensées persistaient, tant dans cette assemblée que, probablement, dans d'autres institutions européennes.

Ce que j'aime bien dans ce texte ainsi que dans les positions que vous avez progressivement prises, Monsieur le Commissaire, c'est l'idée qu'il faille mettre à jour un préjugé dangereux. Oui ou non, le marché numérique doit-il écraser ceux qui créent les contenus de ce marché? Autrement dit: le grand marché unique numérique européen est-il dirigé contre les créateurs, qui devraient se coucher et abandonner toute forme de droit ou de contrôle de droit?

Monsieur le Commissaire Ansip, cher Président, vous avez engagé votre parole et montré par ce texte que vous aviez pris l'option contraire. Non, le marché numérique n'a pas pour adversaire la territorialité ni le géoblocage, contrairement à ce qui se dit de temps en temps, y compris ici, ni – naturellement – la juste rémunération du droit d'auteur. En effet, cette rémunération du droit d'auteur est la colonne vertébrale absolue de l'une des valeurs européennes, et non des moindres. Concrètement, environ 530 milliards d'euros annuels proviennent de l'activité créatrice. Si cette colonne vertébrale venait à être abandonnée, par le géoblocage ou par la suppression de la territorialité, cela voudrait dire que nous ouvririons toutes grandes nos portes aux principaux groupes anglo-saxons et américains qui, dans certains cas, utilisent déjà dans leur activité commerciale des contenus qu'ils n'ont pas achetés, ce qui est en principe interdit dans toute forme de commerce – et je me réjouis que votre collègue, M^{me} Vestager, soit vigilante pour sanctionner ces faits. D'autre part, ces mêmes groupes – et j'attire votre attention pour les textes à venir – se permettent, grâce à notre faiblesse, de payer leurs impôts là où ils disposent de facilités fiscales et non pas là où sont leurs consommateurs.

Monsieur le Commissaire, de ce point de vue, je voudrais que nous ayons des discussions extrêmement exigeantes sur les textes à venir. Il ne manque pas de gens pour dire que le saucissonnage par sujet de la question du marché unique numérique est une stratégie. Je crois pouvoir compter sur votre bonne foi – vous venez de le démontrer –, mais nous serons naturellement très vigilants sur la suite car c'est défendre une des très grandes valeurs européennes que de défendre le marché unique des auteurs à travers leur territorialité et leur juste rémunération.

Pour ce qui est de ce texte, je veux à nouveau me féliciter et vous remercier, chers collègues, cher Président, Monsieur le Vice-président de la Commission, de l'excellente coopération intelligente que nous avons pu avoir.

Przewodniczący. – Zamykam debatę.

Głosowanie odbędzie się w czwartek 18 maja 2017 r.

Oświadczenia pisemne (art. 162)

Lidia Joanna Geringer de Oedenberg (S&D), *na piśmie.* – Pomimo popularności urządzeń przenośnych i łatwości podróżowania po UE wiele usług internetowych wciąż jest blokowanych geograficznie. Według Europejskiej Unii Nadawców 11 % europejskich gospodarstw domowych wykupiło w 2016 r. usługę typu video na życzenie. Szacuje się, że do 2020 r. ten odsetek podwoi się. Ponad połowa tego rynku należy do amerykańskiego dystrybutora Netflix.

Przyjęte podczas obecnej sesji plenarnej rozporządzenie pozwoli na korzystanie na terenie całej Wspólnoty z wykupionego w jednym państwie członkowskim dostępu online do ulubionego serialu, programu czy muzyki. Taki nieograniczony dostęp do usług multimedialnych będzie przysługiwał osobom, które przebywają za granicą w celach wypoczynkowych, zawodowych czy naukowych.

Powyższe sprawozdanie stanowi rozwinięcie debaty dotyczącej dzieł osieroconych oraz zbiorowego zarządzania prawami autorskimi i jest kolejnym krokiem na drodze do modernizacji praw autorskich w Europie, nad którą obecnie pracuję. Rozporządzenie powinno pozostać proste w zastosowaniu, tak aby skorzystało z niego jak najwięcej europejskich obywateli, którzy przemieszczają się na krótszy lub dłuższy okres do innych krajów Unii.

Marc Tarabella (S&D), *par écrit.* – Nous voterons demain une législation qui permettra aux citoyens européens abonnés à des films, des musiques et des séries télévisées en ligne d'accéder à ce contenu même quand ils se trouvent à l'étranger.

Près d'un européen sur deux est concerné. Concrètement aujourd'hui, 49% des utilisateurs Internet en Europe écoutent de la musique, regardent des vidéos et jouent en ligne. Mais quand vous sortez de vos frontières nationales, vous ne pouvez pas, ou peu, accéder aux services de contenu en ligne auquel vous êtes abonnés et ne pouvez donc pas obtenir les films, les séries tv, la musique, les jeux, ou encore les événements sportifs.

Nous avons obtenu que ces restrictions disparaissent et que le citoyen puisse accéder à tout ce contenu en ligne où qu'il soit en Europe, lors de ses voyages ou ses déplacements professionnels internationaux. Une bonne nouvelle pour le consommateur.

Romana Tomc (PPE), pisno. – Spoštovani predsedujoči, najlepša hvala za besedo. Enotni trg Evropske unije se mora prilagoditi digitalni dobi in z njo tehnologiji, ki se izredno hitro razvija in nadgrajuje. Ljudem morajo biti storitve na voljo po celotni uniji, ne glede na to, v kateri državi članici so jih zakupili.

To je tudi ena od štirih svoboščin. Zato pozdravljam odpravo čezmejnih blokad dostopa do spletnih vsebin. Verjamem, da bo enostavnejši dostop do storitev s seboj prinesel številne pozitivne učinke, kot so bolj raznolika in kvalitetnejša ponudba.

Večja ponudba pomeni več potrošnikov, več potrošnikov pomeni širjenje industrije in s tem ustvarjanje novih delovnih mest. Izkoristiti moramo vse te možnosti, ki nam jih ponuja digitalizacija. Z novimi tehnologijam pa seveda pridejo tudi novi izzivi, ne smemo pozabiti niti na nevarnosti, ki jih te prinašajo.

Zaščita uporabnika mora ostati primarna skrb, ne glede na industrijo. Zato pozivam k jasni in pregledni regulaciji, ki bo varovala osebne podatke uporabnikov in hkrati nudila vse, kar lahko nudi.

18. Aplicação do Regulamento (UE) 2017/458 no que diz respeito ao reforço dos controlos nas fronteiras externas por confronto com as bases de dados pertinentes (debate)

Przewodniczący. – Kolejnym punktem porządku dnia jest oświadczenie Komisji w sprawie wdrożenia rozporządzenia (UE) 2017/458 w odniesieniu do zintensyfikowania odpraw na granicach zewnętrznych z wykorzystaniem odpowiednich baz danych.

Andrus Ansip, Vice-President of the Commission. – Mr President, honourable Members of the European Parliament, not long ago this plenary debated the new rules on reinforced border checks. I am happy for this opportunity to debrief you on the state of play since these new rules came into effect on 7 April and the results achieved so far.

But first, let me recall why these new rules were adopted. The aim is to increase the internal security of the European Union as a whole, and the systemic checks are also to address in particular the threat from foreign terrorist fighters. The extended negotiations ensured the right balance between the security needs and the freedom of movement. During this lengthy period, Member States have had the time to prepare for the entry into force of these new rules. The Commission has provided financial support to Member States to make the necessary investments at the border crossings.

Thanks to this preparation, in many Member States the waiting time due to the new rules has not caused excessive delays, but indeed, in some cases, the waiting time at the external borders has increased. In particular at the land border between Slovenia and Croatia the waiting time exceeded a few hours during the Easter holiday period. However, we should note that even before the new rules started applying, some crossing points at this border section experienced occasional delays of up to two hours.

Commissioner Avramopoulos and his services are in close contact with the Croatian and the Slovenian authorities to find the operational solutions to the situation at this specific border section. As a follow-up to the discussion between President Juncker and the Croatian and Slovenian prime ministers in the margins of the European Council on 29 April, an on-the-spot visit took place on 8 and 9 May at the most affected border crossing points. Following this visit, all parties agreed on operational guidance on the implementation of the new rules. This will take into account the specific situation of this border section to limit the impact of the new rules at this specific border to the minimum.

To sum up, we are doing our best to ensure increased security at all external borders while minimising the impact on EU citizens, as foreseen in the new Schengen Border Code.

Kinga Gál, a PPE képviselőcsoport nevében. – Elnök Úr, Biztos Úr! Állampolgárainak biztonságának megőrzése elsődleges célja kell legyen minden döntéshozónak. Elengedhetetlen, hogy tudjuk, kik lépnek be országaink területére és csak ily módon lehet elkerülni újabb tragédiák bekövetkeztét.

Ugyanakkor az uniós állampolgárok schengeni határokon való ki- és belépésnél történő ellenőrzésének a bevezetése nem veszélyeztetheti az Unió legnagyobb vívmányát: az uniós polgárok szabad mozgását. Nem történhet meg, hogy több órás várakozás alakul ki két tagállam között egyes határszakaszokon, mint például a magyar-horvát, vagy az imént említett horvát-szlovén határszakaszok esetében történt nemrég. Pedig még a nyári turizmusdömping el sem indult. Egyre nehezebb megmagyarázni polgárainknak ezekben az országokban, hogy ellehetetlenedik az egyik tagállamból a másikba való utazás, miközben tovább folytatódik ellenőrizetlen tömegek Európába érkezése illegálisan. Ezt a helyzetet orvosolni kell. Ezért azt kérem a Bizottságtól, hogy tegyen lépéseket, hogy az uniós polgárok biztonságának megőrzése mellett ne tegye lehetetlenné polgáraink szabad mozgását és mindennapi életét.

Tanja Fajon, v imenu skupine S&D. – 7. aprila sem bila tudi sama med tisočimi prizadetimi potniki, ki smo tudi po 5 ur in tudi več čakali na izstop iz Slovenije na Hrvaško. Kaos, na katerega smo stalno opozarjali, se je zgodil. Na nezmožnost sistematičnih pregledov potnikov smo v pogajanjih opozarjali s kolegi v parlamentu, je opozarjala moja država, je opozarjala stroka.

Sprejeli smo ukrep, ki je, komisar, neživljenjski in nepremišljen, brez ustrezne študije, ki bi preverila učinke vpliva na promet, na turizem in na gospodarstvo.

Razumem in strinjam se, da je na prvem mestu varnost naših državljanov.

Podpiram vse smiselne in premišljene ukrepe, ki to tudi zagotavljajo.

A zadnji ukrep to ni. Kar smo naredili z nesorazmerno prenovo zakonika, je žal dokaz zgolj brezglave in nedelujoče evropske politike.

Slovensko-hrvaško kopensko mejo vsak konec tedna prečka na tisoče turistov, vikendašev, ki gredo na hrvaško obalo. V zadnjih tednih smo bili priča zaostreni retoriki na obeh straneh meje, medsebojnemu obtoževanju in tudi nemoči mejnih organov, ki so bili prepuščeni sami sebi. To ni evropska politika, ki bi vlivala zaupanje ljudem.

V situaciji, ko ima dvemilijonska Slovenija obenem neutemeljeno kontrolo tudi na meji z Avstrijo in Italijo, se upravičeno sprašujemo, ali Schengen sploh še deluje, ali je evropska politika za zagotavljanje varnosti in upravljanje z migracijami sploh na pravi poti? Ali ima Komisija sploh še razum in moč odločanja ali je podlegla interesom posameznih držav.

Ker kontrole na mejah niso dvostransko vprašanje, me zanima, komisar, ali nameravate dogovor premierov Slovenije in Hrvaške s predsednikom komisije Junckerjem, da lahko državi izvajata usmerjeno preverjanje potnikov, kadar je čakalna doba daljša od 15 minut, tudi formalno vključiti v Schengenski zakonik? Pričakujem, da boste ukrepali, sicer bom kot pogajalka v drugih ključnih dosjeih na področju migracij in varnosti nove ukrepe sprejemala z veliko večjo mero zadržanosti.

Monica Macovei, în numele grupului ECR. – Mulțumesc. În contextul intrării în vigoare a regulamentului Schengen modificat pe 7 aprilie anul acesta este important să știm că la Comisia Europeană există fonduri pentru securitatea internă a Uniunii din care fiecare țară a primit bani prin programe naționale, iar banii trebuie folosiți.

Pentru perioada 2014-2020 sunt disponibili circa 3 miliarde EUR numai pentru componenta granițe și vize. Și Slovenia a primit bani pentru a asigura fluiditatea traficului pentru cei care trec granița Slovenia-Croația. La fel și Ungaria și toate celelalte țări. Foarte important este cum au fost cheltuiți acești bani și cât de mult au fost accesați de către statele membre.

În primul rând trebuie cumpărate scannere mobile și fixe pentru ca datele de identitate ale persoanelor care trec granița să poată fi verificate rapid în bazele de date. O astfel de verificare durează zece secunde. Dacă pe ecranul unic al scannerului apare o problemă cu privire la acea persoană atunci se verifică separat. Restul oamenilor trec rapid. De aceea sper că Slovenia, Ungaria, România și alte țări care încă nu au făcut-o vor face acest lucru în cât mai scurt timp tocmai pentru a-i ajuta pe cei care trec granița să o treacă rapid și pentru a le asigura securitatea și viața și sănătatea.

Ivan Jakovčić, *u ime kluba ALDE*. – Gospodo predsjednice, gospodine povjerenice, molim vas da me pažljivo saslušate jer sam možda glavni krivac što je ova točka danas ponovno na dnevnom redu. U petak 7.4. kad je Uredba stupila na snagu vraćao sam se doma s prošle strasburške sjednice i na graničnom prijelazu Kaštel-Dragonja dočekala me kolona od 2 kilometra u kojoj sam čekao 2 sata. U subotu ujutro sam odmah napisao pismo predsjedniku Junckeru i premijeru Plenkoviću, koji me zaista nakon sat-dva nazvao i obećao dogovoriti susret s premijerom Cerarom i predsjednikom Junckerom. Taj se susret zaista i dogodio 29.4., a rezultat njihovog razgovora je da će se u slučaju kada su čekanja u kolonama dulja od 15 minuta prijeći s totalnih na ciljane kontrole.

Namjera tri prijatelja je dobra, ali više cilja na smirivanje ogorčenih građana, a ne na pravo rješenje problema nepotrebnih zastoja. Uostalom, to je u praksi podložno samovolji pojedinaca i nije uopće formalizirano nikakvim propisom. Ispravno je rješenje uvođenje ciljanih kontrola kao pravilo, kao pisano pravilo, pogotovo na graničnim prijelazima gdje je sigurnosni rizik minimalan, a totalne kontrole uvesti kao iznimku samo u slučaju rizičnih obavještajnih podataka. Naime, ova Uredba 458 objektivno ne rješava problem sigurnosti građana, ali značajno komplicira život pogotovo onih ljudi koji žive uz granicu.

Zato tražim da Komisija odmah predloži reviziju uredbe i uvaži činjenicu da su se ciljane kontrole, koje su bile u praksi donedavno, pokazale primjerenim rješenjem.

I još tri apsurdna. Komisija je 15.5. smanjila prognozu rasta BDP-a za Hrvatsku zbog „neobično dugih kolona na graničnim prijelazima” jer direktno štete turizmu koji čini 20% BDP-a. Dakle, Komisija s jedne strane predlaže propise, a onda temeljem njihove neprovedbe ili provedbe daje negativnu prognozu gospodarskog rasta. Konkretno apsurd je ono što se dešava kada turist koji je već jednom prošao kontrolu ulaska u Istru zaželi ići na jednodnevni izlet, na primjer, u Veneciju. Tamo ga opet dočeka višesatna kontrola, čime takvi izleti postaju muka, a ne užitak. Siguran sam da dijelite moje mišljenje da je ipak glavni apsurd taj što smo iz Jugoslavije lakše odlazili u Italiju i Austriju nego danas iz Hrvatske u Sloveniju i obrnuto, a obje smo zemlje članice Europske unije.

Marie-Christine Vergiat, *au nom du groupe GUE/NGL*. – Monsieur le Président, un mois après la mise en œuvre du règlement sur le contrôle systématique aux frontières, nous revoyons en plénière pour discuter des difficultés rencontrées, sans surprise: c'était prévisible, mais peut-être un peu rapide.

Il était inévitable que ces contrôles systématiques, loin de fluidifier les frontières, aient un impact sur la circulation. Nous l'avons effectivement dit. En première ligne se trouvent les aéroports, où les effectifs des douanes n'ont pas été augmentés et où les files d'attente se sont en conséquence allongées, provoquant la réaction des compagnies aériennes. Même chose aux frontières terrestres, notamment les plus exposées, avec des difficultés particulières entre États, membres ou non de l'espace Schengen. Il faut dire que mettre en œuvre le nouveau règlement au moment des vacances de Pâques demande un certain sens de l'humour dont les touristes, notamment suisses, allemands et autrichiens, ont fait les frais en se rendant sur les bords de l'Adriatique, en passant par la Slovénie et la Croatie. Et les mêmes dysfonctionnements ont dû être constatés en Roumanie et en Bulgarie.

Quelles solutions propose-t-on? Revenir aux contrôles ciblés, au mépris de l'objectif même de sécurité annoncé. Sous la pression du Conseil, une nouvelle fois, on a adopté et mis en place à la va-vite des systèmes sans en éprouver la fiabilité, ne serait-ce que par une étude d'impact. Et on reproduit les mêmes erreurs que pour le PNR et pour le SIS sur le dos du contribuable européen et de la crédibilité de l'Union européenne. Les citoyens européens et leur sécurité ont bon dos.

(L'oratrice accepte de répondre à une question «carton bleu» (article 162, paragraphe 8, du règlement))

Tomáš Zdechovský, au nom du groupe, question „carton bleu“. – Nezdá se vám to, že dnes kritizujete fronty na hranicích a že si lidé musí trochu počkat, trochu populistické?

Poté, co zavedeme nějaké opatření, tak ho hned musíme kritizovat a nepočkáme na jeho dopady a na jeho zaběhnutí. Nebyla jste to vy, která zde kritizovala po útocích ve Francii právě to, že nehlídáme vnější hranici EU? Prosím o odpověď.

Marie-Christine Vergiat (GUE/NGL), réponse «carton bleu». – Je pense qu'il a dû y avoir un petit problème d'interprétation et que vous me connaissez mal, mon cher collègue.

Ce que j'ai dit, je l'ai dit au moment de l'adoption du texte. Par conséquent, je n'ai pas changé d'avis. Je pense que la sécurité est quelque chose d'important mais je constate aussi les échecs des systèmes que nous mettons en œuvre les uns après les autres. Il se trouve que je suis l'ensemble de ces dispositifs pour le groupe GUE/NGL. Nous sommes en train de voir que le PNR n'est pas mis en place et que SIS ne fonctionne pas, et qu'il faudra, une nouvelle fois, revoir le système.

Par conséquent, je ne suis pas en contradiction avec moi-même. Je suis en permanence sur la même position: j'alerte et je dis que les systèmes mis en place ne sont pas fonctionnels et ne répondent pas aux besoins de sécurité des citoyens.

(L'oratrice accepte de répondre à une question «carton bleu» (article 162, paragraphe 8, du règlement))

Monica Macovei (ECR), blue-card question. – Just a very short question: isn't it better to ask our governments why they did not use the money they had at their disposal for at least two years to buy the equipment? This is what they should have done, and this what they should do – not that the regulation should have been adopted. The money was there. Some Member States did not fulfil their duties. Let us make them fulfil their duties and buy this equipment on the money from the Commission.

Marie-Christine Vergiat (GUE/NGL), réponse «carton bleu». – Madame Macovei, vous allez peut-être être étonnée mais je suis d'accord avec vous. Si j'ai dit «sur le dos du contribuable européen», c'est parce que j'ai peur que ce qui nous soit proposé aujourd'hui, c'est d'augmenter des fonds qui existent déjà et que nos gouvernements n'utilisent pas.

Nous avons besoin de plus de transparence pour savoir exactement comment les gouvernements nationaux utilisent les fonds de sécurité intérieure.

Ce n'est pas en augmentant les enveloppes qu'on va régler les problèmes, bien au contraire.

Ulrike Lunacek, im Namen der Verts/ALE-Fraktion. – Herr Präsident, Herr Kommissar, meine Damen und Herren! Ich möchte zuerst einmal meinem Kollegen Igor Šoltes, der nach mir sprechen wird, danken, der für meine Fraktion das Thema auf die Tagesordnung gebracht hat, und ich bin froh, dass wir diese Debatte jetzt führen. Ich war die Verhandlerin für meine Fraktion bei diesem Thema und ich habe schon damals auf mehrere Dinge aufmerksam gemacht. Es gab keine Folgenabschätzung der Kommission über die Auswirkungen – schon von Anfang an nicht. Es war für viele von uns klar, dass gezielte Kontrollen viel besser wären. Was wir jetzt erlebt haben, und Frau Fajon hat das aus eigener Erfahrung geschildert, ist, dass es hier gerade im Urlaubsverkehr an den Grenzen zu massiven Behinderungen gekommen ist.

Das jetzige System ist einfach nicht verhältnismäßig. Es schafft nicht mehr Sicherheit. Alle, die glauben, dass jetzt bei diesen massiven Grenzkontrollen – und jeder und jede wird überprüft – die Terroristen gefangen werden: Das stimmt einfach nicht. Das Problem ist, dass die Europäischen Mitgliedstaaten die Datenbank, die es gibt, nicht einmal mit Daten füllen. Das heißt: Es nützt oft gar nichts, weil die relevanten Personen da nicht drinstehen. Das heißt: Es wäre viel sinnvoller, hier einfach diese gezielten Überprüfungen zu machen, und nicht jede und jeden zu verdächtigen – das wäre notwendig. Ich kann nur sagen, dass ich den Vorschlag an die Kommission, der jetzt auch von Tanja Fajon und anderen gekommen ist, sehr wohl unterstütze. Ich fordere Sie auf, dass Sie in den Schengen-Kodex tatsächlich den

Vorschlag aufnehmen, dass nach 15 Minuten Wartezeit hier gezielte Kontrollen eingeführt werden können und eingeführt werden sollen. Das ist der Vorschlag, den die beiden Premierminister Cerar und Plenković gemacht haben. Das kann aber nicht auf bilateraler Ebene bleiben, denn die Probleme gibt es auch zwischen Ungarn und Serbien, wie Frau Gál gerade gesagt hat. Die Probleme gibt es zum Beispiel auch zwischen Gibraltar und Spanien, und wir können da nicht lauter bilaterale Abkommen schließen. Also, es braucht hier verhältnismäßige Lösungen, und bitte nehmen Sie diesen Vorschlag an, und ändern wir den Schengen-Kodex diesbezüglich.

Gerard Batten, *on behalf of the EFDD Group*. – Mr President, the European Union itself has created serious security problems because of its open borders policy. These problems became all the more obvious after the accession of the Eastern European countries in 2004. Even the Head of Europol, Rob Wainwright, has said that Schengen not only facilitates the freedom of movement of people, but the freedom of movement of organised crime and criminals. To try and fix the problems and restore some kind of stability the first step should be to abolish the Schengen area. The only real solution is to restore the control of borders to nation states. They all have different challenges and they have to approach their particular problems in their own way. Unfortunately, the waiting times at borders are going to be longer in some countries than others.

Regarding what databases are required to help with border controls, of course the authorities need the fullest possible information on police records, identity documents, fingerprints, criminal intelligence, etc. What we do not need is the EU's own databases, such as the Schengen Information System working under SIRENE. SIRENE is a police organisation and is part of the EU's own developing police force. These organisations duplicate the work of Interpol and are unnecessary. Interpol already has at least 12 databases which are at the disposal of nation states. These databases cover a range of information regarding DNA and fingerprints for criminals and missing persons, stolen and missing documents, and counterfeiting, to name just a few of many.

The framework for increasing international cooperation in this sphere is Interpol and not EU organisations. When Britain leaves the European Union, which I hope will come sooner rather than later, it should withdraw from Europol and SIRENE and be at the forefront of increasing international cooperation via Interpol.

Mario Borghezio, *a nome del gruppo ENF*. – Signor Presidente, onorevoli colleghi, certamente il dibattito ha fatto emergere problemi e difficoltà nell'adozione di queste misure che però rimangono necessarie, basti pensare al rischio della fuoruscita dalla Siria di forse addirittura migliaia di *foreign fighter* per capirlo.

Però vorrei segnalare al Commissario e Vicepresidente la situazione di un'altra frontiera esterna, quella fra l'Italia e la Francia, sì, frontiera esterna, perché siccome dalle coste meridionali dell'Italia affluiscono decine, forse centinaia di migliaia di soggetti che non vengono identificati adeguatamente e in qualche caso non sono addirittura assolutamente identificati, questi soggetti arrivano in massa alla frontiera italo-francese di Ventimiglia, che si trasforma in una frontiera esterna, di fatto. E lì queste nuove misure così necessarie, che sarebbero veramente necessarie, non sono assolutamente applicate.

Se il Commissario vuole rendersi conto di persona, naturalmente finito il periodo in cui sacrosantamente sono state adottate delle misure di interruzione della libera circolazione per il G7, ma subito dopo riprenderà la situazione che è durata fino al 14 maggio. Bastava andare alla stazione ferroviaria di Ventimiglia per rendersi conto dell'afflusso giornaliero di decine e decine di soggetti totalmente irregolari e clandestini, che affluivano in tutta tranquillità, senza alcun controllo verso la Francia, creando enormi problemi, non solo di carattere di immagine ma anche per le autorità di polizia.

Allora le regole europee sono una cosa seria o al confine italo-francese di Ventimiglia sono totalmente ignorate e c'è invece una norma non scritta, invisibile, che rende possibile questo sconcio, questa situazione vergognosa?

Γεώργιος Επιτήδειος (NI). – Κύριε Πρόεδρε, ο σωστός και εμπεριστατωμένος έλεγχος των εξωτερικών συνόρων συμβάλλει αποτελεσματικά στο να εμπεδωθεί το συναίσθημα ασφαλείας μεταξύ των κατοίκων των κρατών μελών. Επιπλέον, ένας σωστός έλεγχος στα εξωτερικά σύνορα περιορίζει στο ελάχιστο, έως μηδενίζει, την ανάγκη να πραγματοποιούνται λεπτομερείς έλεγχοι στα εσωτερικά σύνορα. Μετά την αναμενομένη παταγώδη αποτυχία της ευρωπαϊκής συνοριοφυλακής και ακτοφυλακής στην Ελλάδα, ορθώς ο κανονισμός προβλέπει την ανάθεση της αποστολής διεξαγωγής ελέγχου στα εξωτερικά σύνορα από τις συνοριοφυλακές των υπολοίπων κρατών μελών. Διότι αυτοί έχουν και τη δυνατότητα και τη θέληση και τα μέσα να φέρουν επιτυχώς σε πέρας την αποστολή αυτή. Διαθέτουν μεταξύ των άλλων και οικείες βάσεις δεδομένων οι οποίες περιλαμβάνουν στοιχεία και για ταξιδιωτικά έγγραφα που περιέχουν βιομετρικά στοιχεία και έτσι να μπορεί να ταυτοποιείται πιο εύκολα ο κάτοχός τους. Με

αυτόν τον τρόπο, και επειδή ανταλλάσσουν και μεταξύ τους πληροφορίες των βάσεων δεδομένων στις οποίες έχουν καταχωρηθεί και ταξιδιωτικά έγγραφα απωλεσθέντα ή κλαπέντα, συμβάλλουν στην προστασία της Ευρωπαϊκής Ενώσεως από την είσοδο τρομοκρατών και ξένων μαχητών οι οποίοι είναι ευρωπαϊκής καταγωγής.

VORSITZ: EVELYNE GEBHARDT

Vizepräsidentin

Monika Hohlmeier (PPE). – Frau Präsidentin! Zunächst einmal an den Anfang gestellt: Nach meinem Dafürhalten sind die sachlichen Entscheidungen im Gegensatz zu dem, was die Kollegen der Sozialdemokraten und der Grünen gerade gesagt haben, insgesamt vernünftig. Die Umsetzungsprobleme – dort, wo es sie gibt – muss man ganz im Konkreten angehen. Das sind nicht große rechtliche Probleme, sondern es sind Umsetzungsprobleme mit einer neuen Regelung. Da gibt es Probleme bei den Grenzbehörden, da gibt es Probleme mit dem Übergang: Wann geht man zu zielgerichteten Kontrollen über, welche Möglichkeiten technischer Art können auch eingesetzt werden, um den entsprechenden Anforderungen zu genügen? Da gibt es eine ganze Palette. Und wir werden uns noch öfter darüber unterhalten, wie man das optimiert gestalten kann.

Wir sind uns, glaube ich, darüber einig, ohne dass man bitte, liebe Kollegin Fajon, gleich in Drohungen ausbricht, wir werden jetzt wieder irgendwas blockieren. Ich will gar nichts blockieren, ich will einfach dafür Sorge tragen, dass wir dann gemeinsam Lösungen finden, dass eben die Wartezeiten nicht ins Unermessliche gehen. Die spanische Regierung hat sehr vernünftig reagiert und ist zu zielgerichteten Kontrollen übergegangen, zu den Zeitpunkten, als das notwendig war.

Man muss sich erst einmal an eine neue Situation, die man vorher so noch nicht gekannt hat, gewöhnen und dafür Lösungen finden. Da sollten wir konstruktiv herangehen und versuchen, das konstruktiv zu lösen. Zum Kollegen Batten möchte ich nur sagen: Ich finde Ihre Bemerkungen zu Interpol und zu Europol fast lustig, weil Großbritannien ziemlich wenig Nachrichten einspeist. Und ich möchte bei Interpol auch vermerken, dass wir mittlerweile -zig Leute beschäftigen, um festzustellen, ob die Türkei unter Umständen nach falschen Interpol-Haftbefehlen versucht, internationale Haftbefehle ausstellen zu lassen. Ich habe großes Vertrauen zu Europol, und ich bin der Meinung, dass wir nach unseren Standards und Methoden am besten auf die Situation reagieren können.

Tonino Picula (S&D). – Gospođo predsjednice, „Ako se dugačke kolone nastave, mogu utjecati na dolazak turista u ljetnim mjesecima što će utjecati na prihod od turizma koji je za vašu zemlju jako važan“, izjavio je povjerenik Moscovici. Upravo je primjena Uredbe o sistemskim kontrolama istaknuta kao važan razloga zbog kojeg su projekcije Komisije o rastu Hrvatske umanjene. Paradoksalno je i nedopustivo da Komisija prognozira umanjen rast zbog provedbe Uredbe koju je sama predložila.

Postojeći europski sigurnosni mehanizmi pokazali su previše slabosti nakon terorističkih napada, prije svega zbog nepostojanja razmjene sigurnosnih informacija između zemalja članica. Bolja suradnja sigurnosnih sustava preduvjet je za veću sigurnost građana. Politička realnost zahtijeva jačanje sigurnosti Unije, ali ova Uredba ne može kompenzirati temeljne slabosti.

Hrvatsko-slovenska kopnena granica nije jedina krizna točka implementacije ove Uredbe. Zabilježena su dulja čekanja i na granici s Gibraltalom te na aerodromima diljem Europske unije. Postojeća tehnologija je potkapacitirana i ne omogućava dovoljno brzo izuzimanje biometrijskih podataka, njihovu provjeru u postojećim i pohranu u novim sustavima. Također, neke članice zadržale su granične kontrole unutar Schengena. Sve to dovodi u pitanje slobodu kretanja kao temeljnu vrijednost Europske unije.

Dogovor hrvatskog i slovenskog premijera je dobrodošao. Njime je problem saniran, ne i riješen. Ulazak u Schengen Hrvatskoj treba postati i operativni prioritet. Nesmetan prelazak granica onima koji na to imaju pravo ne smije biti doveden u pitanje.

Ruža Tomašić (ECR). – Gospođa predsjednice, suluda politika otvorenih granica dovela je do toga da se danas moraju provoditi drastične kontrole. Zapadna Europa koja se nakon Drugog svjetskog rata prometnula u oazu slobode sad mora ograničavati teško izobrene slobode svojih građana zbog terorističke prijetnje koju si je sama uvezla.

Podržavam jače kontrole jer se nažalost nalazimo na točki s koje nema povratka, barem dok se sigurnosni problemi ne riješe, ali bih doista željela da se pozabavimo uzrocima, a ne samo posljedicama.

Postoji razlog zašto smo uveli jače kontrole – ne samo na vanjske, nego i na unutarnje granice. Hrvatska je danas žrtva tih kontrola, a ni na koji način nije doprinijela sigurnosnom kaosu u Europi. Gužve su na našim granicama nesnosne, što će vjerojatno negativno utjecati na turističku sezonu u državi u kojoj turizam čini gotovo 20% BDP-a.

Netko je za to kriv, neke su se politike pokazale promašenima, a ja mislim da je krajnje vrijeme da krenemo ispravljati te pogreške.

Jozo Radoš (ALDE). – Gospođa predsjednice, kolegice i kolege, zbog nemogućnosti da, zbog slabe vanjske i sigurnosne politike, utječe na izvore kriza izvan svojih granica i zbog nedovoljne suradnje da se stvori sigurnosni prostor unutar njenih granica, Europska unija odlučila se za ovu birokratsku mjeru. Međutim, ova mjera nije učinkovita iz najmanje dva razloga. Teroristi najčešće jesu državljani Europske unije prema kojima se provode blaže kontrole, i drugo, teroristi imaju načina kako zaobići ovu mjeru.

Stoga pozdravljam prijedlog predlagatelja, kolega koji su govorili prije mene o ublažavanju ovih kontrola na vanjskim granicama Europske unije, ali pogotovo snaženje vanjske i sigurnosne politike i bolju sigurnosnu suradnju koja će Europu učiniti sigurnom ne samo na njenim granicama nego unutar nje same.

Miguel Urbán Crespo (GUE/NGL). – Señora presidenta, a mí me gustaría no solo analizar la propuesta en concreto sino la filosofía en general que estamos viendo. Yo creo que nadie puede estar en contra de más seguridad para los ciudadanos europeos, pero la seguridad no es solo —o es mucho más que— los controles fronterizos.

Nos encontramos cada vez más ante propuestas de reglamento que vinculan de forma sistemática la seguridad, el control de fronteras, la inmigración y el terrorismo. Esto no solo es una falacia, sino, sobre todo, es una irresponsabilidad. Es gasolina política para el auge electoral de la extrema derecha.

Pero seamos sinceros. Muchas veces, cuando hablamos de seguridad, realmente nos referimos a negocio. No sé si saben quién es la Organización Europea para la Seguridad. Es el principal grupo de presión de la industria militar y securitaria. Su objetivo es el desarrollo de un mercado europeo de seguridad armonizado. Para ello condicionan políticas, como reveló el informe del Transnational Institute *Guerras de fronteras*, de cara no a proteger a los ciudadanos europeos sino a proteger sus propios intereses y su inmenso negocio. Por desgracia, en la Unión Europea se ha dejado de combatir la pobreza muchas veces para combatir a los pobres. Esa es la filosofía de seguridad que habría que combatir.

Igor Šoltes (Verts/ALE). – Brez dvoma je zaščita zunanjih meja nujen in potreben ukrep, da se zagotovi varnost državljanov znotraj Evropske unije, vendar pa je seveda treba sprejemati takšne ukrepe, ki so sorazmerni s ciljem, ki ga želimo doseči. In to ta uredba ni.

Zadnji dogodki, pa dolge meje med velikonočnimi prazniki in dolge kolone na slovensko-hrvaški meji kažejo popolnoma drugačno sliko, ki smo jo gledali pred tridesetimi leti. Zlasti nečloveški zastoji na mejah so pokazali, da ukrepi očitno niso ustrezni. Uredba pa je preveč toga, v določeni meri, in v določenih zahtevah tudi nerealna.

Slovenija je predlagala več izjem za manj rizične skupine, tudi otroke, organizirane skupine upokoјencev in tako dalje, in ti predlogi so bili popolnoma prezrti. Ignorirana so bila tudi opozorila lokalnega prebivalstva ob mejah, za katero je pretočnost meje vitalnega pomena za vsakdanje življenje.

Vsi si seveda želimo več varnosti in ukrepe moramo izvajati na podlagi presoje učinkov, ki jih ta uredba ni imela. In upoštevati moramo tudi realno stanje na terenu. Ob tem pa seveda ne morem mimo absurda, ki se dogaja tudi znotraj evropskih meja in kaže na dvojnost evropske politike.

Po eni strani zaostrujemo nadzor na zunanjih mejah, po drugi strani pa dajemo zeleno luč okrepljenemu nadzoru na notranjih, se pravi recimo tudi na na avstrijsko-slovenski meji.

In na koncu še to. Naj izrečem še izredne čestitke slovenskim policistom in vsem obmejnim organom, da kljub veliki obremenjenosti svoje delo opravljajo predano in pa seveda strokovno.

(Govornik se je strinjal, da bo sprejel vprašanje, postavljeno z dvigom modrega kartončka (člen 162(8)).

Maria Grapini (S&D), *Întrebare adresată conform procedurii „cartonașului albastru”*. – Mulțumesc mult, stimate coleg sunt de acord cu multe din câte ați spus dumneavoastră. Sigur că felul în care se face traficul între frontiere poate să ducă la dezvoltarea comerțului, la dezvoltarea turismului, în același timp și securitate. Nu am înțeles însă de ce ați spus că între Slovenia și Austria ar trebui să fie restricții. În interiorul Uniunii Europene considerați că trebuie să mai avem restricții? Eu cred că trebuie să fie o singură Uniune Europeană, o singură piață.

Igor Šoltes (Verts/ALE), *Odgovor na vprašanje, postavljeno z dvigom modrega kartončka*. – Govorim o dejstvu, ki se vleče že več kot pol leta, in sicer – Evropska komisija je prižgala zeleno luč Avstriji, da okrepi nadzor na slovensko-avstrijski meji, kljub temu da [...] in pa predvsem, da preverjanja niso pokazala večjega tveganja.

To pa seveda tudi povzroča gospodarsko škodo, ki bi se ji lahko izognili, če bi seveda te kontrole poenostavili. In, kot rečeno, mislim, da ukrepi, ki jih je treba izvajati za poostreno varnost, morajo biti v sorazmerju z oceno učinka, kar je pa treba storiti prej, preden se kakšna uredba sprejme.

Tomáš Zdechovský (PPE). – Já jsem již dlouhou dobu zastáncem přísnějších kontrol na vnějších hranicích EU. Především na těch hranicích, přes které mohou přicházet zahraniční bojovníci vracející se např. z válek v Sýrii. Ti bezesporu představují velkou hrozbu pro bezpečnost EU a je potřeba je zastavit. Kde jinde než na samotných hranicích EU?

Tato kontrola hranic musí probíhat inteligentně. Proto v tomto ohledu dávám velkánskou naději nařízení, které bylo před měsícem přijato. Myslím si, stejně jako kolegyně Hohlmeierová, že musíme nechat tomuto nařízení nějaký čas na to, aby se zaběhlo. Myslím, že je potřeba daleko více pracovat s databázemi SIS a Interpolu, a to nejen na vstupu, ale i na výstupu ze schengenského prostoru. Každý stát musí svědomitě a zároveň efektivně kontrolovat, aby osoby přicházející do EU nepředstavovaly hrozbu pro veřejnou správu, vnitřní bezpečnost a veřejné zdraví.

Přestože tyto kontroly, dámy a pánové, mohou představovat nějaké problémy s plynulostí dopravy na hranicích a s tím spojené nepřijemnosti pro osoby dojíždějící za prací, jako je tomu např. mezi Chorvatskem a Slovinskem, považují tyto přísnější kontroly za velmi důležitý instrument k zajištění bezpečnosti EU. Ta by měla být, dámy a pánové, vždy na prvním místě.

Juan Fernando López Aguilar (S&D). – Señora presidenta, comisario, en febrero del año 2016, y después de atentados terroristas que ciertamente conmovieron a Europa pero que no fueron perpetrados por combatientes extranjeros ni por inmigrantes, ni mucho menos por refugiados, sino por europeos que vivían entre nosotros, el Consejo adoptó la iniciativa de un nuevo Reglamento que revisaba el código de fronteras Schengen.

Muchos pusimos objeciones en aquel momento, no porque no nos importe la seguridad, que claro que nos preocupa, sino porque queremos proporcionalidad y necesidad en las medidas, y porque queríamos evitar el caos en la frontera, que se ha puesto de manifiesto no solamente entre Eslovenia y Croacia.

Porque las medidas adoptadas —el nuevo sistema de identificación en fronteras, los controles exhaustivos de identidad—, y no los controles anteriormente vigentes, no están funcionando. Afortunadamente, son las propias fuerzas y cuerpos de policía los que están adoptando algo de razonabilidad en la gestión del nuevo sistema, pero han puesto de manifiesto vicios en el modo en que se legisla.

Porque cuando se legisla en caliente, de forma no lo suficientemente reflexiva ni proporcionada, sin vigilar el principio de necesidad en las medidas restrictivas de la libre circulación de personas, corremos el riesgo de que la legislación falle en su funcionamiento.

Habla la Unión Europea de legislar mejor. Estoy completamente de acuerdo. Claro que hay que legislar mejor, pero de acuerdo con el Parlamento Europeo. Muchos pusimos objeciones que debieron haber sido consideradas. Legislar con el Parlamento Europeo cuando se trata de fronteras exteriores de la Unión, de la gestión de las fronteras exteriores de la Unión y de la libre circulación de personas y del código Schengen. Con el Parlamento Europeo, no solo el Consejo.

Gérard Deprez (ALDE). – Madame la Présidente, chers collègues, bien sûr, il y a eu quelques difficultés lors de la mise en œuvre des contrôles systématiques aux frontières extérieures. C'est un fait d'autant plus regrettable qu'il s'agit, en l'occurrence, d'une fausse frontière extérieure, puisqu'elle est destinée à disparaître prochainement.

Mais ces quelques difficultés ne doivent pas cacher l'essentiel: les contrôles systématiques aux frontières extérieures sont nécessaires et justifiés. En Belgique, rien que le premier jour de la mise en œuvre de ces contrôles, quinze personnes signalées dans les bases de données policières ont été interpellées.

J'en suis conscient, faire la file est toujours gênant. Cela étant, nous apitoyer sous prétexte qu'une attente de plus de quinze minutes est insupportable sur la route n'est pas raisonnable lorsque l'on sait que ceux qui prennent l'avion doivent attendre parfois plus de deux heures et que tous leurs bagages sont contrôlés.

Reste que le dispositif actuel prévoit que les États concernés puissent recourir à des contrôles ciblés – qu'on en fasse usage! –, que les États membres utilisent les crédits européens pour se doter d'équipements performants et nécessaires et, enfin, que la Commission indique ce qu'est véritablement la fluidité pour aider les États à faire usage de la possibilité des contrôles ciblés.

Κώστας Χρυσόγονος (GUE/NGL). – Κυρία Πρόεδρε, η ενίσχυση των ελέγχων στα εξωτερικά σύνορα της Ευρωπαϊκής Ένωσης με τον κανονισμό 2017/458 αποδεικνύεται ήδη προβληματική. Επειδή οι κίνδυνοι που απειλούν την Ευρώπη είναι πολυάριθμοι, οφείλουμε να εφαρμόζουμε πολιτικές στηριγμένες στη λογική και να μην υπερβάλλουμε. Ο έλεγχος των εξωτερικών συνόρων συμβάλλει στη διατήρηση της ασφάλειας στο εσωτερικό, όμως η επιβολή μαζικών και υπέρμετρων ελέγχων υποχρεώνει πολλά κράτη μέλη να αναβαθμίσουν τα συστήματα ασφαλείας που διαθέτουν και να πολλαπλασιάσουν το προσωπικό ασφαλείας, χωρίς να έχουν την αντίστοιχη δυνατότητα εξαιτίας της οικονομικής κρίσης και των περιορισμών που τους επιβάλλονται. Ταυτόχρονα, ελλοχεύει ο κίνδυνος αύξησης των καθυστερήσεων σε σημεία και περιόδους αιχμής, ιδιαίτερα για χώρες του ευρωπαϊκού Νότου όπως η Ελλάδα που στηρίζονται οικονομικά στον τουρισμό. Αυτό πρακτικά αυξάνει τους κινδύνους τρομοκρατικών επιθέσεων. Επομένως ο κανονισμός πρέπει να τροποποιηθεί.

(Ο ομιλητής δέχεται να απαντήσει σε ερώτηση με «γαλάζια κάρτα» (άρθρο 162 παράγραφος 8 του Κανονισμού))

Doru-Claudian Frunzulică (S&D), blue-card question. – Madam President, I would say to my dear colleague that in fact we all support attempts to increase security at external borders, and as a consequence within the Schengen Area. But considering this support could create havoc at the external borders, with the introduction of additional checks, do you think that this would bring additional security benefits? I do not.

Κώστας Χρυσόγονος (GUE/NGL), απάντηση σε ερώτηση με «γαλάζια κάρτα». – Όπως είπα, θα πρέπει οι αλλαγές να στηρίζονται στη λογική. Και δεν στηρίζονται στη λογική όταν επιβάλλονται στα κράτη μέλη υποχρεώσεις, στις οποίες αυτά δεν μπορούν να ανταποκριθούν, μεταξύ άλλων και λόγω οικονομικής αδυναμίας. Άρα, θα έπρεπε να υπάρχει διαφορετική κατανομή του οικονομικού βάρους, να βοηθήσει η Ένωση οικονομικά τα κράτη μέλη και, βεβαίως, οι έλεγχοι να κρατηθούν σε ένα λογικό πλαίσιο.

Dubravka Šuica (PPE). – Gospođo predsjednice, veseli me što je ova točka danas došla na dnevni red između ostalog i zbog toga što je 20 zastupnika 11. travnja potpisalo pismo Junckeru, Tusku i Avramopoulosu i što je ova točka danas došla na dnevni red jer očito se vidjelo da ova Uredba nema učinak koji je željela postići.

Smiješno je i paradoksalno da su procjene rasta Europske komisije vezane za bruto društveni proizvod u Hrvatskoj smanjene upravo zbog situacije oko gužve na hrvatskim granicama, a koje su nastale kao posljedica Uredbe koju je predložila Europska komisija i donio ovaj Parlament.

Stoga je dobro da je postojao trilateralni sastanak između gospodina Junckera, gospodina Cerara i našeg premijera Plenkovića koji je urodio većom propulzivnošću na granicama, što znači da nakon petnaest minuta čekanja kreće se sa sistematskih provjera na ciljane provjere. Međutim, smatram i slažem se sa svim dosadašnjim kolegama da to nije dovoljno, da treba ovu odluku formalizirati ili pokrenuti promjenu Schengenskog zakonika jer na ovaj način situacija se neće bitno promijeniti jer ovisi o osobnoj procjeni pojedinog službenika na granici. Stoga se zalažem da se pokrene ta procedura, vjerujem da će se to i napraviti.

Isto tako prilika je za reći da je jedan od glavnih prioriteta hrvatske politike ulazak u schengensku zonu, nadam se da ćemo to vrlo brzo ostvariti. I nemojte se čuditi što su gotovo svi hrvatski zastupnici danas ovdje govorili jer morate znati da 20% hrvatskog BDP-a dolazi upravo od turizma. Za nas je ova Uredba neodrživa, ali isto tako smo svjesni da je potrebno osigurati sigurnost i na vanjskim granicama i na unutrašnjim granicama Europske unije.

Caterina Chinnici (S&D). – Signora Presidente, onorevoli colleghi, una delle principali conquiste dell'Unione è certamente la libera circolazione delle persone, che va sempre garantita e tutelata. Oggi però, come confermato da un recente rapporto di Europol, la minaccia di attacchi terroristici compiuti da cittadini di nazionalità europea di ritorno dalle zone di conflitto, i cosiddetti *foreign fighter*, resta elevata.

Per affrontare la situazione, il regolamento di cui discutiamo vincola gli Stati membri a intensificare i controlli alle frontiere, controlli che certo non devono comportare la perdita di un diritto acquisito ma che, viste le circostanze, rappresentano uno strumento necessario per garantire quella sicurezza che consenta ai cittadini libertà di circolazione e, in quest'ottica, la consultazione e lo scambio rapido di dati attraverso il sistema SIS e i controlli alle frontiere diventano essenziali.

Ritengo però sia necessario fornire adeguato supporto, eventualmente anche finanziario, a quegli Stati membri, quali ad esempio la Slovenia o la Croazia, che, a seguito dell'entrata in vigore del regolamento, stanno subendo impatti sproporzionati sul traffico ai propri confini esterni, affinché possano effettuare i controlli sistematici con maggiore rapidità ed efficacia.

La Commissione dovrà impegnarsi, in sostanza, affinché il necessario rafforzamento dei controlli non abbia impatti sproporzionati e ingiustificati sulla libertà di movimento dei cittadini europei e di quanti risiedono e si spostano legalmente, magari per lavoro, nell'Unione.

(L'oratore accetta di rispondere a una domanda «cartellino blu» (articolo 162, paragrafo 8, del regolamento)).

Ivan Jakovčić (ALDE), Domanda «cartellino blu». – Onorevole Chinnici, volevo chiederle, non le pare assurdo che i turisti che arrivano dall'Istria con l'aliscafo per visitare Venezia per qualche ora, debbano stare in coda due ore per entrare nella città di Venezia? Parlo di quelli che arrivano come turisti, non quelli che arrivano via terra, ma che arrivano via mare.

Non Le pare che questo sia davvero assurdo e che l'Italia debba fare qualcosa?

Caterina Chinnici (S&D), Risposta a una domanda «cartellino blu». – La ringrazio per questa domanda che forse mi permette di chiarire meglio quanto ho già detto.

I controlli sono necessari, è una realtà, purtroppo, che deve mettere al riparo la libertà di circolazione dei cittadini dai rischi che la minaccia terroristica comporta per tutti i nostri paesi. Però l'ho appena detto, lo dico nuovamente, non devono esserci impatti sproporzionati e ingiustificati sulla libertà di movimento che peraltro, come nel caso che Lei cita, possono anche comportare poi conseguenze economiche.

Occorre quindi, e lo ribadisco, e questa è in sostanza la richiesta che propongo alla Commissione, trovare il giusto equilibrio, trovare le giuste misure fra l'esigenza di sicurezza e l'esigenza di libertà che dobbiamo sempre rispettare.

Agnieszka Kozłowska-Rajewicz (PPE). – Pani Przewodnicząca! Szanowni państwo! W pełni popieram zmiany w rozporządzeniu, o którym dzisiaj mówimy. Otwarta Europa będzie tylko wtedy mogła zachować swój charakter, tylko wtedy się będziemy mogli cieszyć z dobrodziejstw strefy Schengen, gdy europejska otwartość nie będzie mogła być mylona z naiwnością, ani wykorzystywana przez ludzi złej woli.

Dlatego wzmocniona kontrola na granicach zewnętrznych, ale też wewnątrz Unii, to bardzo dobra decyzja, która służy bezpieczeństwu obywateli Unii Europejskiej. Uważam też, że dobra jest decyzja mówiąca o masowości, nieuchronności tej kontroli. Przestępcy są zwykle bardzo sprytni i wszystkie takie udziwnienia systemu mogą wykorzystać, więc lepiej, żeby ta kontrola była masowa. A jeżeli są kolejki, to cóż – powinniśmy skracać kolejki, ale nie poprzez unikanie kontroli albo rezygnację z kontroli, tylko poprzez usprawnianie kontroli, a więc automatyzację, cyfryzację. Powinniśmy robić wszystko, co może przyspieszyć tę kontrolę.

Mam teraz pytanie do przedstawicieli Komisji o inteligentne granice. Jak ten projekt jest zaawansowany? Na ile państwa są przygotowane do tego, żeby w sposób cyfrowy, a nie analogowy odpowiedzieć na te wyzwania bezpieczeństwa? Jak wygląda kwestia szkolenia ludzi, którzy będą z tych nowoczesnych urządzeń korzystać lub już częściowo korzystają? Jaka jest kompatybilność krajowych baz zgubionych lub ukradzionych dokumentów z europejskimi bazami, takimi jak bazy Europolu albo bazy systemu Schengen?

Tibor Szanyi (S&D). – Elnök Asszony! Már a szigorítást tartalmazó rendelet vitája kapcsán is rámutattam: az állampolgáraink számára felesleges kényelmetlenséggel járó, mozgásszabadságukat a gyakorlatban korlátozó intézkedés a lehetséges terroristák kiszűrésére nem igazán alkalmas. Közben félelmet, bizonytalanságot kelt, s ezzel éppen a terror légkörét erősíti. Nem örömmel, de némi megnyugvással látom a beszámolóból, hogy a Bizottság hasonló megállapítások mentén szükség esetén képes a korrekciókra.

Az állampolgárok biztonsága természetesen szerintem is változatlanul az elsődleges szempont. Éppen ezért itt az ideje, hogy a külső uniós határvédelemben és a terrorizmus elleni harcban a látványos akciók helyett ismét előtérbe kerüljön a megelőzés célzó feltárás, kockázatelemzés, a teljes európai információs adatsere. Meggyőződésem, hogy adott esetben ehhez a korrekcióhoz az Európai Parlament is kész lesz a szükséges politikai és anyagi támogatást biztosítani.

Емил Радев (PPE). – Г-жо Председател, систематичните проверки по външните граници са важни, защото за първи път европейските и националните служби за сигурност ще знаят точно кой преминава границите. По този начин ще бъдат намалени значително шансовете на две хилядите и петстотин европейски граждани, които участват в терористични организации в Сирия, Ирак и Либия, да се завърнат в Европа незабелязано и да представляват заплаха за сигурността.

В същото време вярвам, че възможността за прекратяване на систематичните проверки при наличие на пречки за свободното пътуване в Европейския съюз и след оценка на риска, представлява баланс между необходимостта от гарантиране на европейската сигурност и икономическите и бизнес интереси на съответните държави.

Темата за сигурността по границите е изключително важна за моята страна България, която пази може би най-чувствителната външна граница – тази с Турция. За съжаление, въпреки че страната прилага напълно шенгенското законодателство, включително систематичните проверки, и отговаря напълно на критериите за членство в Шенген, България все още няма пълен достъп до Шенгенската информационна система – същата система, в която според новите правила трябва да бъдат проверявани европейските граждани при влизане и излизане от Европейския съюз.

Нека бъде ясен – докато България няма пълен достъп до ШИС, въпреки добрите ни намерения и огромните усилия, които полагаме, ние няма да можем да гарантираме максимална сигурност на външни европейски граници. Затова искам да призова лидерите на тези държави, които пречат на членството на България в Шенген, да се замислят за сигурността на европейските граждани. Защото ако продължават да блокират достъпа на България до ШИС, това означава, че не вземат на сериозно собствените си призиви за засилване сигурността по външните граници.

Marijana Petir (PPE). – Gospodo predsjednice, ova Uredba donesena je u dobroj vjeri s namjerom suzbijanja terorizma, ali bez sagledavanja posljedica njene primjene. Rezultat su gužve na granici te blokada kretanja ljudi i robe, što se posebice može odraziti na hrvatski turizam, ribarstvo i poljoprivredu.

Riječ je o političkoj odluci, a svaka politička odluka u Europskoj uniji obično je popraćena procjenom troškova i koristi. Ako je korist opravdana, troškovi u vidu negativnih posljedica za jednu od država članica, u ovom slučaju Hrvatsku, sigurno nisu opravdani. Stoga predlažem da se na razini Europske unije osiguraju sredstva za pokrivanje dodatnog, nepredviđenog troška za očito nužno potrebno pojačanje administrativnih i tehničkih kapaciteta na granici između Hrvatske i Slovenije u mjeri u kojoj će negativni učinak primjene ove Uredbe za Hrvatsku biti sveden na minimum.

Preko 2 milijuna Nijemaca, preko milijun Slovenaca, milijun Talijana, 800 000 Čeha, 750 000 Poljaka, 500 000 Francuza i 500 000 Britanaca kao i turisti iz ostalih država članica ali i ostatka svijeta znaju zašto su za ljetovanje odabrali baš Hrvatsku. Mi ih i ove godine očekujemo, no da bi se oni odlučili za ljetovanje u Hrvatskoj, nužno je unaprijediti provođenje ove Uredbe, osigurati ciljane kontrole te postići da čekanje na granici ne bude duže od 15 minuta.

Catch-the-eye-Verfahren

Ivica Tolić (PPE). – Gospodo predsjednice, primili smo velik broj migranata bez valjane provjere koga primamo. Uredba o strožoj kontroli granica samo je alibi za administraciju u slučaju daljnjih napada na europskom tlu. Kada bi se njome osigurala kvalitetna kontrola vanjskih granica i veća sigurnost građana Europske unije, to bi bilo hvaljevrijedno i za podržati. No ovaj je dokument kompliciran i dvojbjen toliko da ga teško mogu razumjeti i oni koji ga primjenjuju jer se u dokumentu daje bezbroj mogućnosti tumačenja i primjene, a nikako ga ne mogu razumjeti i prihvatiti građani Europske unije. U sigurnosnom smislu ne donosi nikakav pomak naprijed. Naše su stvarne vanjske granice i dalje iznimno propusne. Učinci su ove Uredbe kaos u prometu unutar Europske unije, šteta u gospodarstvu i maltretiranje vlastitih građana.

Na kraju, granica između Slovenije i Hrvatske ne može i ne smije biti vanjska granica Europske unije. Ako se tako tretira, onda Hrvatska nije punopravna članica. Hrvatska ispunjava sve kriterije za ulazak u schengenski režim i pridruživanje ne smije biti političko pitanje niti smije biti uvjetovano paketom s drugim zemljama. U svakom slučaju, sustavnu kontrolu granice treba odmah suspendirati.

Νότης Μαρτιάς (ECR). – Κυρία Πρόεδρε, την ώρα που η Ευρώπη έχει γεμίσει από χιλιάδες πρόσφυγες και παράνομους μετανάστες, την ώρα που η Ευρωπαϊκή Ένωση έχει άρει την υποχρέωση βίζας για το Κόσοβο, δηλαδή τη σφηκοφωλιά των τζιχαντιστών, έχουμε την εφαρμογή αυτού του κανονισμού, ο οποίος κυριολεκτικά έχει δημιουργήσει χάος. Έχει διαλύσει κάθε τουριστική προοπτική μέσα στην Ευρωπαϊκή Ένωση. Και τα προβλήματα υπάρχουν στις χώρες του ευρωπαϊκού Νότου που πρέπει να έχουν τη δυνατότητα να δεχτούν εκατομμύρια τουρίστες. Ακούσαμε ότι υπάρχουν προβλήματα και στην Κροατία και τη Σλοβενία. Πρέπει να τροποποιηθεί ο κανονισμός. Αλλά εδώ επιβάλλονται απίθανοι περιορισμοί ακόμη και στο Στρασβούργο διότι, επί έξι μήνες, την ώρα που το αεροπλάνο έρχεται από την Αθήνα, για να αποβιβάσουμε, για να βγούμε από το αεροπλάνο εδώ στο Στρασβούργο, μας ζητούν να δείξουμε το «boarding pass», να δείξουμε δηλαδή την κάρτα επιβίβασης. Απίθανα πράγματα τα οποία συμβαίνουν και εδώ στο Στρασβούργο. Φαντάζομαι ότι το έχετε διαπιστώσει κι εσείς συνάδελφοι.

Davor Škrlec (Verts/ALE). – Gospodo predsjednice, neupitno je kako će u kontekstu nadolazeće turističke sezone Hrvatska snositi teške gubitke u turističkom sektoru ukoliko se ne prijeđe na ciljane provjere putnika u situacijama zastoja prometa te je neupitna štetnost emisija vozila koja satima čekaju u kolonama za okoliš i zdravlje građana.

Stoga pozivam Komisiju, ali i vlade Hrvatske i Slovenije, na što skorije donošenje trajnog i učinkovitog rješenja ovog problema.

Međutim, danas je Komisija pozvala Hrvatsku na bolje provođenje dijeljenja informacija s ciljem borbe protiv terorizma i teških zločina. Hrvatska kasni s automatskom razmjenom podataka koji se tiču DNK-a, otisaka prstiju i podataka o nacionalnim registracijama vozila. Ali nije jedina država članica koja je prozvana od strane Komisije.

Također je važno spomenuti činjenicu da će Hrvatska tek od 27. lipnja 2017. godine imati punopravni pristup Informacijskom sustavu Schengena. Ukoliko Hrvatska ne počne provoditi obvezujuće mjere, ukoliko se ne ostvari taj pristup Schengenskom informacijskom sustavu, moramo se zapitati zašto Komisija ustraje na sustavnim kontrolama na granicama?

Ελευθέριος Συναδινός (NI). – Κυρία Πρόεδρε, το σύστημα συνοριακών ελέγχων δεν είναι βιώσιμο και αποτελεσματικό και, μετά από τις τρομοκρατικές επιθέσεις σε ευρωπαϊκό έδαφος, απεδείχθη ανεπαρκές. Νωπά τα παραδείγματα ισλαμιστών τρομοκρατών, οι οποίοι με ψεύτικα έγγραφα κατάφεραν να διέλθουν τα ευρωπαϊκά σύνορα. Ο συστηματικός έλεγχος των υπηκόων τρίτων χωρών πρέπει να ενισχυθεί μέσω της εντατικής χρήσης όλων των οικείων διαλειτουργικών βάσεων οι οποίες πρέπει να επικαιροποιηθούν αλλά και μέσω της χρήσης υψηλής ποιότητας βιομετρικών δεδομένων από επιπλέον ταξιδιωτικά έγγραφα. Καινοτόμα εργαλεία, όπως η αυτοματοποιημένη τεχνολογία αναγνώρισης προσώπου, θα περιορίσουν τους υφιστάμενους κινδύνους και τις απειλές για τη δημόσια τάξη, την εσωτερική ασφάλεια και τη δημόσια υγεία. Η Επιτροπή οφείλει να τα νομοθετήσει άμεσα. Η αδικαιολόγητη αδράνεια θα καταστήσει ανεπίκαιρη την έννοια της προστασίας των θεμελιωδών δικαιωμάτων, αν οδηγηθούμε σε πλήρη κατάργηση των συνοριακών σημείων διέλευσης και, κατά συνέπεια, άλωση της ευρωπαϊκής επικράτειας. Οφείλουμε να προστατεύσουμε τους συμπολίτες μας, τις περιουσίες, τα παιδιά μας και τα έθνη μας.

(Ende des Catch-the-eye-Verfahrens)

Andrus Ansip, Vice-President of the Commission. – Madam President, I would like to thank Members for this interesting debate. I listened to them very carefully.

Security is one of the major concerns of Europe's citizens. With a reinforcement of checks against relevant databases the EU has yet another tool to better secure the external borders and strengthen control over who enters and leaves the European Union. It is already clear that the new rules have led to an increased number of hits in the Schengen Information System. Even if they mostly concerned documents or objects, thanks to the new rules, the EU is better equipped to deal with terrorist threats.

There is also the possibility of a derogation from the principle of systematic checks, in justified cases, to strike the right balance between security needs and freedom of movement. The Commission is well aware of the challenges related to the initial phase of implementing the new rules and we are working with the national authorities of the Member States concerned to offer the best solutions in line with EU law.

Die Präsidentin. – Die Aussprache ist geschlossen.

19. Transporte rodoviário na União Europeia (debate)

Die Präsidentin. – Als nächster Punkt der Tagesordnung folgt die Aussprache über die Erklärung der Kommission zum Straßenverkehr in der Europäischen Union (2017/2545(RSP)).

Phil Hogan, Member of the Commission. – Madam President, honourable Members, first of all, I wish to apologise for the fact that Commissioner Bulc cannot be here this evening with you. As you know, she has had to return to Brussels for a very important meeting relating to the issue of international aviation safety, with which I am sure all of you are very familiar.

I can assure you that she fully appreciates the importance of the issue of road transport and would like to have been able to be here. On her behalf, I want to thank you for the invitation to participate in this preliminary debate on the Commission's forthcoming proposals on road transport. We plan to adopt a series of road initiatives on 31 May as part of a larger mobility package. I am very pleased to say that the motion for a resolution on road transport in the European Union, which was tabled by the Committee on Transport and Tourism and which will be voted in plenary tomorrow, is an important contribution to the conclusion of these proposals.

Road initiatives will contribute to the three main priorities highlighted in your draft resolution. Firstly, in relation to environmental sustainability. Road charging is one of the most prominent measures to implement the 'user and polluter pays' principles, which are guiding principles of the Commission to make road transport clean and sustainable. Clear price signals are essential to encourage the use of infrastructure in an efficient manner, as well as the use of clean vehicles. Among the main measures we are contemplating is an extension of the scope of the current legislation by including passenger cars, vans and buses. These vehicles are responsible for the lion's share of pollutants and CO₂ emissions as well as congestion on our roads.

Adequate road charging can provide a decisive contribution to addressing them. Of course, Member States will remain free to decide whether access to any specific infrastructure must be charged for or not, but it should not be ignored that distance-based charging has clear advantages. These relate to fairness and efficiency. Distance-based charging ensures that users pay for their actual use of infrastructure, with account being taken of the relative share in pollution emitted. Distance-based charging is also a precondition for external cost charging, and this is what is requested by the motion for a resolution on road transport in the European Union. To this end, external cost charging needs to be facilitated, made simpler and made more attractive for our Member States.

Secondly, in relation to technological innovation and digitalisation: for efficient road charging, Europe needs interoperability of national systems. Currently, there are many different, independent charging systems in the Union, which are complicating cross-border transport. The Commission wants to ensure that new service providers who wish to provide pan-EU services will be able to enter established markets and provide one OBE, one contract and one invoice to users.

Similarly, effective enforcement of EU transport is crucial. At times when enforcement capacities in Member States are being reduced, it is especially important to have modern and efficient tools available for the controls in respect of our rules. It is also essential to improve further the cooperation between the public authorities of Member States. One good example is the optimisation of the European register for road undertakings and an IT tool which allows exchanging information between Member States. We also need to make better use of tachographs as well as e-Documents to improve enforcement.

Thirdly, in relation with a fairer and deeper internal market: the road initiatives should contribute very significantly to the proper functioning of the road transport market. Status quo is clearly not an option. We are encouraged by the consensus emerging around this idea. The Commission will aim at finding truly European solutions which would combine the necessary protection of workers and at the very same time avoid the fragmentation of the internal market. One of the starting points is to fight letter-box companies. Transport undertakings could fulfil the conditions of a genuine establishment in a given Member State and carry out a genuine economic activity in that Member State. Solving this issue will contribute significantly to diminish illegal cabotage and periods when drivers are away from home.

In relation to posting: Commissioner Bulc wants to be very clear. One thing is that drivers operating abroad are often in a posted situation. One cannot simply ignore the fact that road transport is by definition a highly mobile activity which requires sector-specific rules. In this context, three objectives should be borne in mind. Firstly, reducing administrative burdens for road hauliers, which in certain Member States are disproportionate. Secondly, making sure that the more efficient tools available in the sectors, such as the tachograph, are used to ensure the enforcement of the rules. And thirdly, to clarify the circumstances in which national minimum wages should apply.

Another serious issue is the international nomadism of drivers. A right balance is necessary between flexibility for drivers and operators to plan international journeys on the one hand, and sufficient guarantees that enable drivers to return home on a regular basis and to have access to adequate accommodation when taking weekly rests away from home. In this context, the solution cannot be shorter rests and longer driving times. On the contrary, drivers' working conditions and road safety should be improved rather than compromised.

Finally Madam President, I would like to highlight one additional issue which I already referred to, which is the simplification of the rule on cabotage. Almost all stakeholders have told us that the current rules are too difficult to enforce and that there is a lot of illegal cabotage. These concerns are well understood, and we agree that enforcement is key in this area as well. Adapting the cabotage rules to this end does not, however, mean opening or closing national freight transport markets.

Honourable Members, I have briefly outlined some of the essential considerations underpinning the preparation of the Commission's road initiatives. I look forward to discussing the details of our forthcoming proposals when they are adopted. However, I would like to urge everyone to keep in mind the actual problems on the ground faced by our transport operators. These problems are substantial and they are real. Let us focus on the facts and try to avoid heated discussions and be prepared to enter a constructive debate. This is what Commissioner Bulc is certainly seeking.

Wim van de Camp, *namens de PPE-Fractie*. – Voorzitter, ik wil allereerst de commissaris Hogan bedanken voor het feit dat hij mevrouw Bulc vervangt. Ik ben ervan overtuigd dat zij vandaag terug moest naar Brussel om met onze Amerikaanse vrienden de zogenaamde 'laptop ban' te bespreken en daar is alle reden voor.

Voorzitter, dit is de laatste kans van het Europees Parlement om vóór de beroemde datum van 31 mei nog enkele signalen af te geven over het zogenaamde *Mobility Package*. We spraken eerst over een wegpakket, maar tegenwoordig heet het mobiliteitspakket. We hopen dat de kwaliteit daardoor ook toeneemt.

Ik moet u wel zeggen dat de EVP-fractie teleurgesteld is over het feit dat het allemaal zo lang duurt. We zitten nu al in de tweede helft van deze periode en het zal heel veel moeite kosten om dit dossier vóór de verkiezingen van 2019 af te ronden.

Voorzitter, de voorstellen bevatten vele elementen. Het gaat om de economische betekenis van de transportsector, maar ook over de werkgelegenheid en een fatsoenlijk sociaal beleid. Het is jammer dat sommige collega's al geruchten hebben verspreid over hoe erg het allemaal wordt zonder dat we weten wat er precies gaat gebeuren. Maar het gaat ook over duurzaamheid. Het gaat over gebruik. Het gaat over 'de vervuiler betaalt'. En laten we de opleidingen niet vergeten. We hebben een enorm personeelstekort in deze sector de komende jaren. Hoe gaan we dat op een sociaal verantwoorde manier opvangen?

Tot slot de oproep aan de lidstaten en de Raad, en dan in het bijzonder Estland, Bulgarije en Oostenrijk, om het tot een goed einde te brengen.

Ismail Ertug, *im Namen der S&D-Fraktion*. – Frau Präsidentin, sehr geehrter Herr Kommissar! Endlich ist es soweit – am 31. Mai, wurde nun wiederholt verkündet, soll dieses Straßenverkehrspaket kommen. Sehr geehrter Herr Kommissar, dieses Paket ist hochgradig wichtig. Dieses Paket wird uns nun zeigen, inwieweit die Europäische Union zusammengewachsen ist mit Ost und West und Nord und Süd. Ich kann Ihnen sagen, dass diese Debatten nicht einfach sein werden, weil es nämlich von verschiedenen Seiten verschiedenste Ängste gibt. Deswegen, um eben diesen Gedanken des *open access single market* zusammenbringen zu können mit dem Gedanken, Sozialdumping in Europa zu verhindern, bedarf es neben all den Vorschlägen, die Sie am 31. Mai machen werden, auf jeden Fall – und das sage ich insbesondere in Richtung meiner Kolleginnen und Kollegen der Europäischen Volkspartei – einer europäischen Straßentransport-Agentur, die all diese Themen angehen wird. Andernfalls wird es sehr, sehr schwierig, die verschiedenen Interessen zusammenzubringen. Deshalb freue ich mich auf die Auseinandersetzung in den kommenden Wochen und Monaten.

Roberts Zīle, *ECR grupas vārdā*. – Priekšsēdētājas kundze! Godātais komisāra kungs! Eiropas konservatīvie un reformisti vienmēr ir par patiesi vienotu tirgu Eiropas Savienībā bez protekcionisma, ko bieži vien ietērpj tādos maģiskajos vārdos kā sociālais dēmpings vai arī atsaucas uz nepierādītiem un pētījumos neapstiprinātiem pārkāpumiem no tirgus dalībnieku puses, kas rada problēmas. Kā mēs zinām, ir pieņemti arī vairākās dalībvalstīs ļoti bargi likumi, kas segmentē, jau tagad fragmentē šo kravu pārvadājumu tirgu autotransportā. Arī, kā komisārs tikko minēja, komisāra viedoklis ir, ka šie sodi ir neproporcionāli tam, kā tas varētu strādāt loģiskā veidā.

Mums jāatceras, ka Eiropas Savienībai ir apmēram 4000 km austrumu–rietumu virzienā un gandrīz tikpat daudz, mazliet mazāk — ziemeļu–dienvidu virzienā. Tā ir milzīga teritorija, kurā kravas pārvadājumos autotransports ieņem vadošo lomu. Mums jābūt ļoti atbildīgiem, strādājot ar šo mobilitātes paketi, jo mēs varam radīt ļoti būtiskas ekonomiskās un sociālās izmaksas šajā sektorā un kopumā kravu pārvadājumos Eiropas Savienības teritorijā.

Runājot par rezolūciju, ko Parlaments pieņems rīt un par ko šodien mēs debatējam, es gribētu teikt, ka es jūtu samērā lielu skepsi, jo tajā vairāk ir par sociāliem jautājumiem, maz par ekonomiku, liberalizācija tiek noraidīta, kabotāža arī netiek skarta faktiski, par tahogrāfu pārkāpumiem, kā jau es minēju, nav īsta apstiprinājuma, un galu galā ir ieviests atkal princips, ka jāveido jauna aģentūra, nezinot, vai tas līdzēs, pēc angļu valodā runātā principa "Oops, we have a problem. Let's make a new agency." Un Eiropas konservatīvo un reformistu vairākums šo rezolūciju neatbalsta, jo tas ir ceļš uz protekcionismu un tāpēc, mūsaprāt, sūtīt ziņu Eiropas Komisijai īsi pirms dokumenta, šīs paketes pieņemšanas koledžā nav pareizs rīcības virziens.

Pavel Telička, *on behalf of the ALDE Group*. – Madam President, first of all I am glad that finally we are able to debate, and tomorrow vote on, a resolution which was an ALDE initiative and which we passed in the Committee on Transport back in February. It is difficult to comprehend why we didn't manage to tackle it early on here in the plenary and send out the clear message we wanted to send. Secondly, I must say that what the Commissioner presented, seems to be a balanced approach, but of course the nitty-gritty is in the details. We'll have to see when we see it on 31 May, and then later on also in autumn.

But my first point would be that this is maybe the most important legislation, certainly in the transport sector, that we will be dealing with until the end of this mandate. This is about whether we will be enhancing and fostering the single market or not. And I think that this is an absolute need: to be able to combine on the one hand an effort in terms of building that market, while also, of course, confronting all the practices which are – either from a social, environmental or any other point of view – to the detriment of the internal market.

So that is one point I would like to highlight. The second is that I very much hope we will manage to approve the package well in time, under this mandate, at least to the largest possible extent, so that we will make it impossible for individual Member States to be coming in all the time with national legislation, with different measures, which in fact do lead to fragmentation of the internal market. That is what I understand this package to be, and this is how we should see it and we should maintain it as a package.

My final remark to the Commissioner is that I understand that the Commission has already finalised its review of the German legislation on the road toll (*Maut*) and I understand that it will not be taking steps. If that is the case, I would like to remind you that there is a European Parliament resolution on the issue to which Parliament expects a response.

Dennis de Jong, *namens de GUE/NGL-Fractie*. – Voorzitter, ik herinner me nog heel goed een van de eerste gesprekken die ik had met commissaris Bulc. We hadden toen een chauffeur meegenomen en die toonde een groot aantal foto's over de wantoestanden op de weg. Gevaarlijke toestanden, uitbuiting, misstanden. En de commissaris was bewogen. Vanaf dat moment heb ik het idee dat we de basis hebben gelegd voor maatregelen. Maar we hopen nu wel dat de commissaris gaat doorpakken.

Nog een paar voorbeelden. Het is mooi om extra geld te hebben voor parkeerplaatsen, maar als Oost-Europese chauffeurs de tarieven voor dat soort parkeerplaatsen van hun loon moeten gaan betalen, dan gebruiken ze ze niet. Dat is de ervaring.

We moeten dan naar andere maatregelen zoeken. We moeten bijvoorbeeld de controles – ik begrijp dat de commissaris daaraan denkt – op handhaving van de voorschriften verstevigen, minimumafspraken maken, en met name ook gebruikmaken van nieuwe technieken. De slimme tachograaf, die moet verplicht worden. En dat heb ik nog niet gehoord.

Het laatste wat we moeten doen op dit moment is, denk ik, zolang de handhaving niet op orde is, verdere versoepeling van cabotageregels. Dat gaat het niet oplossen, betere controles wel.

Karima Delli, *au nom du groupe Verts/ALE*. – Madame la Présidente, Monsieur le Commissaire, chers collègues, le paquet législatif consacré au transport routier, qui sera annoncé dans quinze jours, arrive à un moment crucial.

En effet, on parle d'un secteur qui est aujourd'hui confronté à trois défis majeurs. Tout d'abord, le routier contribue à 20 % des émissions de gaz à effet de serre de l'Union européenne. Il faut que cela baisse, et vite, si l'on veut respecter les engagements pris dans le cadre de la COP21 pour sauver la planète, le climat et l'humanité. Pour cela, il est urgent que la Commission propose, entre autres, des normes plus ambitieuses en matière d'émissions de CO₂ pour tout véhicule roulant.

Le deuxième défi, c'est la numérisation. Elle doit permettre de faciliter le travail des salariés et la mobilité transfrontalière, mais aussi d'améliorer le contrôle pour garantir le respect de la loi. Mais tout cela ne peut pas attendre 2034, date proposée par la Commission pour achever d'équiper la flotte européenne du tachygraphe intelligent.

Car le troisième défi doit être réglé avant qu'il ne soit trop tard. Le routier est devenu une jungle sociale à cause de la triche organisée par des entreprises de transport qui usent et abusent du dumping social grâce aux bas salaires de travailleurs venus des pays de l'Est.

Il est temps d'affirmer le principe «travail égal, salaire égal» et de créer une agence européenne du routier, véritable gendarme dont la mission sera de garantir le respect de la législation européenne. Cette concurrence déloyale fait des ravages en matière d'emploi, nuit aux conditions de travail des salariés, détruit des vies, oppose des salariés européens entre eux et nourrit la colère des uns et des autres. C'est le poison qui tue le projet européen.

L'enjeu de ce paquet mobilité, c'est la survie du projet européen. C'est le dernier arrêt avant le triomphe des partis eurosceptiques. Nous avons une obligation de résultat, ici et maintenant.

Peter Lundgren, för EFDD-gruppen. – Fru talman! Transportbranschen är hårt utsatt och här måste alltså EU agera. Det går inte att hålla på så här länge. Ni har tappat allt förtroende egentligen i transportbranschen i de länder som försöker att upprätthålla vettiga regler och villkor.

Vi måste ge nationella polismyndigheter verktyg för att kunna agera. Vi måste ge dem en it-informationsbas där nationell polis kan kontrollera huruvida det är lagliga transporter eller inte. Det måste finnas smarta färdskrivare för att kunna efterleva körtidsregler och cabotageregler. Men problemet med cabotagereglererna är att varken de nuvarande reglererna eller eventuella nya regler – som att ha fyra dagar istället för sju dagar och tre transporter – löser problemet.

Fortfarande går det att korsa landsgränsen och byta trailer. Det kan inte vara meningen att somliga länder som struntar i regelverk och har utnyttjat chaufförer till rena slavlöner ska tillåtas konkurrera ut länder som betalar anständiga löner och har moderna, miljövänliga fordon. Det kan inte vara det som är EU:s andemening. Tack!

Georg Mayer, im Namen der ENF-Fraktion. – Frau Präsidentin! Ja, der Verkehrssektor betrifft ja ein sehr breites Feld in Europa, und die Branche trägt ja auch einen sehr wesentlichen Beitrag zu den Volkswirtschaften in den einzelnen Mitgliedstaaten bei. 5 Millionen Menschen sind in diesem Sektor beschäftigt, das betrifft 2 % des Inlandsprodukts in ganz Europa. Und gerade deswegen ist es auch so wichtig, dass man diesen Sektor nicht grünen Disneyland-Fantasien überlässt. Dafür ist er einfach zu wichtig und zu notwendig für die Menschen.

Notwendig ist es auch, die Wettbewerbsfähigkeit global auszubauen. Das schafft Arbeitsplätze, das schafft Wachstum. Allerdings darf dies nicht auf dem Rücken der Arbeitnehmer passieren. Was wir jedenfalls für entbehrlich halten ist die Schaffung einer neuen Agentur, die nur wieder neue Kosten bringt, und auch die Überdehnung der Kompetenz der Union, etwa im Bereich im Bereich der Maut-Regelungen in ganz Europa. Besinnen wir uns also auf das Wesentliche in diesem Sektor, und gehen wir es an.

Janusz Korwin-Mikke (NI). – Pani Przewodnicząca! Czytając i słuchając tego wszystkiego, można dojść do wniosku, że waszym zdaniem transport jest po to, żeby dać zarobki przedsiębiorcom, kierowcom i zajęcie urzędnikom, a nikt nie mówi o odbiorcach towarów. A im tańsze są koszty przewozu, tym tańsze są towary, które kupują klienci. Jak słyszę o oburzeniu Europejczyków na to, że towary są za tanie, to panowie i panie chyba zwariowaliście. Ludzie chcą mieć towary tanie.

Ja żyłem już w czasach sowieckich, i myśmy mieli jeszcze głupsze przepisy. Proszę sobie wyobrazić, że w Sowietach bywały jeszcze głupsze przepisy niż w Unii Europejskiej – co sobie trudno wyobrazić, ale były. I mogę podać od ręki pięć sposobów, jak ominąć te przepisy, jak oszukać w tym przypadku. I my to wyciągniemy z kieszeni, my to zrobimy, tylko po co ludzi zmuszać do załatwienia spraw prawą ręką przez lewe ucho. A poza tym sądzę, że Unia Europejska musi być zniszczona.

Dieter-Lebrecht Koch (PPE). – Frau Präsidentin, Herr Kommissar! Ich freue mich sehr, dass Sie nun endlich die lang ersehnte Straßenverkehrsinitiative veröffentlichen wollen. Sie ist ganz sicher nötig, um bestehende Probleme und Herausforderungen in dieser Branche zu lösen. Gleichzeitig bin ich der festen Überzeugung, dass wir gar nicht so viele neue Vorschriften benötigen. So sind die Kabotage-Regelungen eigentlich klar, das Problem ist deren unzureichende Durchsetzung in den Mitgliedstaaten. Vor allem muss jedoch der widerrechtlichen Kabotage ein Riegel vorgeschoben werden. Manche Mitgliedstaaten machen durch verstärkte administrative Hürden die Kabotage leider generell zunichte – auch das kann nicht der richtige Weg sein. Ich plädiere für eine unbürokratische Nutzung von papierlosen, standardisierten Dokumentationen.

Abschreckende Sanktionen müssen vor allem auch gegen Briefkastenfirmen verhängt werden, und ich fordere eine sektorspezifische Entsenderichtlinie. Bezogen auf die Lenk- und Ruhezeiten braucht die Branche mehr Flexibilität, das heißt ausdrücklich nicht längere Lenkzeiten. Und wir müssen die Arbeitsbedingungen der Fahrer verbessern sowie die Straßenverkehrssicherheit erhöhen. Nur so wird der bestehende Fachkräftemangel gelöst und ein nachhaltiger wettbewerbsfähiger europäischer Straßenverkehrssektor geschaffen. Lassen Sie uns dafür sorgen, dass nationale Alleingänge unterbleiben, den diese stehen einem einheitlichen europäischen Verkehrsraum, denn wir so nötig brauchen, einfach im Wege. Das bezieht sich auch auf Aspekte betreffend Maut und Eurovignette. Diese sollten europaweit, entfernungsabhängig sowie zweckgebunden und am besten elektronisch und interoperabel sein.

Isabella De Monte (S&D). – Signora Presidente, onorevoli colleghi, signor Commissario, credo che accomuni tutti la soddisfazione di veder finalmente presentato il cosiddetto *mobility package*. Le indiscrezioni ci sono, ma l'unica certezza e l'unico punto fermo è ciò che verrà votato domani con questa risoluzione, ovvero la posizione del Parlamento europeo.

Il fatto che abbiamo aspettato così tanto per avere delle proposte legislative è indice del fatto che si tratta di una materia complessa e articolata, che richiede analisi e prudenza. Quello che però mi sento di dire fin d'ora è che, se vogliamo un'Europa realmente competitiva, dobbiamo tener presente che la competitività passa attraverso l'efficienza, passa attraverso la capacità di dare un buon servizio e quindi la logistica ne è il punto cardine.

Auspico che il problema del cabotaggio illegale sia finalmente risolto o, quanto meno, che questo fenomeno venga arginato. Questo strumento, sappiamo bene, è nato per evitare che camion vuoti viaggino e che ci siano quindi anche altri trasporti contemporaneamente, ma questo non può diventare uno strumento di concorrenza sleale.

Peter van Dalen (ECR). – Voorzitter, met de transportsector gaat het weer redelijk goed, maar qua veiligheid en op sociaal gebied zijn er helaas nog flinke problemen.

In Nederland en in Europa neemt de ladingdiefstal enorm toe. Het gaat vooral om buitenlandse bendes die toeslaan. En dan zo weer weg zijn. Veiligheid in het wegvervoer moet hoger op de agenda en veilige parkeerplaatsen zijn dus echt nodig, zeg ik tegen de lidstaten. Dat kan met behulp van Europese financiering.

Sociale problemen in het wegvervoer zijn ook nog steeds omvangrijk. Er zijn veel berichten over chauffeurs die zeer lang van huis zijn en her en der maar moeten overnachten en eigenlijk worden uitgebuit door hun baas. Dat is niet goed voor die mensen, maar ook niet goed voor de concurrentie met andere chauffeurs. Een aanpak voor verbeterde werkomstandigheden is dus echt nodig. En ook gelijk loon voor gelijk werk, want dan heb je eerlijke concurrentie.

Economisch gaat het dus wel goed, maar de EU is meer dan de economie. Er is werk aan de winkel. Daar is overigens de standaard pavlovreactie van de Europese Unie – doe maar een agentschap – echt niet voor nodig.

Gesine Meissner (ALDE). – Frau Präsidentin! Die Straße werden wir auch in Zukunft brauchen, auch wenn man versucht, als umweltfreundlichere Variante mehr auf Schienen und Wasserwege zu gehen. Aber bei wachsendem Verkehr – und der ist prognostiziert – werden wir auf jeden Fall sehen müssen, wie wir die Straße verbessern können. Darum sind diese Gesetze so wichtig.

Ich will mich auf sieben Punkte fokussieren. Man kann nämlich ganz viel darüber reden. Das eine ist: Wir brauchen Innovationen. Da wird sich viel tun. Diese Innovationen müssen wir ermöglichen durch Digitalisierung, durch *sharing economy*. Es wird in Zukunft Lkw geben, die im *platooning* fahren. Auf jeden Fall, alles, was an Innovationen kommen kann, intelligente Verkehrssysteme, kann den Verkehr sicherer und auch eben zum Beispiel umweltfreundlicher machen, effizienter natürlich sowieso.

Stichwort Umwelt: Wir haben eine Regulierung für eine Infrastruktur in Europa für alternative Energien, die muss nur jetzt wirklich umgesetzt werden. Wir brauchen Strom, Gas und Wasserstoff überall.

Dritter Punkt: Frachter. Wir brauchen elektronische Frachtpapiere. Wenn wir die haben, können wir enorm viel Effizienz erreichen. Praxistauglichkeit von Lenk- und Ruhezeiten ist ein weiteres Stichwort. Da ist einiges, was auch aus der Sicht von Kraftfahrern verbessert werden könnte. Die Maut, eine Eurovignette. Da müssen wir das Verursacherprinzip wirklich konsequent durchsetzen, und danach das, was wir erlösen, zweckgebunden in die Infrastruktur einsetzen. Punkt sechs: Die Attraktivität des Fahrerberufs für Männer und Frauen muss dringend erhöht werden. Wir brauchen dort Nachwuchs. Und Punkt sieben: Was wir nicht brauchen, ist eine Straßen-Agentur. Wir müssen das beaufsichtigen, aber dafür brauchen wir keine neue Agentur.

(Die Rednerin ist damit einverstanden, eine Frage nach dem Verfahren der „blauen Karte“ gemäß Artikel 162 Absatz 8 der Geschäftsordnung zu beantworten.)

Tibor Szanyi (S&D), *Kékkártyás kérdés*. – Köszönöm szépen a lehetőséget, Elnök Asszony! Képviselő Asszonynak is köszönöm a lehetőséget, hogy válaszol. Örültem a szavainak, tehát messzemenőleg nem vitatkozni akarok, inkább egy kérdést tennék föl, hogy ugye most cseperedik föl a „smart villages” koncepció, és például ennek keretében én azért fontosnak tartanám, hogy minden európai faluban legyen például elektromos töltési lehetőség. Oké, de Ön például hogyan látná ezt megoldhatónak?

Gesine Meissner (ALDE), *Antwort auf eine Frage nach dem Verfahren der „blauen Karte“*. – Herr Kollege Szanyi! Sie haben vollkommen Recht. Ich habe ja gesagt: Wir brauchen eine Infrastruktur für alternative Energien. Und dazu gehören natürlich Ladestationen. Die können den Verkehr entscheidend verbessern, da können wir mehr eMobilität auf der Straße haben. Aber wir brauchen nicht nur das, wir brauchen eben auch Stationen für Wasserstoff und für Flüssiggas – also alles, was man sich eben denken kann, um umweltfreundliche Verkehrsarten zu haben, um sozusagen alternativ zu tanken, das brauchen wir, und natürlich auch möglichst umfassend Ladestationen.

João Pimenta Lopes (GUE/NGL). – Senhora Presidente, a defesa da harmonização no sector em benefício de um mercado único mais não é do que uma autoestrada para fenómenos de concentração e a criação de monopólios trans-europeus do transporte rodoviário, subjugando aos seus interesses a extorsão do património nacional e do erário público, impondo parcerias público-privadas, promovendo a criação de dívida.

Serão os trabalhadores e os povos os primeiros a pagar as consequências das intenções que se propõem. Num sector em que é crescente o recurso a baixos salários e a degradantes condições de trabalho, as propostas que se avançam contribuirão para a harmonização e desregulação laboral, para o aumento da precariedade e desproteção social, da exploração.

O que se exige é a defesa do sector como um eixo estratégico ao serviço do desenvolvimento soberano de qualquer Estado-Membro, alicerçado em políticas públicas de desenvolvimento e investimento, de uma rede de transportes rodoviários e que garantam, simultaneamente, o trabalho com direitos e a contratação coletiva, o aumento de salários, o direito à formação.

Michael Cramer (Verts/ALE). – Frau Präsidentin, Herr Kommissar, liebe Kolleginnen und Kollegen! Vor wenigen Tagen wurde der Chef des Logistikkonzerns Jost, einer belgischen Firma mit Sitz in Luxemburg, in Untersuchungshaft genommen. Er soll ein internationales Firmengeflecht aufgebaut haben, um Sozialabgaben in Höhe von 55 Millionen Euro zu hinterziehen. All das zeigt: Wir brauchen endlich strengere Regeln und strengere Kontrollen. Die Lösung existiert bereits: Das ist der digitale Tachograph. Doch bisher müssen nur Neufahrzeuge damit ausgestattet werden, für die Nachrüstung der Altfahrzeuge lassen wir uns 15 Jahre Zeit. Deshalb: Die Nachrüstung muss sofort passieren. Das ist alles möglich, aber bitte sofort.

Viele LKW-Fahrer leben nun in ihrem LKW. Sie sehen ihre Familie fast nie. Einige Mitgliedstaaten sind bereits dagegen vorgegangen. Jetzt muss die Kommission einen europäischen Vorschlag machen. Dabei wollen wir keine neuen Schlupflöcher kreieren, wie zum Beispiel die Idee, die Fahrer könnten bei Privatleuten ihrer Wahl unterkommen. Wir Grüne wollen eine Reduzierung der Arbeitszeit um 20 %, im Sinne der Fahrer, ihrer Familien und der Sicherheit auf den Straßen Europas.

Jill Seymour (EFDD). – Madam President, this report sparked my interest, unfortunately for all the wrong reasons. I believe it has a detrimental impact financially on our British small and medium-sized businesses and individual car owners. Following the Commission's White Paper entitled 'Roadmap to a Single European Transport Area', with its view of a sustainable mobility, here we are again seeing a one-size-fits-all policy, a vision of harmonisation of transport for all Member States.

Do not misunderstand me. The safety of road users and the environmental impact of fossil fuels needs to be addressed, but the present situation is a knee-jerk reaction that many cannot afford or have the facility to accommodate. However, once again, I feel this motion put before us pushes the anti-vehicle agenda. It stresses that road charging should be introduced across the EU. Yet in the UK the public have completely rejected any attempt to bring back pay-as-you-go road pricing.

I am so glad that the people of the UK have voted to leave the European Union and I believe this motion is all about control, rather than the individual's choice.

Diane James (NI). – Madam President, at the heart of the resolution for yet more regulations for the road transport sector are the two elements that are always central and dear to the European Union: control and tax. The European Union wants to intervene in the road transport sector, in the name of climate action, to control the sector and thereby further erode Member States' sovereignty, and then to tax it dry.

These proposals are even more ridiculous when one considers the Dieselgate scandal, when the EU rules were not enforced and went unnoticed for years, resulting in an environmental scandal. By taking further and tighter control over the road transport sector, the EU is expanding its reach. As each new rule is implemented the Member States' ability to manage this area is reduced, and as the rules become stricter so the economic costs increase, costs that consumers, drivers and passengers will ultimately pay.

All talk of the improving emission standards rotates around the 'polluter pays' principle. The tighter the rules, the higher the cost. Remember the scandal of the failed emission trading scheme so beloved by Brussels? We saw that emission controls are a mask for the EU to raise and collect taxes. I had a minute and half, Madam President...

(The President cut off the speaker)

Markus Pieper (PPE). – Frau Präsidentin! Der Straßenverkehr ist die Lebensader Europas, Voraussetzung für Binnenmarkt und Reisefreiheit. Dazu jetzt vier Bemerkungen: Erstens: Nationale Mautsysteme sind ein Bremsklotz, gerade für die Verkehrswirtschaft. Deshalb müssen wir digitale Lösungen für ein grenzüberschreitendes Mautsystem schnellstmöglich umsetzen.

Zweitens brauchen wir eine wettbewerbsfähige Transportwirtschaft. Steuern, Abgaben, Maut, Schadstoffbegrenzung – das hat alles seine Berechtigung, gerade aus Umweltsicht. Aber wir dürfen nicht überziehen. Die Kopplung von Maut und CO₂-Ausstoß ist kompliziert. Wir müssen Bürokratie vermeiden und dürfen Unternehmen auch nicht doppelt und dreifach bestrafen.

Drittens: Diejenigen, die Fahrzeuge führen, die Fahrer, dürfen nicht ausgebeutet werden. Ich bin sehr dafür, dass die Löhne und Sozialbedingungen des Mitgliedstaats anzuwenden sind, in dem die Fahrer überwiegend arbeiten. Wenn das schwer umzusetzen ist – klar, aber die gegenwärtige Praxis ist auf jeden Fall Ausbeutung. Wenn Fahrer monatelang in Deutschland oder Benelux arbeiten, aber für die Arbeit zu europäischen Niedrigstlöhnen entlohnt werden, empfinde ich das als Missbrauch des europäischen Binnenmarkts. Die Kommission muss deshalb zweifelhafte Subunternehmen und illegale Praktiken auf der Straße stärker bekämpfen und kontrollieren und dabei vor allem auch die Mitgliedstaaten viel stärker in die Pflicht nehmen. Sonst verlieren wir weiter Glaubwürdigkeit bei den Arbeitnehmern und auch bei der mittelständischen Transportwirtschaft. Viele Punkte sind in unserer Entschließung aufgegriffen.

(Der Redner ist damit einverstanden, eine Frage nach dem Verfahren der „blauen Karte“ gemäß Artikel 162 Absatz 8 der Geschäftsordnung zu beantworten.)

Michael Cramer (Verts/ALE), Frage nach dem Verfahren der „blauen Karte“. – Sie sagten: Die Maut müsste unbürokratisch sein, das finde ich auch. Aber glauben Sie denn, die PKW-Maut für Ausländer – die in Deutschland jetzt eingeführt wird und die auch heute die Kommission noch bestätigt hat, obwohl sie unsozial und unökologisch und europafeindlich ist – diese Maut ist wunderbar gestaltet, sie ist unbürokratisch leicht zu handhaben, oder hätten Sie es lieber anders gehabt?

Markus Pieper (PPE), Antwort auf eine Frage nach dem Verfahren der „blauen Karte“. – Lieber Kollege! Es gibt immer Dinge, die man verbessern kann. Aber es ist zumindest einmal ein Start für eine entfernungsabhängige Entgelterhebung. Das wollen die Grünen doch auch. Und wenn man jetzt ein System findet, das vielleicht ein Stück weit auf dem deutschen System aufbaut, und dann digitale Lösungen ermöglicht, mit denen wir grenzüberschreitend aktiv sein können – ja, warum denn nicht? Also die deutsche Maut kann durchaus ein Anfang sein.

Claudia Țăpădel (S&D). – Dragi colegi, înaintea votului de mâine și înaintea prezentării de către Comisie a pachetului privind mobilitatea constat că diferențele de opinie s-au adâncit. Sper că ne dorim cu toții promovarea drepturilor sociale ale muncitorilor, drepturi salariale decente, dreptul la odihnă, dar nu am reușit să cădem de acord asupra unor definiții. Folosim aceleași cuvinte și pare că ne dorim aceleași lucruri, dar eșuăm în a găsi o direcție comună. Nu avem încă o definiție tehnică a ceea ce înseamnă dumping social și insistăm să blămăm firmele din Est pentru ceea ce este pur și simplu un avantaj competitiv datorat situației economice locale.

Această rezoluție și viitorul pachet rutier trebuie să se concentreze pe adevărata problemă și anume existența companiilor de tip „letter box” care exploatează șoferii din estul Europei și știm foarte bine că aceste companii provin din vestul Europei.

Ar trebui de asemenea să insistăm pe ideea înființării unei agenții rutiere europene, o inițiativă pe care această instituție, Parlamentul European, a votat-o deja de două ori în Cartea Albă privind transporturile și în raportul privind dumpingul social.

Cred că este cazul să trecem de la vorbe la fapte dacă într-adevăr ne dorim o piață europeană integrată pentru transportul rutier și un sistem de transport eficient și echitabil.

Kosma Złotowski (ECR). – Madam President, we should not limit the debate on the future of the European road transport sector to social issues only. For the last two years we have seen many cases of violation of free competition in the EU in this sector. So firstly, we need to ensure freedom of providing haulage services across Europe without any administrative barriers. Then we can go further. I agree that many things have to be done to improve security and standards of daily life of truck drivers, but the idea of the creation of a new agency responsible for road transport is not the right solution. Stigmatisation of transport companies from Central and Eastern Europe is not a very good way to build a common market. We are interested in cooperation with our partners in the EU to fight against fraud, but such cooperation should be based on honest and not discriminatory rules. I hope that the Commission's mobility initiatives will not create the next problem but will be an answer for existing challenges of the road transport sector.

Matthijs van Miltenburg (ALDE). – Voorzitter, ook ik kijk met belangstelling uit naar de plannen van de Europese Commissie voor het Europese wegvervoer. De huidige regels behoeven zeker aanpassing. Ze kunnen leiden tot verschillende interpretaties in verschillende Europese landen, bijvoorbeeld als het gaat om cabotage of de rij- en rusttijden. Daardoor zijn ze niet altijd goed te handhaven en staan ze van tijd tot tijd een 'gelijk Europees speelveld' in de weg.

Bijvoorbeeld, het overnachten van de chauffeur in de cabine – mooi voorbeeld – is verboden in Frankrijk en België, maar is toegestaan in andere landen zoals mijn eigen land Nederland. Versnippering – of het nou gaat om de regels die we stellen of om de uitvoering daarvan voor het wegvervoer – is heel slecht voor Europa.

Een heel mooi voorbeeld is ook het Duitse tolplan, dat discriminerend is voor buitenlandse weggebruikers. Vandaag is bekend geworden dat de Europese Commissie die infractieprocedure tegen Duitsland heeft stopgezet, en dat terwijl het Europees Parlement zich heel nadrukkelijk, in een Europese resolutie, ferm heeft uitgesproken tegen het tolplan van Duitsland. Kan de Commissie – en daar wil ik heel graag een antwoord op hebben – kan de Commissie aangeven, uitleggen waarom geen uitvoering is gegeven aan de resolutie van dit Europees Parlement? Want ik vind dat echt bijzonder weinig respectvol als het gaat om het verkeer tussen beide instituties.

Dan wil ik ook nog heel graag van de Commissie weten, over twee weken, hoe ze het Duitse tolplan beoordeelt in het licht van haar eigen voorstel als het gaat om *road charging*.

Paloma López Bermejo (GUE/NGL). – Señora presidenta, pocas veces hemos visto un ataque tan frontal a los derechos de los trabajadores como el que está planteando la Comisión en el transporte por carretera. Pasar de cuarenta y cinco horas de descanso semanal a veinticuatro horas es esclavitud. Pasar de noventa bisemanales a ciento sesenta y ocho horas cada tres semanas es esclavitud. Permitir que se duerma tres y cuatro semanas en cabina es esclavitud. Y se lo decimos tal y como se lo han dicho los sindicatos europeos. No queremos que ustedes legalicen esta explotación. Lo que queremos es que controlen la legislación vigente: con tacógrafos modernos, con inspecciones, con controles y con un descanso digno para los conductores.

Tampoco se puede tolerar que pretendan impedir que los trabajadores del transporte reciban al menos el salario mínimo del país donde operan y que sigan sin controlarse los falsos desplazamientos y las operaciones de cabotaje. Los trabajadores, señor Hogan, van antes que los beneficios. Desde aquí todo nuestro apoyo a un sector que lucha por su vida y por su dignidad.

Daniela Aiuto (EFDD). – Signora Presidente, onorevoli colleghi, signor Commissario, oltre 26 000 morti all'anno in tutta Europa e un costo sociale di circa 100 miliardi di euro, quindi la sicurezza stradale è l'urgenza principale alla quale siamo chiamati a rispondere in termini di mobilità.

A nostro avviso occorre decongestionare i centri urbani, implementando l'utilizzo del mezzo pubblico a discapito di quello privato che è, tra l'altro, responsabile di circa l'80 per cento delle emissioni di CO₂ prodotte dall'intero comparto dei trasporti. Vanno inoltre fatte rispettare da tutti le regole per quanto riguarda i tempi di riposo e la qualità dei guidatori dei mezzi pesanti, con controlli sulle patenti e sui tassi alcolemici. Abbiamo le tecnologie per rendere molto tempestivi ed efficaci i controlli su strada, aiutiamo le piccole aziende, anche magari incentivandole economicamente, ad adottare i dispositivi tecnologici necessari a tali controlli.

Sosteniamo la risoluzione, soprattutto per la parte riferita alle politiche di riduzione delle emissioni. Per il nuovo comparto elettrico auspichiamo investimenti sia sulla diffusione della rete sia sulla ricerca per la sostenibilità delle batterie utilizzate, per avere prodotti meno impattanti sia in fase di realizzazione sia di smaltimento.

Andor Deli (PPE). – Elnök Asszony! Üdvözlöm a mai vitát, ugyanakkor sajnálom, hogy nem sikerült már korábban napirendre tűzni, hiszen így érdemben már nemigen tudja befolyásolni a hónap végén bemutatásra kerülő mobilitási csomagot.

Napjainkban egyre többet beszélünk a többsebességes Európáról. Sajnos ez a többsebességes Európa a fuvarozás tekintetében már most is megvalósulni látszik. Hiszen lassan kialakul a tagállamoknak egy olyan köre, amelyek hasonlóan felállított egyoldalú intézkedéseket vezetnek be, veszélyeztetve ezzel az egységes belső piac működését. A megfoghatatlan és ezidáig definiálatlan szociális dömpingre hivatkozva jön létre a szemünk előtt a többsebességes Európa, egy olyan területen, ahol erre egyáltalán nincs szükség. Ezt a Bizottság is így láthatja, hiszen több esetben indított vizsgálódási folyamatot. Ezért a Bizottság mobilitási csomagjától nagyok az elvárások – itt a Parlamentben, és a tagországok részéről egyaránt. Hiszen olyan javaslatokra van szükség, amelyek megszüntetik, illetve megelőzik a közlekedési piac további fragmentációját, és maradéktalanul biztosítják az áru fuvarozás szolgáltatásának szabadságát. Mindez nem egyszerű feladat, és fontos, hogy a mobilitási csomag intézményközi vitája során olyan megoldásokat kapjunk, amelyek életszerűek, és mindenki számára elfogadhatóak, hiszen csak az a garanciája annak, hogy a jogszabályok végrehajtása is teljes körű lesz.

Úgy gondolom, hogy a kohéziós politikában a profitorientáltság nem kaphat aránytalanul nagy szerepet, mert például az oktatás vagy az egészségügy területén a befektetések megtérülése és sikeressége nem mérhető kizárólagosan a haszon mércéjével. Ezért a pénzügyi eszközök bekapcsolása fontos, de ezeken a területeken nem válthatják ki, hanem csak kiegészíthetik a vissza nem térítendő támogatásokat.

Az eddigi tapasztalatok már megmutatták, hogy a tartósan magas munkanélküliségi rátával és alacsony népsűrűséggel rendelkező régiók befektetési vonzereje igencsak gyenge. A vissza nem térítendő támogatások pedig pontosan az ilyen helyzetű régiók felzárkóztatásához járulnak hozzá.

Ezért a 2020 utáni kohéziós politika kialakításánál fontos, hogy a pénzügyi eszközök részesedésének növelése nem járjon a vissza nem térítendő támogatások összegének csökkentésével, mivel az gátolná a kohéziós politika fő célkitűzésének megvalósulását, a régiók közötti egyenlőtlenségek felszámolását.

ΠΡΟΕΔΡΙΑ: ΔΗΜΗΤΡΙΟΣ ΠΑΠΑΔΗΜΟΥΛΗΣ

Αντιπρόεδρος

Christine Revault D'Allonnes Bonnefoy (S&D). – Monsieur le Président, aujourd'hui, on s'intéresse enfin à la situation de 2 millions de travailleurs et de plus de 500 000 entreprises du transport routier en Europe, qui cristallise les enjeux liés au dumping social et à la lutte contre la concurrence déloyale. En effet, la libéralisation du marché intérieur dans ce secteur a contribué à la dégradation des conditions de travail, au contournement massif de la législation européenne et à la multiplication des pratiques abusives, comme les sociétés boîtes aux lettres.

Nous le savons tous, de par la nature itinérante et le caractère fondamentalement transfrontalier du secteur routier, les solutions ne peuvent être qu'européennes. Dans ce cadre, le paquet mobilité doit être l'application directe du pilier social.

En effet, on ne peut pas, d'un côté, œuvrer à l'amélioration des conditions de vie des citoyens et, de l'autre, faire une exception au transport routier en renforçant la flexibilité des temps de repos.

Je ne comprends pas comment le président de la Commission affiche son soutien entier au principe «à travail égal, salaire égal» sur un même lieu de travail alors qu'au niveau sectoriel, on propose d'exclure plus de 2 millions de personnes de la directive sur les travailleurs détachés, qui doit garantir l'application de ce principe. Il faut être cohérent dans les discours et dans les actes.

Au-delà du secteur routier, il est important que tous les députés comprennent bien que ce qui se joue là, ce n'est pas seulement cette question-là, mais c'est la question de la survie de l'Europe.

Mark Demesmaeker (ECR). – De Europese transportsector rijdt zich meer en meer vast.

Dodelijke emissies, talloze verkeersslachtoffers en toenemend fileleed bezorgen de sector een kwalijke naam en ernstige kopzorgen.

Ook de oneerlijke concurrentie door het misbruik van Europese en sociale regelgeving maakt het voor vele transporteurs erg moeilijk. Het opzetten van schimmige postbusbedrijven en het in dienst nemen van onderbetaalde en onopgeleide chauffeurs is een wijdverspreide praktijk. Het is niets minder dan moderne slavernij!

Dit baart mij en vele Vlamingen met mij grote zorgen. Door die misbruiken hangen oneerlijke mededinging, sociale uitbuiting en verkeersonveiligheid als een vloek boven de sector. Dat is jammer, zeker als je weet welke belangrijke rol de sector speelt voor onze Europese economie.

Het is dan ook dringend tijd voor een opwaardering van de Europese transportsector. Dat kan alleen door een efficiëntere Europese samenwerking en een betere implementatie en handhaving van de bestaande Europese regels.

Ik kijk met grote verwachting uit naar de voorstellen van de Europese Commissie. De EU is er om welvaart te creëren, niet om een neerwaartse spiraal te faciliteren.

Izaskun Bilbao Barandica (ALDE). – Señor presidente, el sector del transporte por carretera es crítico para la seguridad vial y la competitividad de la economía y, además, es fuente de empleo. Superar los retos que tiene planteados obliga a profesionales y a empresas a integrar novedades tecnológicas asociadas a vehículos autónomos, hiperconectados e hipocarbónicos auxiliados por inversiones públicas y privadas y por nuevas capacitaciones que enriquecerán el desempeño profesional y mejorarán los servicios.

Los estudios de evaluación sobre el actual marco señalan las disfunciones que debemos corregir. Entre ellas figuran el dumping social, la utilización fraudulenta de empresas buzón en los Estados con más bajos estándares de protección social, el proteccionismo encubierto que está tras las muy variadas interpretaciones del alcance de la normativa sobre cabotaje, o las cuestiones relacionadas con la euroviñeta o el telepeaje. Igualmente, hay que armonizar las condiciones de trabajo en un sector caracterizado por la movilidad, mejorando las directivas que regulan el tiempo de conducción, el desplazamiento de los trabajadores o los reglamentos sobre el acceso a la profesión.

Por eso, comisario Hogan, deseo suerte a la comisaria Bulc al presentar sus propuestas, y le agradezco el esfuerzo que — me consta— lleva tiempo dedicando al tema, y le anuncio mi total apoyo, tras escuchar al sector, a las soluciones europeas. Porque las acciones unilaterales Estado a Estado solo aportan distorsión, confusión y más cargas administrativas a un sector que bastante tiene con los problemas descritos.

Petr Mach (EFDD). – Mluvíme o silniční dopravě a já vám řeknu jednu jednoduchou věc, co by EU měla udělat a měli by z toho prospěch všichni – dopravci, řidiči i spotřebitelé.

Nařízení o silniční dopravě omezuje tzv. kabotáž. Konkrétně zakazuje nakládání dalšího zboží během přepravy, takže např. když jede kamion z ČR řekněme do německého Hamburku a má ještě v prostoru místo, tak on nesmí naložit další zboží třeba v Drážďanech, protože to EU zakazuje. V důsledku toho jezdí po evropských silnicích zbytečně mnoho kamionů, které mají nevyužitě místo. Říká se tomu ztráta mrtvé váhy a čtvrtina kamionů, které jezdí po Evropě, jsou prázdné.

Zrušení tohoto zákazu by bylo dobré pro všechny. Chcete menší zácpy na silnicích, uvolněte kabotáž. Chcete nižší ceny dopravních služeb, uvolněte kabotáž. Chcete šetrnější hospodaření a méně proježděné nafty, uvolněte kabotáž. Chcete nižší emise CO₂, pokud vás trápí globální oteplování, uvolněte kabotáž.

Seán Kelly (PPE). – Mr President, the transport sector is responsible for around a quarter of Europe's greenhouse emissions, and is a particularly problematic sector for Ireland. Achieving 80% decarbonisation across the EU by 2050, which is the goal, would likely require the decarbonisation of the road transport sector by around 95% by 2050. As EPP rapporteur on the Renewable Energy Directive, this is an area in which I have a keen interest and an area where I believe there are huge opportunities to make great emission savings with innovative solutions.

Electromobility is an important way forward if we are to have any hope of achieving this target. The electrification of transport would displace imported carbon-intensive fossil fuels and eliminate harmful air pollutant emissions in our cities and towns. There is great potential in this. The EV market share in Norway, for example, increased from 1.4% in 2011 to 17.1% in 2015, due to favourable policies. This is a blueprint for us. However, the foundations need to be laid for this and I welcome the Commission's ideas, in the Energy Performance of Buildings Directive, to increase the amount of charging points in our buildings. We need to ensure the right infrastructure is in place if this is to be successful.

In addition to this, sustainably produced biofuels will continue to play an important role, not only as a means to decarbonise our transport sector, but also for economic growth in rural areas. Yes, there is a sustainability question about some feed stocks, palm oil for example, but I think our challenge in the work on the Renewable Energy Directive will bring certainty for producers of sustainable biofuels.

(The speaker agreed to take a blue-card question under Rule 162(8))

Doru-Claudian Frunzulică (S&D), blue-card question. – Mr Kelly, you know I appreciate very much your activity within the European Parliament. I want to ask you if you support the trade unions' request aimed at making the forthcoming road mobility package a better enforcement of social rights and to avoid current cases of social dumping?

Seán Kelly (PPE), blue-card answer. – Well, I didn't refer to that in my speech, but obviously we do not support social dumping. The proposals here, by the Commission and by Parliament, will address these issues in an equitable manner. I support equality, I support fairness, and definitely there are huge opportunities here for us to get a good and better transport system in Europe.

Bogusław Liberadzki (S&D). – Panie Przewodniczący! Panie komisarzu! Rozmawiamy o najważniejszej pod każdym względem gałęzi transportu w Europie o szczególnym znaczeniu dla małych i średnich przedsiębiorstw.

Panie komisarzu, pod adresem Komisji są kierowane poważne pretensje. Po pierwsze bezczynność przy wprowadzaniu MiLoG i „Loi Macron”. Po drugie, że Komisja podchodzi w sposób obojętny do przedsiębiorstw tak zwanej nowej Europy, które odnoszą sukces na rynku europejskim. Panuje nieukrywane odczucie, że przewoźnicy z tej nowej Europy nie mieli prawa osiągnąć sukcesu i teraz muszą być ukarani, a Komisja się na to godzi.

W związku z tym chciałbym bardzo prosić, żeby Komisja zaczęła być Komisją, żebyśmy zaczęli stosować metody wspólnotowe. Ta jedna minuta dobiega końca, ale mam taką generalną prośbę: zacznijcie po prostu odpowiadać za transport drogowy w Europie. W przeciwnym razie zrodzą się poważne sytuacje konfliktowe.

Georges Bach (PPE). – Herr Präsident, Herr Kommissar! Vor zwei Jahren hat sich die Kommission während einer groß aufgezogenen Konferenz in Brüssel für einen sozialen Ansatz im Straßenverkehr ausgesprochen. Die Devise damals war, die Beschäftigten, die Fahrer in den Mittelunkt zu stellen. Sie haben uns lange warten lassen, sehr lange warten lassen. Und mit zunehmender Dauer sind natürlich in der Tat die Gerüchte hochgekocht. Ich bin besorgt, was ich da höre, ich bin besorgt über das, was ich da lese. Als Vertreter der Bürger denke ich, dass wir als Parlament nicht die Hände in den Schoß legen können. Aus diesem Grund haben wir auch die Entschließung verfasst, auch wenn das jetzt nicht mehr so zur Kenntnis genommen wird.

Die Hoffnung stirbt zuletzt. Ein paar Punkte möchte ich aufwerfen, die trotzdem für mich persönlich und auch für uns als EVP wichtig sind. Wir wollen keine zusätzliche Liberalisierung der Kabotage. Es ist die Rede von einer Ausdehnung, von drei oder fünf Tagen. Das ist für mich inakzeptabel. Bezüglich der sozialen Aspekte möchte ich die Kommission fragen: Bleibt es bei den wöchentlichen Ruhezeiten, wie wir sie heute kennen? Oder hat die Kommission vor, weitere Flexibilität einzubauen? Und wenn ja, hat die Kommission ein Verfahren geprüft, wie längere Arbeitszeiten die Sicherheit beeinträchtigen könnten, und wie auch die sozialen Bedingungen darunter leiden?

Für mich bleibt zum Schluss die Hoffnung, dass die Kommission ein ausgewogenes Paket vorlegt, das die Fahrer schützt, das fairen Wettbewerb garantiert, das keinen zusätzlichen administrativen Aufwand mit sich bringt und das die Verkehrssicherheit durch die Digitalisierung erhöhen wird.

Hugues Bayet (S&D). – Monsieur le Président, Monsieur le Commissaire, comme vous le savez, la Belgique est secouée par un dossier judiciaire qui vise un important transporteur routier. Ce sont 1 100 chauffeurs des pays de l'Est qui auraient été exploités dans des conditions de travail indignes et pour un salaire de misère.

Si les faits sont avérés, on parle ici de choses extrêmement graves: organisations criminelles, traite des êtres humains, fraude sociale et blanchiment d'argent.

Je ne veux plus de cette Europe-là. Je crois en l'Europe et je veux vraiment une Europe qui placera sur un même pied d'égalité le social et l'économie. Je veux une Europe pour laquelle le principe «à travail égal, salaire égal» sur un même lieu de travail est un droit fondamental appliqué et contrôlé.

Votre responsabilité ici est immense, car le cas belge démontre l'inefficacité du système. Vous devez mettre fin à ce carnage social qui a enrichi certaines entreprises en sacrifiant l'emploi, d'une part, et les droits fondamentaux de dizaines de milliers de travailleurs européens, d'autre part.

Dès lors, nous attendons beaucoup de vos propositions et j'espère que les premiers échos négatifs qui nous reviennent ne sont que fiction au regard des enjeux immenses dans le secteur routier. Nous attendons avec impatience vos propositions.

Luis de Grandes Pascual (PPE). – Señor presidente, durante ya un largo tiempo se ha venido abandonando al sector del transporte por carretera. Es verdad que nos hemos ocupado del ferrocarril, de la aviación, del transporte marítimo. Pero no es menos cierto que el transporte por carretera exige y llama la atención sobre su importante papel en la simbiosis que implica la comodidad.

Tenemos que tratar este paquete con mucha seriedad, ya sea desde la modernidad que representa la digitalización del sector o desde los ya viejos conocidos, como los temas sociales o medioambientales. No debemos olvidar que la carretera es uno de los instrumentos vertebradores de la Unión. Vital para nuestra economía. Con más carga y más pasajeros que todos los demás modos combinados; y, además, motor esencial para la creación de empleo y el crecimiento, con más de diez millones de ciudadanos que se ven involucrados.

Necesitamos un sector de transporte por carretera fuerte y competitivo para responder a las necesidades del mercado europeo, así como a los requisitos sociales y medioambientales de la Unión Europea, que son una exigencia inexcusable en este tiempo. En todo caso, se necesita una puesta al día de su papel propio en complemento con otros modos de transporte.

La Comisión nos emplaza a abordar el tema desde cuatro pilares: el mercado interior; la competencia leal y los derechos de los trabajadores; la descarbonización; la digitalización. El Parlamento Europeo, señor comisario, señorías, acepta el reto y nos ponemos a trabajar.

Jens Nilsson (S&D). – Herr talman! När jag var ansvarig föredragande i transportutskottet för vårt betänkande om social dumpning förra året så kom vi fram till några saker som var viktiga att kommissionen nu har med.

Det ena är cabotagereglererna. De sa att de ska vara enkla att följa, och de ska vara enkla att kontrollera. Vi kan inte fortsätta som idag, där skrupelfria, oseriösa företag bryter mot regelverket utan att det får några konsekvenser. De här oseriösa företagen utnyttjar människor att jobba för låga löner och dumpar priserna.

På en fungerande marknad måste det vara *fair competition* som gäller. Om inte alla som t.ex. kör i Sverige följer arbetsmarknadens regler och gällande kollektivavtal när det gäller löner, ja då dumpas priserna och seriösa företag slås ut. Det här måste få ett slut.

Vi krävde också en översyn av kombidirektivet eftersom detta direktiv används för att gå runt cabotagereglererna.

Min uppfattning är att kombidirektivet helt kan avskaffas, eftersom det inte fyller någon annan funktion än att underlätta för dem som vill bryta mot reglerna. Men om direktivet görs om, då måste ju kryphålen täppas till.

Jag kräver *fair competition* och rättigheter för arbetstagarna. Det är det viktigaste!

Elżbieta Katarzyna Łukacijewska (PPE). – Panie Przewodniczący! Ponad dwa lata czekamy na ostateczne stanowisko Komisji Europejskiej w sprawie wprowadzenia płacy minimalnej przez Niemcy czy Francję. Od miesięcy słyszymy o dumpingu społecznym, definicji, która weszła do unijnego słownictwa i która w ocenie wielu jest elementem walki z konkurencją. Wielu chciałoby podporządkowania niektórych operacji transportowych przepisom dyrektywy o delegowaniu pracowników. Gdzie w tym wszystkim, proszę Państwa, najważniejsza europejska zasada – swobody przepływu towarów i usług? Gdzie idea konkurencyjności, dzięki której tworzone są nowe firmy i nowe miejsca pracy?

Pamiętajmy, że naturalne jest, iż istniejące różnice gospodarcze pomiędzy państwami naszej wspólnoty powodują, że w różnych sektorach różne państwa są liderami. To jest naturalne. Oczywiście nie znaczy to, że nie ma w tym sektorze nieprawidłowości. I z całą odpowiedzialnością chcę podkreślić, że należy zrobić wszystko, aby zlikwidować wszystkie nadużycia. Dlatego od miesięcy czekamy na pakiet mobilności, który rozwiązałby wiele problemów i odpowiedziałby na wiele pytań.

Pamiętajmy jednak – czy mamy świadomość – że przedstawiciele branży transportowych ze wszystkich krajów Unii Europejskiej – chociaż nie wszyscy o tym mówią – boją się, aby, posługując się argumentami ochrony praw socjalnych, Unia Europejska nie przeforsowała protekcyjnych przepisów, które ograniczą konkurencję i które wprowadzą nadmierną biurokrację.

Петър Курумбашев (S&D). – Г-н Председател, аз искам да задам няколко въпроса, които будят съмнение. На първо място дали не се спекулира с темата за социалните права, за да се наложи преразпределение на пазарен дял? Дали забраната за либерализация на каботажа е само мярка за защита на социалните права или е чист протекционизъм от държави членки, които не искат новите страни членки да увеличават своя пазарен дял?

Защо Комисията не движи наказателни процедури срещу държави, които са в географския център на Европейския съюз, които правят промени в своите национални законодателства и вървят срещу либерализирането на единния европейски транспортен пазар?

За да стигнем и до предложения от типа на това камиони, които са регистрирани в определени държави, да извършват услуги предимно в тези държави. Значи, германски камиони да извършват услуги в Германия, френски – във Франция. Аз бих ви помолил дори да разширите предложението си: може берлинските камиони да работят само в радиус 50 километра около Берлин или камионите от Будапеща да се движат на радиус 50 километра от Будапеща?

Така ще се върнем от 21-ви не в 20-ти, а в 17-ти век. Това ли е бъдещето на Европейския съюз?

Claudia Schmidt (PPE). – Herr Präsident, geschätzte Kollegen! 280 Milliarden Euro nehmen die Mitgliedstaaten Autofahrern und Frächtern jedes Jahr ab. 280 Milliarden Euro einfach nur dafür, weil beschlossen wurde, dass Bürger extra zahlen sollen, weil sie beruflich oder in ihrer Freizeit von A nach B müssen, sollen oder wollen. 280 Milliarden Euro – und das soll immer noch nicht genug sein? Ich glaube es ja wirklich nicht, was hier unter dem Deckmantel des *user pays principle* oder *polluter pays principle* gesagt wurde. Es ist fast schon als schamlos zu bezeichnen.

Ich möchte dazu sagen: Erstens: Wir sind Vertreter unserer Wähler, und nicht ihre Erziehungsberechtigten. Zweitens: Mit welchem Recht wird eigentlich verlangt, dass Autofahren teurer werden muss? Weil wir meinen, dass wir dadurch im Alleingang unseren Planeten retten, oder etwas anderes als Öko-Ablasshandel fällt Rad- und Bahnbewegten gerade nicht ein?

Drittens: Was haben denn die ganzen Steuern und Abgaben in den letzten 40 Jahren gebracht? Wurde dadurch ein Kilometer weniger gefahren oder ein Auto weniger verkauft? Nein! Da hilft es auch nicht, wenn man die Dosis einfach weiter erhöht. Keine Maut der Welt, keine noch so hohen Steuern führen dazu, dass die Bürger aufs Auto verzichten. Und warum sollten sie auch? Das Auto ist unverzichtbar für junge Familien, für Pendler, für den ländlichen Raum und für die Freizeitgestaltung. Ökologische Strafsteuern bringen der Umwelt gar nichts, eine bessere Technologie aber schon. Lassen Sie uns doch darin investieren, lassen Sie uns Gelder in die Forschung lenken! Das hilft wirklich, der Rest ist nur teure Ideologie und grüne Folklore im Kampf gegen das Auto.

Maria Grapini (S&D). – Mulțumesc, domnule președinte, domnule comisar, stimați colegi, cred că trebuie să privim foarte realist situația. Avem nevoie de o piață unică a transporturilor. Dacă vorbim de piața unică trebuie să ne gândim și la această activitate. În același timp trebuie să fim foarte corecți cu noi: nu există încă suficientă etică și activitate echitabilă.

Există încă discriminări între lucrătorii dintr-o țară și alta, între companiile mari și companiile mici. Și mă bucur că domnul comisar a prezentat aici că în pachetul de mobilitate se propune clarificarea circumstanțelor în care se plătește salariul minim într-o anumită țară, pentru că mulți colegi de aici au sesizat acest lucru. Sunt luați șoferi dintr-o parte și, deși activitatea și-o desfășoară într-o țară, este plătit șoferul cu salariul din țara unde salariul este mai mic. Apoi, îmbunătățirea condițiilor de lucru.

Dar haideți să fim corecți. Există o diferență în dezvoltarea economică a țărilor statelor membre și trebuie să corelăm acest pachet al mobilității și cu fondurile de coeziune. Nu există o infrastructură egală. Cine poate să țină în echilibru o masă cu patru picioare care are fiecare picior de altă lungime.

Domnule comisar, îmi pun speranța în acest pachet, dar trebuie să existe o corelare cu celelalte proiecte.

Claude Rolin (PPE). – Monsieur le Président, organisation criminelle, traite des êtres humains, blanchiment, faux et usage de faux: c'est ce dont est suspectée l'entreprise belge Jost, active dans le transport routier. Elle est aujourd'hui soupçonnée de fraude sociale majeure, une inculpation qui nous rappelle que le dumping social mine notre société, avec pour victimes principales des travailleurs qui exercent leur métier dans des conditions parfois inhumaines.

«Il faut lutter contre le dumping social!» C'est ce que nous répète souvent avec conviction et raison le président de la Commission. Cette action est indispensable pour donner un avenir au projet européen. Nous ne pouvons pas nous contenter de vagues déclarations. Nous devons agir à tous les niveaux, en particulier au niveau européen.

La Commission va présenter son paquet transport routier. Sans anticiper sur le contenu, je souhaite insister sur quelques priorités. Les règles en matière de cabotage et de détachement des travailleurs doivent s'appliquer de façon stricte. Il est urgent de réguler les transports professionnels réalisés au moyen de petits camions. C'est un enjeu en matière de conditions de travail mais aussi de concurrence déloyale et de sécurité routière. Enfin, il est indispensable de garantir le temps de repos des chauffeurs.

Le paquet transport doit répondre à ces enjeux. Il faut enrayer le dumping social et assurer des conditions de travail décentes aux travailleurs. Pour y parvenir, je suis convaincu que vous pourrez compter sur les partenaires sociaux, mais aussi sur les travaux de ce Parlement.

Karoline Graswander-Hainz (S&D). – Herr Präsident, werte Kolleginnen und Kollegen! Die Herausforderungen im europäischen Straßenverkehr sind vielfältig: Reduktion der Emissionen, neue Antriebe, Automatisierung, Digitalisierung – all das sind Bereiche, die eine große Rolle spielen. Meiner Meinung nach aber ist eines der größten Probleme der soziale Bereich. Die Gewerkschaften berichten uns immer wieder von prekären Arbeitsverhältnissen und katastrophalen Zuständen: Stundenlöhne von 3,50 EUR, Fahrer, die monatelang nicht nach Hause kommen und im LKW schlafen müssen.

Was es nicht braucht, werte Kommission, ist eine zunehmende Liberalisierung im Bereich Kabotage, Lenk- und Ruhezeiten, solange das Prinzip „gleiche Arbeit für gleichen Lohn am gleichen Ort“ nicht realisiert ist. Was es aber braucht, ist die Durchsetzung der Rechte und Regeln durch strengere Kontrollen und eine bessere Koordinierung zwischen den EU-Mitgliedstaaten mit Hilfe einer europäischen Straßenverkehrsagentur. Die sozialen Grundrechte der Menschen müssen in Europa Vorrang haben.

Massimiliano Salini (PPE). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, la partita del trasporto, in particolare del trasporto su strada, sarà una delle più interessanti per verificare la capacità di innovazione dell'Unione europea.

Abbiamo parlato con dovizia di particolari di tutte le sfide legate ai nuovi carburanti, alla necessità di limitare le emissioni in atmosfera, ben il 70 per cento delle emissioni generate nel settore dei trasporti avviene all'interno del trasporto su strada. Sono necessari molti investimenti. La Commissione europea ha destinato 70 miliardi di fondi strutturali a questo settore, di cui 39 destinati all'individuazione di strategie per limitare le emissioni in atmosfera nel settore dei trasporti e, in particolare, del trasporto su strada.

Questi investimenti si fanno se vi è un quadro generale di garanzie che garantiscono un mercato equilibrato, in cui sono rispettate le ragioni dell'investitore e sono rispettate le ragioni del lavoratore. Un concetto generale all'interno del quale non si fa margine sfruttando le persone che lavorano, non si creano le sacche economiche necessarie agli investimenti non pagando le persone.

La risoluzione è nel suo complesso abbastanza equilibrata, ma troppi sono i punti oscuri. Liberalizzare in modo sconsiderato il cabotaggio sarà un'innovazione finta, pagata da trasportatori che giocheranno una partita al ribasso e tutti ci rimetteremo. Su questa partita è quindi necessario intervenire, affinché garanzie sociali, sicurezza ed equilibrio in termini di obblighi amministrativi siano garantiti, come tante nostre associazioni di trasportatori hanno detto.

I trasporti e i ritorni a vuoto non ci sono perché c'è il cabotaggio troppo libero, o anzi troppo ristretto, ci sono perché si fa fatica a incrociare la domanda e l'offerta. Non sbagliamo.

Inés Ayala Sender (S&D). – Señor presidente, sea bienvenido el paquete carretero, porque, sin reglas europeas claras y actualizadas, los gobiernos estaban ya creando una jungla de reglas nacionales, a cual más imaginativa, fragmentadora y proteccionista.

Confiamos en que, para cuando tengamos que tratar la nueva propuesta para la euroviñeta, esté ya resuelto el enojoso diferendo sobre el peaje alemán. Las noticias que nos llegan siguen siendo confusas. Esperamos, también, con mucho interés, la solución o contrapartida que va a darle la Comisión al sobre coste de la perifericidad.

Del paquete, tenemos ciertas reservas respecto a la posible modificación de los tiempos de conducción y de descanso, pues nos costó mucho acordarlo y, aunque faltan elementos para mejorar su eficacia, cualquier simplificación que reabra toda la norma puede hacerla inviable, o peor aún, menos garantista y equilibrada. Del tacógrafo dice usted, señor Hogan, con toda razón, que sirve para controlar las irregularidades. Pero lo que de verdad las controla son los inspectores que controlan el tacógrafo, al igual que ocurre con el cabotaje ilegal. De ahí que necesitemos más y mejores inspectores y que estemos totalmente a favor de una agencia europea que refuerce y coordine las normas sociales, pero también la seguridad vial, que vuelve a fragilizarse.

Y confío, también, en que el debate sobre el paquete, en vez de seguir haciendo recaer la culpa sobre los camioneros, abra la posibilidad de la puesta en marcha de una lista negra de las empresas que incumplen, para que pierdan así la honorabilidad.

Danuta Jazłowiecka (PPE). – Panie Przewodniczący! Transport jest nierozzerwalnym elementem jednolitego rynku mającym ogromny wpływ na konkurencyjność europejskiej gospodarki. W interesie wszystkich członków Unii Europejskiej jest budowa konkurencyjnego sektora, bez barier fizycznych, prawnych czy administracyjnych.

Niestety dzisiaj znajdujemy się w momencie, w którym przyszłość sektora transportu jest zagrożona. W tym kontekście chciałam się odnieść do toczących się prac nad rewizją dyrektywy o delegowaniu pracowników. Obecnie obowiązujące zapisy dyrektywy, a w szczególności proponowane zmiany, w żaden sposób nie uwzględniają specyfiki sektora transportu. Jak bowiem wyliczyć wynagrodzenie kierowcy, który przejeżdża przez kilka krajów? Jak ustalić, który kraj jest miejscem zwyczajowego świadczenia pracy i które prawo pracy stosować, skoro pracownik w ciągu jednego miesiąca przebywa w kilku miejscach? Jak wyegzekwować obowiązek notyfikacji, wyznaczania osoby do kontaktu, przechowywania dokumentów w kabinie? To są sprawy, które negatywnie wpływają na rozwój sektora transportu, dlatego wielu europosłów opowiada się za wyłączeniem sektora transportu z dyrektywy o delegowaniu pracowników i za opracowaniem rozwiązań sektorowych, które wezmą pod uwagę wysoką mobilność sektora.

Oczekujemy od pakietu drogowego, który Komisja ma opublikować pod koniec maja, rozwiązań, które zapewnią ochronę pracowników i pozwolą firmom transportowym się rozwijać, tym bardziej, że w chwili obecnej mamy do czynienia z licznymi sporami i kontrowersjami związanymi z transportem drogowym. W efekcie kilka krajów wprowadziło w ostatnim czasie rozwiązania, które mają charakter protekcyjny i wpływają negatywnie na mobilność i konkurencyjność sektora. Niestety brak jest stanowczych działań ze strony Komisji Europejskiej. Od dwóch i pół roku przedsiębiorstwa czekają na rozstrzygnięcie postępowania w sprawie płacy minimalnej w Niemczech. Toczy się postępowanie we Francji, a Komisja milczy. Firmy, ale także administracje krajowe i organy kontrolne muszą wiedzieć, jakie wymagania i warunki zatrudnienia obowiązują. Kiedy Komisja zamierza wyjaśnić tę sprawę?

Agnes Jongerius (S&D). – Mr President, I think it is not just rumours that the Commission is pleading for a temporary exclusion for drivers from the Posting Directive when they perform cabotage. For me that is a big problem, firstly because it wants to get rid of the limits of three operations and stretch this to unlimited operations for a number of days, and secondly because under the proposal a driver could be paid lower wages than the minimum wage in the country where he is working because currently that is prohibited by the Posting Directive.

I think that proposal is shameful. It would destabilise and undercut the domestic transport market. So, I have two questions. The first is, how will the new cabotage rules be checked? Could a Bulgarian driver for instance, drive around under Bulgarian wages in Germany for let us say five days, then leave the country to go to the Netherlands for a day and then come back and do the same thing? The second question is that under the proposal there should be equal work for equal pay – or did the Commission perhaps mean equal work for equal pay, but some workers are more equal than others?

Διαδικασία «catch the eye»

Patricija Šulin (PPE). – Za varnost v prometu še zdaleč niso dovolj le vozniki, ki spoštujejo predpise in vozijo s primerno hitrostjo ter so pri vožnji trezni in spočiti. Pri varnosti v prometu imajo izjemno pomembno vlogo delodajalci, ki premnogi zaposlene poklicne voznike v želji po dobičku silijo na cesto, tudi ko bi morali počivati, ali silijo k prehitri vožnji, da bi bili pravočasno na cilju. Še tako dobri in jasni predpisi pa niso dovolj, če je nadzor nad njihovim izvrševanjem slab.

Zato potrebujemo proaktivno delovanje policije, inšpekcijskih in drugih uradnih organov, hkrati pa mora biti teh organov dovolj, nadzor pa morajo izvajati tam, kjer so zahtevne prometne razmere in ne tam, kjer je najlažje napolniti proračun. Na pristojnih ministrstvih in vladi pa je, da znajo določiti prioritete in ustrezno razporediti človeška in finančna sredstva, da bodo policija in drugi organi lahko opravljali svoje naloge. K varnosti lahko prispeva vsak od nas v družbi.

Nicola Caputo (S&D). – Signor Presidente, onorevoli colleghi, il settore dei trasporti stradali in Europa deve essere pronto a cogliere le opportunità offerte dalla digitalizzazione, con lo sviluppo di infrastrutture di comunicazione sia da veicolo a veicolo sia da veicolo a infrastrutture. È questo il futuro della mobilità stradale e l'Unione deve fornire un quadro normativo adeguato, sostegno logistico e capacità di ricerca e innovazione.

Il futuro del trasporto passa sicuramente attraverso la sostenibilità ambientale, tema su cui l'Europa è impegnata fortemente, ma devono divenire priorità anche la funzionalità e l'interoperabilità del trasporto pubblico urbano. L'adattamento delle strutture esistenti richiede politiche di supporto adeguate a livello europeo e investimenti consistenti, per trasformare e adeguare i sistemi di trasporto delle città europee.

La questione del cabotaggio stradale illegale va affrontata presto, si tratta di una concorrenza sleale che sta producendo danni notevoli nell'Unione. Gli stessi controlli vanno resi più efficaci, così come va modificato nel merito il sistema sanzionatorio.

Davor Škrlec (Verts/ALE). – Gospodine predsjedniče, sigurno je socijalni aspekt cestovnog transporta važan u Europskoj uniji, međutim, moramo uzeti u obzir brojku koja je već spomenuta od kolege Kellyja, a to je da je 25% emisija ugljičnog dioksida upravo iz transporta i da je to jedini sektor u Europskoj uniji koji nije smanjio svoje emisije od 1991. godine. Dakle, ta važnost navodi na to da moramo promatrati globalnu konkurenciju koja ulaže u razvoj elektromobilnosti, koja ulaže u razvoj željeznica i gdje Europska unija daleko zaostaje zapravo i u istraživačkom, ali i u implementacijskom dijelu tih politika. Ako promatramo infrastrukturu za alternativna goriva, dakle direktiva koja je obvezala članice Europske unije da izgrade tu infrastrukturu, vidimo da članice još uvijek zaostaju.

I onda ostaje pitanje kako ćemo kroz poreze koje svi plaćamo za emisije koje naši automobili produciraju motivirati da građani prelaze na električne automobile ili hibridne i da time zapravo smanjuju svoje emisije u okoliš vožnjom po autocestama.

Deirdre Clune (PPE). – Mr President, we look forward to the Commissioner's proposals in the road package at the end of this month. I would urge her to look at the area of serious road injuries and road deaths, and I know she has already committed to doing so.

There were 35 000 serious injuries on Europe's roads in 2015 and 26 000 fatalities. It is an area where technology can play a really, really important role in reducing such figures. Be these vehicle to vehicle or vehicle to infrastructure instruments, Europe has been to the fore in leading road safety and ensuring that cars and infrastructure are equipped with the relevant technology that can indeed save lives, and we can do still more.

Who among us can remember a time when we did not have seat belts in our cars? Now they are a requirement for all cars for sale in Europe and on European roads. So Europe has indeed been a leader in this area.

I would like also to mention the whole area of drivers and road vehicles. There has been much discussion around this, and here again we need a European solution. I would like to quote from a letter that the Commissioner has had from a number of road haulier associations across Europe, including the Irish Road Hauliers Group, asking for flexibility in rest periods, considering that those coming from outermost regions, and particularly islands, do have a difficulty in getting back to their home base at weekends.

(Λήξη της διαδικασίας «Catch-the-Eye»)

Phil Hogan, *Member of the Commission*. – Mr President, I wish to thank all of the contributors to this debate. It is a very timely debate in the context of the resolution that will be brought before the House tomorrow. There is also the fact that the mobility package that has been indicated for some time by Commissioner Bulc will happen on 31 May.

Just to bring you up to date in relation to the business that Commissioner Bulc has been involved in over the last few hours, I can confirm that after this evening's meeting in Brussels between the European Union and the United States that the European Union and the United States will continue to work very closely on aviation security. There is another meeting scheduled for next week, because of the great importance and urgency of the issues, to assess risks and provide practical solutions and approaches to the proposals that were put forward, particularly by the United States, which would have a very strong impact on citizens and on businesses and on people between the European Union and the United States, and indeed globally from a point of view of security. Everybody is on the same side in terms of protecting our passengers, and hopefully they can reach some practical solutions in the coming weeks.

Just to take to speak about the rumours bit of business first which was mentioned by a few people regarding the road initiatives, I did state in my opening remarks on behalf of Commissioner Bulc that it is important to make clear that the rests will not be shorter and that driving time will not be longer in the proposals that would be put forward. This would compromise road safety which would not be acceptable and indeed would be completely out of tune with the Commission's policies and Commission proposals.

In relation to other matters, I agree with most people who recognise that transport is economical, it is environmental and social in terms of all its dimensions. It is a bit like the area of responsibility that I know best: agriculture. But in any event the Commission plans, and I want to confirm this, to adopt all of the road initiatives on 31 May as part of the mobility package. I think that while some people were getting quite alarmed about possible rumours, hopefully we can put these to rest here this evening in saying that there is no need for people to be going on strike or writing to MEPs until such time that these road initiatives are adopted.

I would not encourage speculation, but some of the speakers have mentioned a number of issues to which I will refer. On cabotage, the current rules, which are based on three operations within seven days, cannot be enforced. The Commission plans to amend the current rules to make these enforceable within further opening or closing of the market for cabotage. In relation to the posting of workers, the Posting Directive applies to all economic sectors including transport, which means that drivers are posted when being abroad, but given the highly mobile nature of the road transport sector, there is a need for sector-specific rules for the road transport sector. The Commission intends to come up with these sector-specific rules as part of their own initiatives, which will lighten the administrative burden for road hauliers but guarantee workers' rights and respect for drivers. This does not mean excluding drivers from the social rules.

In relation to rest times and rules, there are clear EU rules already on driving and rest times for drivers. For example, the daily rest time of at least 11 hours weekly, and the rest time of 45 continuous hours for the week. Some argue that these rules do not provide significant or sufficient flexibility and that they do not guarantee that drivers return to home on a regular basis. The Commission plans to modify the current rules to take these concerns into account.

Existing rules are unclear and interpreted differently across Europe about sleeping in cabins. At the moment, a few Member States prohibit drivers from taking the regular weekly rests in the cabin, while others allow it. This creates uncertainty for drivers and for hauliers. Drivers should be allowed to take some rests in their cabins if they choose to do so, but within certain limits to cater for social rights. This would be clarified also in the legal proposals of the Commission.

On the environment side, the CO₂ emissions from transport are hugely significant in the overall emissions, and the limits that are expected of us now are rising from the Paris Agreement. Road transport will have to play its part. We will for the first time have the tool that is necessary for this: the VECTO tool to charge vehicles based on CO₂ emissions, which would give users the incentives to purchase and use cleaner vehicles. This will be included in the road initiatives and the Eurovignette Directive.

I think Mrs Sender mentioned the phasing out of the time-based vignette, and Commissioner Bulc is indeed looking for ways to incentivise the use of distance-based systems. Such systems better reflect the 'user pays' and the 'polluter pays' principle than the time-based one and I know she is very sympathetic to your view on this. Current EU tolling systems lack interoperability, which is especially a problem for cross-border traffic. The Commission plans to put the conditions in place for new service providers to provide EU-wide tolling services. Besides better service to users, this will also reduce the cost of tolling and give the possibility for other ancillary services to be provided as well.

With regard to what Commissioner Bulc has said in respect of the German road user charge for passenger cars and the inclusion of this in EU legislation, she stated clearly on 16 February during the plenary session of this parliament, that foreign drivers cannot be discriminated against. The Commission decided today to close the infringement procedure initiated in June 2015 against Germany regarding the introduction of a road charge for passenger cars. This decision follows the adoption last March of amending laws in Germany, and the Commission came to the conclusion that these laws have addressed its concerns by removing discrimination based on nationality. Of course, the Commission will now continue to monitor the correct implementation of this law, and the application of this law is very important. More fundamentally, we are also considering proposing rules that underpin non-discrimination of foreign vehicle owners as part of the road initiatives. This could include, for the first time, passenger cars, which are excluded so far.

In relation to the establishment of a European Road Transport Agency, which of course is the view of the majority of this House, this takes some time. I am not going to prejudge what Commissioner Bulc will say to you on the 31 May, but what I will say is that Member States in the meantime can continue with better enforcement regulations or rules if they wish, and they do have systems in place that they can enforce better. I think perhaps in the short term this is an area that we should look at and do more at the level of regional and national governments whilst we are waiting for the implementation of this over-arching overall agency that you wish to have.

So those are just a few remarks responding to some of the concerns that have been expressed during the course of this debate. I think you will see that the Commissioner is very sympathetic and you seem to be going in the same general direction, pardon the pun, in relation to the proposals that are about to emerge in the mobility package. I am sure that this will go smoothly through with your help and support in due course.

Πρόεδρος. – Σας ευχαριστώ κύριε Επίτροπε. Τον λόγο έχει ο κ. Van Dalen για διαδικαστικό ζήτημα.

Peter van Dalen (ECR). – Voorzitter, ik heb een punt van orde. De commissaris heeft nu uitgelegd hoe het zit met die Duitse tol en dat dus vandaag kennelijk de Commissie de infractieprocedure heeft teruggetrokken, maar hij moet nu wel een toezegging doen dat wij een brief krijgen en een goede uitleg waarom de Commissie er nu van heeft afgezien om die inbreukprocedure door te zetten. Daar hebben wij wel recht op, want we hebben pas een resolutie aangenomen hier in het Parlement dat we helderheid willen hebben over de positie van de Commissie. Dus ik wil van de commissaris nu wel horen: wij krijgen een brief met uitleg en een toelichting.

Πρόεδρος. – Κύριε van Dalen, προφανώς αυτό που είπατε δεν ήταν επί της διαδικασίας και γι' αυτό δεν αναφερθήκατε και σε κάποιο άρθρο του Κανονισμού. Προεδρεύω εγώ και όχι ο Επίτροπος. Επικαλεστήκατε διαδικαστικό θέμα και δεν υπάρχει διαδικαστικό θέμα. Έχετε διαδικαστικό θέμα;

Michael Cramer (Verts/ALE). – Herr Präsident! Das hat mit der Geschäftsordnung zu tun, weil wir die Kommissarin mit einer riesengroßen Mehrheit aufgefordert haben, uns zu erklären: Die deutschen Autofahrer werden mehr als vorher entlastet, und das ist plötzlich europafreundlich, während es vorher europafeindlich war. Diese Erklärung wollten wir haben, die haben wir nicht bekommen. Trotzdem wird das Verfahren eingestellt – das verstehe wer will, wir nicht!

Πρόεδρος. – Ούτε αυτό, κατά τη γνώμη μου, είναι διαδικαστικό θέμα. Εάν όμως ο Επίτροπος θέλει να προσθέσει κάτι επί της ουσίας σ'αυτές τις δύο παρεμβάσεις, νομίζω ότι θα ήταν ευπρόσδεκτο τόσο από το Προεδρείο όσο και από τους ευρωβουλευτές που το έθεσαν.

Phil Hogan, Member of the Commission. – Mr President, just to clarify to the two gentlemen. The decision was made today. Of course it will be communicated in detail in the coming days to all Members that have an interest in this matter, including this House, and of course you do not expect that we have the full details today when the matter has just been concluded.

Πρόεδρος. – Ευχαριστούμε κύριε Επίτροπε, ελπίζουμε να έχουμε σύντομα τις διευκρινίσεις που ζητήθηκαν. Έλαβα μία πρόταση ψηφίσματος για την περάτωση αυτής της συζήτησης. Η συζήτηση έληξε. Η ψηφοφορία θα διεξαχθεί αύριο.

Γραπτές δηλώσεις (άρθρο 162)

Krzysztof Hetman (PPE), na piśmie. – Nie ulega wątpliwości, że transport drogowy jest jednym z filarów europejskiej gospodarki, gdyż generuje aż 5 mln miejsc pracy i tworzy blisko 2 % unijnego PKB. W związku z tym za niezmiennie istotne uważam jego wsparcie na poziomie europejskim, zarówno poprzez odpowiednią legislację, rozwój infrastruktury drogowej, jak i wsparcie osób zatrudnionych w tym sektorze.

Musimy zatem w swoich działaniach zwrócić szczególną uwagę na to, by proponowane rozwiązania nie nakładały dodatkowych, niepotrzebnych obciążeń na przedsiębiorców, nie utrudniały pracy osobom zatrudnionym w sektorze i nie dezintegrowały rynku transportowego. Obawiam się, że taki właśnie skutek miałoby włączenie transportu drogowego do dyrektywy o pracownikach delegowanych.

Ponadto uważam, że zasadnicze znaczenie ma zwalczanie nieuczciwych praktyk, działających na szkodę pracowników zatrudnionych w tym sektorze, jak na przykład pozornego zatrudnienia czy też nielegalnego minimalizowania kosztów pracy.

Karol Karski (ECR), in writing. – The set of legislative proposals, the so-called 'Mobility Package', part of what is expected on 31 May, should aim to increase the competitiveness of the road transport sector and growth of small and medium transport companies.

However, up to now, instead of focusing on fair competition by combating fraudulent practices and eliminating the phenomenon of illegal work, one can hear many voices against so-called 'social dumping' and intentions to restrict road transport operations, including cabotage, and further regulate drivers. In recent years several Member States have placed certain restrictions on the conditions under which hauliers can perform international transport and cabotage operations. These are clearly protectionism measures and should not be tolerated. These measures lead to risk of fragmentation of the EU internal market.

I expect that the 'Mobility Package' will first of all clarify and simplify the existing relevant social legislation of the transport sector, so that the rules are uniformly interpreted and properly implemented. And only after that, any change to social and working conditions legislation must be evidence-based and carefully weighted, shall not restrict fair competition based on objective competitive advantages, and shall not create any further administrative burden and additional costs for transport undertakings.

Ádám Kósa (PPE), írásban. – Nehéz időket élünk: az EU versenyképessége csökken, a munkanélküliség még mindig magas, a fiatalok munkanélkülisége is óriási feszültségeket okoz és a migrációs válság továbbra is napirenden van. Ebben az időszakban az ún. „szociális dömping” kifejezés egyre inkább teret nyer mind az Európai Bizottság, mind egyes nyugati tagállamok érveléseiben, holott az európai polgárok és vállalkozások mobilitását nem csökkenteni, hanem épp ellenkezőleg, növelni kellene. Figyelembe kell venni ugyanis, hogy az EU globális versenyképessége folyamatosan csökken az 1990-es évek óta. Nem elsősorban többsebességű Európára van szükség, hanem javuló versenyképességre és egy valóban egységes piacra, ahol a tőke és az áruk mellett a szolgáltatások és a munkaerő is szabadon mozoghat! Így még több közlekedési kapcsolatra, intenzívebb áruforgalomra és még több jobb, olcsóbb szolgáltatásra van szükség, hogy a fogyasztók is egyre többet költhessenek, létrehozva még több új munkahelyet. Egy többsebességű EU-ban megkérdőjeleződne a regionális fejlesztési politika (a folyamatos felzárkóztatás és konvergencia, mint cél) is, pedig annak kiegyenlítő jellegű funkciója a csatlakozás egyik legfőbb vonzerejét jelentette, mint ahogy az egységes, szabad belső piac is. Éppen ezért az Európai Bizottságnak ahelyett, hogy a mobilitást csökkentené, inkább fel kell lépnie minden olyan tagállami intézkedés ellen, amely a közúti árufuvarozás területén a szolgáltatások szabad mozgását korlátozza.

Marian-Jean Marinescu (PPE), *în scris*. – Pachetul legislativ privind piața transportului rutier care urmează să fie propus în următoarele săptămâni trebuie să dea soluții problemelor majore cu care se confruntă actualmente sectorul. Companiile de transport rutier de călători și de marfă au nevoie de un cadru legislativ clar pentru generarea creșterii economice și a locurilor de muncă.

Comisia trebuie să țină cont pentru viitoarea legislație europeană că transportul trebuie să fie mai competitiv și să contribuie pozitiv la coeziunea teritorială.

Nu putem vorbi de o strategie a transportului pe termen lung dacă nu se pune accentul pe dezvoltarea infrastructurii rutiere europene, pe tehnologia vehiculelor și pe interoperabilitatea sistemelor și a modurilor de transport.

Siguranța rutieră trebuie să fie prioritatea zero, de aceea trebuie făcuți pașii necesari pentru a dezvolta infrastructura de comunicare „vehicul-vehicul” și „vehicul-infrastructură”.

Comisia trebuie să armonizeze normele existente privind taxarea rutieră electronică, monitorizarea operațiunilor de cabotaj, sistemele de semnalizare și electronice, dispozitivele digitale la bord, echipamentele de siguranță.

Subliniez că libertatea de a furniza servicii de transport în întreaga UE este baza pieței interne din sectorul rutier. Acest drept fundamental al lucrătorilor trebuie să respecte condițiile de muncă și perioadele de odihnă, cât și accesul la calificări și perfecționare, sănătatea și siguranța șoferilor.

Olga Sehnalová (S&D), *písemně*. – Situace na jednotném evropském trhu silniční dopravy není ani zdaleka jednotná. Zavádění nejrůznějších opatření na národních úrovních a rozdílný výklad stávající platné legislativy vedou k jeho tříštění. Jedním z klíčových témat připravované iniciativy k silniční dopravě bude zlepšení sociálních podmínek pracovníků. Za důležité považuji, aby Komise v silničním balíčku představila návrh, který zajistí reálnou vymahatelnost předpisů a jednoznačnost pravidel a jejich uplatňování ve členských státech. Cílem by mělo být zamezení obcházení předpisů ze strany těch dopravců, kteří využívají nejrůznějších mezer ve stávající platné legislativě a například účelově zakládají schránkové společnosti. Věřím, že výsledné návrhy Komise zajistí zlepšení pracovních podmínek profesionálních řidičů a zamezí tak jejich dalšímu odlivu.

Jutta Steinruck (S&D), *schriftlich*. – Wir können nur hoffen, dass die Kommission die Resolution des Transportausschusses aufmerksam liest, denn was uns informell zur Straßeninitiative vorliegt, bereitet uns große Sorge. Die Kommission hat nun die Straßeninitiative für den 31. Mai angekündigt. Es liegen Pläne auf dem Tisch, die LKW-Fahrten aus dem Anwendungsbereich der Entsenderichtlinie herauszunehmen. Das heißt: keine Schutzanforderungen wie etwa allgemeinverbindliche Tarifverträge und Mindestlohn für die LKW-Fahrer. Freie Fahrt für Sozialdumping, ist das der Plan der Kommission? Wir haben in unseren Änderungsanträgen zur Revision der Entsenderichtlinie bereits klargemacht: keine Ausnahmeregelung für den Transport! Ich nenne nur ein aktuelles Beispiel: Einem Benelux-Transportunternehmen wird vorgeworfen, etwa 1 100 seiner LKW-Fahrer über Briefkastenfirmen in osteuropäischen Ländern eingestellt zu haben. Die Fahrer sollen aber trotzdem aus Luxemburg und Belgien heraus ihre Fahrten gemacht machen. Bezahlt würden sie aber nach dem Standard, der in Rumänien gilt. Deshalb, ran an die Briefkastenfirmen! Der Firmenstandort muss hier an die Unternehmensaktivität gebunden sein.

Adam Szejnfeld (PPE), *na piśmie*. – Sektor drogowy jest jednym z filarów dobrze prosperującej gospodarki europejskiej. Inicjatywy podejmowane w dziedzinie transportu powinny więc wspierać rozwój technologii stosowanych w pojazdach, promować stosowanie paliw alternatywnych, zwiększać interoperacyjność systemów i rodzajów transportu, a także zapewniać dostęp do rynku dla MŚP działających w tym sektorze.

Konieczne jest również zmniejszenie obciążeń biurokratycznych i finansowych wynikających z różnych przepisów krajowych w celu zapewnienia większej swobody w świadczeniu usług transportowych w całej UE. Przede wszystkim jednak trzeba pamiętać o tym, że nie ma wolnego rynku ani dynamicznego rozwoju bez uczciwej konkurencji. Ta jednak zakłócana jest przez bardzo wiele niekorzystnych czynników, w szczególności przez wszelkiego rodzaju protekcyjnyzm i partykularyzmy uderzające we wspólny rynek, które szczególnie widoczne są właśnie w sektorze międzynarodowego transportu drogowego.

Aby im zapobiegać, polityka Unii Europejskiej musi więc wspierać rozwój zrównoważonego sektora drogowego, który charakteryzowałaby uczciwa konkurencja. Bez zbudowania szerokiego frontu przeciwko mnożącym się w Europie protekcyjnymom za chwilę okazać się może, że jednolity rynek jest tylko i wyłącznie pustym hasłem bez żadnej treści. Na to pozwolić nie możemy.

Kathleen Van Brempt (S&D), schriftelijk. – Het mobiliteitspakket dat de Commissie op 31 mei lanceert, is de uitgelezen kans om fatsoenlijke arbeidsvoorwaarden en arbeidsomstandigheden voor chauffeurs te verzekeren en sociale dumping definitief aan te pakken. Dat is meteen hetgeen waarop ik het komende pakket zal evalueren: pakt het sociale dumping aan en verbetert het de arbeidsvoorwaarden van chauffeurs? Maakt het een einde aan uitbuiting en de soms verschrikkelijke omstandigheden waarin chauffeurs hun job moeten uitvoeren? Zorgt het ervoor dat we uitgeruste chauffeurs met een degelijk loon op onze wegen krijgen? Wordt de wetgeving nageleefd? Dát zijn de cruciale vragen die we ons moeten stellen en waar het pakket op beoordeeld moet worden.

De strijd tegen sociale dumping is geen strijd tussen oost en west. Laten we niet in die val trappen. Het is een strijd voor betere werkomstandigheden voor chauffeurs, voor grotere veiligheid op onze wegen, tegen fraude (vaak overigens gepleegd door bedrijven uit West-Europese lidstaten die via postbusbedrijven de bestaande regels aan hun laars lappen) en tegen uitbuiting van chauffeurs. Ik reken op de commissaris om met een pakket naar buiten te komen dat sociale dumping en fraude ondubbelzinnig aanpakt en voluit de kaart trekt van het verbeteren van de arbeidsvoorwaarden van de chauffeurs.

Janusz Zemke (S&D), na piśmie. – Polscy przewoźnicy są obecnie największą grupą przedsiębiorców drogowych na europejskim rynku. Codziennie po Unii Europejskiej kursuje 200 tysięcy ciężarówek z Polski, a transportem międzynarodowym zajmuje się 32 tysiące przedsiębiorstw. Potrafią one umiejętnie wykorzystać wstąpienie Polski do Unii Europejskiej i pracować efektywnie na konkurencyjnym rynku.

Nie ma wątpliwości co do tego, że kierowcy ciężarówek muszą mieć dobre warunki pracy i godną płacę. Ponieważ są obciążeni pracą i przebywają często wiele dni poza domem, muszą mieć także zapewniony właściwy odpoczynek i bezpieczeństwo. Uważam w związku z tym za błąd prace nad rozwiązaniami, które wprowadzają dodatkowe obciążenia administracyjne przewoźników, nie poprawiając w rzeczywistości sytuacji bytowej kierowców.

Moim zdaniem dzisiaj istota wysiłków Unii Europejskiej i poszczególnych państw członkowskich powinna polegać na poprawie infrastruktury drogowej, w tym na budowie nowych parkingów, odpowiednio wyposażonych i bezpiecznych.

20. Execução do Acordo de Comércio Livre UE-Coreia (debate)

Πρόεδρος. – Το επόμενο σημείο στην ημερήσια διάταξη είναι η έκθεση του κ. Szejnfeld με θέμα: Εφαρμογή της συμφωνίας ελεύθερων συναλλαγών ΕΕ-Δημοκρατίας της Κορέας

Adam Szejnfeld, sprawozdawca. – Panie Przewodniczący! W dniu 1 lipca 2016 roku minęła piąta rocznica wejścia w życie umowy o wolnym handlu między Unią Europejską i jej państwami członkowskimi a Republiką Korei. Jest to pierwsza umowa o wolnym handlu nowej generacji zawarta przez Unię Europejską. Umowa, oprócz usuwania taryf, zawiera także zasady obejmujące eliminację barier pozataryfowych, dzięki czemu tworzy nowe możliwości dostępu do rynku, także w zakresie usług i inwestycji, oraz w takich obszarach jak własność intelektualna, zamówienia publiczne i polityka konkurencji. Bardzo ważną częścią umowy są również regulacje dotyczące zrównoważonego rozwoju. Z tych powodów umowa ta stała się wzorem dla wszystkich następnych umów o wolnym handlu.

Nasza umowa z Koreą to nie tylko przełom pod względem jakości i zakresu traktatów międzynarodowych, ale też wymierne efekty gospodarcze dla obu stron. Przykładem może być fakt, iż między innymi dzięki temu porozumieniu deficyt handlowy z Koreą wynoszący –7,6 mld euro został przekształcony w nadwyżkę handlową wysokości +2,5 mld euro, natomiast europejski eksport do Korei wzrósł w tym czasie o około 50%. W efekcie wymiana handlowa pomiędzy partnerami w ubiegłym roku pobiła rekord, osiągając prawie 90 mld euro.

Korea stała się ósmym partnerem handlowym Unii Europejskiej, a Unia trzecim partnerem Korei. Podobne sukcesy widoczne są także w aspekcie wzrostu handlu usługami – odnotowaliśmy wzrost o 11% – czy poziomu bezpośrednich inwestycji zagranicznych – wzrost koreańskich inwestycji o 35%. Unia Europejska stała się drugim po USA terenem bezpośrednich inwestycji zagranicznych dla Korei, państwa Unii natomiast pod względem wartości skumulowanych inwestycji bezpośrednich są pierwszym inwestorem w Korei. Za tymi przykładowymi liczbami kryją się jednak nie tylko inwestycje, ale przede wszystkim nowe miejsca pracy, co oznacza wzrost dobrobytu obywateli obu stron. To są fakty, które trudno podważać.

Oczywiście w życiu nic nie jest idealne, zwłaszcza na 100%, dlatego zawarte umowy co jakiś czas trzeba analizować i ewentualnie korygować. Podobnie będzie i w tym przypadku. W związku z tym w przygotowanym przeze mnie sprawozdaniu znalazły się zapisy mówiące o korzyściach i dobrych efektach, ale i informacje o potrzebie rozwiązania kilku istotnych problemów. Dla Unii są to między innymi klauzule bezpośredniego transportu oraz kwestie naprawiania towarów wyeksportowanych. Dla Korei natomiast to rozdział dotyczący inwestycji.

Chcielibyśmy rozmawiać również o sprawach z zakresu barier pozataryfowych, barier sanitarnych i fitosanitarnych, ochrony środowiska, ochrony własności intelektualnej czy wdrażania w życie przez Koreę konwencji Międzynarodowej Organizacji Pracy – to, przyznam, jest duży problem. Co równie ważne, w końcowym dokumencie zawarte zostały także zapisy dotyczące konieczności promowania umowy wśród małych i średnich przedsiębiorstw po to, aby korzyści z umowy w znacznie większym zakresie niż dotychczas.

Podsumowując, szczególnie dzisiaj, kiedy hasła protekcjonistyczne stają się coraz popularniejsze, warto mówić o korzyściach, jakie niesie za sobą międzynarodowa współpraca w zakresie handlu i inwestycji. Dobitnie dowodzi tego m.in. umowa o wolnym handlu między Unią Europejską a Republiką Korei. Jej efektami są znakomite, daleko lepsze niż wcześniej przewidywane dla obu stron wyniki.

Cecilia Malmström, *Member of the Commission*. – Mr President, honourable Members, let me thank the European Parliament, the Committee on International Trade and the rapporteur Mr Szejnfeld for the attention, the work and the commitment you put into this. As you said, it has been five years now since the EU-Korea free trade agreement entered into force, so it is very appropriate to evaluate it. We have done an external evaluation; the upcoming opinion of the Economic and Social Committee will deliver one; and together with the work you have done, this gives a good contribution to analyse the results of the first five years.

This is, as the rapporteur said, an economic success story. During the first five years of the implementation, EU exports increased by 47%, or EUR 15 billion. Also, Korea increased its export, even if it was a little bit more moderate. This leads to more economic activity, more employment in the EU as well as in Korea. I fully agree with the conclusion of the report, saying that the FTA has and continues to have a positive impact on the socio-economic development of the parties.

At the same time, I agree that Korea needs to do more on trade and sustainable development, particularly labour rights. To this end, we need to use all the available channels that we have to insist on the need of progress. I raised this matter with my Korean colleague when he was here just before Christmas, when we had the EU trade committee with Korea, and I have followed it up in a recent letter. In March, we also had a Committee on Trade and Sustainable Development (INTA), so Commission raised it there again.

The efforts of civil society mechanisms that are established by the free trade agreement, as well as the government-to-government dialogue, have considerably raised awareness and pressure, and this is a driver for change – but it is not enough. I am fully aware of your request to open formal consultations with Korea on its commitment to freedom of association and collective bargaining. I believe that, as you know, there has just been an election in South Korea, and we should first talk about this with the new minister and the new government as soon as they are in place. Hopefully they will take a forthcoming position on this. Once we know what the new government thinks, we can reflect together on the most appropriate way to ensure better implementation of the trade and sustainable development chapter of this agreement. This would be a matter of priority with a new government, already inviting, as soon as there is a government; I hear this will happen in June, and then I will go to Seoul in September for a Trade Committee meeting that is already planned.

There are also a number of items that we would like to address by an amendment to trade agreement: direct transport, repaired goods, truck tractors, and Korea, from their point of view, are interested in including an investment protection chapter. But the country has been hesitant when it comes to the investment quota system, so this makes rapid progress on an amendment package unlikely. In many other areas the implementation runs smoothly, but as you mention, further work needs to be done when it comes to sanitary, phytosanitary issues as well as intellectual property rights. The same applies to the adoption of new geographical indications and the further facilitation of customs procedures.

All these issues are being addressed with our Korean counterparts in the different committees and working groups that have been established in the free trade agreement (there are in fact 15 of these groups). In addition, we have indicated to Korea that we will look at legal means if necessary if we do not see progress on these issues. The INTA Committee was informed about this in a report very recently. As I said, the next trade committee is planned for the end of September in Seoul, where I will attend.

Thank you very much for the work that has been done here by the rapporteur, the shadow rapporteurs and the INTA Committee. I think this is an excellent work and I appreciate this possibility to discuss this with you.

Daniel Caspary, *im Namen der PPE-Fraktion*. – Herr Präsident! Es ist schon deutlich geworden: Unser Freihandelsabkommen, das die Europäische Union mit Südkorea abgeschlossen hat, ist ein großer Erfolg. Kollege Szejnfeld hat die Zahlen dargestellt. Während wir vor dem Inkrafttreten dieses Abkommens noch eine negative Handelsbilanz hatten, ist unsere Handelsbilanz jetzt positiv. Unsere Exporte sind innerhalb von fünf Jahren um fast ein Drittel gestiegen. Wir haben es geschafft, von einer negativen Handelsbilanz mittlerweile einen Handelsbilanzüberschuss von rund fünf Milliarden Euro hinzubekommen.

Das Abkommen mit Südkorea ist ein wunderschönes Abkommen, um auch vielen verunsicherten Bürgern zu zeigen: All diese Erfolge, all diese Vorteile für unsere Arbeitnehmer, für unser Unternehmen und für unsere Verbraucher schaffen wir eben, ohne dass all die schlimmen Dinge passieren, die immer wieder behauptet werden, und mit denen immer wieder unsere Bürgerinnen und Bürger verunsichert werden. Deswegen kann ich allen nur zurufen: Bitte glaubt nicht denen, die auf der Straße teilweise Kampagne gegen Außenhandelspolitik machen. Sondern wir wollen Globalisierung gestalten, und dieses Abkommen ist ein wunderbarer Beweis, dass wir genau das tun, was wir ankündigen, dass wir keinerlei Standards senken, dass wir nicht die kommunale Daseinsvorsorge beschränken, dass wir nicht irgendwelche negativen Dinge machen, von denen wir nicht wissen, was wir tun.

Zweitens: Kommissarin Malmström hat es angesprochen, es gibt einige Dinge, die wir verbessern müssen. Ich wünsche mir, dass wir die regelmäßigen Kontakte, die es jetzt ja auch dank des Freihandelsabkommens gibt, nutzen, um die Dinge anzugehen. Ich denke an Lebensmittelsicherheit, geografische Ursprungsangaben, geistiges Eigentum, nichttarifäre Handelshemmnisse für unseren Automobilsektor, sowie die Schiffsbausubventionen, die einfach nicht in Ordnung sind.

Joachim Schuster, *im Namen der S&D-Fraktion*. – Herr Präsident, liebe Kolleginnen und Kollegen! Das Freihandelsabkommen zwischen der Republik Korea und der Europäischen Union ist mittlerweile fast sechs Jahre in Kraft. Ökonomisch ist dieses Abkommen sicherlich ein Erfolg. Das Handelsvolumen hat sich in den letzten sechs Jahren erheblich vergrößert. Das zuvor bestehende Handelsbilanzdefizit der EU konnte in diesen Jahren in einen Überschuss umgedreht werden, und die Verflechtung beider Wirtschaftsräume hat insgesamt zugenommen. Ich glaube, das ist angesichts der aktuellen Bedrohungen durch einen wahllosen Protektionismus eine sehr gute Sache.

Allerdings müssen wir auch feststellen, dass es erhebliche Umsetzungsdefizite gibt. Insbesondere das Nachhaltigkeitskapitel wird von Korea nur sehr schleppend umgesetzt. Die Verpflichtung, die ILO-Kernarbeitsnormen zu ratifizieren, wurde bisher nicht erfüllt. Gewerkschaftsrechte werden ignoriert, Gewerkschaftsführer werden im Zusammenhang mit Demonstrationen willkürlich verhaftet. Das ist für uns Sozialdemokraten nicht hinnehmbar.

Wir haben immer gesagt: Handel ist für uns nicht nur eine ökonomische Frage. Handel ohne die Wahrung von grundlegenden Arbeitnehmerrechten kann nicht dauerhaft akzeptiert werden. Handelspolitik muss auch dazu dienen, weltweit grundlegende Nachhaltigkeitsziele und grundlegende Arbeitnehmerrechte zu verankern. Wir sind für freien Handel, aber freier Handel braucht einen verlässlichen Rahmen und ist kein Selbstzweck, sondern muss einen Beitrag zur Durchsetzung der *sustainable development goals* leisten. Deswegen erwarten wir von der koreanischen Regierung, endlich auch die Umsetzung des Nachhaltigkeitskapitels entschieden anzugehen. Wir setzen da durchaus auch Hoffnung auf den neuen koreanischen Präsidenten Moon, der früher auch als Anwalt für Menschenrechte aktiv war.

Allerdings fordern wir auch die Kommission auf, energischer als bisher auf die Einhaltung der grundlegenden Gewerkschaftsrechte zu drängen. Die Verletzung der gewerkschaftlichen Rechte durch die koreanische Regierung muss Gegenstand des Streitbeilegungsmechanismus werden, der im Handelsabkommen vorgesehen ist. Wie energisch die Kommission hier vorgehen wird, ist für uns auch eine Frage ihrer politischen Glaubwürdigkeit, denn Nachhaltigkeitsziele kann man nicht nur propagieren, sondern man muss auch versuchen, sie stärker durchzusetzen.

Joachim Starbatty, *im Namen der ECR-Fraktion*. – Herr Präsident! Die Zahlen zeigen ja, dass die Angsthasen bei den Grünen, bei den Linken und bei den Rechten keine Bestätigung gefunden haben. Interessant ist nun, warum sich das Defizit in Korea in einen Überschuss für die Europäer verwandelt hat. Der Grund dafür liegt darin, dass der Won gegenüber dem Euro um 20 % aufgewertet worden ist. Da könnte man fragen: Ist das nicht ein Nachteil für Korea? Nein, ganz im Gegenteil! Denn wenn wir uns die Handelsstruktur anschauen, dann sehen wir, dass 30 % der Güter Ausrüstungsgüter sind, 20 % sind Verkehrsmittel, 12 % sind chemische Produkte. Also das stärkt die Leistungsfähigkeit Koreas.

Und was uns angeht: Wegen dieser Abwertung von 20 % verkaufen wir unsere Produkte jetzt um 20 % billiger und wir kaufen auch koreanische Produkte um 20 % teurer ein. Diese Abwertung war eine Veränderung der *terms of trade* zu Lasten Europas. Wir verschenken gewissermaßen Produkte, aber die Koreaner bauen ihre Volkswirtschaft damit auf, und wir kaufen koreanische Produkte zu teuer ein. Das ist auch die Quintessenz des Wechsels von einem Defizit gegenüber Japan zu einem Überschuss gegenüber Japan.

Helmut Scholz, *im Namen der GUE/NGL-Fraktion*. – Herr Präsident! Gestatten Sie mir einen anderen Blick zur Einleitung zu nehmen. Die Situation auf der koreanischen Halbinsel macht uns sicher allen Sorgen. Mit Trump und Kim Jong-un begegnen sich zwei unberechenbare Charaktere auf der Weltbühne der Geschichte. Die koreanische Bevölkerung hat sich mit der Wahl des Menschenrechtsanwalts und Dialogbefürworters Moon Jae-in klar für ein Ende des Säbelrasselns ausgesprochen. Deswegen herzlichen Glückwunsch, Präsident Moon!

Das zweite wichtige Wahlmotiv war die Wiederbelebung der koreanischen Wirtschaft und die Schaffung von guten Jobs. Und hier müssen wir zugeben, dass sich mit dem EU-Korea-Abkommen die Handelsbilanz zuungunsten Koreas entwickelt hat. Das Defizit wurde umgekehrt. Mit Blick auf unseren Anspruch – auf *fair trade* – sollte eine Partnerschaft nicht so verlaufen.

Die Proteste gegen die schlechte Wirtschaftsentwicklung wurden von den bisherigen Regierungen dramatisch unterdrückt. Gewerkschafterinnen und Gewerkschafter, Menschenrechtsaktivisten und Journalisten landeten im Gefängnis. Die ILO-Kernarbeitsnormen sind nach wie vor nicht ratifiziert. Gesprächsversuche der Kommission – die ich anerkenne – auf der Basis des Nachhaltigkeitskapitels des Abkommens blieben wirkungslos. Gemeinsam mit der koreanischen und europäischen Zivilgesellschaft fordern wir die Kommission daher auf, umgehend formelle Konsultationen nach Artikel 13.14 des Abkommens zu beantragen. So kann die neue Regierung gleich von Beginn bei der Durchführung von Reformen ermutigt und unterstützt werden. Auch im Interesse der Stabilität auf der koreanischen Halbinsel.

Klaus Buchner, *im Namen der Verts/ALE-Fraktion*. – Herr Präsident! In diesem Bericht über das Freihandelsabkommen mit Korea ist mir besonders wichtig, dass die Aufforderung an die koreanische Regierung ergeht, die Grundrechte der Arbeitnehmer endlich zu ratifizieren, so wie sie die Internationale Arbeitsorganisation IAO festgelegt hat. Ich bin auch froh darüber, dass der Bericht das große Problem der Unterdrückung und der Bekämpfung der Gewerkschaften aufgreift, so wie es gerade Herr Scholz thematisiert hat. Ich hätte mir aber auch gewünscht, dass die prekäre Situation der Wanderarbeiter in Korea angesprochen wird. Leider hat das keine Mehrheit gefunden.

Meine Fraktion und ich sind strikt gegen die Forderung nach Schiedsgerichten. Ich glaube, wir sollten das nicht unterstützen und auch die öffentliche Meinung hier durchaus ernst nehmen. Deshalb bitte ich Sie, meine beiden Änderungsanträge für diese Entschließung morgen zu unterstützen.

Edouard Ferrand, *au nom du groupe ENF*. – Monsieur le Président, la vocation première de l'Union européenne est de mettre en place des traités de libre-échange. Or, dans chaque traité que vous nous proposez, nous constatons que les règles économiques, sociales et sanitaires, notamment sur la viande de porc, la viande de bœuf ou sur les AOC, ne sont pas respectées. Pourquoi? Parce que la Corée du Sud refuse de signer les conventions de l'Organisation internationale du travail.

Même si la Corée est un partenaire essentiel de l'Europe, il n'empêche que nous sommes victimes, nous les nations européennes, de discrimination dans ces accords. Ils profitent toujours à ceux qui viennent importer ici en Europe. Pourquoi? Tout simplement parce que la Corée fait du protectionnisme intelligent, ce que nous n'avons jamais réussi à faire en Europe.

Enfin, Madame la Commissaire, je vous dirai tout simplement que si vos accords fonctionnaient aussi bien que cela, l'Europe ne serait pas la région du monde qui a la plus faible croissance. Malheureusement, nous, en dix ans, en France, nous avons connu une augmentation d'un million de chômeurs et je pense que ces accords de libre-échange affaiblissent de plus en plus nos économies européennes, parce que nous sommes incapables de faire comme les pays avec lesquels nous partageons des traités économiques: nous n'arrivons pas à imposer les règles qu'ils nous imposent.

Paul Rübig (PPE). – Herr Präsident! Es freut mich, dass dieses Freihandelsabkommen eine echte Erfolgsgeschichte geworden ist. Als Vorsitzender der Gruppe des Europäischen Parlament für die Freundschaft mit Südkorea kann ich eigentlich nur sagen, wir sollten diesen Weg weitergehen. Die weitere Entwicklung gibt Chancen für neue Betriebe, vor allem jetzt auch für kleine und mittlere Betriebe. Wir haben gesehen: Der Erfolg wurde natürlich vor allem von den großen internationalen Konzernen in Europa und in Südkorea dementsprechend genutzt. Die Handelsbilanzposition hat sich positiv entwickelt. Wir haben neue zusätzliche, attraktive Arbeitsplätze nicht nur in Europa geschaffen, sondern vor allem auch in Südkorea. Südkorea hat natürlich derzeit eine große Herausforderung mit Nordkorea, wo man sieht, dass ein militärisch-diktatorisches System nicht diesen Wohlstand erzeugen kann, den Südkorea mit einem marktwirtschaftlichen und offenen Konzept dementsprechend vorangebracht hat.

Auch das Urteil des EuGH wird uns jetzt neue Möglichkeiten geben, so dass hier auch klar die Kompetenzen geregelt sind. Gerade für das Europäische Parlament stellt es auch wieder eine Aufwertung da, weil wir damit sicher in die Zukunft gehen können. Wir sehen auch, dass die *trade facilitation* bei den WTO-Verhandlungen ein großer Schritt gemeinsam mit Südkorea ist, hier jetzt die Bedingungen vor allem für die kleinen und mittleren Betriebe zu verbessern, und dass wir das jetzt auch in der Umsetzung beschleunigen müssen. Ich möchte auch daran erinnern, dass die Europäische Union jetzt das Programm *Erasmus for Young Entrepreneurs*, also das Austauschprogramm für Jungunternehmerinnen, dementsprechend internationalisiert, und dass hier ein Schwerpunkt auf Südkorea gelegt wird, so dass auch Start-up-Betriebe und *spin-offs* von Universitäten sich hier in Zukunft besser engagieren, und gemeinsam diese Handlungsstrategie mit Erfolg für beide Seiten umsetzen können. Frau Kommissarin Malmström, ich gratuliere Ihnen für ihren Einsatz, und ich glaube, dass dieser Erfolg uns allen gehört.

David Martin (S&D). – Mr President, I think there are two takeaways from the Korean Free Trade Agreement. Firstly, that free trade agreements do improve trade and they do create jobs here in Europe, but secondly, free trade agreements that have obligations on social environmental standards are only really going to mean anything if those standards can be enforced separately from the wider trade agreement. If they are simply the obligatory part of the agreement, but have no sanctions attached to them, they are not going to be effective, so what we have to argue for in future trade agreements is that the Sustainable Development Chapter itself should be subject to sanctions.

In addition, I want to join with my colleagues to say that we have some hope that the new president, President Moon of South Korea, will actually respond to our request. He has shown in the past in his work as a human rights lawyer that he is receptive to good labour rights and I wish the Commissioner well in her dialogue with him.

Jan Zahradil (ECR). – Mezinárodní atmosféra není moc příznivě naladěna volnému obchodu. Bují spíše protekcionismus, pokud jde o dohody o volném obchodu, bují zde dokonce konspirační teorie, že za vším stojí korporace a že obyčejní lidé z toho nic nemají.

Je zde třeba hledat právě proto pozitivní příklady. Tato dohoda rozhodně je jedním z pozitivních příkladů. Myslím, že je nesporné, že napomohla růstu objemu obchodu mezi Evropskou unií a Koreou. Je to zhruba zvýšení o polovinu, dosáhlo se rekordní výše, pokud jde o úroveň obchodu, a přestože ta dohoda samozřejmě potřebuje určitá vylepšení, myslím, že ji musíme prodávat jako jednoznačný úspěch. V každém případě otevře cestu i dalším obchodním dohodám, speciálně teď, kdy Evropský soudní dvůr nám to včera svým rozhodnutím ve věci bilaterální dohody ze Singaporem trochu zkomplikoval. Dojednat další obchodní dohody už nebude tak jednoduché. Takže prosím, prodávejme to jako pozitivní příklad.

Anne-Marie Mineur (GUE/NGL). – Voorzitter, het vrijhandelsverdrag met Korea heeft de afgelopen zes jaar gemengde resultaten opgeleverd. Korea heeft de verplichte IAO-verdragen nog steeds niet geratificeerd. Er is een handelsoverschot ontstaan van 2,5 miljard euro, wat schadelijk is voor de economische ontwikkeling van Korea. Het handelsverdrag leidt verder tot waterverontreiniging, milieuverontreiniging en een toegenomen CO₂-uitstoot. En verder heeft het midden- en kleinbedrijf amper geprofiteerd van dat verdrag.

Het plan is nu om de problemen op te lossen door in te zetten op ISDS en TiSA. Ik verzet mij daar fel tegen. VN-secretaris-generaal António Guterres had vanmiddag stevige kritiek op het hebben van dubbele standaarden op het gebied van mensenrechten. Die kritiek moeten we opvatten als een aansporing om mensenrechten, maar ook vakbondenrechten, milieubescherming, voedselveiligheid en een eerlijker verdeling van de welvaart de hoogste prioriteit te geven.

In plaats van te werken aan verdragen zoals TiSA kan de Europese Unie haar energie veel beter steken in het Internationaal Verdrag inzake transnationale ondernemingen en mensenrechten.

Eduard Kukan (PPE). – Mr President, thanks to Mr Szejnfeld for his work on this file. I welcome the positive outcomes of implementation of the FTA with Korea. It shows that trade liberalisation, opening markets and building trade partnerships with similar economies bring benefits for both parties. We are in the sixth year of implementation of this agreement and we can see positive tangible results. Our overall trade balance has been substantially increasing since starting implementation of this agreement in 2011.

We should still be aware that this is the first comprehensive FTA negotiated with a fully industrialised and developed economy and at the same time the first trade agreement with an Asian country. The assessment of this FTA is a good opportunity to draw lessons for the future of EU external trade and investment policies through FTAs. I think it should be a strong argument for fostering other free trade deals with developing and developed countries in the region.

Maria Arena (S&D). – Monsieur le Président, la Corée est souvent montrée comme exemple dans les accords de libre-échange. Quand on regarde la balance commerciale aujourd'hui en faveur de l'Europe, mais aussi la croissance économique au niveau de la Corée, on pourrait se dire que, finalement, les choses se passent très bien. C'est vrai que c'est une partie de l'accord.

Aujourd'hui, il y a un certain nombre de critiques sur la question des droits des travailleurs en Corée. C'est la principale tâche à laquelle nous devons nous atteler aujourd'hui. Si, effectivement, ce chapitre développement social et durable était contraignant, en prévoyant également des mécanismes de sanction, cela nous permettrait de forcer la Corée à faire un pas vers le respect de ces droits des travailleurs.

Par conséquent, je pense qu'il est important que ces contrôles soient mis en place assez rapidement, qu'il y ait cette procédure de consultation formelle avec la Corée et, surtout, avant tout approfondissement, je pense qu'il y a lieu d'exiger de ce pays qu'il rentre dans cette logique de développement durable et de respect du droit des travailleurs.

Karoline Graswander-Hainz (S&D). – Herr Präsident, werte Kolleginnen und Kollegen! Seit über fünf Jahren ist das Freihandelsabkommen zwischen der EU und Südkorea nun in Kraft. Ökonomisch gibt es dazu sicher sehr viel Positives zu berichten. Südkorea hat sich bei der Unterzeichnung des Abkommens aber auch verpflichtet, internationale Standards bei den Arbeitnehmerinnen- und Arbeitnehmerrechten umzusetzen. Passiert ist das aber bis heute nicht. Fakt ist, dass die Arbeitsstandards nicht eingehalten werden und dass es immer noch zu Verhaftungen und Polizeigewalt auf Demonstrationen kommt. Es kann keine weiteren Verhandlungen mit Südkorea geben, solange Südkorea seine Verpflichtungen zum Schutz der Arbeitnehmerinnen und Arbeitnehmer nicht wahrnimmt und das Nachhaltigkeitskapitel nicht ernst nimmt.

Ich erwarte mir von der Kommission, dass sie handelt und Gespräche mit der neuen Regierung aufnimmt. Dieses Beispiel zeigt uns aber auch, dass es in Zukunft in allen Handelsabkommen Sanktionsmechanismen im Nachhaltigkeitskapitel geben muss, weil wir mit Freiwilligkeit nicht weiterkommen.

Bernd Lange (S&D). – Herr Präsident, Frau Kommissarin! Das Abkommen ist zweifellos ein gutes Abkommen. Aber wie das so ist im Leben: Das Bessere ist der Feind des Guten. Deswegen müssen wir natürlich reflektieren, was wir bei zukünftigen Abkommen besser machen können, nachdem ja auch gerade der EuGH gestern in dem Urteil zu dem Singapur-Abkommen festgestellt hat, dass Arbeitnehmerrechte integraler Bestandteil von Handelsabkommen sind und insofern auch in unsere Zuständigkeit fallen.

Wenn man sich jetzt Südkorea anschaut, gibt es Probleme bei der gemeinsamen Umsetzung. Also diese *domestic advisory groups* haben keine klare Geschäftsordnung. Es ist nicht klar, wie schnell und durch wen jemand dort eingesetzt werden kann. Die klare Stellung der Rechte dieser *domestic advisory groups* ist nicht geregelt und ebenso wenig die Frage der Durchsetzung ihrer Beschlüsse. Deswegen müssen wir zukünftig die Rechte und Pflichten von *domestic advisory groups* in Abkommen stärken.

Διαδικασία «Catch-the-Eye»

Jiří Pospíšil (PPE). – Já jsem dnes celé odpoledne studoval statistiky, které se týkají vzájemného obchodu mezi Jižní Koreou a EU, a musím konstatovat to, co říkali moji kolegové z PPE, ta dohoda je jednoznačným úspěchem.

Ve všech kategoriích narůstá výrazně vývoz EU do Jižní Koreje. Z negativní obchodní bilance před 5 lety se stala pozitivní obchodní bilance pro EU a mohli bychom hovořit o jednotlivých kategoriích zboží. Vývoz automobilů do Jižní Koreje se zvýšil o 250 %. To je opravdu mimořádné a jak už říkali někteří kolegové, toto je odpověď na dnešní politickou debatu o tom, nakolik volný obchod je přínosný anebo naopak takové moderní tendence izolovat se, nakolik jsou nebezpečné.

Paní komisařko, já vám děkuji za vaše vystoupení. Držím palce při vaší cestě do Jižní Koreje, prosím, dojednejte práva i pro pracující, ale prosím, prodáváme tuto dohodu jako jasný úspěch EU.

Paloma López Bermejo (GUE/NGL). – Señor presidente, no hace tanto que la Comisión venía aquí a decirnos que con sus nuevos acuerdos de libre comercio se garantizaría que nuestro modelo social, el modelo social europeo, se aplicaría también a nuestros socios comerciales. No hay prueba más palpable de este engaño que el hecho de que tras el Acuerdo de Libre Comercio Corea del Sur siga sin ratificar las convenciones fundamentales de la OIT y persiga masivamente a los sindicalistas que se oponen al desmantelamiento de la negociación colectiva y los derechos de afiliación sindical.

Cinco días de vacaciones al año. Doce horas de horario de trabajo diario. Unas condiciones laborales y sociales que han conllevado 15 000 suicidios con carácter anual. Por qué, pregunto, con estas condiciones se sigue colaborando con el desmantelamiento de los derechos laborales, con la situación que se está produciendo en Corea del Sur.

Cómo creer, por lo tanto, que otras declaraciones sociales como las que añadieron al CETA no son más que papel mojado. Con lo sucedido en Corea del Sur queda claro que el libre comercio es sinónimo de dumping social. Los acuerdos en vigor deben suspenderse hasta que no se cumplan los derechos fundamentales.

(Λήξη της διαδικασίας «Catch-the-Eye»)

Cecilia Malmström, Member of the Commission. – Mr President, thank you for this debate. I think it has been extremely important. Korea is, so far, the most ambitious trade agreement that we have with any country and that makes this report very important for the free trade agreement per se, but also to see what we can learn, what can be drawn from the experience and the lessons that can be learned when it comes to other trade agreements too.

I have listened very carefully to your comments here and I think we share in the assessment that, economically, this been a very good, successful agreement. It has created job possibilities, growth and increased trade, and it has been good both for Korea and for us. This is absolutely something that we should use as a model.

Even further, we have spoken to Member States and I think there is even more potential for using this trade agreement, especially by small or medium-sized companies. We must see how we can help Member States to reach out to small and medium-sized companies, to tell them about the possibilities so that they also dare to invest and to engage in this.

However, and I do not think there is any disagreement here in this House, or in the Commission either, there are some problems. There are some problems related to the trade agreement when it comes to phytosanitary matters, for instance, some technical problems and some customs problems that we are trying to address. We are also, as you are, very concerned about labour rights and the way that trade union leaders have been treated in Korea.

I have raised this personally many times with the former government. We have written letters and we have addressed it in the different fora. I think it is fair that we at least wait for the new government to come into place so that we can have a dialogue with the new minister, who will probably come in a couple of weeks, to address this and to see if this government is more open to cooperation and more forthcoming when it comes to labour rights.

There are indications that this is the case and as soon as there is a minister I will liaise with him or her, and see how we can move forward on this issue. As I said, there is a formal meeting in September and I will be happy to report back to you, of course, on these conversations.

Our own evaluation of this Agreement, which the Commission is doing, of these five years will be published by the summer. I think this will further broaden the picture of five years' experience and it can help us when we go further in negotiations with South Korea, but also in learning lessons from others. We will, of course, make sure this House has access to this and keep you all informed. Thank you to the rapporteur for this very useful debate.

Adam Szejnfeld, *sprawozdawca*. – Panie Przewodniczący! Przede wszystkim chciałbym podziękować wszystkim mówcom, osobom występującym i w imieniu własnym, i w imieniu frakcji politycznych, za Państwa prezentację i tak *de facto* głosy poparcia dla tej umowy i tego sprawozdania, aczkolwiek rozumiem również wszystkie wyrażone tutaj wątpliwości. One są także zaprezentowane w samym sprawozdaniu. Tak jak mówiłem w swoim wystąpieniu, nie ma rozwiązań idealnych, trzeba nad nimi nadal pracować, aby dążyć do ideału.

Chcę także podziękować Pani Komisarz za współpracę i ze mną, i z komisją, a także dyplomatom Unii Europejskiej, dyplomatom Korei i partnerom społecznym. Bowiem spotykaliśmy się z partnerami społecznymi. Zresztą organizowałem również konferencję tutaj, w Parlamencie Europejskim, gdzie mogły być zaprezentowane stanowiska, opinie wszystkich – i przedsiębiorców, i polityków, i partnerów społecznych. Bardzo sobie cenię tę rozmowę.

Warto przy tej umowie powiedzieć jednak parę słów dotyczących w ogóle umów handlowych. Żyjemy w czasie, który ja nazywam globalizacją dobrobytu, w przeciwieństwie do globalizacji ubóstwa, które przez dziesiątki czy setki lat właściwie ogarniało Ziemię. Ta globalizacja dobrobytu charakteryzuje się wyrównywaniem rozwoju cywilizacyjnego na świecie, wyrównywaniem rozwoju między Północą a Południem świata. Jeśli mówię cywilizacyjnego, to mam na myśli nie tylko rozwoju ekonomicznego, gospodarczego, ale także społecznego, tego, który służy każdemu człowiekowi żyjącemu na świecie. Jednym z instrumentów – kto wie, czy nie najważniejszym – osiągnięcia tych dobrych celów są umowy handlowe, umowy międzynarodowe. Powinniśmy iść nadal tą drogą.

Πρόεδρος. – Η συζήτηση έληξε. Η ψηφοφορία θα διεξαχθεί αύριο.

Γραπτές δηλώσεις (άρθρο 162)

Sandra Kalniete (PPE), *in writing*. – The trade agreement between the EU and Korea is the first of the 'new generation' of the EU's FTAs – a good example for the upcoming agreement. It entered into force in 2015 and has already successfully boosted EU-Korea trade exchanges. For the EU, exports increased by 47% and turned the EUR 7.6 bn EU trade deficit into a EUR 2.5 bn surplus.

On the occasion of the 5th anniversary of the FTA, the EPP Group shares not only the positive impacts of the FTA, but also acknowledges that the Trade and Sustainable Development chapter of the agreement does not fully meet expectations in line with EU values in terms of the trade policy. It is important to respect the International Labour Rights Convention and to further address a number of issues in the field of technical barriers in trade, sanitary and phytosanitary measures, intellectual property rights and rules of origin as well as newly created non-tariff barriers for European car manufacturers. It is also crucial to raise awareness among SMEs regarding the opportunities that the agreement has created. We support further deepening of trade and investment relations between the EU and Korea.

Valdemar Tomaševski (ECR), *raštu*. – Kalbame šiandien apie labai svarbų Europos ekonomikai susitarimą dėl laisvosios prekybos tarp Europos Sąjungos ir Korėjos Respublikos. Tai yra pirmasis iš naujos kartos laisvosios prekybos susitarimų, kurį ES sudarė su Azijos partnere. Svarbu yra tai, jog į šį susitarimą be tarifų panaikinimo taip pat įtrauktos nuostatos dėl netarifinių kliūčių pašalinimo, sukuriant naujas patekimo į rinką galimybes paslaugų ir investicijų sektoriuose, taip pat tokiose srityse, kaip intelektinė nuosavybė, viešieji pirkimai ir konkurencijos politika. Taigi šis susitarimas taps pavyzdžiu sudarant laisvosios prekybos susitarimus ateityje. Reikėtų palaikyti šio susitarimo įgyvendinimą, nes jis yra palankus ES verslininkams. Nepamirškime, jog su šia valstybe turime 2,5 mlrd. EUR prekybos perversį. Tolimesnis prekybos ir investicijų ryšių tarp ES ir Korėjos gilinimas, ypač pagal laisvosios prekybos susitarimo investicijų skyriaus

nuostatas, yra labai laukiamas. Šiuo atveju reikėtų atkreipti dėmesį į tai, kad derybų metu Komisija netaikytų seno investuotojų ir valstybės ginčų sprendimo metodo, bet sukurtų naują investicinių teismų sistemą pagal pasiūlymą, kuris jau buvo aptarinėjamas šiame Parlamente. Ilgainiui daugiašalė investicinių teismų sistema galėtų pakeisti visas investicinių ginčų sprendimo sistemas dabartiniuose ir būsimuose laisvosios prekybos susitarimuose. Susitarimas su Korėja galėtų tapti šios sistemos naudojimo pradžia.

21. Ponto da situação no que toca à aplicação do Pacto de Sustentabilidade no Bangladesh (debate)

Πρόεδρος. – Το επόμενο σημείο στην ημερήσια διάταξη είναι η προρική ερώτηση (O-000037/2017) προς την Επιτροπή με θέμα: Κατάσταση προόδου όσον αφορά την εφαρμογή του Συμφώνου Βιωσιμότητας στο Μπαγκλαντές ((2017/2636(RSP)) (B8-0217/2017).

Bernd Lange, Verfasser. – Herr Präsident, Frau Kommissarin, liebe Kolleginnen und Kollegen! Wir alle sind noch immer entsetzt über das, was bei dem Unfall in Rana Plaza in Bangladesch passiert ist, und vielen anderen Unfällen in Bangladesch, wo Menschen, die ja für uns Textilien produzieren, ihr Leben und ihre Unversehrtheit aufs Spiel setzen. Deswegen war es richtig und notwendig, dass wir nach dem Unglück von Rana Plaza gemeinsam gehandelt haben und den *Sustainability Compact* auf den Weg gebracht haben, begleitet auch von dem *Accord*-Abkommen, damit sichergestellt ist, dass es Verbesserungen in den Arbeitsbedingungen in Bangladesch gibt. Morgen ist das dritte *Follow-up*-Treffen über den *Compact* und ich hoffe, das wird ein Erfolg. Aber es kann auch nur ein Erfolg sein, wenn eine klare Verabredung darüber erzielt wird, wie es weitergeht, und das ist ja auch ein Grund, warum wir heute hier sind.

Zweifelsohne hat es mit dem *Compact* Fortschritte gegeben. Wir haben eine Veränderung des Arbeitsgesetzes erlebt. Es sind neue Gewerkschaften gegründet worden. Ich glaube, gerade angesichts der Frage von Löhnen und Arbeitsbedingungen ist natürlich die Frage der Möglichkeiten des kollektiven Verhandelns ganz entscheidend, um Verbesserungen durchzusetzen. Wir haben eine Erhöhung des Mindestlohns erlebt, und durch den *Accord* auch in 1700 - Fabriken Inspektionen und Verbesserungen der Sicherheit im Gebäude erreicht, auch was die Feuer-Problemstellung betrifft.

Also da haben wir Schritte erreicht. Allerdings ermahnt uns die internationale Arbeitsorganisation natürlich auch hier zu sehen, dass es da auch noch große Mängel gibt. Dankenswerterweise hat das die Kommission in einem Brief sehr deutlich formuliert. Insofern kann es meiner Ansicht auch nicht sein, dass auf der einen Seite Bangladesch die Möglichkeiten der Tarifpräferenzen der LDC sehr geschickt nutzt – die haben ja auch Wachstumsraten in letzten drei Jahren von 6,6 % –, aber auf der anderen Seite die Verpflichtungen, die ja auch durch unser GSP-System, was die Anerkennung von Arbeitnehmerrechten betrifft, nicht erfüllt. Wir haben es in der Entschließung zur Textilindustrie in der letzten Plenarsitzung noch einmal sehr deutlich formuliert, dass wir auch erwarten, dass wir hier verbindlichere Regeln schaffen können für die Einhaltung von Nachhaltigkeitskriterien oder der Sorgfaltspflicht, entsprechend den *OECD guidelines*, und dass sich auch unser Präferenzsystem stärker an der Frage der Einhaltung von Arbeitnehmerrechten orientiert. Auch das müssen wir nochmal reflektieren, wenn es da keinen Fortschritt gibt. Es kann nicht sein, dass wir im Rahmen von LDCs alles tolerieren. Letztendlich muss das Parlament dann auch Konsequenzen ziehen.

Insofern gibt es ein paar Problemzonen: Wie sieht es aus mit den Arbeitnehmerrechten in den Sonderexportzonen? Da gibt es jetzt zwar eine Bewegung, dass die Regierung offenbar die Gesetzgebung noch einmal überdenkt, aber da brauchen wir Klarheit, dass es keine zwei Klassen von Arbeitsrecht geben kann. Wir müssen auch die Schwierigkeiten der Registrierung von Gewerkschaften und auch die Frage der Arbeit in den Betrieben und der Anerkennung regeln. Und natürlich sind die Repressionen, die gegenüber Gewerkschaften und anderen in Bangladesch passiert sind, nicht akzeptabel. Insofern ist unsere Frage in der Tat: Wie können wir die Implementierung verbessern? Wie können wir sicherstellen, dass die ILO-Anmerkungen umgesetzt werden? Und ich glaube auch, dass wir den *Accord* über Mai 2018 hinaus verlängern müssen, weil die Arbeit noch nicht getan ist. Insofern unsere Fragen an die Kommission.

PRESIDENZA DELL'ON. DAVID-MARIA SASSOLI*Vicepresidente*

Cecilia Malmström, *Member of the Commission*. – Mr President, honourable Members, thank you for putting this question on the agenda and thank you for your support for the Compact and your concerns for Bangladesh.

As you know, the Commission is fully committed to addressing respect for international labour standards, also in EU trade policy. We can use different instruments to do that, we have our trade and investment agreements, we have the GSP, we have specific partnerships, we have different works and we have this Compact.

I do share your concerns when it comes to labour rights and the lack of respect for them in Bangladesh. The International Labour Organization included a special paragraph on Bangladesh in its report last year on freedom of association and collective bargaining, and this is a serious warning. I also welcome that Members from this House have visited Bangladesh; the message that you passed on is very powerful and it pushes and puts the issue on the agenda. It has also created awareness, which is very important, and it is contributing to some movement by the Bangladeshi Government. I also share the goal, of course, that the Bangladeshi Government fully respect workers' fundamental rights.

Turning to the specific questions raised here by Mr Lange and others. There have been some positive signals from Bangladesh on the labour front. They include, for instance, the Tripartite Agreement of February and the fact that the draft export processing zones law, which was not in line with the ILO Convention, has been taken back. That is a positive signal. This Tripartite Coordination Council is a platform for dialogue between social partners. It seems to have been tasked to review the whole labour law and that is also a positive signal. We should welcome this and recognise it.

At the same time, there are still questions about the prolongation of the accords mandate. There seems to be a general acceptance that we need to continue the work beyond 2018 in one form or another, but this of course is not enough. We need to have more and continuous improvement, and significant work is still needed.

What we will do tomorrow, as Mr Lange referred to, is the follow-up meeting of the High-Level Sustainability Compact Group. It will provide an opportunity to take stock of where we are and how we see future prospects. We have made it very clear to the Bangladeshi authorities that we expect them to take urgent progress on respect for labour rights. This cannot happen overnight, but there needs to be a strategy that is clear and transparent and with time bounds. This strategy needs to address freedom of association and collective bargaining. It should be a priority to have speedy and efficient trade unions registrations, as well as making sure that there is investigation and prosecutions of all acts of discrimination and violence against trade unionists. At the same time, we should foresee to revise the Bangladesh Labour Act and the law on the export processing zones in line with ILO conventions. Furthermore, the strategy should facilitate private sector investor initiatives so that they can be more involved, as in the accord.

In addition to ensuring the accord mandate and that it can be reviewed and renewed, we are also looking for ways to facilitate and to support dialogue among brands and their suppliers on responsible business conduct. We are exploring the possibility to organise technical workshops in cooperation with the OECD on garment due diligence guidance, with specific focus on purchasing practices. We will have to rely primarily on international bodies such as the ILO which are specialised in this matter to assess the actions of the Bangladeshi Government.

The Compact remains a very important framework for engaging with Bangladesh, together with the other international partners on labour rights. If sufficient progress is not registered within a reasonable timeframe, the Commission will need to see what other actions it can take. We have tools we can use such as the GSP Regulation, and as you know the GSP Regulation in fact foresees temporary withdrawal of trade preferences in case of serious and systematic violation of human and labour rights. So that is a tool that we have, but I hope that that we do not have to use it and that we will see progress in Bangladesh. I hope that the meeting tomorrow will bring some advancement, but we will have to monitor this very, very closely. Thank you for this debate, thank you for the question and thank you for your engagement on this. I think if we work together and send the same strong message then we can hopefully convey this to the Bangladeshi authorities.

Fernando Ruas, *em nome do Grupo PPE*. – Senhor Presidente, antes de mais uma palavra de apreço ao colega Karim pelo trabalho efetuado.

Este pacto de sustentabilidade foi assinado em 2013, na sequência do trágico acidente que ocorreu no Rana Plaza em abril desse mesmo ano.

Convém referir e convém não esquecer que mais de 1 100 pessoas morreram enquanto trabalhavam neste edifício e é por isso que, enquanto políticos europeus, tudo devemos fazer para que uma tragédia destas não se repita.

Nesse sentido, pareceu-me bastante oportuno este debate antes da reunião de amanhã em Dhaka, bem como a resolução que posteriormente votaremos.

Cara Comissária, gostaria de lhe pedir, e por seu intermédio a toda a Comissão, estando certo que o vão fazer, que não esmoreçam no trabalho que estão a desenvolver conjuntamente com o Governo de Bangladeche e com as organizações internacionais envolvidas.

Peço-lhe ainda que, quando se verificar algum relaxamento de cumprimento no que estiver previamente acordado, coloque mais pressão junto das autoridades competentes para que esse compromisso seja cumprido.

Julgamos que as instituições internacionais, em particular a OIT, mas também o setor privado, deverão continuar o seu trabalho na melhoria das condições gerais dos trabalhadores neste país e a verdade, e ainda bem, é que há muita gente vigilante acerca desta concretização no terreno das medidas constantes deste pacto.

É que, apesar dos progressos realizados em prol das condições gerais de trabalho, particularmente a segurança dos edifícios, factos pelos quais nos congratulamos e muito em particular o Governo de Bangladeche, consideramos que estes benefícios tangíveis que se têm verificado, como vem, aliás, reportado nas avaliações anuais efetuadas, têm que continuar e têm que ser ampliados pois, na verdade, nos últimos meses, não temos assistido a progressos significativos relativamente aos direitos dos trabalhadores.

É, pois, necessário alterar a lei do trabalho de forma a incluir expressões constantes à liberdade de associação e à contratação coletiva, constantes, aliás, das convenções da OIT.

É também necessário um Estado de Direito sério e cumpridor. Por isso, pedimos ao Governo de Bangladeche para combater a corrupção, para impedir detenções arbitrárias, e pedimos também eventuais investigações ou julgamentos imparciais por parte das suas autoridades policiais e judiciárias.

Concluo, apenas chamando a atenção para a necessidade que as leis que regulam as chamadas zonas francas industriais para exportação estejam de acordo com os padrões internacionais aceites e que todos os alegados abusos reportados contra sindicalistas sejam devidamente investigados.

Agnes Jongerius, *on behalf of the S&D Group*. – Mr President, it is now four years since the Sustainability Compact was launched and we have to face the fact that Bangladeshi labour conditions are still quite bad and in some cases, for instance on trade union rights, are even deteriorating. Fortunately, the Commission recognises this as well, and the letter sent to the Ambassador of Bangladesh in Brussels by DG EMPL, DG DEVCO and DG TRADE gave the country notice that it had until 18 May to make sufficient, substantial and meaningful progress, together with a sound and time-limited strategy on several stated labour law shortcomings. Failure to do so would result in an official DSP investigation.

It is 18 May tomorrow, and it has come to my – and your – attention that up to now the Bangladeshi Government has repealed the EPZ laws, but has made no other substantial moves whatsoever. We are of course some hours ahead of 18 May, but I would like to ask the Commission: what will happen after tomorrow when no further results follow? Are you going to repeat the suggestions in the Commission's letter sent two months ago?

Sajjad Karim, *on behalf of the ECR Group*. – Mr President, it is always a pleasure to see

Commissioner Malmström in the Chamber. Madam Commissioner, I very much welcome the very open way in which you deal with trade matters in terms of this Parliament and the transparency that we get.

Bangladesh really is a story with two sides to it. One side is a matter for which we, as the European Union, and certainly this Parliament, can feel tremendously proud. We have played our role in helping development, making sure that some of the most disadvantaged people in Bangladeshi society today find themselves in a situation where they can earn an honest living with pride, and this is something which this House really has invested in greatly.

When one looks at the tremendous achievements that have been made, then one has to look at where we are today. It is quite clear to me that Bangladesh, the Government of Bangladesh, is either not listening, or choosing not to listen, or it is not understanding what we are saying. That is why I intend simply to pass on a very clear message today. It is not to deal with the details, as the Commission is dealing with that, but it is simply to say to Bangladesh that we do not want to see a situation where, from the clutches of victory and tremendous achievement, you deliver a negative result. We have done all that we can to make sure that the doors remain open for you. Please take that message today and react in a positive way, so that we can carry on with our journey of progress.

Lola Sánchez Caldentey, *en nombre del Grupo GUE/NGL*. – Señor presidente. Pues, efectivamente, hace cuatro años ya —cuatro— del Rana Plaza. Y las trabajadoras de Bangladés, especialmente las del sector textil, siguen viviendo una situación dramática, aunque muchos intenten pintar otra pintura. La libertad sindical, la libertad de expresión y de opinión son hoy inexistentes en Bangladés, y son numerosas las detenciones arbitrarias, extorsiones y torturas a sindicalistas, opositores y defensores de derechos humanos.

La Comisión no puede seguir siendo negligente, aunque me alegran mucho las palabras de la señora comisaria, pero debería iniciar de inmediato una investigación por la violación de convenios internacionales sobre derechos humanos y laborales. Además, observamos con preocupación cómo las iniciativas voluntarias en favor de la sostenibilidad del sector textil no funcionan, son incapaces de acabar con los abusos.

Por ello, hace solamente unas semanas más de quinientos diputados de esta Cámara exigimos a la Comisión que propusiera legislación vinculante sobre diligencia debida en las cadenas del sector textil. Pónganse en marcha ya, por favor.

Heidi Hautala, *on behalf of the Verts/ALE Group*. – Mr President, I would like to wish the Commissioner plenty of strength for the meeting tomorrow when the Commission will be discussing progress on the commitments that have been made by Bangladesh. There is a clear list of demands from the European Union.

Commissioner, would you agree that, in the event that no conceivable progress is made in the commitments and the demands, there would be the prospect that the Commission could turn to the ILO and ask for an investigation into the breaches of international labour law. At the end of the day, I think we should take this new Compact very seriously as it is an admirable effort to promote value-based supply chains. But, if the other party does not live up to expectations, I believe some conclusions must be reached.

Secondly, I would like to mention that 500 Members have indeed called for binding, mandatory measures on due diligence for international companies. I believe that we should repeat that demand because it is something that is needed in order to have a level playing field.

Angelo Ciocca, *a nome del gruppo ENF*. – Signor Presidente, onorevoli colleghi, nella settimana del compleanno dell'amico Gianluca Buonanno ci tengo a utilizzare la tecnica di comunicazione di Gianluca e dico, cari colleghi, dormiente Europa, aprite gli occhi!

Aprire gli occhi è la parola d'ordine su questo tema. Sveglia, sveglia, sveglia! Basta essere al servizio degli interessi delle multinazionali, multinazionali che hanno dimostrato, con la complicità di questa Europa, di aver ucciso in Italia, ma non solo, l'eccellente settore del manifatturiero. Multinazionali che per andare a produrre in altri paesi hanno deciso di speculare su situazioni che sono sotto gli occhi di tutti, situazioni di schiavitù ma situazioni anche di sfruttamento minorile, bambini che lavorano per dodici, tredici, quattordici ore al giorno a 2 euro al giorno senza nessun tipo di protezione, di regole sul posto di lavoro, è inaccettabile.

Se l'Europa non vuole continuare a essere complice di questi «prenditori» multinazionali e non vuole essere complice di queste numerose morti sul lavoro deve, e sottolineo deve, fermare l'entrata in Europa di questi prodotti illegali. I prodotti realizzati senza rispettare le regole per il lavoratore sono prodotti illegali.

Adam Szejnfeld (PPE). – Panie Przewodniczący! Bardzo szkoda, że tak wielkie tragedie jak ta, która wydarzyła się w Bangladeszu, doprowadzają niekiedy do zmian na rzecz przestrzegania praw człowieka, przestrzegania praw pracowniczych, w tym przede wszystkim przepisów prawa bezpieczeństwa i higieny pracy.

Na szczęście umowa zawarta między Bangladeszem a Unią Europejską, a także Stanami Zjednoczonymi i Międzynarodową Organizacją Pracy poprawiła w pewnym zakresie sytuację. Dokonano zmian w bangladeskiej ustawie o pracy z 2006 roku, przeprowadzono kontrolę w ponad 2,5 tysiąca zakładów pracy. Trzeba wiedzieć, że zamknięto 32 fabryki, zarejestrowano ponad 300 związków zawodowych, zwiększono zatrudnienie w instytucjach inspekcji pracy, ale także w służbach pożarnictwa, ochrony cywilnej czy też władz do spraw rozwoju. To są wszystko bardzo dobre, pozytywne efekty działania właśnie Unii Europejskiej, ale także efekty zawartej umowy. Co bardzo ważne, w sprawę włączyły się także same przedsiębiorstwa, a to jest fundamentalne.

Oczywiście proces naprawy nie jest zakończony. Proces naprawy trzeba kontynuować i nie będzie to łatwe. Ale trzeba też pamiętać o tym, że praca, którą dają w takich państwach jak Bangladesz przedsiębiorstwa, ratuje w tym przypadku miliony, a na świecie dziesiątki milionów ludzi. Dziesiątki milionów rodzin jest chronionych przed brakiem pracy, przed brakiem wyżywienia, przed głodem, przed ubóstwem. Dlatego musimy podejmować te ważne rozwiązania w sposób odpowiedzialny, tak aby ratować ludzi w biednych krajach i pomagać im, a zarazem nie zabijać przemysłu, który daje właśnie im szansę na życie.

Linda McAvan (S&D). – Mr President, I would like to thank the Commissioner for pursuing this issue. When we went to Bangladesh it was very clear that access to our market is a huge issue in Bangladesh. As the Chair of the Development Committee, of course I welcome the fact that tens of thousands of workers – particularly women – are gaining a livelihood and making their lives better because they have access to our market. But we also met trade unionists, and they told us about the difficulties they face trying to organise in the workplace, and the serious intimidation. So we welcome what you have done so far, and the letter from your services to the Ambassador in Brussels, because it is important to remind the Bangladeshi authorities that the EBA is not just a technical agreement. It is underpinned by our values, and that includes respect for rights at work.

I have got a couple of additional questions. The first is about even-handedness. This kept coming up time and time again in Bangladesh. It is in no one's interests to withdraw trade access from Bangladesh, only to see business move to countries where conditions are equally bad or even worse than in Bangladesh. So what reassurances can you give us about the Commission's future trade agreements with other countries, that they will be similarly tough in making sure people comply with ILO standards and other human rights obligations? Secondly, responsibility of our companies: you cannot get investment in jobs and improving people's lives unless people get a decent price for the goods that they manufacture. We had the report voted in Parliament last month. The Commission has now adopted your new sustainable garment value chains initiative. What is really going to happen? Are you going to do more? What more is the Commission going to do now to make sure that actually fair prices can be paid for goods from Bangladesh and similar countries for their garments?

Jean Lambert (Verts/ALE). – Mr President, I would also like to thank the Commissioner for her ongoing interest and commitment to the issue of the ready-made garment sector, not least in Bangladesh, and I am speaking here in my role as Chair of Parliament's Delegation for relations with the countries of South Asia, and we have followed the Sustainability Compact from the start. This was seen by many as a positive innovative response to the problem so brutally exposed by the Rana Plaza tragedy and indeed has been seen as a potential model for engagement with other governments, because I take the point that Linda McAvan has just made, that Bangladesh is not the only country with problems.

I think many of us would welcome the engagement of the Bangladeshi Government over the years with the Compact, but we want to see that engagement renewed and regenerated because this gives an opportunity for Bangladesh to actually be a leader in terms of sound trades union activity, good social dialogue, responsible production; just as we on our side ought to keep our side of the bargain about responsible supply chains so that we know we are not putting people's lives at risk to clothe us.

Arne Lietz (S&D). – Herr Präsident! Im Rahmen einer S&D-Delegation nach Bangladesch im März konnte ich mir selbst ein Bild davon machen, dass sich die Arbeitsbedingungen in den Textil- und Schuhfabriken nur in den baulichen Standards wesentlich verbessert haben. Noch Ende 2016 wurden Gewerkschafter kurzfristig inhaftiert, und die Standards der Internationalen Arbeitsorganisation werden noch immer verletzt. Unsere S&D-Delegation hat vor Ort die Umsetzung dieser Standards gefordert und damit die Mitteilung der Kommission hier bestens ergänzt. Ich begrüße natürlich den Nachhaltigkeitspakt und bin selber auf das Ergebnis des morgigen Treffens sehr gespannt. Vor allem interessiert mich die Frage, wie die Kommission als Mitunterzeichner des Pakts weiter zu seiner Umsetzung beitragen wird.

Ich weise die Kommission erneut auf den Ende April verabschiedeten Initiativbericht des Parlaments zu den Lieferketten in der Bekleidungsbranche hin. In diesem Bericht fordert das Europäische Parlament von der Kommission einen Gesetzesvorschlag, der endlich die verbindliche Einhaltung der Sorgfaltspflichten entlang der Lieferkette festlegt. Diese Gesetzesinitiative könnte zusätzlich zum Nachhaltigkeitspakt zu besseren Arbeitsbedingungen in den produzierenden Ländern inklusive Bangladeschs beitragen.

Procedura «catch-the-eye»

Νότης Μαριιάς (ECR). – Κύριε Πρόεδρε, έχουμε επανειλημμένα ασχοληθεί με την εργασιακή ζούγκλα που επικρατεί στο Μπαγκλαντές. Εκεί όπου εργάζονται μικρά παιδιά δέκα και δώδεκα ώρες. Εκεί όπου παραβιάζεται βίαια η εργασιακή νομοθεσία. Εκεί όπου έχουν καεί ζωντανόι εκατοντάδες εργαζόμενοι, στη Ράνα Πλάζα. Εκεί όπου οι ευρωπαϊκές πολυεθνικές, αφού έκλεισαν τις κλωστοϋφαντουργίες στην Ευρώπη έχτισαν εργοστάσια, όπου δουλεύουν χιλιάδες εργαζόμενοι για ένα κομμάτι ψωμί.

Δεν πρόκειται το Μπαγκλαντές να συμμορφωθεί, να είστε σίγουροι. Θα μας κοροϊδεύει και η κυβέρνηση του Μπαγκλαντές και οι πολυεθνικές. Θα παίζουν το κρυφτούλι. Μόνη λύση η απαγόρευση εισαγωγής ενδυμάτων και άλλων κλωστοϋφαντουργικών προϊόντων απ' το Μπαγκλαντές. Λήψη μέτρων για την αναβίωση της ευρωπαϊκής κλωστοϋφαντουργίας, με παροχή ειδικού καθεστώτος για τον κλάδο αυτόν, τόσο στην Ελλάδα όσο και στις άλλες χώρες του ευρωπαϊκού Νότου.

Jiří Pospíšil (PPE). – Já jsem velmi pozorně poslouchal Vaši odpověď na položenou otázku, děkuji za ni. Jsem velmi rád, že se tak intenzivně chcete zasazovat za pracovní právo v Bangladéši.

EU je ochránce lidských práv a pro mne osobně jsou základní pracovní práva stejně důležitá jako právo na svobodu projevu či právo shromažďovací či jiná politická práva. Neměli bychom toto téma podceňovat. Proto je dobře, že zde na půdě Parlamentu projednáváme otázky pracovního práva v Bangladéši.

Já se přiznám, že po prostudování veškerých dokumentů jsem trochu skeptický k tomu, že by bangladéšská vláda chtěla vyslyšet iniciativu a dopisy a výzvy Komise a reagovat a opravit kolektivní individuální pracovní právo v Bangladéši. Budu vám tedy držet palce na zítřejším jednání a doufám, že pokud se po 18. květnu nic nezmění, tak že Evropská komise bude schopna razantně a jasně zasáhnout a neskončí pouze u dalších diplomatických příslibů a dalších pouhých dopisů.

(Fine della procedura «catch-the-eye»)

Cecilia Malmström, Member of the Commission. – Mr President, I would like to thank all Members. This is indeed an extremely important issue. I would like to thank you for your strong engagement. We share your goals and we will work as hard as possible in our engagement with the Bangladeshi Government because we of course want decent working conditions there.

As many of you have said, the Compact is actually something quite unique. It has not only raised awareness, but has engaged countries, companies and civil society, and has led to some improvements – not enough, but some improvements. European and other companies that did not really engage in this have started to engage and to work with corporate social responsibility. They are working with regard to inspections, improving rights and making sure that what they produce and then sell is sustainable.

This has led to a lot of improvement, but – as you all pointed out – it is far from enough. The Bangladeshi Government needs to do so much more. It is true that there have been a few positive signals, but not enough. There will be a meeting tomorrow. Let us be fair and listen to our Bangladeshi partners; let us see what they are planning and whether they have the strategy that we have asked for. Let us discuss this in friendship and openness with them. We have said before – and I reiterate it again – that there are measures that we can take if we see that no progress is being made, or even that the situation is deteriorating. We are ready to take them, but we cannot threaten that today, before the meeting. The meeting is tomorrow. Let us give it a chance. We have other means as well.

We have made it extremely clear to them that the four ILO recommendations, namely: to amend the Labour Act in order to bring it into compliance with ILO conventions; secondly, to ensure that the law on export processing zones allows for full freedom of association; to make sure that all acts of anti-trade union discrimination are investigated and prosecuted at a later stage; and to ensure that applications for trade union registrations are acted upon as quickly as possible and not denied unless there are really objective grounds for doing so. These are the four most urgent recommendations and we fully support ILO in their work there.

When it comes to due diligence, such as with the conflict mineral agreement that we have – which we should be extremely proud of – it is more complicated with the garment sector. We are working very closely, not only with the ILO but also on the OECD, to develop the due diligence guidelines for this sector. So the priority now, on a short-term basis, is to make them materialise and to make sure that they work in practice.

Garment supply chains are fragmented and complex. There is a lot of diversity and a number of actors all across the world, so doing this will be extremely complicated. We already have legislation on corporate social responsibility and responsible business conduct. We also have the non-financial disclosure directive for some large EU companies, which also apply to the garment sector. We are working with ILO and looking at what we can do with other partners in the region to support change, to train them, to encourage them, and to organise meetings in order to connect the different actors in the region. So technically and politically, there is outreach and engagement.

This has led to some results. We will continue to do this. I look forward, in close cooperation with you, to continue to see how we can jointly apply pressure and make sure that there is improvement for the workers, the labour organisations and, ultimately, the people. Most of them in this area are, of course, young women and girls. They still need us to be there and to continue this fight for them.

Thank you for your engagement. I am sure we will come back to this issue before very long.

Presidente. – La discussione è chiusa.

La votazione si svolgerà durante la tornata di giugno.

22. Acordo entre a UE, a Islândia, o Listenstaine e a Noruega sobre um mecanismo financeiro do EEE para o período de 2014-2021 — Aumento dos direitos aduaneiros noruegueses sobre os produtos agrícolas/recentes negociações sobre o Protocolo sobre o comércio de produtos da pesca

Presidente. – L'ordine del giorno reca, in discussione congiunta,

— la raccomandazione della commissione per il commercio internazionale concernente il progetto di decisione del Consiglio relativa alla conclusione dell'accordo tra l'Unione europea, l'Islanda, il Principato del Liechtenstein e il Regno di Norvegia su un meccanismo finanziario del SEE per il 2014-2021, dell'accordo tra il Regno di Norvegia e l'Unione europea su un meccanismo finanziario norvegese per il periodo 2014-2021, del protocollo aggiuntivo dell'accordo tra la Comunità economica europea e il Regno di Norvegia e del protocollo aggiuntivo dell'accordo tra la Comunità economica europea e l'Islanda (06679/2016 — C8-0175/2016 - 2016/0052(NLE)) (A8-0072/2017) (relatore: David Borrelli), e

— l'interrogazione con richiesta di risposta orale alla Commissione sull'aumento dei dazi norvegesi sui prodotti agricoli / recenti negoziati sul protocollo relativo al commercio ittico, di Bernd Lange, a nome della commissione per il commercio internazionale (O-000023/2017 - B8-0215/2017).

Bernd Lange, Verfasser. – Herr Präsident! Herr Kommissar Hogan, schön Sie hier im Plenum zu sehen. Das ist immer wieder eine Freude für mich. Heute Abend geht es ja um die Beziehungen zu Norwegen, und da haben wir zwei Stränge, die wir zu diskutieren haben: Der eine Strang ist die Entscheidung Norwegens, ad valorem Zölle in Höhe von 200 bis 400 % auf Käse, auf Lamm, auf Rindfleisch zu erheben. Das haben die schon 2013 gemacht, und seitdem besteht unsere Forderung, da etwas zu tun. Wir haben das auch am 4. Juli 2013 in einer Entschließung des Parlaments sehr deutlich formuliert, aber bisher ist da noch nichts passiert. Insofern ist der zweite Strang, den wir heute Abend ja auch – als Berichterstatter ist ja Herr Borrelli hier – diskutieren, nämlich die finanziellen Beziehungen, der finanzielle Mechanismus von 2014 bis 2021 und ein Fisch-Protokoll, auf der Tagesordnung, obwohl wir den ersten Strang noch nicht gelöst haben. Und das hat bei uns natürlich einige Reflexionsprozesse eingeleitet. Wie kann es sein, dass wir auf der einen Seite den Konflikt miteinander haben und auf der anderen Seite dann ein Abkommen schließen, wo wir sehr eng miteinander arbeiten? Und deswegen eben auch die Fragestellung: Was werden eigentlich die Kommission und der Auswärtige Dienst tun, damit es endlich eine Lösung gibt? Wir tun uns wirklich schwer, ein *consent* zu den finanziellen Mechanismen zu geben, wenn die Zollfrage vorher nicht gelöst ist.

Deswegen auch die zweite Frage: Welche konkreten Erwartungen und Maßnahmen gibt es denn, um quasi im Kontext der finanziellen Mechanismen dann eine Lösung zu finden, und sind die Kommission und der Auswärtige Dienst wirklich überzeugt, dass unterschiedliche Verhandlungen tatsächlich zum Erfolg führen können? Das ist die inhaltliche Geschichte, wo wir im Handelsausschuss als federführender Ausschuss ein bisschen ins Grübeln gekommen sind, Herr Kommissar Hogan.

Und dazu haben wir noch eine zweite Sache, da geht es mehr um die formale Arbeit: Wir verhandeln ja gerade mit der Kommission und dem Rat über ein interinstitutionelles Abkommen, das sicherstellen soll, dass die Bestimmungen des Vertrags, dass das Parlament vollumfänglich gleich informiert wird wie der Rat, auch umgesetzt werden, und dass es keine vorläufige Anwendung eines Abkommens geben kann, bevor das Europäische Parlament nicht entschieden hat. Und das scheint uns beim Norwegen-Abkommen hinsichtlich des finanziellen Mechanismus und des Fischereiabkommens nicht gewährleistet. Deswegen haben wir auch hier gesagt: Wollen wir jetzt wirklich ein *consent* geben, wenn diese Verpflichtung, die sich unserer Ansicht nach klar aus dem Vertrag ergibt, nicht eingehalten wird?

Es gibt jetzt Anzeichen, dass es eine Besserung gibt, und wir wollen natürlich auch nicht Norwegen quasi in Haftung nehmen für einen Fall, den Kommission und Rat zu verantworten haben. Aber das Problem müssen wir angehen. Wir müssen sicherstellen, dass die gleichmäßige Information von Parlament und Rat gewährleistet wird und dass es keine vorläufige Anwendung von Abkommen irgendwelcher Art gibt, bevor das Europäische Parlament als demokratisch gewählte Körperschaft der Europäischen Union seine Zustimmung gegeben hat.

David Borrelli, relatore. – Signor Presidente, onorevoli colleghi, io ovviamente, come Lei ha giustamente ricordato, mi tratterò soltanto sulla questione dell'accordo. Ovviamente concordo perfettamente con quello che è stato detto poc'anzi sulla questione dei dazi, però mi concentrerò molto di più sulla questione dell'accordo.

Si tratta di un accordo sullo spazio economico europeo, detto accordo SEE, del 1994, che consente la partecipazione al mercato unico della Norvegia, dell'Islanda e del Lichtenstein, membri dell'EFTA. I paesi EFTA hanno contribuito dal 1994 a ridurre le disparità economiche e sociali all'interno del SEE mediante un apposito meccanismo finanziario, a cui si affianca un contributo ulteriore della Norvegia. Questi meccanismi finanziari, scaduti nel 2014, devono essere rinnovati così come i protocolli riguardanti il commercio del pesce.

Oggi, quindi, in questa fase esaminiamo quattro atti, ovvero due accordi riferibili ai meccanismi finanziari, uno tra UE e Islanda, Lichtenstein e Norvegia, e uno tra la Norvegia e l'Unione europea, e due protocolli in materia di pesca, uno fra l'UE e la Norvegia e l'altro tra l'UE e l'Islanda.

Questi accordi forniranno congiuntamente un contributo finanziario per la coesione economica e sociale del SEE pari a 2,8 miliardi di euro nel periodo che va dal 2014 al 2021. Questo quadro, fin qui vantaggioso per l'Unione europea, va inserito in una riflessione politica più ampia delle nostre relazioni Unione europea-paesi EFTA. Con il Liechtenstein e con l'Islanda non vi sono problemi particolari, anzi con l'Islanda presto nella commissione INTA inizieremo a discutere di nuovi accordi agricoli e qui dovremo fare attenzione al fatto che l'Islanda comunque ha un *free trade agreement* con la Cina, quindi vogliamo sottolineare anche questo aspetto.

Con la Norvegia, come è stato giustamente detto poc'anzi, la questione è più sensibile a causa di alcuni dazi imposti nei confronti di carni e formaggi europei. Questa pratica ha sicuramente rallentato l'iter del dossier e ha anche dato origine all'*oral question* che oggi è in discussione, presentata dal presidente. Le relazioni politiche ed economiche UE-Norvegia sono sempre state piuttosto buone, la questione dei dazi in questi anni, però, ha costituito un *vulnus* nelle nostre relazioni commerciali, come è stato giustamente detto.

La Norvegia è il quinto partner commerciale dell'Unione europea a livello di *import* e la settima destinazione per l'Unione europea a livello di *export*. Rafforzare le nostre relazioni commerciali con la Norvegia è ovviamente importante, ma questi sviluppi devono svolgersi nel pieno rispetto degli obiettivi dell'accordo SEE.

Sappiamo che sono in corso le negoziazioni fra UE e Norvegia per alcune liberalizzazioni del commercio di prodotti agricoli; sono notizie favorevoli che però dovrebbero affiancarsi alla veloce rimozione dei dazi che per anni sono stati imposti. Questa rimozione deve essere una priorità per entrambe le parti e contribuire così a rinforzare delle relazioni commerciali che sono, fortunatamente, già solide.

L'Unione europea esporta verso la Norvegia 4,1 miliardi di euro di prodotti agricoli e ne importa per 488 milioni. Di altrettanta importanza è l'*import* di prodotti ittici, che ammonta a 5,6 miliardi di euro.

Chiudo quindi ringraziando i colleghi per il lavoro svolto nella commissione commercio internazionale e i colleghi che interverranno ora per i loro spunti, auspicando che anche in questa sede si possa contare su un vasto consenso per questo accordo.

Phil Hogan, *Member of the Commission*. – Mr President, honourable Members, I am here, of course, as you realise, on behalf of High Representative Mogherini, but also on behalf of Ms Mogherini and myself I wish to welcome the opportunity to contribute to this joint debate on the European Union-Norway Agreement. I am pleased to share with you our views on the agreement itself between the European Union, Iceland, Liechtenstein and Norway on the EEA Financial Mechanism 2014-2021 and the increase of Norwegian duties on agricultural products, which has been mentioned by both speakers.

The Financial Mechanisms have played an important role in reducing social and economic disparities in the European Economic Area since the entry into force of the EEA Agreement in 1994. In addition, as of 2004, Norway has set up a complementary bilateral financial mechanism as well. But I would like to acknowledge the positive recommendation of the rapporteur, Mr Borrelli, to the plenary, in order to give its consent to the conclusion of the relevant agreements and protocols.

In view of the continued need to alleviate economic and social disparities within the EEA, in particular after the 2008-2009 financial crisis, the EEAS and the Commission received an ambitious negotiating mandate in January 2014 not only to renew the EEA-Norway grants, but to substantially increase them. The EEA and Norway Financial Mechanism agreements were signed on 3 May 2016 and have been provisionally applied as of July and August of 2016. These grants will provide a financial contribution by the EEA EFTA states of EUR 2.8 billion for a seven-year period 2014 to 2021, which is an increase of 11.2%. This includes a special allocation of EUR 100 million for promoting regional cooperation in order to fight youth unemployment. The European Union cohesion key will be used for the distribution of the financial allocations of both EEA and Norway grants.

The Commission will have a stronger role in strategic planning by promoting complementarity and synergies with EU Cohesion Policy. The agreements on the EEA and Norway grants have been complemented by two other separate bilateral agreements with Norway and Iceland. Their aim is to renew existing preferential trade access to EU markets for their fish and fishery products. These concessions were in place in the period 2009-2014 and have now been renewed with a modest improvement in trade access. Furthermore, Norway has agreed to continue allowing for free transit of fish and fishery products landed in Norway from vessels flying the flag of a Member State of the European Union.

The outcome of these negotiations and the provisional applications of these agreements were commended by all Member States, notably in the December 2016 Council Conclusions on the extended single market. The successful outcome of these negotiations would not have been possible without the tireless political support and interest by the Members of this House. You have regularly used the joint EEA Norway and Iceland parliamentary committees to call for an immediate and successful conclusion of these negotiations. Iceland, Liechtenstein and Norway are part of our European continent and we share the same space, but also the same principled interest: to make growth in Europe more inclusive and sustainable. We have a responsibility to work together with our neighbours, strengthening a spirit of European solidarity and cooperation beyond the borders of our Union.

So I want to thank you Members for raising the issue of the increase of Norwegian duties on agricultural products, and for the very keen interest which this House has shown in it, as evidenced by the resolution that has been adopted. In order to reflect your concerns, I want to assure you and reassure you that the Commission and the EEAS have done all they can to address the situation following the changes in Norwegian duties on certain cheeses, on lamb and beef products, from 1 January 2013. The issue has been raised at a number of high-level meetings, including at the highest political level. In fact, in 2015 the Commission requested the Norwegian authorities to include this issue in the EU-Norway agricultural trade liberalisation negotiations. These negotiations were concluded just five weeks ago, on 5 April 2017. Under the negotiated agreement, the Norwegian authorities will grant the European Union tariff-free quotas to compensate for the effects of the duty switch. The Commission is convinced that the deal we reached is beneficial to the European Union and that Norway provided sufficient compensation for the effects of the duty switch.

The exact size of the compensation was detailed in the information paper that was sent to you, Mr Lange, and your committee at the beginning of April. The Agreement will formally be submitted to the European Parliament for your consent at a later stage, which I hope can be forthcoming. With that consent, the Council can then formally conclude the negotiations (it cannot do so before that) in order to allow the Agreement to come into force.

As with Norway, another additional protocol was negotiated for fisheries originating in Iceland. Both EEA partners have made conditional their contribution of funds to the last three EEA Financial Mechanisms, upon obtaining temporary fish trade concessions. No other trade concessions or considerations, such as the improved market access for agricultural products or for the solving of the pending trade irritants, have to date been linked with the Financial Mechanism negotiations. Thank you for attention and I hope that this information is useful to you.

Artis Pabriks, *on behalf of the PPE Group*. – Mr President, I think that this discourse and discussion today, at 10 o'clock in the evening, could very well have been spared if cooperation between Parliament and the Commission were better. I really very much and sincerely hope that what is happening now, regarding the Agreement on the European Economic Area (EEA) and the discussion between the Commission and this Parliament, is not a pattern of passivity on the part of the Commission, firstly in defending the interests of European nations and the European Union and, secondly, in having a respectful attitude towards this Parliament.

These are two major complaints from the European People's Party (PPE). We were not satisfied, Commissioner, with your proposal, or the fact that you have already been going on with this agreement without prior consultation with us. You are putting us in the position, in the current political circumstances, where we are speaking about the irrelevance of Parliament and, at the same time, you are trying to drive us into a discussion where you are presenting – this evening too – everything that has already been mentioned in the explanatory statement. We already knew all that!

Secondly, I think the pattern that we see here can also be seen in the passivity of the Commission regarding activities in the Arctic area and in the Commission office responsible for international affairs. We also see that in cases where we need to defend, for instance, our fishermen, who have already been arrested for half a year in Norwegian ports. So in this regard, we really would like to see in future a much more proactive and cooperative role from the Commission side, otherwise it will be very difficult for us to cooperate.

It has nothing to do with Norway, in this case. It is to do with you not responding in a timely fashion, and not defending in a timely fashion the interests which we are asking you to defend.

Nicola Danti, *a nome del gruppo S&D*. – Signor Presidente, onorevoli colleghi, signor Commissario, credo che gli accordi tra Unione europea e Norvegia, Islanda e Liechtenstein che domani siamo chiamati a ratificare rappresentino un ottimo esempio di collaborazione tra la nostra Unione e i paesi dello Spazio economico europeo.

Questi accordi forniranno, come è stato ricordato prima, complessivamente un contributo di 2,8 miliardi di euro all'Unione europea per il periodo 2014-2021, con un aumento pari all'11,3 per cento rispetto al periodo precedente. I fondi saranno indirizzati verso quelle aree dell'Unione europea dove le disparità sociali ed economiche persistono in maniera evidente, con l'obiettivo di rafforzare la coesione economica e sociale, favorire sempre un miglior funzionamento del mercato unico, al quale l'Islanda, il Liechtenstein e la Norvegia partecipano pienamente.

Tra le aree prioritarie di investimento mi preme evidenziare quella relativa all'occupazione giovanile e quella relativa alla giustizia e agli affari interni, che include quindi settori strategici come l'asilo e la migrazione. Da sottolineare, inoltre, che rispetto al periodo precedente queste risorse potranno essere assegnate anche a quei paesi che nel 2013 hanno avuto un tasso di disoccupazione giovanile superiore al 25 per cento.

Rispetto alla questione posta dall'interrogazione orale, sarà fondamentale trovare rapidamente una soluzione poiché l'imposizione di dazi maggiorati da parte della Norvegia su alcuni prodotti europei viola chiaramente lo spirito e la lettera di questo accordo.

Permettetemi, infine, una considerazione, Presidente. Nei dibattiti post-Brexit si è parlato molto della possibilità per il Regno Unito di adottare il modello norvegese di partecipazione all'Unione europea. Noi siamo d'accordo, contribuire finanziariamente all'Unione europea e accettarne le quattro libertà fondamentali sono criteri sufficienti per aprire le porte al nostro mercato unico, come avviene con la Norvegia e gli altri paesi, ma non pare che questa sia la strada che il governo inglese vuole intraprendere e presto si accorgeranno che, come ha detto il nostro caro collega all'indomani del referendum, il miglior accordo possibile per il Regno Unito è quello che abbiamo già.

Czesław Hoc, *w imieniu grupy ECR*. – Panie Przewodniczący! Protokół dotyczący handlu rybami, produktami rybołówstwa, jak i Norweski Mechanizm Finansowy są bardzo ważne i potrzebne dla krajów Unii Europejskiej, w tym dla Polski jako kraju, który jest największym w Unii Europejskiej importerem surowca rybnego z Norwegii. Zatem działania mające na celu ułatwienie przepływu towarów z Norwegii do Unii Europejskiej, jak również zwiększenie bezcłowych kontyngentów taryfowych są przyjmowane z zadowoleniem.

Polska wspiera dążenia, które przyczyniają się do zniesienia barier i tym samym zapewniają łatwiejszy przepływ produktów rybnych z Norwegii do rynków krajów Unii Europejskiej. Ponadto w ramach norweskich mechanizmów finansowych mamy nadzieję nawiązania bliższej i wymiernej współpracy w dziedzinie badań naukowych w zakresie zarządzania zasobami rybnymi.

Jasenکو Selimovic, *on behalf of the ALDE Group*. – Mr President, allow me to start by congratulating Norwegians on their National Day: 'Gratulerer med dagen, Norge'. But, when it comes to the topic 'liberalisation of trade' there is no reason for congratulations. The EEA Agreement was signed in 1994. Since then, talks on liberalisation of trade in agricultural products have been slow and with no genuine engagement by the Norwegian side.

On the contrary, during these talks, in 2013 Norway drastically increased import duties for EU products – 280% on cheese, 430% on sheep meat, and 350% on beef. So if you buy a hot dog – a lamb sausage – in Oslo, it will cost you about EUR 2, but if the lamb comes from the EU, it will cost you EUR 10, five times more. On top of that, there is a new import duty of 70% on hortensia flowers from the EU. Seventy! Do not even think of buying flowers for your girlfriend if she is Norwegian. Love has a very high price in Norway.

I have to say to my fellow Norwegians, that if you respect your commitments and decrease import duties, I can promise you that the world will not go under. The sun will still rise in the morning. The lakes will be fresh and clean – *era fjorder underbara* – and you will still be able to eat your *brunost* since we have no intention of buying it, whatever the price might be. If you do not care about us as a partner, please care about your citizens, who already pay some of the highest food prices in the world. Do not make it even more expensive.

I would therefore sincerely like to encourage both the Commission and our Norwegian partners to show a more flexible, constructive and swift approach in order to settle this longstanding issue.

Helmut Scholz, *im Namen der GUE/NGL-Fraktion*. – Herr Präsident, Herr Kommissar! Ich halte die Aufregung einiger Kolleginnen und Kollegen für unangebracht. Wir sollten diese Debatte anders beginnen: Zuerst sollten wir das große finanzielle Engagement Norwegens anerkennen, mit dem es Mittel zur Verringerung des Armutsgefälles innerhalb Europas beiträgt. Und wir sollten klar herausstellen, dass wir uns dieses Beitrags bewusst sind, gerade in der gegenwärtigen Situation im Zusammenhang mit den Brexit-Verhandlungen. Wir sollten Gegenleistungen beim Marktzugang und Beiträge im nun aktualisierten Abkommen anerkennen, die dort geregelt sind.

Zolllinien, bei denen keine Einigung erreicht werden konnte, können wie bei allen anderen Handelsbeziehungen von Norwegen legitim erhöht und wieder gesenkt werden. Es ist also Sache des Handelns.

Der EWR-Rat hat gerade eben erst bestätigt, dass die weitere Liberalisierung des Agrarhandels Ziel bleibt. Alle sind sich also scheinbar einig, und es gibt kein Problem. Dabei hätte ich auch eine norwegische Position durchaus nachvollziehen können, die wegen der besonders harten natürlichen Bedingungen für Bauern und Fischer in unserem Partnerland einen unbeschränkten Agrarhandel noch erheblich kritischer betrachten würde. Also: Es gibt zum vernünftigen Verhandeln keine Alternative.

Bronis Ropė, *Vers/ALE frakcijos vardu*. – Ačiū, gerbiamas pirmininke, gerbiamas komisare. Europos ekonominės erdvės finansinis mechanizmas, sakyčiau, yra puikus instrumentas, padedantis suartėti naujų Europos Sąjungos valstybių ir Norvegijos bendruomenėms, skatinti sanglaudą ir tarpusavio supratimą. Tai sakau kaip buvęs savivaldybės meras, turintis šio darbo patirtį ir taikant šį mechanizmą. Lietuvoje, kaip ir kitose paramos gavėjų šalyse, sukūrėme efektyvią gaunamų lėšų administravimo sistemą, įtraukiant vietos savivaldą ir pilietinę visuomenę. Šis bendradarbiavimas yra svarbus ir kitoms Europos Sąjungos šalims, nes jo pagrindinis siekis – pažangus, tvarus ir integralus augimas, mažinantis ekonominis ir socialinius skirtumus tarp šalių, prisideda prie darnaus viso kontinento vystymosi. Todėl siūlau nekurti jam naujų kliūčių ir kuo greičiau padaryti susitarimą.

John Stuart Agnew, *on behalf of the EFDD Group*. – Mr President, I am giving a speech on behalf of my colleague, William Dartmouth, who has had to return to the UK. I see I am not the only person engaged in substitution, as my old friend the Agriculture Commissioner is here substituting for another Commissioner, so I am setting a trend.

In the UK, the Remain camp are obsessed with access to the single market. This is significant because this report talks about the entry fee that Norway must pay for such access. Clegg, Blair, Mandelson and other Europhiles tell us that the single market is so important that any price is worth paying to get into it. So what happens in Norway? They have been the lucky recipients of 12 000 directives and regulations. Some of these are exceeding the authority of the original agreement. A recent 56-page report by *Nei til EU* has found that the cost to Norway of this agreement has risen tenfold since 1992. It now costs them GBP 650 million a year for their five million people. In Norway, the polling company Sentio has found that 47% of Norwegians want a referendum on this agreement against 20% who do not. If Norway is having misgivings, Clegg and company should forget all about saddling the British with a bill that could approach GBP eight billion a year.

Daniel Caspary (PPE). – Herr Präsident, geschätzte Kolleginnen und Kollegen! Wir diskutieren heute eigentlich zwei Dinge: Das Eine ist ein Abkommen das Europäische Institutionen mit Norwegen ausgehandelt haben. Da gefällt uns manches inhaltlich nicht. Da kann ich verstehen, dass die norwegische Regierung bis eng an ihre Grenzen herangegangen ist, an die sie herangehen konnte, angesichts der Tatsache, dass es sich um eine Minderheitsregierung handelt. Aber meiner Überzeugung nach hat die Europäische Kommission und hat der Europäische Auswärtige Dienst vollkommen versäumt, uns im Parlament bei der Aushandlung dieses Abkommens eng einzubinden, uns mit an Bord zu nehmen und auch mal die Grenzen den Norwegern gegenüber aufzuzeigen, die wir als Parlament regelmäßig angesprochen haben.

Was mich am meisten ärgert: Wir haben eine klare Vereinbarung zwischen dem Europäischen Parlament und unserer Außenhandelskommissarin, dass kein Handelsabkommen vorläufig in Kraft gesetzt werden kann, bevor das Europäische Parlament seine Stellungnahme abgegeben hat. Wir haben so etwas nicht mit dem Europäischen Auswärtigen Dienst, und wir haben so etwas nicht mit den anderen Kommissaren, aber dass dieses Abkommen vorläufig angewandt wird, und ein Großteil dieses Abkommens ist Außenhandelsabkommen. Das ist, um es deutlich zu sagen, eine Unverschämtheit, eine Unzumutbarkeit, was uns hier der Europäische Auswärtige Dienst und die hohe Vertreterin Mogherini zumuten.

Und ich rufe die Kommission und rufe den Europäischen Auswärtigen Dienst auf: Bei allen zukünftigen Abkommen erwarten wir, dass wir rechtzeitig abstimmen können, wir erwarten, dass es keine vorläufige Anwendung gibt, und ich kann sie nur dazu aufrufen, das wirklich zu beachten.

Das Zweite: Was Norwegen macht, ist auch nicht im Sinn des Abkommens. Die Zölle massiv zu erhöhen, uns Handelschranken aufzuerlegen, das Ganze ohne vorherige Konsultation, auch das muss man den Norwegern sehr deutlich sagen. Der Kollege Scholz hat Recht, formal machen sie nichts Illegales, aber das ist nicht freundschaftlich, das ist nicht angekündigt, das ist nicht abgestimmt. Auch hier kann ich sehr gut verstehen, dass sich viele betroffene Landwirte, viele betroffene Unternehmer und vor allem auch viele betroffene Bürger in unseren Mitgliedstaaten darüber ärgern.

Eric Andrieu (S&D). – Monsieur le Président, Monsieur le Commissaire, mes chers collègues, il y quatre ans – et cela a été dit –, la Norvège a décidé unilatéralement d'augmenter ses droits sur certains produits agricoles européens comme le fromage ou encore la viande d'agneau et de bœuf, ce qui est pourtant contraire à l'esprit de notre accord avec ce pays.

Nous, le Parlement, avons demandé que la Commission entre en négociations avec notre partenaire norvégien pour trouver une solution satisfaisante pour les deux parties. Force est de constater que la Norvège a maintenu ses droits de douane en l'état.

Quatre ans après l'instauration de ces mesures, je demande à ce que la Commission nous communique précisément, pour chacun des États membres, leurs conséquences pour les agriculteurs européens.

Par ailleurs, faute d'être aujourd'hui parvenue à faire revenir la Norvège sur cette décision, la Commission doit a minima s'engager résolument pour protéger nos producteurs de cette situation préjudiciable et faire en sorte que les pertes subies par nos agriculteurs soient intégralement compensées.

Le contentieux doit certes être résolu dans le dialogue, mais l'agriculture ne doit pas, une fois de plus, être sacrifiée sur l'autel de la politique commerciale européenne.

Jarosław Wałęsa (PPE). – Mr President, here in the European Parliament, we are outraged by the imposition of Norwegian ad valorem duties for certain products in 2013. These increases go against the spirit of good cooperation and the letter of the bilateral agreement with Norway, but this is not the only issue that sheds a bad light on relations between the European Union and Norway. I am referring to the unjustified and gradual appropriation of fish resources in the area of Spitsbergen and the preferential treatment of Norway, which does not respect the provisions of international agreements. This leads European fishermen into bankruptcy, as well as allowing Norway to disrespect and disregard the European Union as a partner.

We cannot accept this. For the sake of respecting international law, for the sake of good mutual cooperation, and to protect European Union industry from bankruptcy, I ask the Commissioner to look for a mutually satisfactory solution to be put in place as soon as possible.

Ricardo Serrão Santos (S&D). – Senhor Presidente, Senhor Comissário, os fundos associados ao mecanismo do Espaço Económico Europeu são parte da contribuição da Noruega, da Islândia e do Liechtenstein para participarem plenamente no Mercado Único da União Europeia. Este mecanismo tem resultado no desenvolvimento de importantes atividades de investigação científica e de estímulo à inclusão social em Estados-Membros da União Europeia. Até aqui, a relação entre a União Europeia e o Reino da Noruega tem trazido benefícios mútuos.

Apesar dos benefícios nos acordos relacionados com o comércio e o trânsito de pescado a Noruega tem vindo a tomar atitudes unilaterais que nos causam muita preocupação. Entre estas inclui-se o desrespeito do Tratado de Svalbard. Ouvimos o senhor ministro das pescas da Noruega no Parlamento Europeu e os seus argumentos não nos convenceram. A Comissão Europeia tem todo o meu apoio para garantir o acesso equitativo e ambientalmente sustentável dos pescadores da União às águas de Svalbard.

Bendt Bendtsen (PPE). – Hr. formand! Kommissionen har handlet direkte imod den beslutning, vi vedtog om Norge her i Parlamentet i 2013. Det er med en arrogance uden lige. Kommissionen ikke blot kendte beslutningen, det gør kun ondt værre, men handlede altså direkte imod et politisk flertal her i Parlamentet. Det er en skandale.

Som bekendt hævdede Norge toldsatskerne massivt for ost, lam, bøfkød og visse blomster. Det gjorde man ensidigt uden nogen form for forudgående forhandling med EU, hvilket har skadet landmænd i Tyskland, Holland, Sverige og Danmark. Det var en handling direkte imod ånden i artikel 19 i EØS-aftalen. Det var et ensidigt protektionistisk skridt fra Norges side.

Kommissionen har mandatet til at forhandle på EU's vegne, men det ansvar har man ikke taget alvorligt, men blot accepteret overtrædelserne og lukket en ny aftale med Norge. Aftalen trådte i kraft, uden at der er blevet taget hensyn til vores beslutning i Parlamentet. Toldproblemet er uløst.

Kommissionen behandler Parlamentet som et simpelt gummistempel. Margaret Thatcher har en gang kaldt Europa-Parlamentet for et Mickey Mouse-Parlament. Kommissionen har som vogter af traktaten behandlet Europa-Parlamentet som et Mickey Mouse-Parlament. Kommissionen har vist sig at være fløjtende ligeglad med dette Parlament i denne sag. Havde en dansk minister opført sig sådan i mit land mod Parlamentets flertal, var han blevet smidt af. Var det embedsmænd, var de blevet hældt ud af kontoret. Jeg har ikke oplevet noget lignende gennem 25 år i mit politiske liv. Der sidder folk i Kommissionen, som nok egner sig til noget andet end at behandle sager om udenrigshandel.

Hvad vil Kommissionen gøre for, at dette ikke gentager sig? Hvorfor har Kommissionen ignoreret ønskerne i dette hus? Erkender man i det hele taget, at man har begået fejl? Det synes jeg ikke, når jeg hører taleskriveren.

Christel Schaldemose (S&D). – Hr. formand! Ligesom hovedparten af kollegaerne her i aften vil jeg tilslutte mig kritikken af EU-Kommissionen. Det er selvfølgelig fint, at Norge skal betale mere for at få adgang til EU's indre marked, men prisen for det har været alt, alt for høj. Reelt har EU-Kommissionen nu accepteret, at Norge godt må have deres meget høje toldmur rettet mod europæiske landbrugsprodukter. Det er uacceptabelt. Det betyder, at Norge kan holde fynske hortensia ude og nordjysk ost, kød, og hvad vi ellers har hørt om her i aften. Det er til stor skade for samhandelen, og det er fuldstændig i strid med det, der er ånden i EØS-aftalen.

Det er altså en ommer, Kommission. Der bliver nødt til at blive gjort noget ved dette. I bliver nødt til at sætte en stopper for Norges toldmur. Den er ulovlig. I bliver nødt til at levere, for dette er uacceptabelt, og dertil kommer, at I også har valgt at sidde dette overhørig i adskillige år. Det var ikke i 2013, det var allerede i 2012, at dette skete. Min opfordring til jer er krystalklar: Tag nu lige og få løst dette problem. Det er uacceptabelt, at en nær allieret som Norge kan lave denne slags tricks mod EU, når landet er en nær allieret og en stor samhandelspartner.

Procedura «catch-the-eye»

Νότης Μαρίας (ECR). – Κύριε Πρόεδρε, η Νορβηγία το παίζει σε διπλό ταμπλό, αυτό αποδεικνύεται. Από τη μία είναι εντός του ΕΟΧ, όπου κερδίζει, όπου έχει τη δυνατότητα να εξαγει αλιευτικά προϊόντα, ουσιαστικά χωρίς δασμούς, ύψους 5,6 δισεκατομμυρίων ευρώ. Το έκανε κατά την περίοδο 2009-2014 και από το 2014 έως το 2021 έχουμε την ίδια συμφωνία, και θέλει να πάει και παρακάτω.

Από την άλλη πλευρά, επιβάλλει μονομερώς και παράνομα δασμούς. Δασμούς *ad valorem*, όπως λέγεται. Στα τυριά 277%, στο αρνίσιο κρέας 429%, στο βοδινό κρέας 344%. Απίθανη συμπεριφορά! Νομίζω λοιπόν, ότι θα πρέπει να λάβει τα μέτρα της η Ευρωπαϊκή Ένωση. Δεν πρέπει ουσιαστικά να θυσιάζουμε στο όνομα του διεθνούς εμπορίου τον ίδιο τον αγροτικό τομέα της Ένωσης. Αλλά, απ' ό,τι ακούσαμε, γίνεται και σφετερισμός αλιευτικών πόρων.

Θα υπάρξει σοβαρή αντιμετώπιση από πλευράς Ευρωπαϊκής Ένωσης; Για την Ισλανδία και το Λιχτενστάιν δε νομίζω ότι υπάρχει θέμα.

(*Fine della procedura «catch-the-eye»*)

Phil Hogan, Member of the Commission. – Mr President, first of all, the specific issue that was raised by Mr Pabriks, and others, in relation to interinstitutional engagement is something that I certainly understand. A misunderstanding did happen, and it should not have happened. The interinstitutional discussions that are ongoing at the moment will hopefully ensure that this will not happen in the future. I acknowledge the criticism of the Commission that a number of speakers have made and we will try to make sure that there is no repeat of that.

With regard to the specific issue that Mr Pabriks mentioned in relation to a territorial dispute which emerged in relation to a Latvian vessel which was brought into port in northern Norway, this matter is very much part of the discussions that the Commission has been having with Norway over the last couple of months. Discussions are ongoing to try and resolve it on an amicable basis. We want to assure Mr Pabriks that our efforts are continuing to find a mutually acceptable solution.

Norway did unilaterally raise tariffs in an unacceptable fashion, and I agree with all the speakers' sentiments on that. This is why the European Union intervened and, whilst we did not get a reversal of the tariff lines that were actually increased, we did get compensation in other areas and the best possible deal that we could get at this time. I am sure there will be other occasions where we will have to negotiate with Norway again and we can improve on this. The compensation that we received will be provided directly as a part of the additional quota that Norway grants for particular products. The negotiators in the Commission have estimated that the monetary value of the compensation required from the Norwegian authorities for these measures is EUR 9.8 million in terms of loss of duty, and EUR 5.3 million in terms of trade value. If we deduct these sums from the value of the tariff rate quotas (TRQs) that Norway will now open for the European Union, the remaining value of the Norwegian TRQ concessions will still be higher than the value of the quota concessions for the EU. So I hope that this is seen as a step in the right direction, and that the European Union acted on your behalf against this unilateral decision by the Norwegians to increase tariffs. We got compensation in a particular way and I am sure that in the future we will be able to revisit some of these issues when Norway will be looking for some nice gesture or some particular issues to be resolved by the European Union. It is unfinished business.

I reject the notion, though, that the Commission are passive in relation to trade negotiations generally, because I think Mrs Malmström, as Commissioner for Trade, has done all that she possibly can to be as transparent as possible in the context of negotiations with all countries around the world. I expect that she will continue to do that. She has been more transparent in trade matters than any previous Commissioner, in my view, but I have to bow to your superior knowledge in these matters. I was not a Commissioner before now, but I see that she is trying to keep all institutions fully informed.

I would say to Mr Serrão Santos that there was a particular issue that affected a flowering plant in the Azores that I am sure was also of particular interest to you and to your constituents with regard to the interference of our Norwegian friends in relation to the reclassification of that plant. We continue to make representations on your behalf, and others, in relation to reversing this decision as well. I know you did not specifically mention it, but I know it to be very firmly on your mind, and I want to assure you that we are not neglecting our duties in terms of continuing to make representations on your behalf in relation to this.

I would like to conclude by saying to Mr Andrieu that as far as I am concerned, as Commissioner for Agriculture, I will continue to find open markets and new markets for EU products anywhere we can around the world, from a competitive agricultural industry. I do not agree with Mr Andrieu that trade is bad in agriculture for our farmers, for our businesses and agribusiness. We have now a record level of exports of agricultural products right around the world and we hope we will be able to build on that. This is genuinely creating a lot of jobs in rural areas that would not otherwise be there and also contributing a lot to the economic surpluses of many of our Member States. I hope my good friend Mr Andrieu will not mind if I mention the fact that we disagree on this occasion in relation to our attitude to agricultural exports.

David Borrelli, *relatore*. – Signor Presidente, onorevoli colleghi, penso che la posizione del Parlamento questa sera sia uscita piuttosto chiara. Se dazi non sono previsti, dazi non ci devono essere, non si può lavorare sulle compensazioni, devono sparire i dazi, quindi mi auguro che le promesse che abbiamo sentito qui dal Commissario diventino presto fatti.

Da parte mia aggiungo più che altro una speranza, ovvero che la vicinanza geografica, le affinità di valori e principi e la già buona cooperazione economica con i paesi dell'EFTA sono già una realtà e una solida base, sicuramente, per futuri sviluppi. Futuri ambiti di riflessione tra noi e i paesi dell'EFTA non mancano e spaziano dalla politica artica all'impatto della Brexit, dal futuro dell'area Schengen ai futuri accordi in materia agricola e ittica, quindi sono sicuro che un'attitudine positiva da entrambe le parti possa portare benefici comuni a tutti i nostri cittadini.

Presidente. – La discussione congiunta è chiusa.

La votazione si svolgerà giovedì 18 maggio 2017.

Dichiarazioni scritte (articolo 162)

Monika Flašíková Beňová (S&D), *písomne*. – Nórsky finančný mechanizmus a finančný mechanizmus Európskeho hospodárskeho priestoru na obdobie do roku 2021 predstavuje príspevky Nórska, Islandu a Lichtenštajnska zamerané na zmiernenie hospodárskych a sociálnych rozdielov v prijímateľských krajinách a posilňovanie vzájomnej bilaterálnej spolupráce. Celkovo má 15 prijímateľských krajín v prebiehajúcom programovom období k dispozícii 2,8 miliardy eur, čo znamená viac ako 11 percentný nárast oproti minulosti. Jedným z týchto štátov je aj Slovensko, ktoré má bohaté skúsenosti s implementáciou daných fondov z období 2004-2009 a 2009-2014. Využiť budeme môcť 113 miliónov eur, čo je približne o tretinu viac ako poslednom ukončenom období. Tieto príspevky sú súčasťou dohody, vďaka ktorej majú Nórsko, Island a Lichtenštajnsko plný prístup na jednotný európsky trh. Pomôcť by mali pri naplňaní cieľov Stratégie Európa 2020 a podpore udržateľného hospodárskeho rastu. Na Slovensku sa budú zameriavať na ekologizáciu podnikov a vytváranie tzv. zelených pracovných miest, protipovodňové aktivity, boj s domácim násilím či sociálnu inklúziu Rómov.

23. Ordem do dia da próxima sessão: Ver Acta

24. Encerramento da sessão

(La seduta è tolta alle 22.20)

—

Legenda dos símbolos utilizados

*	Processo de consulta
***	Processo de aprovação
***I	Processo legislativo ordinário (primeira leitura)
***II	Processo legislativo ordinário (segunda leitura)
***III	Processo legislativo ordinário (terceira leitura)

(A base jurídica proposta no projeto de ato determina o processo a adotar.)

Significado das siglas das Comissões

AFET	Comissão dos Assuntos Externos
DEVE	Comissão do Desenvolvimento
INTA	Comissão do Comércio Internacional
BUDG	Comissão dos Orçamentos
CONT	Comissão do Controlo Orçamental
ECON	Comissão dos Assuntos Económicos e Monetários
EMPL	Comissão do Emprego e dos Assuntos Sociais
ENVI	Comissão do Ambiente, da Saúde Pública e da Segurança Alimentar
ITRE	Comissão da Indústria, da Investigação e da Energia
IMCO	Comissão do Mercado Interno e da Proteção dos Consumidores
TRAN	Comissão dos Transportes e do Turismo
REGI	Comissão do Desenvolvimento Regional
AGRI	Comissão da Agricultura e do Desenvolvimento Rural
PECH	Comissão das Pescas
CULT	Comissão da Cultura e da Educação
JURI	Comissão dos Assuntos Jurídicos
LIBE	Comissão das Liberdades Cívicas, da Justiça e dos Assuntos Internos
AFCO	Comissão dos Assuntos Constitucionais
FEMM	Comissão dos Direitos da Mulher e da Igualdade dos Géneros
PETI	Comissão das Petições
DROI	Subcomissão dos Direitos do Homem
SEDE	Subcomissão da Segurança e da Defesa

Significado das siglas dos Grupos Políticos

PPE	Grupo do Partido Popular Europeu (Democratas-Cristãos)
S&D	Grupo da Aliança Progressista dos Socialistas e Democratas no Parlamento Europeu
ECR	Conservadores e Reformistas Europeus
ALDE	Grupo da Aliança dos Democratas e Liberais pela Europa
GUE/NGL	Grupo Confederal da Esquerda Unitária Europeia/Esquerda Nórdica Verde
Verts/ALE	Grupo dos Verdes/Aliança Livre Europeia
EFDD	Grupo Europa da Liberdade e da Democracia Direta
ENF	Grupo Europa das Nações e da Liberdade
NI	Não Inscritos